

This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

UC-NRLF
$B 193 764

BERKELEY
LIBRARY
UNIVERSITY OF
CALIFORNIA



SERMÕES

SELECTOS

DO PADRE ANTONIO VIEIRA

TOMO IV - V

LISBOA
EDITORES — ROLLAND & SEMIOND
3 — RUA NOVA DOS MARTYRES — 3
1874

LOAN STACK

A

Imprensa de J. G. de Sousa Neves—rua da Atalaia, 65 e 67

BX1756
V47
1872
v.4-6

SERMÃO

DA

SEGUNDA DOMINGA DO ADVENTO

Joannes in vinculis. Matth. 11.

§ I.

Que ha de haver outro juizo, e outro mundo nos ensinou a Igreja Catholica o Domingo passado com a fé: o mesmo artigo (se me não engano) nos prova hoje com a razão. Diz o Evangelista S. Mattheus, que o Bautista, aquelle grande Santo, aquelle grande Precursor de Christo, por mandado de Herodes, aquelle máo homem, e aquelle máo Rei, está hoje em prisões: *Joannes in vinculis. Joannes in vinculis!* O Bautista em prisões! Logo ha de haver outro

juizo, e outro mundo. Provo a consequencia. Porque se ha Deos, he justo: se he justo, ha de dar prémio a bons, e castigo a máos: no juizo deste mundo vêmos os máos, como Herodes, levantados; os bons, como o Bautista, opprimidos: segue-se logo que ha de haver outro juizo, e outro mundo: outro juizo, em que se emendem estas desigualdades, e injustiças: outro mundo, em que os bons tenhão o prémio de seus merecimentos, e os máos castigo de suas culpas. Oh que altos são os segredos da providencia divina! os nossos proprios vicios faz que sejão testemunhas de nossa fé. Hum dos principaes fundamentos de nossa fé, he a immortalidade das almas, e a nossa injustiça he a mais evidente prova da nossa immortalidade. Se os homens não fôrão injustos, pudera-se duvidar se erão immortaes, mas permitte Deos que haja injustiças no mundo, para que a innocencia tenha corôa, e a immortalidade prova. Quem póde duvidar da immortalidade da outra vida, se vê nesta a maldade de Herodes levantada ao throno, e a innocencia do Bautista posta em prisões, *Joannes in vinculis?*

Mas assim como as prisões do Bautista confirmão esta parte da doutrina que preguei no Sermão passado; assim tambem me obrigão as mesmas prisões a retractar outra parte da mesma doutrina. Preguei que havia de haver hum juizo final, em que Deos

nos ha de julgar a todos: ainda o digo assim. Disse mais, que *este* juizo de Deos havia de ser o mais rigoroso, o mais estreito, e o mais terrivel. Ainda o torno a dizer: porque verdadeiramente assim he. Porèm hoje por muitas razões vos parecerá, que ainda ha outro juizo mais terrivel, ainda ha outro juizo mais rigoroso, ainda ha outro juizo mais estreito, que o juizo de Deos. E que juizo he este? He o juizo, que pôz o Bautista em prisões, o juizo *dos homens. Joannes in vinculis!* O Bautista em prisões! Logo o juizo dos homens he muito mais temeroso, que o juizo de Deos. Ainda esta consequencia he mais clara, que a primeira. No juizo de Deos até hum ladrão se salva; no juizo dos homens, até S. João Bautista se condemna: *Joannes in vinculis.* E juizo em que até a innocencia do Bautista *sae condemnada*, este he o juizo temeroso, este he o juizo formidavel, este he o tremendo juizo. E esta será a materia do Sermão. Que o juizo dos homens he mais temeroso, que o juizo de Deos.

§ II.

Quem melhor que todos entendeo esta grande verdade, ou novidade, que tenho proposto, foi o Real Profeta David. No Psalmo cento e quarenta e dous, diz David a Deos: *Non intres in judicium cu*

servo tuo; (Psalm. 142. 2.) Senhor, não entreis em juizo com vosso servo: no Psalmo quarenta e dous diz o mesmo David: *Judica me, Deus, & discerne causam meam: (Palm. 42. 1.)* Senhor, julgai-me vós, e decidi a minha causa. Notavel encontro de affectos: se David no primeiro Psalmo, diz a Deos, Senhor, não me julgueis; como o mesmo David no segundo Psalmo diz a Deos, Senhor, julgai-me? Huma vez julgai-me, outra vez não me julgueis: que variedade he esta? Do que acrescenta David se verá a razão da differença: *Judica me, Deus, & discerne causam meam de gente non sancta, ab homine iniquo eripe me.* Julgai-me vós, Senhor, livrai-me de me julgarem os homens. Aqui está a differença: No primeiro caso considerava David o juizo de Deos absolutamente, e por isso pedia a Deos, que o não julgasse; porque o juizo de Deos verdadeiramente he muito para temer. No segundo caso considerava David o juizo de Deos por comparação ao juizo dos homens, e por isso queria que Deos o julgasse; porque comparado o rigor do juizo de Deos com os rigores do juizo dos homens, muito mais rigoroso, e muito mais tremendo he o juizo dos homens, que o juizo de Deos. No primeiro caso tinha David diante de si o temor do juizo de Deos. No segundo caso tinha de huma parte o temor do juizo de Deos, da outra parte o temor do juizo dos homens, e

posto entre *temor*, e temor, achou que tinha mais que temer no juizo dos homens, que no juizo de Deos. *Agora* entendereis o mysterio daquellas palavras, que deixámos de ponderar no Evangelho passado. *Tunc videbunt Filium hominis venientem in nubibus Cœli:* (*Matth. 24. 30.*) Então verão o Filho do homem, que virá nas nuvens do Ceo. Christo he homem, e he Deos: pois porque não diz virá o Filho de Deos, senão virá o Filho do homem? Porque o intento de Christo era fazer-nos o seu juizo temeroso, e horrivel: e muito mais temeroso, e muito mais horrivel ficava representado como juizo de homem, que como juizo de Deos. He tanto mais temeroso o juizo dos homens, que o juizo de Deos, que quando este se quer fazer respeitar, e temer; quando se quer vestir de horror, e assombro, quando se quer mostrar medonho, e horrendo, chama-se juizo de homens: não achou outro nome mais féro, não achou outro nome mais atroz, não achou outro nome mais tremendo: *Tunc videbunt Filium hominis.*

Temos provado o assumpto em commum: despachemos agora as razões particulares delle, que são muito varias, muito solidas, e de muita doutrina, e póde ser, que vos pareção tão grandes, e tão novas como o mesmo assumpto.

§ III.

Primeiramente o juizo dos homens he mais temeroso, que o juizo de Deos; porque Deos julga com o entendimento, os homens julgão com a vontade. Quando entre o entendimento de Deos, e a vontade dos homens não houvera aquella infinita distancia, bastava só a differença, que ha entre vontade, e entendimento, para ser grande a desigualdade destes juizos. Quem julga com o entendimento, póde julgar bem, e póde julgar mal; quem julga com a vontade, nunca póde julgar bem. A razão he muito clara. Porque quem julga com o entendimento, se entende mal, julga mal, se entende bem, julga bem. Porém quem julga com a vontade, ou queira mal, ou queira bem, sempre julga mal: se quer mal, julga como apaixonado, se quer bem, julga como cego. Ou cegueira, ou paixão, vêde como julgará a vontade com taes adjuntos. No juizo divino não he assim: julga só o entendimento, e tal entendimento. Declarando o mesmo Christo Senhor nosso os seus poderes supremos de Juiz universal do mundo, diz que o Pai deo todo o juizo ao Filho: *Pater omne judicium dedit Filio (Joan. 5. 22.)* Perguntou: e porque o não deo o Padre ao Espirito Santo? Para hum juizo perfeito requerem-se tres cousas: Sciencia para examinar, Justiça para julgar, Poder para executar.

Pois se a pessoa do Filho, e a do Espirito Santo tem a mesma sabedoria, a mesma justiça, a mesma omnipotencia; por que razão dá o Padre Eterno o officio de julgar ao Filho, e não ao Espirito Santo? A razão moral, e altissima he esta. Porque o Espirito Santo procede por acto de vontade, e o Filho he gerado por acto de entendimento: e o julgar (ainda que seja Deos, o que julga) pertence ao entendimento, e não á vontade. Ao Espirito Santo, que procede por vontade, deo-lhe o Padre o despacho das mercês: *Dator munerum;* ao Filho, que se produz por entendimento, deo-lhe o juizo das culpas: *Omne judicium dedit Filio;* porque o dar, para que se agradeça, ha de proceder da vontade, e o condemnar, para que se não erre, ha-o de regular o entendimento. Ainda não está dito: ouvi huma cousa grande. Quando o Padre ab-eterno gera o Filho, gera-o por puro acto de entendimento, sem intervenção ainda da vontade: quando o Padre, e o Filho produzem o Espirito Santo, produzem no por acto da vontade, mas já com supposição do entendimento. Pois por isso o dar se attribue á terceira pessoa, e o julgar á segunda; porque o dar ha de ser da vontade, mas com supposição do entendimento: o julgar ha de ser só do entendimento sem intervenção nenhuma da vontade. Eis-aqui hum perfeito dictame da justiça punitiva, e distributiva.

condemnar só por entendimento, sem vontade; o dar mui por vontade, mas com entendimento. E seria bem que o dar fosse só por entendimento; e que no condemnar entrasse tambem a vontade? Não: porque dahi nasceria o que acontece algumas vezes, que nem as mercês obrigão, nem os castigos emendão. Condemnar com vontade, he passar além do justo, dar sem vontade, he ficar áquem de liberal: no primeiro vai escrupulosa a justiça, no segundo fica desairosa a liberalidade.

De maneira que em Deos a vontade, e o entendimento tem repartidos os officios, o entendimento julga, a vontade dá. Nos homens não passa assim. O entendimento está deposto de seu officio, a vontade serve ambos: a vontade he a que dá, e a vontade he a que julga. A queixa de ser a vontade a que dá, deixemo-la aos cubiçosos, e aos pertendentes; a sem-razão de ser a vontade a que julga, he a que faz o juizo humano mais formidavel, que o divino. Veio huma vez a luz a ser julgada no juizo dos homens, e vinha ella muito confiada, porque já antigamente tinha apparecido diante do Juizo de Deos, e sahio delle com grandes approvações: *Fiat lux, & facta est lux, & vidit Deus lucem quòd esset bona. (Genes. 1. 3. 4.)* Com estas abonações do juizo de Deos entrou a luz no juizo dos homens, e c no vos parece que sahiria delle? disse o Christo

no Capitulo terceiro de S. João; e foi necessario que o mesmo Christo o dissesse, para que nós o crêssemos: *Venit lux in mundum, & dilexerunt homines magis tenebras, quàm lucem. (Joan. 3. 19.)* Veio a luz ao mundo, e os homens antepuzerão as trévas á luz. Ha tal sem-razão! ha tal cegueira! ha tal maldade! Quem houvera de crér de juizos raciones huma sentença tão barbara como esta, se o não affirmára o mesmo Christo? Ha cousa mais fermosa, ha cousa mais util, ha cousa mais necessaria no mundo, que a luz? Pelo contrario ha cousa mais fea, ha cousa mais horrenda, ha cousa mais inutil, ha cousa mais cheia de inconvenientes, que as trévas? *Não são as* trévas a capa dos latrocinios, terceiras dos adulterios, as complices, e as consentidoras dos maiores insultos, das maiores enormidades, que se commettem no mundo? Pois como he possivel, que homens com olhos, e com entendimento antepuzessem as trévas á luz? As mesmas palavras de Christo derão razão: *Dilexerunt homines magis tenebras, quàm lucem. Dilexerunt:* julgárão com a vontade, e não com o entendimento: e onde a vontade he juiz, taes como estas são as sentenças. Que havia de fazer huma cega, senão condemnar a luz? *Dilexerunt magis:* amárão mais: Eis-aqui todo o juizo dos homens: amárão mais, ou amárão menos. Se amárão, ainda que seja as t-

vas, as trévas hão de ser melhores, que a luz: se não amárão, ainda que seja a luz, a luz ha de ser peior, que as trévas. Oh quantas vezes renova o mundo esta sentença! Quantas vezes vem a juizo a luz, e as trévas, e sahe condemnada a luz! Vêde que segurança póde ter o merecimento, ou que immunidade a innocencia em tal juizo? O summo merecimento, e a summa innocencia o diga.

Presentado Christo ante Pilatos, tirou elle as testemunhas, examinou as accusações, e declarou a Christo por innocente: *Ego nullam causam invenio in homine isto: (Luc. 23. 14.)* Eu nenhuma causa acho neste homem. Dahi a pouco levárão a Christo ao Calvario, pregárão-no em huma Cruz. *Et imposuerunt super caput ejus causam ipsius scriptam, (Matth. 27. 37.)* e puzerão nella, diz o Texto, a sua causa escrita. Pois se Pilatos não achou causa em Christo, *Ego nullam causam invenio:* como lhe puzerão a causa escrita na Cruz: *Imposuerunt causam ejus scriptam?* Aqui vereis quanto vai de ser julgado com o entendimento, ou com a vontade. Depois que Pilatos declarou a innocencia de Christo, devolveo as accusações ao juizo da vontade dos Principes dos Sacerdotes: *Jesum verò tradidit voluntati eorum; (Luc 23. 25.)* e como Christo foi julgado no juizo da vontade, logo lhe achárão causa para o crucificar. No juizo do entendimento, ainda que era en-

tendimento de Pilatos, não se achou causa a Christo: no juizo da vontade, ainda que era o julgado Christo, achou-se-lhe causa. E porque acha mais a vontade sendo cega, que o entendimento sendo lynce? Porque o entendimento acha o que ha, a vontade acha o que quer. Conforme a vontade quer, assim acha. Se a vontade quer favorecer, achará merecimento em Judas, se a vontade quer condemnar, achará culpas em Christo. Que culpas tinha o Bautista contra Herodes, para o metter em prisões? mas tinha contra si a sua vontade, que era a maior culpa de todas. Bem entendia Herodes, que era innocente o Bautista: mas não quero ir por aqui: ou Herodes *entendia, que* era innocente o Bautista, ou não o entendia: se o não entendia, vêde a cegueira da vontade, que o fazia entender contra a razão: se o entendia, vêde a tyrannia da vontade, que o fazia obrar contra o que entendia. De huma maneira, ou de outra sempre o Bautista tinha certas as prisões: *Joannes in vinculis.*

§ IV.

A segunda razão de o juizo dos homens ser mais terrivel, que o juizo de Deos, he porque no juizo de Deos geralmente basta só o testemunho da propria consciencia: no juizo dos homens a propria consciencia não val testemunha. Vêde que grande é

a fidalguia do juizo de Deos. Appareceis diante do Tribunal divino, accusão-vos os homens, accusão-vos os Anjos, accusão-vos os Demonios, accusão-vos vossas proprias obras, accusão-vos o Ceo, a terra, o mundo todo, se a vossa consciencia vos não accusa, estais-vos rindo de todos. No juizo dos homens não he assim. Tereis a consciencia mais innocente, que a de Abel, mais pura, que a de Joseph, mais justificada, que a de S. João Bautista: mas se tiverdes contra vós hum Caim invejoso, hum Putifar mal informado, ou hum Herodes injusto, ha de prevalecer a inveja contra a innocencia, a calúmnia contra a verdade, a tyrannia contra a justiça, e por mais que vos esteja saltando, e bradando dentro no peito a consciencia, não vos hão de valer seus clamores. Vêde que comparação tem este rigor com o do juizo de Deos. Acho eu muita graça aos Prégadores, que para nos representarem a terribilidade do juizo divino, trazem aquella autoridade, ou oraculo de Deos a Samuèl: *Homo videt ea, quæ parent, Dominus autem intuetur cor: (1. Reg. 16. 7.)* os homens vêm só os exteriores, porém Deos penetra os corações: Antes por isso mesmo he muito mais para temer o juizo dos homens; se os homens conhecêrão os corações, se aos homens se lhes pudera dar com o coração na cara; então não havia que temer seus juizos. Que maior descanso, e que maior seguran-

ça, que trazer hum homem sempre comsigo no seu coração a sua defesa? Accusais-me, condemnais-me, infamais-me; quereis mil testemunhas, pois ellas *aqui*, e mostrar-lhes o coração: *Bona conscientia mille testes.* Sabeis vós para quem não era boa invenção a de os homens vêrem os corações? para os traidores, para os hypocritas, para os lisongeiros, para os *mentirosos*, e para outra gente desta relé; mas para os zelosos, para os verdadeiros, para os *honrados*, para os homens de bem; ó que grande costume, ó que grande felicidade fóra! Mas como a consciencia no juizo humano não val testemunha, quem leva a calúmnia nas obras, que importa que tenha as defezas no coração?

A maior defesa, e justificação, que Christo teve de sua innocencia, foi o deppimento de Pilatos, quando *pedindo* agua lavou as mãos, e pronunciou, que elle era innocente no sangue daquelle justo: *Accepta aqua, lavit manus coram populo, dicens: Innocens ego sum à sanguine justi hujus.* (*Matth. 27. 24.*) Reparou nesta agua, e neste sangue S. Cyrillo Jerosolymitano, e disse com opinião singular, que aquella agua, e aquelle sangue, que sahio do lado de Christo na Cruz, fazião allusão a esta agua, e a este sangue: *Erant hæc duo de latere, judicanti aqua, clamanti-bus verò sanguis.* A agua significava a agua, com que Pilatos lavou as mãos: *Accepta aqua, lavit manus;*

o sangue significava o sangue, que o mesmo Pilatos declarou por justo, e os accusadores tomárão sobre si, *Sanguis ejus super nos: (Ibid. 25.)* de maneira, que assim como cá o réo, ou o homiziado, traz no seio os papeis de sua defesa, assim Christo metteo no coração aquella agua, e aquelle sangue, em que consistião os testemunhos authenticos de sua innocencia. Ora vêde agora sahir a Christo do Pretorio de Pilatos, acompanhado de grande tropel de justiças, e vereis na representação daquella tragedia, o que cada dia acontece no mundo. O innocente caminhava para o supplicio, o pregão dizia as culpas, o coração levava as defesas. As culpas do pregão erão falsas, as defesas do coração erão verdadeiras; mas como o coração no mundo não val testemunha, morreo crucificada a innocencia. Quantos treslados deste processo se fórmão cada dia no juizo humano! por isso os innocentes padecem, e os culpados triunfão. Quem mais innocente, que Joseph, quem mais culpado, que a Egypcia? mas a culpada mostrava os indicios na capa, e o innocente tinha as defesas no coração; por isso ella triunfa, e elle padece. Morre emfim Christo na Cruz, abre-lhe huma lança o peito, fica o coração patente, e então sahirão em público as suas defesas: *Exivit sanguis, & aqua. (Joann. 19. 34.)* Pois agora depois de Christo morto? Sim senhora: que essa he a differença, que ha de hum jul-

zo a outro juizo. No juizo depois da morte, que he o juizo de Deos, então valem as defesas do coração; no juizo desta vida, que he o juizo dos homens, nenhuma valia tem. Oh desgraçada sorte a do coração humano! poder ser julgado dos homens para a culpa, e não poder ser visto dos homens para a defesa! Se assim he, que muito que se não defenda a maior innocencia, *Joannes in vinculis?*

§ V.

O terceiro motivo de maior temor, que ha no juizo dos homens, comparado com o de Deos, he, que no juizo de Deos as nossas boas obras defendem-*nos, no juizo* dos homens, o maior inimigo, que temos, são as nossas boas obras. Demos revista a alguns exemplares do juizo humano, e constar-nos-ha desta verdade. O primeiro condemnado, que houve no juizo dos homens, foi Abel; e por que culpas? Porque o seu sacrificio agradou mais a Deos, do que o de Caim. Ha tal crime como este? Se Abel fôra como Caim, elle tivera os seus dias mais bem logrados. Não ha maior delicto no mundo, que o ser *melhor*. Ao menos eu a quem amára das telhas abaixo, antes lhe desejára hum grande delicto, que hum grande merecimento. Hum grande delicto muitas vezes achou piedade: hum grande merecimento nunc

lhe faltou a inveja. Bem se vê hoje no mundo: os delictos com carta de seguro, os merecimentos homiziados. Vamos a outro exemplar. Saul condemnou tantas vezes á morte a David, e chegou a lhe tirar elle mesmo ás lançadas: e por que crimes? Porque se cantava pelas ruas de Jerusalem, que David era mais valente, que Saul: *Percussit Saul mille, David autem decem millia. (1. Reg. 18, 7.)* Este prémio tirou David de matar hum Gigante com huma funda. Mais venturosos havião de ser os tiros, se não derão tamanho estalo. Ao Gigante derrubou-o a pedra, e a David o sonido. Eis-aqui porque David queria que o julgasse Deos, e não os homens: no juizo de Deos perdoão-se os peccados como fraquezas; no juizo dos homens, castigão-se as valentias como peccados. Graças a Deos, que já nos iamos emendando deste. Vamos ao terceiro exemplar. Mas para que he ir mais longe, se temos o maior exemplo de todos no Evangelho?

Mandou o Bautista do carcere dous discipulos seus, que fossem perguntar a Christo se era elle o Messias, *Tu es qui venturus es, an alium expectamus? (Matth. 11. 3.)* Suspendeo o Senhor a resposta, porque havia ao redor grande multidão de enfermos, que esperavão, e depois de os sarar a todos milagrosamente, voltou-se para os Embaixadores do Bautista, e disse-lhes assim: *Ite, renuntiate Joanni*

quæ audistis, & vidistis. (Ibid. 4. 5. 6.) Ide, dizei a João o que ouvistes, e vistes: *Cæci vident, claudi ambulant, mortui resurgunt.* Os cégos vêm, os mancos andão, os mortos resuscitão: *Et beatus qui scandalizatus non fuerit in me;* e bemaventurado o que se não escandalizar em mim. Aqui reparo; *& beatus qui scandalizatus non fuerit,* e bemaventurado o que não se escandalizar? E que tinha feito Christo, para se escandalizarem os homens? Se Christo arrancára olhos, e fizera cégos; se cortára pés, e fizera mancos; se tirára vidas, e matára homens: então tinhão razão de se escandalizar de Christo; mas por sarar, por remediar, por resuscitar? Sim. Porque não ha cousa de que mais se escandalizem os homens, que de haver quem faça milagres. Antigamente escandalizavão os peccados, e edificavão as virtudes: hoje as virtudes escandalizão, e queira Deos, que os peccados não edifiquem. Deos vos livre de vossas boas obras, e muito mais das grandes: os peccados soffremo-los facilmente; os milagres não os podemos soffrer. E porque? Porque os peccados são offensas de Deos, e os milagres são offensa nossa. Bem seguro eu, que havia mais de quatro enfermos em Jerusalem, que não quizerão ser sarados, só porque Christo não fosse o milagroso. Não atirára Saul a lança contra David, que lhe tirava a enfermidade, se lhe não doêra mais o milagre, do que lhe agradava a saud

Oh quanto mais seguro he ir com peccados ao juizo de Deos, que com milagres ao juizo dos homens! Em Deos ha misericordia, na inveja não ha perdão. Que levou a Magdalena ao juizo de Christo? peccados, e como sahio? perdoada, *Remittuntur ei peccata multa. (Luc. 7. 47.)* Que levou Christo ao juizo dos homens? milagres: e como sahio? condemnado, *Quia hic homo multa signa facit. (Joan. 11. 47.)* Com que escaparão os homens do juizo dos homens, se Deos, e com milagres não escapa? Ainda dizia mais o processo de Christo: *Ecce totus mundus post eum vadit: (Joan. 12. 19.)* que era tal, que hia todo o mundo após elle. Se disserão, que elle hia após o mundo, condemnassem-no muito embora; mas porque o mundo hia após elle! Eis ahi quaes são os crimes do juizo dos homens. Se fordes após o mundo, ninguem vos ha de condemnar; se o mundo fôr após vós, não vos ha de valer sagrado. Que disse hoje Christo do Bautista? que se despovoavão as Cidades para o buscar, para o vêr: *Quid existis in desertum videre? (Matth. 11. 7. 8.)* Que não era cana verde, que se movesse com o vento: *Arundinem vento agitatam?* Que não era homem da Côrte, que vestisse sedas, senão cilicios, *Hominem mollibus vestitum:* Que era mais que Profeta, *Plusquam Prophetam:* finalmente, que era Anjo, *Ecce ego mitto angelum meum: (Ibid. 10.)* Ah sim, meu Santo Pre-

cursor, e vós tendes cinco culpas tão grandes como estas, e tão provadas? Mão pleito levais ao juizo dos homens; a vós vos tirarão dos olhos, e dos ouvidos do mundo, a vós vos fecharão em hum carcere, *Joannes in vinculis.*

§ VI.

A quarta consideração de ser mais temeroso o juizo dos homens, que o juizo de Deos, he porque Deos julga o que conhece, os homens julgão o que não conhecem. Hum dos maiores rigores do dia do Juizo, he que os mesmos Demonios hão de ser alli nossos accusadores; mas eu antes me quizera vêr accusado de Demonios, que vêr-me julgado de homens. *O* Demonio no dia do Juizo ha-nos de accusar de todas nossas obras, ha-nos de accusar de todas *nossas* palavras: mas em chegando aos pensamentos ha de tapar a boca o Demonio, porque os peccados de pensamento são reservados a só Deos. *Eis* aqui até onde chega o Demonio, quando accusa; e o homem quando julga, julga-vos as obras, julga-vos as palavras, e até o mais intimo pensamento vos julga, e vos condemna. Ha tal temeridade de juizo? *Que* julgue o homem as obras, que vê, que julgue as palavras, que ouve, seja embora; mas que queira julgar os pensamentos, onde não chega com algum sentido do corpo, nem com alguma potencia da al-

mal! Esta he huma das mais graves razões, por que o juizo dos homens he mais para temer, que o juizo de Deos: Deos julga os pensamentos, mas conhece-os, o homem não póde conhecer pensamentos, e julga-os.

Dir-me-heis, que os homens julgão os pensamentos pelas obras, e que pelas obras, que se vêm, bem se pódem julgar os pensamentos, que se não vêm. Se assim fôra, não erão tanto para temer os juizos dos homens; mas vêde quanto ao contrario das obras julgão ainda os melhores homens os pensamentos. Estava Anna mãi de Samuel orando no Templo com os affectos, e effeitos, que costumão os affligidos: e que juizo vos parece, que faria o Summo Sacerdote Heli desta oração? Julgou que era intemperança: e que os movimentos, que fazia Anna com a boca, tinhão a causa na mesma boca, e não no coração lastimado donde sahião: *Existimavit illam temulentam, & ait: Usquequò ebria eris? (1. Reg. 1. 13.)* Veio Naaman Syro á terra de Judéa para que o Profeta Eliseo o curasse da lepra: e que juizo faria ElRei Ezechias desta jornada de Naaman? Julgou, que era mandado cautelosamente por seu Rei, para que tornando-se sem a saude, que viera buscar, tomasse daqui occasião de queixa, e da queixa passasse a rompimento de guerra, e lhe viesse conquistar o Reino: *Animadvertite, & videte quòd*

occasiones quærat adversum me. (*4. Reg. 5.-7.*) Lançou-se Aman aos pés da Rainha Esther, pedindo que lhe valesse contra a indignação delRei, de cuja *graça* se via tão inopinadamente cahido: e que juizo faria Assuero desta acção de Aman? Julgou-a tanto contra toda a razão, e contra o decóro, que a si mesmo se devia, que em nenhum pensamento póde caber o pensamento, que lhe veio, nem ha palavras, com que se possa explicar sem dissonancia: *Etiam Reginam vult opprimere, me præsente, in domo mea.* (*Esther. 7. 8.*) Eis-aqui como interpretão os homens as acções, e como julgão por ellas os pensamentos. Anna brava a Deos, e a sua oração foi julgada por intemperança: Naaman buscava a saude, e a *sua confiança* foi julgada por hostilidade: Aman pedia perdão, e o seu arrependimento foi julgado *por sacrilegio.* Nem chorar o arrependido, nem curar-se o enfermo, nem orar o necessitado, está isento de ser mal julgado dos homens. Anna pedia o remedio de sua esterilidade á Deos, Naaman pedia o remedio de sua enfermidade a Eliseo, Aman pedia o remedio de sua infelicidade a Esther; e nem em Esther o ser Rainha, nem em Eliseo o ser Santo, nem ao mesmo Deos o ser Deos, lhes valeo aos miseraveis para que escapassem. Nem com os Reis, nem com os Santos, nem com Deos se póde tratar sem ser mal julgado dos homens. Tão injusto he o

juizo humano em interpretar intenções; tão atrevido, e tão temerario he em julgar pelas obras os pensamentos.

Julgar mal huma obra boa, grande maldade he: mas julgar, ou bem, ou mal hum pensamento, que não póde ser conhecido, ainda he maior tyrannia. Se não conheces, nem pódes conhecer o pensamento, como te atreves, homem, a julgá-lo? He tão reservado a só Deos o juizo dos pensamentos, que nem de toda a Igreja Catholica fiou Deos o julgar hum pensamento: *Ecclesia non judicat de interno.* E o que Deos não fia dos Pontifices, o que não fia dos Concilios, o que não fia de toda a Igreja, que he julgar meus pensamentos, isso faz o juizo de qualquer homem. Parece-vos muito isto? Parece-vos muito, que os homens julguem pensamentos, e condemnem só por pensamentos? Ora aguardai, que ainda não disse nada. E quantas vezes vos julgárão, e condemnárão os homens pelo que nunca vos passou pelo pensamento? Eis-aqui outra maior differença dos dous juizos: Deos julga, e condemna por pensamentos, os homens julgão, e condemnão pelo que nunca passou pelo pensamento. Passou-lhe alguma hora pelo pensamento a Joseph atrever-se á honra do seu Senhor? Passou-lhe alguma hora pelo pensamento a Daniel querer machinar contra o Imperio dos Assyrios? Passou-lhe alguma hora pelo

pensamento a Christo (que tambem nisto quiz dar-nos exemplo) querer-se fazer Rei temporal, de que tantas vezes fugira? E com tudo Joseph por se atrever á honra de seu Senhor está em hum carcere: Daniel por machinar contra o Imperio está no lago dos Leões: Christo por se querer fazer Rei está posto em huma Cruz. Com este rigor nenhuma comparação tem o juizo de Deos. Para Deos condemnar por pensamento he necessario, que haja pensamento, que seja máo, e que se consinta: para o homem condemnar do mesmo modo, não he necessario, que se consinta, nem que seja máo, nem que haja pensamento. Póde-se imaginar maior rigor, maior injustiça, maior crueldade, que esta? Eu cuidava, *que não;* mas ainda passa adiante a subtileza, e a crueldade do juizo dos homens. Não só vos condemnão os homens pelo que não vos passou pelo pensamento a vós, mas condemnão-vos pelo que nem lhes passou pelo pensamento a elles. Mais claro. Não só vos condemnão os homens pelo que vós nunca imaginastes, mas condemnão-vos pelo que nem elles imaginão de vós.

Chegárão os irmãos de Joseph ao Egypto, apparecérão diante delle, e depois que disserão, quem erão, e a que vinhão, secou-se Joseph mui ao de ministro, e com aspecto severo disse: Vão presos esses homens. Presos nós, Senhor Visorei, (repli-

cárão elles tremendo) e porque? *Exploratores estis: (Genes. 42. 9.)* Sois espias: vindes a explorar os Reinos de Faraó meu Senhor. Ás palavras não erão ditas, e já os dez irmãos estavão com os pés, e mãos em outros tantos grilhões, e algemas. Pergunto agora. Estes homens imaginárão alguma hora de vir ser espias ao Egypto, e explorar os Reinos de Faraó? Claro está que nunca tal imaginárão. Erão huns pobres lavradores, que vinhão fogindo á fome, comprar quatro grãos de trigo para manter a vida, e deitar á terra. Pergunto mais: e Joseph imaginava delles, que fossem espias, e exploradores? Ainda isto he mais claro, e mais certo. Nunca tal imaginou Joseph; porque conhecia mui bem, que erão os filhos de Jacob seu pai. Pois se estes homens nunca imaginárão em ser espias, e se a Joseph nunca lhe passou pela imaginação, que o fossem; como os manda prender? He possivel que hão de estar huns innocentes arrastando cadêas em huma masmorra pelo que nem elles imaginárão, nem imaginou delles quem alli os metteo? Assim passa. Na historia de Joseph era aquelle rigor fingido; mas ainda mal, porque tantas tragedias se representão no mundo, em que as mesmas injustiças são verdadeiras. Digalo a de Naboth em Samaria, e a de Susana em Babylonia. Por ventura imaginava Jezabel, que Naboth blasfemára o nome de Deos, e delRei? Não

imaginava tal cousa. E com tudo Jezabel fez condemnar a Naboth pelo que nem elle imaginou nunca, nem ella imaginava delle. Por ventura os Juizes de Babylonia imaginárão de Susana, que violára a fé, que devia a Joachim, no crime de que a accusavão? Não lhes passou tal pela imaginação. E com tudo foi condemnada, e levada ao supplicio Susana pelo que nem ella imaginou, nem imaginárão della os mesmos, que a condemnárão. Quantas vezes julgais, condemnais, infamais, e destruís hum innocente pelo que nem elle imaginou, nem vós imaginais delle? Sabeis de certo, que não fez o crime, e infamai-lo, e accusai-lo, e condemnai-lo como se o fizera. Se condemnar por culpas duvidosas he injus*tiça, condemnar* por innocencia conhecida, que tyrannia será? a que usa o juizo dos homens com o *Baptista: Joannes in vinculis.*

§ VII.

A quinta razão, e differença, que acho entre o juizo de Deos, e o juizo dos homens, he aquella, que parece fez o juizo de Deos mais temeroso, que he o seu juizo final. Juizo final! Oh que temerosa palavra! Mas dahi mesmo tiro eu quanto mais temeroso he o juizo dos homens, que o juizo de Deos. Deos não julga senão no fim, os homens não espe-

rão pelo fim para julgar. Grão rigor! Semeou zizania o inimigo na seara do Pai de Familias; e que aconteceo? Vêde a differença do Senhor aos criados. Os criados muito fervorosos: *Vis, imus, & colligimus ea?* (*Matth. 13. 28.*) Senhor, quereis que vamos, e arranquemos logo a zizania? O Pai de Familias muito repousado, *Sinite utraque crescere usque ad messem.* (*Ibid. 30.*) Deixai nascer, deixai crescer, deixai amadurecer; lá virá o tempo da messe, então se conhecerá, qual he o trigo, e qual a zizania. Eis-aqui qual he Deos no julgar, e quaes são os homens. Deos não condemna senão no fim: os homens não esperão pelo fim para condemnar. Deos para colher espera pelo Agosto: os homens segão em Janeiro. Os que mais timoratamente procedem em julgar antes do fim, são aquelles, que regulão os fins pelos principios, mas como os successos do mundo, e da vida, e muito mais os que dependem do alvedrio, não guardão proporção alguma, todo este juizo he incerto, e todo injusto.

No dia da Paixão de Christo morrêrão quatro pessoas notaveis, de que faz menção o Evangelho. Morreo Christo, morrêrão os dous ladrões, e morreo Judas. Ora notai a differença dos principios, e fins de todos. Christo começou bem, acabou bem: o máo ladrão começou mal, e acabou mal: o bom ladrão começou mal, e acabou bem: Judas começou

bem, e acabou mal. Taes são as contingencias das cousas do mundo, e a pouca proporção, que guardão os fins com os principios. Muitas vezes a bons principios seguem-se bons fins, como em Christo, e a máos principios máos fins, como no máo ladrão; e outras vezes pelo contrario a máos principios seguem-se bons fins, como no bom ladrão, e a bons principios seguem-se máos fins, como em Judas. Por isso quem quizer julgar bem, ha de aguardar pelos fins. Nos Reinos passa o mesmo, que nos homens. Quem julgasse o fim do Reino de Saul pelos principios, diria, que havia de ser felicissimo, e foi desastrado: quem julgasse o fim do Reino de David pelos principios, diria que havia de ser trabalhoso, e foi felicissimo. Antes de vêr o fim não se póde fazer juizo. Pedro seguio a Christo para vêr o fim: *Ut videret finem* (*Matth. 26. 58.*) se esperára até vêr o fim, elle não negára. Esperai pelo fim, então negareis; mas eu vos fio, que se chegardes a vêr os fins, que haveis de querer seguir, e não negar. Se alguem pudera julgar antes do fim, era Deos; porque conhece os futuros; e com tudo nunca Deos jámais julgou, nem condemnou a ninguem, senão depois das obras. O juizo dos homens não he assim, conhece pouco do presente, menos do passado, e nada do futuro, e antes de as cousas terem ser, já estão julgadas. No mesmo dia em que

se fez a eleição, já está adevinhado o successo, já está condemnada a obra, já está desacreditada a pessoa. Valha-me Deos, ainda não fiz bem, nem mal, e já me condemnão! Não teremos hũma pouca de paciencia para esperar pelo fim? *Nolite ante tempus judicare,* (*1. Corinth. 4. 5.*) não queirais julgar antes tempo, diz o Apostolo. Já que quereis ter predestinados, e precitos como Deos, julgai tambem como Deos no fim das obras. Mas que ao predestinado se lhe haja de adevinhar o merecimento para se lhe dar logo o prémio; e ao precito se lhe haja de profetizar a culpa para o condemnar dantemão? terrivel juizo.

Ainda passa adiante a razão por que Deos julga no fim, e os homens não. He porque no juizo de Deos não basta a certeza do futuro para o castigo, e basta a emenda do passado para o perdão. No juizo dos homens, nem para o futuro val a incerteza, nem para o passado a emenda. Diz o Evangelista S. Marcos que veio Christo Senhor nosso comer a casa de Simão Leproso: chamava-se assim este homem, porque fôra leproso antigamente, e o mesmo Senhor o sarára. Não sei se reparais na dúvida. Se este homem ainda tivera lepra, que lhe chamassem leproso, muito justo; mas se elle estava são, porque lhe hão de chamar leproso? Porque esse he o juizo dos homens. Fostes vós leproso al-

gum dia? pois ainda que Deos faça milagres em vós, leproso haveis de ser todos os dias de vossa vida. Deos poder-vos-ha dar a saude; mas o nome da enfermidade não vo-lo hão de perdoar os homens. No juizo de Deos com a mudança dos procedimentos, mudão-se os nomes, antigamente ereis Saulo, hoje sois Paulo: no juizo dos homens por mais que os procedimentos se mudem, os nomes não se mudão jámais. Se fostes leproso huma vez, leproso vos hão de chamar em quanto viverdes: *Simonis Leprosi.* (*Marc. 14. 3.*) Poderá haver milagre para sarar o Simão, mas milagre para tirar o leproso, não he possivel. Oh grande semrazão do juizo humano; que da enfermidade vos hajão de fazer appellido! E vem a ser peior o appellido, que a mesma enfermidade; porque a enfermidade, quando muito chega até a morte; o appellido passa á descendencia. O juizo de Deos terrivel he, mas posso-me livrar delle, emendando-me. Porém o juizo dos homens, em que não val emenda, quem poderá negar, que he mais terrivel? E se contra o juizo dos homens não val a emenda onde a ha: que remedio teria aquelle innocente, em que a não podia haver, porque não havia que emendar, *Joannes in vinculis?*

§ VIII.

Antes que passe adiante (que não sei se mo permittirá o tempo) me occorre, que póde occorrer a alguem aquella famosa sentença de Christo: *Nolite timere eos, qui occidunt corpus, animam autem non possunt occidere: sed potius timete eum, qui potest & animam & corpus perdere in gehennam.* (*Matth. 10. 28.*) Quer dizer: Não temais aquelles, que matão o corpo, e não pódem matar a alma; mas temei antes a quem lançando o corpo, e alma no Inferno, tanto póde matar a alma, como o corpo. E quem são aquelles, e quem he este? Aquelles são os homens, este he Deos. Logo parece que daqui se infere contra a doutrina que atégora provámos por tantos meios, que mais temeroso, e mais para temer he o juizo de Deos, que o dos homens, como mais se deve temer o Inferno, e morte da alma, que a do corpo. Mas tão erradas como isto costumão ser as consequencias de quem segue as suas apprehensões, ou affectos, e não olha para o caso de que fallão os Textos, e para o intento, com que fôrão dictados, ou escritos. O intento do divino Mestre nesta occasião foi animar a fé dos primitivos Christãos, para que padecessem constantemente os tormentos, e martyrios dos tyrannos: e para que

postos entre dous temores, hum, ou outro inevitavel, com o maior vencessem o menor, isto he, com o temor do Inferno o temor da morte. Assim o entendêrão sempre Padres, Pontifices, e interpretes, dos quaes como tão diligente, sólido, e litteral abbreviador de todos, só porei aqui as palavras do doutissimo Alapide. *Quasi diceret: Nolite meum mortis, quam vobis intentabunt persecutores, negare meam fidem, aut cessare ab ejus prædicatione vobis à me imperata, vel aliquid ea indignum committere; quia si id feceritis incurretis mortem tum corporis, tum animæ longe atrociorem, & diuturniorem, scilicet æternam in gehenna, ubi damnati moriuntur morte immortali, & vita moribunda vivunt, & perdurant.* De sorte que a comparação não se fez aqui entre juizo, e juizo, senão entre perigo, e perigo, e entre pena, e pena: porque comparada a pena do Inferno com a pena da morte, claro está, que muito mais para temer he a do Inferno. Pelo contrario se a comparação se fizerá entre juizo, e juizo, isto he, entre o juizo de Deos, e o dos homens, posto que os homens só possão condemnar á morte, e Deos ao Inferno; com a mesma evidencia se segue ainda neste caso, que mais para temer he o juizo dos homens, que o de Deos; porque o juizo dos homens condemnando-me á morte, póde ser injusto, e o Deos condemnando-me ao Inferno,

não póde deixar de ser recto: *Justus es, Domine, & rectum judicium tuum.* (*Psal. 118. 137.*) E se ao juizo de Deos só está sujeita a culpa, e do juizo dos homens não está segura a innocencia; vêde qual mais se deve temer. De Deos são mais para temer os castigos, dos homens mais para temer os juizos. E destes he que nós fallamos.

Tambem fallou dos mesmos juizos o mesmo Christo, e não em outro, senão no mesmo Texto, immediatamente antes, em admiravel comprovação do que digo. Affrontavão os Escribas, e Fariseos aos Discipulos do Senhor com nomes tão injuriosos, e blasfemos como a seu Mestre: e chegavão a dizer, e prégar, e apregoar ao mundo, que as maravilhas, que elle, e elles obravão erão feitas em virtude, e com poderes de Belzebut Principe dos Demonios. E para que a innocencia, e constancia, ainda noviça, dos Apostolos, vendo-se tão indignamente calumniada, e condemnada pelo juizo dos homens (e não de quaesquer, senão dos mais autorizados, e dos que entre os demais professavão Religião, e letras) não desmaiasse; com que razões os animaria, e consolaria o divino Mestre para que não fizessem caso da temeridade daquelles Juizes? A razão foi huma só, e digna de seu Autor: *Si Patremfamilias Beelzebub vocaverunt, quanto magis domesticos ejus? Ne ergo timueritis eos. Nihil enim est opertum, quod non*

revelabitur; & occultum, quod non scietur. (Matth. 10. 25. 26.) Não vos deveis admirar, que sendo vós os Discipulos, e eu o Mestre, e sendo vós os servos, e eu o Senhor, vos tratem, e vos julguem a vós os homens, como me tratão, e me julgão a mim. Mas para que não temais, nem façais caso dos seus juizos, e das affrontas, que vos dizem; sabei que Deos manifestará a vossa verdade, e as suas calúmnias, ou no dia do Juizo, ou ainda antes. *Nolite tamen eorum probra, irrisiones, & sannas timere, quia tandem Deus vestram fidem, & veram Religionem patefaciet non tantum in die judicii, sed etiam in hac vita:* commenta o mesmo Autor com S. Chrysostomo, Theophilato, e Euthymio. Oh argumento verdadeiramente divino, e outra vez digno da sabedoria de seu Autor! De maneira, que a consolação, e appellação, que tem o juizo dos homens, he para o juizo de Deos: e debaixo desta esperança certa ensina Christo a seus Discipulos, que os não temão. *Ne timueritis eos.* Sim. Logo se o juizo de Deos he o seguro, que nos dá o mesmo Deos para não temer os juizos dos homens; bem se conclue, que o juizo dos homens he o formidavel, e o que se deve temer, e não o de Deos nestas circunstancias O dos homens temer-se; porque quando menos póde ser falso, e injusto; e o de Deos esperar-se sem temor; porque sempre he justo e recto.

diz com os sinaes. No juizo de Deos dizem os sinaes com o juizo, porque os sinaes são de rigor, e o juizo he rigoroso: no juizo dos homens, o juizo não diz com os sinaes, porque os sinaes são de amizade, e o juizo he de odio: Vêde-o em Judas; os sinaes erão abraços, e o juizo traições: *Traditor autem dedit eis signum: quemcumque osculatus fuero, ipse est, tenete eum. (Marc. 14. 44.)*

Deos no seu juizo, he verdade, que ha de lançar os homens ao Inferno; mas ha de ser dizendo-lhes muito clara, e descobertamente: *Ite, maledicti, in ignem æternum: (Matth. 25. 41.)* os homens não fazem assim no seu juizo: estão-vos dizendo: *Venite, benedicti; (Ibid. 34.)* Bemdito, e bem vindo sejais; e no mesmo tempo estão-vos mettendo, e desejando debaixo do Inferno.

Deos julga como Juiz; os homens julgão como judiciarios: entre o Juiz, e o judiciario ha esta differença, que o Juiz suppõe o caso, o judiciario adevinha-o. Quantos vêmos hoje julgados, e condemnados por adevinhação: não pelo que fizerão, senão pelo que se adevinha, que haverão de fazer!

O juizo de Deos, sendo Deos por natureza immutavel, se nós nos convertemos, e nos mudamos, muda-se: o juizo dos homens, sendo os homens a mesma mudança, por mais que nós nos mudemos, não se muda. Mudou-se a Magdalena, e no juizo de

Christo ficou santa; mas no juizo do Fariseo tão peccadora como dantes era: *Quoniam peccatrix est. (Luc. 5. 39.)*

No juizo de Deos havemos de ser julgados pelos Mandamentos; quem guardou os Mandamentos póde estar seguro: no juizo dos homens não aproveita guardar os Mandamentos. Fizestes o que vos mandárão, e muito melhor do que vo-lo mandárão, e sobre isso sois julgado, e condemnado. Como a semrazão he tão moderna, não ha exemplo della nas Escrituras: lê-lo-hão os vindouros, se o crêrem.

Deos julga a cada hum pelo que he, os homens julgão a cada hum pelo que são. Mais claro. Deos julga-nos a nós por nós: os homens julgão-nos a nós *por* si. Donde se segue, que para serdes bem julgado no juizo de Deos, basta que vós sejais bom; mas para serdes bem julgado no juizo dos homens, he necessario que ninguem seja máo. Terrivel juizo, em que para eu não sahir condemnado, he necessario que todo o mundo seja innocente!

No juizo de Deos basta ser bom no ultimo instante da vida, para ser eternamente bom: no juizo dos homens, basta ser máo em qualquer tempo da vida, para ser eternamente máo. Se fostes bom, e sois máo, julgão-vos mal pelo que sois: se fostes máo, e sois bom, julgão-vos mal pelo que fostes; e se sois, e fostes sempre bom, julgão-vos mal pelo

que podeis vir a ser. Ha juizo tão cruel como este! As culpas em profecia, e o Profeta em prisões: *Joannes in vinculis!*

§ X.

Tenho acabado o Sermão; e parece que me tem acontecido nelle, o que succede aos máos Medicos, e aos máos conselheiros. O mão Medico encarece a enfermidade, e não lhe dá remedio: o máo conselheiro exagera os inconvenientes, e não dá meio com que os melhorar. O officio de Prégador tambem he de curar, e de aconselhar. Tenho encarecido a enfermidade, tenho ponderado os inconvenientes, tenho mostrado a cegueira, a sem-razão, a injustiça, e a tyrannia do juizo dos homens, mas que he do remedio para nos livrarmos deste juizo? Se não ha remedio, ainda he mais temerosa esta ultima circunstancia, que todas as que até agora temos considerado. Verdadeiramente, difficultosa, e impossivel cousa parece, achar remedio para escapar do juizo dos homens, sendo tantos, tão livres, e tão temerarios.

Mas ouçamos o que resolve nesta materia o Todo Poderoso com sabedoria infinita: *Nolite judicare, ut non judicemini: in quo enim judicio judicaveritis, judicabimini.* (*Matth. 7. 1.*) Se não quereis que vos julguem, não julgueis, porque com o mesmo juizo,

com que julgardes, serels julgados. Esta sentença de Christo Senhor nosso, ou se póde entender do juizo dos homens para com os homens, ou do juizo de Deos para com elles. Se se entender do juizo de Deos para com os homens, he absoluta, e universalmente verdadeira: mas se se entender do juizo dos homens para com os homens, não. Donde se torna a confirmar outra, e mil vezes, que mais rigoroso, e mais para temer he o juizo dos homens, que o de Deos. No juizo de Deos para com os homens he sempre verdadeira; porque, como altamente disse S. João Chrysostomo, o juizo com que nós nos julgamos huns aos outros, he lei, que puzemos a Deos, para que elle por ella nos julgue tambem a nós: *Legem prius ipse posuisti, severius de his, quæ primùm peccaverit, judicando:* porque se nós julgarmos com benignidade aos nossos proximos, tambem Deos nos julgará benignamente: mas se nós os julgarmos severamente, tambem elle nos julgará com severidade. De sorte, que no juizo de Deos para com os homens esta regra he geral sem excepção: porém no juizo dos homens para com os homens tem tão pouca certeza, nem ainda probabilidade, que até o mesmo Christo, sendo tão benigno em julgar, e perdoar a todos, não escapou de ser tão injustamente julgado, e condemnado por elles. Se Christo, suprema Innocencia, teve hum Annaz, hum

Cayfaz, hum Pilatos, e hum Herodes, que o julgárão, e condemnárão, que homem haverá tão innocente, e justo, que por estes quatro Juizes não tenha quatrocentos, que o julguem, e condemnem?

Com tudo esta mesma sentença, ainda que universalmente não he certa no juizo dos homens para com os homens, por dictame natural da razão, e por providencia particular de Deos, muitas vezes se verifica nelles. *Nolite judicare, & non judicabimini: nolite condemnare, & non condemnabimini.* Não julgueis, e não sereis julgados: não condemneis, e não sereis condemnados. Sabeis porque muitas vezes somos julgados, e tão injustamente julgados? Porque tantas vezes somos Juizes, e injustissimos Juizes: porque julgais as obras alheas, por isso vos julgão as vossas obras: porque julgais as palavras alheas, por isso vos julgão as vossas palavras: porque julgais até os pensamentos alheos, por isso vos julgão, e vos condemnão, até o que não vos passou pelo pensamento. Diz S. Tiago na sua Canonica, que S. Miguel se não atreveo a julgar a Lucifer. Se hum Serafim se não atreve a julgar hum Demonio, como se ha de atrever hum homem a julgar outro homem?

Se queremos julgar viremos os olhos para a parte de dentro, que ainda mal, porque tanto acharemos que julgar, que examinar, e que condemnar. Se nos

julgarmos sem paixão a nós, eu vos prometto, que tenhamos tanto que fazer, e tanto que pasmar, que não nos fique, nem tempo, nem animo para julgar a outrem. Ora Christãos, por reverencia de Deos, pelo que devemos a Christo, pela obrigação que temos a nossas almas; que seja o fructo deste Sermão temer muito hum juizo temerario, não o juizo, em que somos julgados, que isso não he culpa nossa; mas o juizo, em que nós julgamos, que he a nossa condemnação. *In quo alterum judicas, te ipsum condemnas,* (*Ad Roman. 2. 1.*) diz S. Paulo: Quando julgamos os outros, condemnamo-nos a nós. E quantos condemnados estão hoje no Inferno só por hum juizo temerario! Deos por sua misericordia nos livre de hum escandalo como este tão facil, e tão ordinario, em que tantas vezes tropeça a caridade, em que tão gravemente se embaração as consciencias, em que tão perigosamente se perde a graça, e com ella a Gloria.

determino tratar; porque sendo materia gravissima, e de grande importancia em qualquer parte do mundo, em Portugal he ainda ao presente mais grave, e mais importante.

§ II

Tu quis es? quid dicis de te ipso? A primeira cousa, em que reparo, hé, que estes Embaixadores de huma pergunta fizerão duas questões. Hião perguntar ao Bautista, quem era; e para isto parece que bastava dizer, Vós quem sois? E elles disserão, Vós quem sois, e Vós quem dizeis que sois? *Tu quis es? quid dicis de te ipso?* Ora os Embaixadores não erão homens de capa, e espada, senão cá do foro da Igreja: *Sacerdotes, e Levitas;* mas elles fallárão muito discretamente, e entendêrão o negocio, como quem tinha grandes noticias do mundo. Quando hião saber do Bautista, quem era, perguntão-lhe, Vós quem sois e Vós quem dizeis que sois; porque os homens, quando testemunhão de si mesmos, huma cousa he o que são, e outra cousa he o que dizem. Ninguem ha neste mundo, que se descreva com a sua definição: todos se enganão no genero, e tambem nas differenças. Que differentes cousas são ordinariamente o que dizeis de vós, e o que sois! E o peior he, que muitas vezes não são cousas differentes: porque o que sois, he nenhuma cou-

sa, e o que dizeis, são infinitas cousas. Nesta materia de vós quem soïs, todo o homem mente duas vezes, huma vez mente-se a si, e outra vez mente-nos a nós: mente-se a si, porque sempre cuida mais do que he: e mente-nos a nós, porque sempre diz mais do que cuida. Bem distinguirão logo os Embaixadores o *Tu quis es*, do *Quid dicis de te ipso:* e quando hião perguntar ao Bautista o que era, perguntárão o que era, e o que dizia; porque ninguem ha tão recto juiz de si mesmo, que, ou diga o que he, ou seja o que diz.

Entrou o Anjo Rafael a fallar com o velho Tobias em trajo de caminhante, ou ainda de caminheiro; e antes de Tobias entregar o filho ao Anjo para aquella peregrinação tão sabida, fez-lhe esta pergunta: *Rogo te, indica mihi, de qua domo, & de qua tribu es tu? (Tob. 5. 16.)* Por vida vossa, que me digais de que familia, e de que tribu soïs. A pergunta verdadeiramente era para embaraçar hum Anjo; mas a resposta foi notavel: *Ego sum Azarias Ananiæ magni filius. (Ibid. 18.)* Eu sou Azarias filho de Ananias o Magno. Como se dissessemos de Carlos Magno, de Pompeo Magno, de Alexandre Magno: Ha tal resposta de hum Anjo! Em Deos ha pai, e filho; nos homens, e nos animaes ha pais, e filhos; nas mesmas plantas ha seu modo de geração: só nos Anjos, de todos os viventes do mundo (entrando o creado, e o

incarnado) só nos Anjos não ha geração, nem pai, nem filho. Pois se nos Anjos não-ha geração; se nos Anjos não ha, nem póde haver pai, e filho; como diz o Anjo Rafael, que he filho do grande Ananias? Aposto eu, que estava agora cuidando alguem, que para encarecimento do meu assumpto havia eu de dizer, que em materia de vós quem sois, até os Anjos mentem. Não digo eu esses arrojamentos, este lugar he de verdades solidas. Os Anjos não pódem mentir, nem errar (fallo dos bons). Mas agora fica a difficuldade mais apertada. Pois se os Anjos não pódem entender, nem dizer contra a verdade, como diz o Anjo Rafael, que he filho do grande Ananias? Variamente respondem os Doutores á dúvida; eu o farei com huma comparação. Entra hum comediante no theatro representando a Lucifer; e batendo com o Tridente, começa a fulminar blasfemias contra Deos: Entra outro representando a Nero; e tirando a espada, manda que cortem cabeças, e que corrão rios de sangue Christão por Roma: Sae outro representando hum Gentio; e encontrando huma estatua de Jupiter, prostra-se por terra, bate nos peitos, offerece incenso. Pergunto agora: Aquelle primeiro homem he blasfemo? aquelle segundo homem he tyranno? aquelle terceiro homem he idolatra? Claro está que não: o primeiro não he blasfemo, ainda que diz blasfemias; porque elle não he

Lucifer, faz figura de Lucifer: o segundo não he tyranno, ainda que manda matar Christãos; porque elle não he Nero, faz figura de Nero: o terceiro não he idolatra, ainda que se ajoelha diante da estatua de Jupiter; porque elle não he Gentio, faz figura de Gentio. O mesmo digo do nosso caso. O Anjo não mentio, nem pôde mentir, ainda que disse huma cousa, que pareça alhea da verdade; porque elle não era homem, fazia figura de homem, e fallou como se o fôra.

Seja outro Anjo fiador desta minha resposta. Apparecêrão a Abrahão no valle de Mambré tres Anjos, hum de maior autoridade, a quem elle adorou, e outros dous menores, que o acompanhavão. E como Sara mulher de Abrahão fosse esteril, prometteo-lhe o Anjo principal, que dalli a hum anno, por aquelle mesmo tempo tornaria, se Deos lhe désse vida, e que já então teria Sara hum filho: *Revertens veniam ad te tempore isto, vita comite, & hãbebit filium Sara uxor tua. (Genes. 18. 10.)* Quem haverá, que não repare naquelle *vita comite*, se eu fôr vivo, dito por hum Anjo? E não só fallou o Anjo por estes têrmos huma vez, senão duas: porque pondo Sara dúvida á promessa, tornou elle a ratificar a sua palavra, dizendo: *Juxta condictum revertar ad te hoc eodem tempore, vita comite. (Ibid. 14.)* Pois se os Anjos por natureza são immortaes, e a sua

vida por nenhum acontecimento póde faltar; porque promette este Anjo, não absoluta, senão condicionalmente, que tornará dalli a hum anno, se fôr vivo, *vita comite?* A razão, não só humana, mas Angelica, foi, porque este Anjo, e os outros dous, como declara o Texto, apparecêrão a Abrahão em figura de homens, *apparuerunt ei tres viri:* e elle os tratou, e elles se deixárão tratar em tudo como homens, aceitando a sua mesa, e os outros agasalhos da hospedagem. E porque os homens prudentes na consideração da incerteza, e contingencia da morte, quando promettem alguma cousa de futuro, acrescentão, se Deos me der vida; por isso o Anjo acrescentou a mesma condição, *vita comite;* porque não fallava como Anjo, que era, senão como homem, cuja figura representava. Do mesmo modo, e com a mesma, e ainda maior propriedade fallou o Anjo Rafael na resposta, que deo a Tobias. Fazia figura de homem, e para fazer bem a figura; huma vez que lhe perguntárão, e Vós quem sois? não havia de dizer, o que era, havia de dizer, o que não era, e assim o fez: porque não ha propriedade mais propria dos homens, que perguntados o que são, dizerem huma cousa, e serem outra. E notai, que vindo o Anjo vestido em hum pellote, e representando hum caminheiro, parece que era mais natural dizer, que era filho de hum lavrador, ou de hum pastor daquelles

campos; e com tudo não disse senão, que era filho de Ananias o grande; porque não ha homem de pé tão de pé, nem caminheiro tão caminheiro, que se lhe perguntarem donde vem, não diga que vem lá do grande Ananias: *Ego sum Ananiæ magni filius.*

Assim como Tobias ao Anjo, assim perguntárão hoje os Sacerdotes, e Levitas ao Bautista: *Tu quis es?* E que responderia aquelle grande Varão? *Et confessus est, & non negavit: & confessus est: quia non sum ego Christus: (Joan. 1. 20.)* E confessou, e não negou, e confessou, que não era elle o Messias. Em toda a sagrada Escritura não ha tal modo de fallar como este. Repetio o Evangelista tres vezes a mesma affirmação (dizem os Doutores) porque *lhe* pareceo, que fôra tão grande cousa confessar o Bautista, que não era o Messias, que se o dissera menos vezes, nem elle se acabára de explicar, nem nós acabáramos de o crêr. Ora a mim nunca me pareceo esta acção do Bautista tão grande como a fazem. Que havia de fazer o Bautista, havia de dizer, que era Messias? o Bautista nem o podia cuidar com razão, nem o podia dizer em consciencia: não o podia cuidar com razão; porque elle sabia mui bem, que era da Tribu de Levi, e que o Messias havia de ser da Tribu Real de Judá: não o podia dizer em consciencia; porque seria peccar na mais grave materia, que houve nunca no mundo.

Pois porque repetem tanto os Evangelistas, e porque exagerão tanto todos os Santos, e Doutores da Igreja esta acção do Bautista? Porque he tão natural aos homens cuidarem mais de si, do que são, e dizerem mais de si, do que cuidão, que não negar o Bautista a razão, e não atropellar a consciencia neste caso, se tem pela maior de todas as façanhas humanas. Que lhe perguntassem a hum homem: *Tu quis es?* E que estivesse em sua mão dizer, que era o Messias, e que o não fizesse! diga-o tres vezes o Evangelista, para que acabe de o crêr a fé: *Et confessus est, & non negavit: & confessus est: quia non sum ego Christus.*

§ III.

Em fim os Embaixadores se tornárão do deserto sem acharem, quem lhes dissesse, que era o Messias. Mas povoado sei eu donde elles não havião de levar a embaixada debalde. Se os Sacerdotes, e Levitas desembarcárão em outras praias, e vierão pelas casas mais altas perguntando, *Tu quis es?* como he certo, que a poucos passos havião de achar o Messias. E aonde? huma legoa de Belem, sem ser em Palestina. Hum havia de dizer, que elle he o Messias; porque a elle se deve a nossa redempção: *Ipsè veniet, & salvabit nos.* (*Isaiæ 35. 4.*) Outro havia de dizer, que elle he o Messias; porque sobre

seus hombros carrega todo o peso da Monarchia: *Cujus imperium super humerum ejus.* (*Isaiæ 9. 6.*) Outro havia de dizer, que elle he o Messias; porque o seu conselho he o nosso Anjo da guarda: *Et vocabitur magni consilii Angelus.* Outro havia de dizer, que elle he o Messias; porque na sua penna consiste a nossa saude: *Et sanitas in pennis ejus.* (*Malach. 4. 2.*) Outro havia de dizer, que elle he o Messias; porque a paz, que estes annos se gozou, foi fruto da vara de sua justiça: *Erit in diebus ejus justitia, & abundantia pacis.* (*Psal. 71. 7.*) Outro havia de dizer, que he o Messias; porque elle he o Deos das armas, que com seu valor nos sustenta: *Vocabitur nomen ejus Deus fortis.* Só não havia de haver quem dissesse, que era o Messias, por se apressar acceleradamente a vencer, e tirar despojos: *Voca nomen ejus, accelera, festina spolia detrahere;* (*Isaiæ 8. 3.*) porque ainda que ás guerras nos inclinamos com grande valor, ás victorias caminhamos com grande madureza.

Por todas estas razões, me parece, que havia de haver maior demanda na nossa Côrte sobre o Messiado, do que a houve entre os Apostolos sobre a maioria. E verdadeiramente, que se vêm hoje muitas cousas daquellas, que os Profetas antigamente derão por sinaes dos tempos do Messias. O Messias, dizem os Profetas, que havia de dar olhos a

cégos, pés a mancos, limpeza a leprosos, e vida a mortos: *Tunc saliet sicut cervus claudus, & aperta erit lingua mutorum, &c. (Isaiæ 35. 6.)* E todos estes milagres vemos em nossos dias. Quantos cégos vemos hoje com olhos, quantos mancos, e paralyticos postos em pés; quantos aleijados com mãos, e com muita mão; quantos leprosos limpos, e quantos mortos, ou que devêrão estar mortos, e sepultados, resuscitados, e com vida? Pois o poder, em cuja virtude se fazem estes milagres, como se ha de negar de Messias? Dizem mais os Profetas, que no tempo do Messias as lanças, e as espadas se converterão em fouces: *Conflabunt gladios suos in vomeres, & lanceas suas in falces.* (*Isaiæ 2. 4.*) E em tempo, que ou por beneficio da paz presente, ou por esquecimento da guerra futura, as armas, que se fizerão para ferir, se occupão em segar: em tempo, que as caixas tocão a marchar, e as tropas marchão a recolher; e em que os despojos, que havião de ornar os templos, e armar os almazens communs, enchem os celleiros particulares; como não ha de haver quem se jacte de Messias? Dizem mais os Profetas, que no tempo do Messias, os montes se humilharião, e se encherião os valles: *Omnis vallis implebitur, & omnis mons, & collis humiliabitur.* (*Isaiæ 40. 4.*) Oh quantos montes, que em tempos passados tocavão com o cume as Estrellas, se vêm

hoje, ou já se não vêm de humilhados, e abatidos! E quantos valles pelo contrario, pouco ha tão humildes, hoje tão levantados, e tão cheos! E a fortuna, que fez estes altibaixos, ou seja desigualdade, ou se chame justiça, como se não ha de ter por fortuna de Messias? Dizem mais os Profetas, que no tempo do Messias viverião os lobos juntos com os cordeiros, e que o leão, e o boi se sustentarião do mesmo mantimento: *Habitabit lupus cum agno, & leo quasi bos comedet paleas.* (*Isaiæ 11. 6. 7.*) Se os lobos não fossem tão sagazes em despintar a pelle, com os olhos só pudera provar hoje o cumprimento desta profecia. Ainda mais que dos lobos, me temêra eu dos leões com palhas na boca. Mas quando ha quem domestique leões a que sejão animaes de presepio, os autores destas industrias, ou destes milagres, porque não presumirião do Messias?

§ IV.

Não ha dúvida, que tem grande analogia a nossa era com a do Messias, e que parece pódem competir os milagres (não digo os vicios) dos nossos tempos com as felicidades dos seus. Mas pelo mesmo caso, que se parecem tanto, não quizera eu, que a muita semelhança mal entendida acertára de se nos converter em tentação. E porque não fio tanto de

nossa modestia, como da de S. João Bautista; saiba cada hum, e desengane-se, por mais que se pinte maravilhoso no seu conceito, que lhe falta para Messias a condição principal. E qual he a principal condição de Messias? He aquella, com que o definio, e sinalou Deos, quando o promettee a Abrahão: *In semine tuo benedicentur omnes. (Genes. 22. 18.)* No Messias, que nascer de vós, serão abendiçoados todos. Se tendes benção para todos, dou-vos licença, que entreis em presumpção de Messias: mas se tendes benção para huns, e para outros não, despedi vos desse pensamento.

Quando o Anjo annunciou á Senhora, que havia de ser mãi do Messias, acrescentou estas palavras: *Dabit illi Dominus Deus sedem David patris ejus, & regnabit in domo Jacob in æternum. (Luc. 1. 32.)* Dar-lhe-ha o Senhor Deos o throno de David seu Pai, e reinará na casa de Jacob para sempre. Nesta ultima clausula reparão com razão todos os Interpretes, porque diz o Anjo, que reinará o Messias na casa de Jacob, e não na casa de Abrahão, ou na casa de Isaac? Se Abrahão, e Isaac não forão Reis, tambem Jacob não teve Sceptro, nem Corôa; antes Abrahão foi vencedor famoso de cinco Reis, que em certo modo he mais que ser Rei. Isaac, e Abrahão erão mais antigos que Jacob: e a promessa do Messias foi feita a Abrahão, quando acabava de embai-

nhar a espada daquella grande façanha do sacrificio de Isaac: pois porque não diz o Anjo, que reinará o Messias na casa de Abrahão, ou na casa de Isaac, senão na casa de Jacob? Vêde a razão, que he altissima. Na casa de Abrahão houve dous filhos, Isaac, e Ismael; mas para Isaac houve benção, para Ismael não houve benção. Na casa de Isaac houve outros dous filhos, Esau, e Jacob; mas houve benção para Jacob, e não houve benção para Esau. Na casa de Jacob pelo contrario houve doze filhos; e foi tão abendiçoada aquella casa, que para todos os doze filhos houve benção. Por isso pois diz o Anjo, que reinará o Messias na casa de Jacob, e não na casa de Isaac, nem na casa de Abrahão; porque o Messias não he como Abrahão, nem como Isaac, que tem benção para huns, e para outros não: he como Jacob, filho de hum, e neto do outro, no qual se comprio a profecia, e teve benção para todos: *In semine tuo benedicentur omnes.* Só quem teve benção para todos os do mundo, foi verdadeiro Messias do mundo: e só quem tiver benção para todos os de hum Reino, será verdadeiro Messias delle.

Se lançarmos os olhos pelo nosso na mudança, ou fortuna presente, não me atreverei eu a provar, que todos tem benção, mas que tem benção muitos mais daquelles, que o cuidão; as mesmas benções de Jacob no-lo farão evidente. Chamou Jacob a seus fi-

lhos para lhes deitar a benção a todos antes de morrer; e he notavel a differença de palavras, e comparações, com que fez esta ultima ceremonia! Chegou Judas, e deo-lhe benção de Leão: *Sedens accubuisti ut Leo* (*Genes. 49. 9. 21. 17. 14. 27.*): chegou Nephtali, e deo-lhe benção de Cervo: *Nephthali Cervus emissus*: chegou Dán, e deo-lhe benção de Serpente: *Fiat Dan Coluber in via*: chegou Issachar, e deo-lhe benção de Jumento: *Issachar Asinus fortis*: chegou Benjamin, e deo-lhe benção de Lobo: *Benjamin Lupus rapax*. Valha-me Deos, que desigualdade de benções, humas a humas tão altas, e outras a outros tão baixas! A hum benção de Serpente, e a outro de Cervo? A hum benção de Leão, a outro de Lobo, a outro de Jumento? Sim: e era pai quem as dava, e erão filhos os que as recebião: para que se entenda, que a diversidade das benções não argue desigualdade de amor em quem as dá, senão differença de merecimentos em quem as recebe. A Judas, que tinha valor, e generosidade, dá-se-lhe benção de Leão: a Nephtali, que tinha presteza, mas não tinha valor, dá-se-lhe benção de Cervo: a Dan, que tinha prudencia, mas tinha peçonha, dá-se-lhe benção de Serpente: a Issachar, que tinha forças, e não tinha juizo, dá-se-lhe benção de Jumento: a Benjamin, que tinha ousadia, mas junta com voracidade, dá-se-lhe benção de Lobo. Não es-

tão mui bem repartidas as bençõos? Quem haverá que o negue? Mas sabeis porque ninguem está contente com a sua benção? Porque a todos falta o conhecimento do *Tu quis es*. Conheça-se cada hum, e estarão contentes todos. Conheça o Leão, que he Leão: conheça o Cervo, que he Cervo: conheça a Serpente, que he Serpente: conheça o Lobo, que he Lobo: conheça o Jumento, que he Jumento, e logo estarão contentes. Mas como todos se cegão no juizo de si mesmo, todos querem benção fóra da sua especie.

No principio do mundo deitou o Creador a sua benção aos animaes, e ás plantas: *Benedixit eis*, (*Genes. 1. 22. 24.*) Disse-lhes a todos, que crescessem: *Crescite, & multiplicamini*; mas nota a Escritura, que tudo isto foi *Secundùm species suas*: cada creatura conforme a sua especie. Contente-se cada hum de crescer dentro da sua especie; contente-se cada hum de crescer dentro da esfera do talento, que Deos lhe deo; e logo conseguirão todos, que tem benção, cada hum no seu elemento. No ar contente-se a Andorinha, com ser Andorinha: e que maior benção, que poder morar nos Palacios dos Reis? No mar contente-se a Rémora, com ser Rémora: e que maior fortuna, que sendo tamanina, poder ter mão em huma náo da India? Na terra contente-se a Formiga, com ser Formiga: e que maior felicidade, que

ter o celleiro provido para o Verão, e para o Inverno? Mas por todos os elementos se adoece de melancolia, porque nenhum se contenta com crescer dentro da sua especie: a Andorinha quer subir a Aguia: a Rémora quer crescer a Baléa: a Formiga quer inchar a Elefante. Porque as Formigas se fazem Elefantes, não basta toda a terra para hum formigueiro. Nas plantas temos iguaes exemplos deste engano, e desta verdade. A arvore mais anãa he maior que a herva gigante, e com tudo de quantas cousas aquenta o Sol, nenhuma lhe he mais agradecida, que esta herva. Desde que o Sol nasce, até que se põe, vai sempre a herva gigante acompanhando-o desde a terra, seguindo-o com tanta inclinação, e adorando-o com tanta reverencia, como vemos. Pois hervasinha do campo, que agradecimentos ao Sol são estes? Não vêdes tantas arvores, e tantas plantas, que recebem do Sol tanto mais, que vós? pois porque lhe haveis vós de ser a mais agradecida de todas? Porque me meço dentro da minha esfera. Conheço, que sou herva, e acho que ninguem deve mais ao Sol, que eu, porque me fez gigante das hervas. Se cada hum se medira com os compassos da sua esféra, ó quantos se havião de achar gigantes! Porque vos haveis de descontentar da vossa benção, porque haveis de ser ingrato ao Sol, se vos fez gigante das hervas? Não digo bem: se das hervas

vos fez gigante? Oh quantos gigantes ha desagradecidos! Muito he de notar a tristeza de hum Cypreste em tanta altura! Se o Cypreste lá de cima olhára para o vulgo das plantas, e ainda para a nobreza das arvores, que lhe ficão abaixo; elle vivêra não só contente, senão ainda soberbo. Mas o Cypreste lá do alto descobre os Cedros do monte Libano, e como vê, que a natureza os faz torres, vive elle descontente de ser pyramide. Como cada hum se não mette, e se não mede dentro da sua esféra, ainda que seja Cypreste, que tantas vezes vê seus troncos sobre os altares, não póde viver contente. Não digo, que não trate cada hum de crescer, mas conheça cada hum o que he: *Tu quis es*? e depois cresça confórme a sua especie: *Secundum speciem suam.*

Desenganemo-nos, que o crescer fóra da propria especie, não he augmento, he monstruosidade; ao menos benção não hé. Huma das cousas dignas de reparo, que tiverão as bençoes de Jacob a seus filhos, foi a benção de Ruben, e de Joseph. A Joseph deo-lhe Jacob por benção, que crescesse: *Filius accrescens Joseph, filius accrescens:* (*Genes. 49. 22.*) a Ruben deo-lhe Jacob por benção, que não crescesse: *Ruben primogenitus meus non crescas.* (*Ibid. 3. 4.*) He possivel, que tambem hum *non crescas* se dá por benção! He possivel, que tambem póde ser benção o não crescer! Diga-o a Lua; nenhuma

benção se podia dar á Lua mais venturosa, que o não crescer. Porque se não cresdêra, não minguára. A quantos tem servido o demasiado crescer, não de benção, senão de maldição! Mas por que razão em Joseph he benção o crescer, e em Ruben he benção o não crescer? Os procedimentos, e as acções do mesmo Ruben, e do mesmo Joseph o digão. O crescer nos que o merecem, he crescimento; o crescer nos que o não merecem, he crescença: e o crescimento he grandeza, a crescença he fealdade. Se podeis crescer por crescimento, crescei com a benção de Deos: *Filius accrescens:* mas se não podeis crescer, senão por crescença, tende por benção o não crescer: *Non crescas.* Conheça cada hum a sua esfera: *Tu quis es;* e acharão todos, ou quasi todos, que tem benção: *In semine tuo benedicentur omnes.* Com este conhecimento acabarão de entender, que tem entre si o verdadeiro Messias, como disse o Baptista; *Medius vestrûm stetit quem vos nescitis:* (*Joann. 1. 26.*) e deixarão de o ir buscar aos desertos, onde o não ha: *Et confessus est, & non negavit, quia non sum ego Christus.*

§ V.

Desenganados os Embaixadores, de que o Baptista não era o Messias, fôrão por diante com a

questão do *Tu quis es:* (*Joann. 1. 21.*) e perguntárão se era ao menos Elias: *Elias es tu?* Sois vós por ventura Elias? Ás vezes as menores tentações, principalmente em gente escrupulosa, são mais difficultosas de vencer, que as maiores: mas a constancia do Bautista de todos os modos era invencivel. Assim como á primeira pergunta respondeo, que não era Messias: *Non sum ego Christus;* assim respondeo á segunda, que não era Elias: *Non sum.* Que tem inem-se buscar as cousas onde as não ha! Diz o Texto que: *Hæc facta sunt trans Jordanem:* (*Ibid. 28.*) que isto acontecêo da banda dalem do Jordão. Se vierão os Embaixadores da banda daquem do Tejo, eu vos prometto, que elles achárão a Elias. *Tu quis es?* Vós quem sois? *Elias es tu:* Sois por ventura Elias? Por ventura? e disso se duvida? pois quem he o Elias senão eu? O meu zelo do bem commum; o meu zelo da Fé, e da Christandade; o meu zelo do serviço do Rei; o meu zelo da conservação, e augmento da patria. Se ser Elias he isto, ninguem he Elias como eu. Ao menos na presumpção eu vo-lo concedo. Só isso me parece, que tendes de Elias: cuidar que não ha outro Elias, senão nós. Dizia Elias antigamente: *Zelo zelatus sum pro Domino Deo exercituum, & derelictus sum ego solus:* (*3. Reg. 19. 14.*) Eu só sou o que zélo a honra de Deos, todos os outros são idolatras, e não tem Deos no

mundo mais que a mim. No mesmo dia, em que Elias disse isto. lhe mostrou Deos, que tinha na mesma terra sete mil, que não dobravão o joelho diante de Baal: *Derelinquam mihi in Israel septem millia virorum, quorum genua non sunt incurvata ante Baal.* (*3. Reg. 19. 18.*) Quando Elias cuida, que não ha outro Elias no mundo, como elle, ha quando menos sete mil. Cuidais que sois hum homem unico; e não só sois homem de duzias, senão de milhares, ou de milheiros: ha sete mil como vós, e póde ser que melhores.

Não se queixará Elias de lhe medirmos o seu espirito pela sua capa, pois elle assim o fez. Ora cotejemos a capa de Elias com outra doutro Profeta, quasi do mesmo nome, (Ahias) e verá Elias, o que se reputa por unico, quanto vai de capa a capa, de espirito a espirito, e de zelo a zelo. Encontrou-se huma vez Ahias com Jeroboão (então era criado de Salomão, e não Rei) e trazia o Profeta naquelles dias huma capa nova: *Pallium suum novum, (3. Reg. 11. 30.)* diz o Texto. Para que não cuideis, que he malicia reparar na novidade das capas; o mesmo Espirito Santo Autor das Escrituras, repara nestas novidades. Emfim Ahias tirou a sua capa nova dos hombros, puxou logo de humas tesouras, cortou huma vez, cortou outra, até onze vezes, com que ficou a capa dividida em doze partes: e disse, que

do mesmo modo se dividiria o Reino de Salomão em doze Tribus, dos quaes os dez serião de Jeroboão. *Ecce ego scindam Regnum de manu Salomonis, & dabo tibi decem Tribus.* (*3. Reg. 11. 31.*) Assim o disse o Profeta, e assim foi; porque o Reino das doze Tribus se dividio em Reino de Israel, e Reino de Judá. Mas vamos á capa. De maneira que Ahias antes da divisão dos Reinos tinha a sua capa muito nova, e muito sãa, depois que os Reinos se dividirão anda com a capa feita em retalhos. Oh quantos vemos vestidos hoje com o avesso da capa de Ahias! antes da divisão dos Reinos trazião a capa em retalhos, depois que os Reinos se dividirão, trazem huma capa muito nova, e muito sãa. Pois por certo, que esta era a occasião, em que as capas se havião de fazer em retalhos: hum retalho para cobrir o soldado, que anda despido; outro retalho para vestir o orfão, cujo pai morreo pelejando na campanha; outro retalho para fazer huma mantilha á viuva, que por zelo da patria chegou a tirar o manto, por não faltar á decima. Que diz agora Elias? *Quid dicis de te ipso?* Cortastes algum dia algum retalho da vossa capa? Tirastes algum fio della? Calar. Eis ahi os vossos zelos. Mas vamos aos nossos.

Já eu me contentára com que os nossos zelosos, ou zeladores fossem como Elias. Todos dizem, daremos as capas, mas o meños avarento he o que

guarda só a sua. Quando Elias se partio para o outro mundo, não teve de que testar mais, que da sua capa, que deixou a Eliseo. Se Deos hoje quizesse levar para o Paraiso terreal alguns dos valentes Elias do nosso Carmelo, para depois pelejarem com o Ante-Christo; eu vos prometto, que se quizessem fazer bem, e verdadeiramente seu testamento, que havião de testar de ametade das capas do lugar. E então muito comidos, e muito carcomidos do zelo: *Zelus domus tuæ comedit me!* (*Psal. 68. 10.*) Vós estareis comidos do zelo, mas estais muito bem comidos. Ha huns a quem o zelo come, e ha outros, que comem do zelo. E por onde se hão de conhecer huns, e outros? Tomando-lhes as medidas pela cintura. Se o zelo vos come a vós, a vossa substancia converte-se em zelo, e se vós comeis do zelo, o vosso zelo converte-se-vos em substancia. Oh quantos zelosos ha, que todo o seu zelo se lhes converte em substancia! Tomem-se as medidas, como dizia Roboão; e achar-se-ha, que sois mais grosso hoje pelo dedo meminho, do que ereis antigamente pela cintura. Bom proveito vos faça o zelo, que tão bem se vos logra: sinal he que o comeis vós a elle, e não elle a vós. Mas, ou o vosso zelo coma, ou jejue (que me não quero metter nisso); ao menos venhamos a hum partido. Se o zelo não ha de comer, jejue em todos, e se ha de comer,

coma de todos: seja o vosso zelo comvosco, e com os vossos, como com os demais, e não haverá quem se queixe delle.

Zeloso Elias contra os peccados do povo, chegou a tal extremo, que disse estas palavras: *Vivit Dominus, in cujus conspectu sto, si erit ros, aut pluvia.* (*3. Reg. 17. 1.*) Vive Deos, em cuja presença estou, que não ha de chover do Ceo, nem cahir huma gota de orvalho sobre esta má terra. Assim o jurou Elias, e assim o comprio, porque tres annos inteiros estiverão os Ceos como se fossem de bronze, sem os abrandarem, nem os clamores dos homens, nem os balidos, e mugidos dos animaes innocentes, que pastavão pelos campos, e pereclão de sede. Secárão se as fontes, secárão-se os rios, e até as lagrimas se secárão: sendo circunstancia cruel de calamidade, não poderem chorar o mal os mesmos que o padecião. Tudo isto via Elias podendo-o remediar facilmente; porque Deos lhe entregára na mão as chaves das nuvens; mas hia o rigor por diante. Tudo estava seco, mas as entranhas de Elias mais que tudo. Que se portasse com este rigor hum Profeta, não me espanto; que a quem conhece bem a graveza dos peccados, todo o castigo, que não he o eterno, lhe parece muito pouco. O que me espanta he, que soffressem os homens a Elias. He possivel, que se ha de estar abrazando o mundo, e que

tenha Elias em sua mão o remedio, e que o não queira dar! He possivel, que se esteja abrazando o mundo, e que não querendo Elias dar o remedio, que tem em sua mão, que soffrão os homens a Elias? Sim: Sabeis porque o soffrião? Porque ainda que Elias tinha as chaves, tanto fechava as fontes para si, como para os demais. Os outros estavão necessitados, e Elias andava mendigando; os outros estavão a ponto de morrer, e Elias vivia de milagre; os outros secavão-se á sede, e Elias abrazava-se, e mirrava-se. Isto sim, que he ser zeloso. Mas que na vossa casa corrão as fontes, e que nas outras se sequem! Que sobre as vossas seáras chovão as nuvens a rios, e que sobre as outras fira o Sol a raios! Isto não he zelo. Se o tempo pede que haja Sol, sequem-se todos: *Qui solem suum oriri facit super bonos, & malos.* (*Matth. 5. 45.*) E se he razão que haja chuva, molhem-se todos: *Qui pluit super justos, & injustos.* E se o mesmo zélo dictar, que entre os máos, e bons, entre os justos, e os injustos haja differença; haja differença, mas seja qual convém: o mal carregue para os máos, mas seja para todos os máos: e o bem incline para os bons, mas seja para todos os bons. Esta he a condição do verdadeiro zelo. *Dura sicut infernus æmulatio:* (*Cant. 8. 6.*) diz o Espirito Santo: que o zelo he como o Inferno. Notavel comparação! O zelo huma

virtude tanto do Ceo ha de comparar-se ao Inferno? Sim: não conheceis as virtudes do Inferno. Sabeis porque se compara o zelo ao Inferno? Porque o Inferno he hum fogo, que a nenhum bom offende, e a nenhum máo perdôa. Mas o fogo do vosso zelo não he assim: entre os máos tem seus predestinados, a quem não toca, e entre os bons tem seus precitos, a quem abraza. Oh rigor mais que infernal! Não vos digo já, que sejais como os Santos do Paraiso: ao menos não sereis como o fogo do Inferno? E então muito prezados de Elias! quando muito tereis a sua capa. Elias foi-se para o Ceo, e deixou a Eliseo a sua capa. O zelo foi-se, e ficou a capa do zelo. E quantas maldades se commettem debaixo desta honrada capa!

Levou Deos hum dia em espirito ao Profeta Ezechiel a Hierusalem; e o que vio o Profeta foi huma parede, ou fachada, em que estava hum idolo do zelo: *Et ecce idolum zeli in ipso introitu.* (*Ezech. 8. 5.*) Cuidas tu, Ezechiel, diz Deos, que não ha aqui mais, que o que apparece; ora rompe essa parede, e verás. Rompeo a parede Ezechiel, entrou, e vio huma casa, em que estavão pintadas pelas paredes cobras, lagartos, basiliscos, serpentes, e outros monstros horriveis, e no meio setenta homens de cans, que com thuribulos na mão os incensavão: *Et septuaginta viri de senioribus domus Israel, stan-*

tium ante picturas, & unusquisque habebat thuribulum in manu sua. (*Ezech. 8. 11. 14.*) Adiante, diz Deos a Ezechiel: Passa Ezechiel outra parede: *Et ecce sedébant mulieres plangéntes Adonidem*, e vio muitas mulheres assentadas, que estavão chorando por Adonis. Sabida he a fabula, ou a historia de Adonis, e as gentilidades, que nascêrão de sua gentileza: e por este estavão chorando vestidas de luto, e desgrenhadas. Por diante, Ezechiel, diz Deos terceira vez. Passa Ezechiel a terceira parede: *Et ecce quasi viginti quinque viri dorsa habéntes contra templum Domini:* (*Ibid. 16.*) e vio vinte e cinco homens, que estavão com as costas viradas para o Templo do Senhor: *Et facies ad Orientem, & adorabant ad ortum solis:* E todos estavão com os olhos postos no Oriente, e com os joelhos em terra adorando ao Sol, que nascia. Eis-aqui o que Deos mostrou a Ezechiel, e o que passa no mundo, ainda que se não veja. Se olhardes aos homens para as primeiras paredes, não vereis mais, que hum idolo do zelo: tão zelosos, e tão zeladores, que parecem huns idolatras do zelo: mas detrás dessa parede do zelo, que he o que se faz? Huns estão chorando por Adonis: outros estão adorando o Sol, que nasce: outros estão incensando Altares prohibidos; e muitos ainda mal com as costas viradas para o Templo de Deos. Por fóra não ha mais que zelo: mas den-

tro ha cobras, e lagartos; ha basiliscos, e serpentes; ha monstros, e monstruosidades; ha cousas, que estão fechadas a tres paredes. Elias por fóra, idolatrias por dentro. Se houvesse quem rompesse paredes, ó quantas cousas havia de vêr o mundo! Este he o zelo, estes são os zelosos, estes são os Elias: *Elias es tu.*

§ VI.

Ouvida a resposta do Bautista, que não era Elias, instárão terceira vez os Embaixadores, e perguntárão: *Propheta es tu!* (*Joann. 1. 21.*) Já que não sois Elias, ao ménos sois Profeta? A esta pergunta respondeo o Bautista ainda mais seca, e mais abreviadamente: *Non:* Não: Já sabeis, que havemos de fazer a mesma pergunta na nossa terra. *Propheta es tu? quid dicis de te ipso?* Vós, que tantas cousas dizeis de vós, sois tambem Profeta? *Propheta, & plusquam Propheta.* Os vossos discursos são vaticinios: as vossas proposições são revelações: os vossos dictames são profecias: os vossos futuros não tem contingencia: o que succede depois he tudo o que dissestes antes: tendes intelligencias na secretaria do Espirito Santo: não se decreta lá cousa, que se não registe primeiro comvosco. Basta isto? Ainda tendes mais. Se se tratão materias de estado, sois hum Profeta Daniel: se se tratão materias de

guerra, sois hum Profeta Isaias: se se tratão materias de mar, sois hum Profeta Jonas: se se tratão materias Ecclesiasticas, sois hum Profeta Ezechiel: se fazeis advertencias aos Reis, sois hum Profeta Nathan: se chorais as calamidades do povo, sois hum Profeta Jeremias: se pedis soccorros ao Ceo, sois hum Profeta Baruc: e se tendes algum interesse, como tendes muitos, sois hum Profeta Balaão. Muitas graças sejão dadas a Deos, que nos deo tantos Profetas na nossa idade. Não debalde estão pronosticadas tantas felicidades ao nosso Reino. Não poderá elle deixar de ser muito glorioso, tendo dentro em si tantos, e taes Profetas. Christo Senhor nosso nasceo entre dous animaes, morreu entre dous ladrões, e transfigurou-se entre dous Profetas: entre dous animaes esteve pobre; entre dous ladrões esteve crucificado; entre dous Profetas esteve glorioso. Tenhão os Reis, Profetas ao lado, e elles terão seguras as suas glorias. Mas que Profetas? Moysés, e Elias: hum morto, outro vivo, mas ambos do outro mundo. Ora já que importa tanto ao Reino o ter Profetas; examinemos o *Propheta es tu*, e vejamos por onde se hão de conhecer os verdadeiros Profetas.

Primeiramente advirto, que os Profetas não se hão de conhecer, nem avaliar pelo numero. Ainda que sejão mais os que dizem huma cousa, nem por

isso se hão de ter por Profetas. Ouvi huma grande historia do terceiro livro dos Reis. Havendo tres annos, que ElRei Acab estava em paz com todas as nações vizinhas, entrou em pensamento se iria fazer guerra a ElRey de Syria, o qual lhe tinha tomado a Cidade, e terras de Ramoth Galaad. Para isto chamou conselho de Profetas, e diz o Texto sagrado, que se ajuntárão quatrocentos Profetas: *Congregavit Rex Israel Prophetas, quadringentos circiter viros.* (*3. Reg. 22. 6*) A proposta foi esta: *Ire debeo in Ramoth Galaad ad bellandum, an quiescere?* Devo ir fazer guerra a Ramoth Galaad; ou aquietarme? E a razão da proposta era: *An ignoratis quòd nostra sit Ramoth Galaad, & negligimus tollere eam de manu Regis Syriæ?* (*Ibid. 3.*) Que as terras de Ramoth erão daquella Corôa, e que parecia negligencia não as recuperarem da mão dos Syrios. Ouvida a proposta, e a razão d'ella, respondêrão todos os Profetas a huma voz, que se fizesse a guerra, que Deos daria a Sua Magestade victoria: *Ascende, & dabit eam Dominus in manu tua.* (*Ibid. 6.*) Com este bom annuncio dos Profetas resolveo Acab de fazer a guerra; mas para entrar nella com ventagem, pedio a ElRei Josaphat seu confederado, que o quizesse ajudar na empresa. Disse Josaphat, que sim: mas que se houvesse algum Profeta do Senhor, folgaria que o consultassem tambem. Respondeo Acab,

que alli havia hum Micheas, homem, a quem elle aborrecia muito, porque sempre lhe fallava contra o gosto, e nunca lhe profetizára bem: *Remansit vir unus; sed ego odi eum, quia non prophetat mihi bonum, sed malum.* (*Ibid. 8.*) Levou-se logo recado a Micheas, que viesse, e diz o Texto, que o que deo o recado disse a Micheas, que supposto que ElRei tinha quatrocentos Profetas, que lhe aconselhavão a guerra, que fosse elle tambem da mesma opinião, e que fallasse ao gosto: *Sit sermo tuus similis eorum, & loquere bona.* (*Ibid. 13. 14.*) Que responderia Micheas? O que deve fazer em semelhantes casos todo homem de bem: *Vivit Dominus, quia quodcumque mihi dixerit Dominus, hoc loquar.* Vive Deos, que não hei de dizer outra cousa, senão o que o mesmo Deos me inspirar, e o que entender em minha consciencia.

Finalmente chegou Micheas á presença dos Reis: propôz-se-lhe o caso: respondeo, que se não fizesse a guerra, porque se havia de perder o Rei, e o exercito. Notavel encontro de Profetas! Que vos parece, que devia fazer Acab neste caso, por huma parte quatrocentos Profetas, que aconselhavão, que fizesse a guerra, e por outra hum Profeta, dizendo que a não fizesse? Resolveo ElRei Acab o que eu lhe aconselhára nas circunstancias presentes, ainda que fôra da opinião de Micheas. Mandou, que se

fizesse a guerra; e isto por tres razões. Primeira, porque havia muitos annos, que estava em paz com todos os Principes vizinhos: e quando as armas estão desembaraçadas, e ociosas, he bem que se empreguem nas gloriosas empresas. Segunda, porque as terras de Ramoth Galaad pertencião á sua Corôa: e as terras da Corôa hão de fazer os Reis o possivel, e o impossivel, por que não estejão em mãos de inimigos. Cada torrão das terras conquistadas, se se espremer, ha de deitar muito sangue de vassallos, e o que custou este preço, não se ha de dar por nenhum preço. Terceira, e principal razão, porque ainda que as razões de Micheas fossem boas, estavão pela outra parte quatrocentos Profetas, a quem parecia o contrario: e nas materias públicas he bem, que se conformem os Reis, quando puder ser, com o sentimento commum. Só por esta ultima razão (quando não houvera outras) aconselhára eu a Acab, que nas circunstancias presentes fizesse a guerra: e isto ainda depois de ouvir a Micheas, em cujo parecer não havia risco; porque os dictames práticos devem-se mudar todas as vezes, que se mudão as circunstancias. O Medico, conforme os preceitos da arte, manda que se corte o braço encancerado, porque se salve o corpo; mas se o enfermo repugna, e não se accommoda, tem a medicina outro dictame prático, com que manda appli-

car remedios menos violentos, ainda que sejão menos seguros. Confórme á este dictame seguio ElRei Acab o parecer dos quatrocentos Profetas, resolveo que se fizesse a guerra: tocão-se as trombetas, marcha o exercito, dá-se a batalha sobre Ramoth: mas a poucas horas de peleja ficou o exercito desbaratado, e Acab perdido. Notavel caso! Vêde como são diversos os successos, e os juizos humanos; e a differença que vai de Profetas a Profetas. De huma parte estavão quatrocentos Profetas, da outra parte estava hum só Profeta: o Rei inclinou para a parte, onde estavão quatrocentos, e o successo cahio para a parte, onde estava hum. Por isso digo, que as profecias não se hão de julgar pelo numero. As profecias chamão-se na Escritura peso: *Onus Ninive*, *Onus Assyriæ*, *Onus Ægypti*. Peso de Ninive, quer dizer, profecia de Nivive; peso de Assyria, quer dizer, profecia de Assyria; peso de Egypto, quer dizer, profecia de Egypto. Os profetas hão-se de pesar, não se hão de contar. Os quatrocentos Profetas contados erão mais que Micheas, Micheas pesado era mais que os quatrocentos.

§ VII.

Supposto pois que os Profetas se não hão de conhecer pelo numero, por onde se hão de conhecer?

Por tres cousas: pelos olhos, pelo coração, e pelos successos. Conhecem-se os verdadeiros Profetas pelos olhos, porque o vêr he o fundamento do profetizar. Os profetas na Escritura chamão se *Videntes:* os que Vêm. Só os que vêm são Profetas. Assim como a mais nobre profecia sobrenatural consiste na visão: assim a mais certa profecia natural consiste na vista. Só quem vio póde profetizar naturalmente com certeza. E a razão he muito clara. A profecia humana consiste no verdadeiro discurso; o discurso verdadeiro não se póde fazer sem todas as noticias; e todas as noticias só as póde ter quem vio com os olhos. Nenhuma cousa houve mais assentada na antigoidade, que ser inhabitavel a Zona torrida: e as razões, com que os Filosofos o provavão, erão ao parecer tão evidentes, que ninguem havia, que o negasse. Descobrirão finalmente os Pilotos, e marinheiros Portuguezes as costas da Africa, e da America, e soubérão mais, e filosofárão melhor sobre hum só dia de vista, que todos os Sabios, e Filosofos do mundo em cinco mil annos de especulação. Os discursos de quem não vio, são discursos: os dictames de quem vio, são profecias.

O outro sinal da profecia he o coração; porque confórme cada hum tem o coração, assim profetiza. Os antigos quando querião pronosticar o futuro, sacrificavão os animaes, consultavão-lhes as

entranhas, e confórme o que viáo nellas, assim pronosticavão. Não consultavão a cabeça, que he o assento do entendimento, senão as entranhas, que he o lugar do amor; porque não pronostica melhor quem melhor entende, senão quem mais ama. E este costume era geral em toda Europa antes da vinda de Christo; e os Portuguezes tinhão huma grande singularidade nelle entre os outros gentios. Os outros consultavão as entranhas dos animaes, os Portuguezes consultavão as entranhas dos homens. Assim o diz Strabo no livro terceiro: *Lusitanis vetus mós erat ex intestinis hominum exta prospicere, atque inde omina, & divinationes captare. (Strab. lib. 3.)* Era costume dos antigos Portuguezes (diz Strabo) consultar as entranhas dos homens, que sacrificavão, e dellas conjecturar, e adevinhar os futuros. A superstição era falsa, mas a allegoria era muito verdadeira. Não ha lume de profecia mais certo no mundo, que consultar as entranhas dos homens. E de que homens? De todos? Não: Dos sacrificados. As entranhas dos sacrificados erão as que consultavão os antigos: primeiro fazião o sacrificio, então consultavão as entranhas. Se quereis profetizar os futuros, consultai as entranhas dos homens sacrificados: consultem-se as entranhas dos que se sacrificárão, e dos que se sacrificão; e o que ellas disserem, isso se tenha por profecia. Porém

consultar entranhas de quem não se sacrificou, nem se sacrifica, nem se ha de sacrificar; he não querer profecias verdadeiras: he querer cegar o presente, e não acertar o futuro.

O ultimo sinal de conhecer os Profetas, são os successos. No Deuteronomio prometteo Deos a seu Povo, que lhe daria Profetas; e o sinal que lhe deo para os conhecer, foi só este: *Hoc vobis signum: quod Propheta prædixerit, & non evenerit, hoc Dominus non est locutus:* (*Deut. 18. 22.*) Quando duvidardes de algum se he Profeta, ou não, observareis esta regra: Se o que elle disser antes, succeder depois, tende-o por verdadeiro Profeta: mas se o que elle disser não succeder, tende-o por Profeta *falso*. Não póde haver sinal, nem mais facil, nem mais certo. Sabeis a quaes haveis de ter por Profetas? Sabeis de quáes haveis de cuidar, que acertarão com os futuros? aquelles de quem tiverdes experiencia, que tudo, ou quasi tudo, o que disserão antes, veio a succeder depois. Este dictame seguio Faraó com Joseph; Nabucodonosor com Daniel, e todos os Principes prudentes com seus conselheiros. Mas assim como ha Profetas de antes, assim ha Profetas de depois. Ha muitos mui prezados de Profetas, que depois de acontecerem os máos successos, então profetizão pelo arrependimento, o que fôra melhor ter profetizado antes pelo discurso.

Este foi hum dos tormentos da Paixão de Christo. Atárão a Christo hum pano pelos olhos, davão-lhe com as mãos sacrilegas na sagrada cabeça, e dizião por escarneo, que profetizasse quem lhe dêra: *Prophetiza nobis Christe, quis est qui te percussit.* (*Matth. 26. 68.*) Profetizar depois de levar na cabeça, he profecia de quem tem os olhos tapados: he escarneo da Paixão de Christo. Não haveis de profetizar quem vos deo, senão quem vos póde dar; porque he melhor reparar os golpes, que curá-los: e se o successo mostrar, que a profecia foi certa, a quem a disser tende-o por Profeta: *Propheta es tu.*

§ VIII.

Cansados finalmente os Embaixadores de lhes responder o Bautista, que não era Messias, nem Elias, nem Profeta; pedirão-lhe finalmente, que pois elles não acertavão a perguntar, lhes dissesse elle quem era. A esta instancia não póde deixar de deferir o Bautista. E que vos parece que responderia? *Ego sum vox clamantis in deserto*: (*Joan. 1. 23.*) Eu sou huma voz, que clama no deserto. Verdadeiramente não entendo esta resposta. Se os Embaixadores perguntárão ao Bautista o que fazia, então estava bem respondido, com a voz, que clamava no deserto; porque o que o Bautista fazia no deserto,

era dar vozes, e clamar: mas se os Embaixadores perguntavão ao Baptista quem era, como lhes responde elle o que fazia? Respondeo discretissimamente. Quando lhe perguntavão quem era, respondeo o que fazia; porque cada hum he o que faz, e não he outra cousa. As cousas definem-se pela essencia: o Baptista definio-se pelas acções; porque as acções de cada hum são a sua essencia. Definio-se pelo que fazia, para declarar o que era.

Daqui se entenderá huma grande dúvida, que deixámos atrás de ponderar. O Baptista perguntado se era Elias, respondeo, que não era Elias: *Non sum.* E Christo no Capitulo onze de S. Matheus disse, que o Baptista era Elias: *Joannes Baptista ipse est Elias.* (*Matth. 11. 14.*) Pois se Christo diz, que o Baptista era Elias, como diz o mesmo Baptista, que não era Elias? Nem o Baptista podia enganar, nem Christo podia enganar-se: como se hão de concordar logo estes Textos? Muito facilmente. O Baptista era Elias, e não era Elias: não era Elias, porque as pessoas de Elias, e do Baptista erão diversas: era Elias, porque as acções de Elias, e do Baptista erão as mesmas. A modestia do Baptista disse, que não era Elias, pela diversidade das pessoas: a verdade de Christo affirmou, que era Elias, pela uniformidade das acções. Era Elias, porque fazia acções de Elias. Quem faz acções de Elias,

he Elias: quem fizer acções de Bautista, será Bautista: e quem as fizer de Judas, será Judas. Cada hum hé as suas acções, e não he outra cousa. Oh que grande doutrina esta para o lugar em que estamos! Quando vos perguntarem quem sois, não vades revolver o nobiliario de vossos avôs, ide vêr a matricula de vossas acções. O que fazeis, isso sois, e nada mais. Quando ao Bautista lhe perguntárão quem era, não disse que se chamava João, nem que era filho de Zacharias: não se definio pelos pais, nem pelo appellido. Só de suas acções formou a sua definição: *Ego vox clamantis.*

Muito tempo ha, que tenho dous escandalos contra a nossa Grammatica Portugueza nos vocabulos do nobiliario. A Fidalguia chamão-lhe qualidade, e chamão-lhe sangue. A qualidade he hum dos dez predicamentos, a que reduzirão todas as cousas os Filosofos. O sangue he hum dos quatro humores, de que se compõe o temperamento do corpo humano. Digo pois, que a chamada fidalguia não he sómente qualidade, nem sómente sangue; mas he de todos os dez predicamentos, e de todos os quatro humores. Ha fidalguia, que he sangue, e por isso ha tantos sanguinolentos: ha fidalguia, que he melancolia, e por isso ha tantos descontentes: ha fidalguia, que he cólera, e por isso ha tantos mal soffridos, e insoffriveis: e ha fidalguia, que he flei-

ma, e por isso ha tantos que prestão para tão pouco. De maneira, que os que adoecem de fidalguia, não só lhes pecca a enfermidade no sangue, senão em todos os quatro humores. O mesmo passa nos dez predicamentos. Ha fidalguia, que he substancia; porque alguns não tem mais substancia, que a sua fidalguia: ha fidalguia, que he quantidade; são fidalgos, porque tem muito de seu: ha fidalguia, que he qualidade; porque muitos não se póde negar, são muito qualificados: ha fidalguia, que he relação; são fidalgos por certos respeitos: ha fidalguia, que he paixão; são apaixonados de fidalguia: ha fidalguia, que he *ubi;* são fidalgos, porque occupão grandes lugares: ha fidalguia, que he sitio; e desta casta he a dos Titulos, que estão assentados; e os outros em pé: ha fidalguia, que he habito; são fidalgos, porque andão mais bem vestidos: ha fidalguia, que he duração; fidalgos por antiguidade. E qual destas he a verdadeira fidalguia? Nenhuma. A verdadeira fidalguia he Acção. Ao predicamento da acção he que pertence a verdadeira fidalguia. *Nam genus, & proavos, & quæ non fecimus ipsi, vix ea nostra voco,* disse o grande Fundador de Lisboa [1]. As acções generosas, e não os pais illustres, são os que fazem fidalgos. Cada hum he suas acções, e não he mais,

[1] *Ulysses apud Ovidium Metam.*

nem menos, como o Bautista: *Ego vox clamantis in deserto.*

§ IX.

Desta doutrina tão verdadeira, e desta ultima conclusão do Bautista, tiro dous documentos, com que acabo: hum politico, outro espiritual. Digo politicamente, que nas acções se hão de fundar as eleições: Digo espiritualmente, que nas acções se devem segurar as predestinações. As eleições ordinariamente fundão-se nas gerações, e por isso se acertão tão poucas vezes. Não nego, que a nobreza, quando está junta com talento, deve sempre preceder a tudo; mas como os talentos Deos he o que os dá, e não os pais; não se devem fundar as eleições nas gerações, senão nas acções. Este dictame he o verdadeiro em todo o tempo, e muito mais no presente. No tempo da paz póde-se soffrer, que se dêm os lugares ás gerações; mas no tempo da guerra, não se hão de dar senão ás acções. Vio o Profeta Ezechiel no primeiro Capitulo das suas revelações aquelle carro mysterioso, por que tirávão quatro animaes, Homem, Leão, Boi, e Aguia: no Capitulo decimo tornou a vêr o mesmo carro com os mesmos animaes, mas com a ordem trocada; porque na primeira visão tinha o primeiro lugar o Homem; na segunda visão tinha o primeiro logar o Boi. No-

tavel mudança! Que o Homem na primeira visão se anteponha ao Leão, á Aguia, e ao Boi, muito justo; porque o fez Deos senhor de todos os animaes; mas que o Boi, que foi creado para o trabalho, e para o arado, se anteponha a tres cabeças coroadas: ao Homem, Rei do mundo, ao Leão, Rei dos animaes, á Aguia, Rainha das aves! Sim: a razão litteral, e a melhor, que dão os Expositores, he esta. Na primeira visão estava o carro dentro do Templo; na segunda visão sahio o carro á campanha: *Egressa est gloria Domini de limine Templi:* (*Ezech. 10. 18.*). e quando o carro está quieto, dê-se embora o primeiro lugar a quem melhor he, mas quando o carro caminha, ha-se de dar o primeiro lugar a quem melhor puxa: e porque o Boi puxava melhor, que o Homem, por isso se deo o primeiro lugar ao Boi. Quando o carro estiver no templo da paz, dêm-se embora os lugares a quem melhor fôr; mas em quanto o carro estiver na campanha, hão-se de dar os lugares a quem melhor puxar.

E assim como politicamente he bem, que nas acções se fundem as eleições, assim espiritualmente digo, que nas acções se hão de segurar as predestinações. S. Pedro na Epistola segunda: *Fratres, satagite, ut per bona opera certam vestram vocationem, & electionem faciatis.* (*2. Petri 1. 10.*) Irmãos meus (diz S. Pedro) trabalhai com grande diligen-

cia de fazer certa a vossa vocação, e predestinação por meio das vossas acções. Se perguntarem a hum homem: *Tu quis es?* Quanto ao temporal, em qualquer materia póde responder com certeza: se perguntarem a hum homem: *Tu quis es?* Quanto ao espiritual, ninguem ha no mundo, que possa responder a esta pergunta. Cada hum de nós espiritualmente he o que ha de ser: o que ha de ser cada hum, ninguem o sabe: e assim ninguem ha, que possa responder com certeza á pergunta: *Tu quis es?* A maior miseria, a maior perplexidade, a maior afflicção de espirito, que ha na vida humana, he saber hum homem, que ha de ser, ou eternamente ditoso, ou eternamente infelice, e não saber qual destas duas ha de ser: não saber hum homem se he precito, ou se he predestinado. A este maior de todos os cuidados, a esta maior de todas as perplexidades acode S. Pedro com o unico remedio, que ella póde ter: *Satagite, ut per vestra bona opera certam vestram electionem facialis.* Se quereis ter segurança de vossa predestinação, a maior que sem revelação se póde ter nesta vida; appellai para vossas acções, e vossas boas obras: fazei obras boas, e estai moralmente seguros, que sois predestinados. Este he o verdadeiro entendimento das palavras de S. Pedro: e assim as explica S. Thomás, e todos os Theologos. Oh que felicidade tão grande, que tenha-

mos nas nossas obras hum seguro de nossa predestinação! Na outra vida ha-nos de pagar Deos as boas obras com a posse da gloria: nesta vida já no-las começa a pagar com a segurança della. Ora, Christãos, já que nas nossas acções, já que nas nossas obras está depositado hum thesouro tão grande, não o percamos. *Satagite*, trabalhemos por segurar nossa predestinação. Appliquemo-nos muito de véras á observancia dos preceitos divinos: rompamos por tudo o que nos póde ser estorvo, e impedimento: conheçamo-nos, e conheçamos o mundo, e seus enganos: quebremos com huma grande resolução os laços, e as cadêas, que nos detem, quaesquer que sejão: convertamo-nos de todo coração a Deos: disponhamo-nos com todas as forças para receber sua graça, e seguremos para sempre o prémio da Gloria.

SERMÃO

DA

QUARTA DOMINGA DO ADVENTO

Factum est verbum Domini super Joannem, & venit in omnem regionem Jordanis, prædicans baptismum pœnitentiæ in remissionem peccatorum. Luc. 3.

§ I.

Sem que eu o diga está dito por si mesmo, que havemos de ter hoje o quarto juizo. No primeiro Sermão vimos o juizo de Deos para com os homens: no segundo vimos o juizo dos homens huns para com os outros: no terceiro vimos o juizo de cada hum para comsigo mesmo. Mas qual será o quarto, e ultimo juizo, que nos resta hoje para vêr? Nem he juizo de si mesmo, nem he juizo dos homens, nem he juizo de Deos: he o juizo destes tr e

juizos. Todos os tres juizos, que vimos, vem hoje chamados a juizo. Levanta neste Evangelho o Baptista o tribunal supremo da Penitencia: *Prædicans baptismum pœnitentiæ in remissionem peccatorum:* e assenta-o com grande propriedade, e mysterio nas ribeiras do Jordão: *In omnem regionem Jordanis;* porque Jordão quer dizer: *Fluvius Judicii:* o Rio do Juizo. A vêr-se nas aguas deste rio, a presentar-se diante deste tribunal vem hoje os tres juizos, cada hum por suas causas. O juizo de si mesmo vem por suspeições; porque o damos por suspeito: o juizo dos homens vem por aggravo; porque aggravamos delle: o juizo de Deos vem por appellação; porque appellamos de Deos para a nossa penitencia. Todos estes juizos hão de ser julgados hoje, e espero que hão de sahir bem julgados; porque debaixo do juizo da Penitencia, o juizo de si mesmo emenda-se; o juizo dos homens despreza-se; o juizo de Deos revoga-se. Assim que o juizo de si mesmo emendado: o juizo dos homens desprezado: o juizo de Deos revogado: he o que havemos de vêr hoje.

Tenho proposto (catholico, e nobilissimo Auditorio) a materia deste ultimo Sermão. E se nos passados mereci alguma cousa a vossos entendimentos *(quod sentio quàm sit exiguum)* quizera que mo pagassem hoje vossos corações. Aos corações determino prégar hoje, e não aos entendimentos. Christo

soberano exemplar dos que prégão sua palavra, comparou os Prégadores aos que lavrão, e semêão: *Exiit qui seminat seminare: semen est verbum Dei.* (*Luc. 8. 5. 11.*) O ultimo Sermão he o Agosto dos Prégadores: se se colhe algum fruto, neste Sermão se colhe. Mas quando eu vejo, que hoje nos torna a repetir o Bautista, que clamava em deserto: *Vox clamantis in deserto;* (*Luc. 3. 4.*) que confiança póde ficar a qualquer outro Prégador, que não desmaie: ou que palavras pódem ser tão fortes, e efficazes as suas, que antes de as pronunciar a voz, não emmudeção? Lembra-me porém, que para Christo converter hum homem, que o tinha negado tres vezes, porque se dignou de lhe pôr os olhos, bastou a voz irracional, e nocturna de huma Ave, cujas azas apenas a levantão da terra, para o restituir outra vez ao caminho do Ceo. Tanto póde hum *respexit* dos olhos divinos. Assim he, Senhor, assim he. E posto que este indigno ministro de vossa palavra seja tão deproporcionado instrumento para obra tão grande: se os olhos de vossa piedade, e clemencia se puzerem nos que me ouvem, e hum raio de vossa vista lhes ferir as almas; não desespero, antes confio de vossa graça, que as soberanas influencias de sua luz farão o que pódem, e o que costumão. *Qui respicit terram, & facit eam tremere:* (*Psal. 103. 32.*) olhai vós, Senhor, que ainda que sejamos de terra insen-

sivel, e dura, nós tremeremos de vos offender. *Aspexit, & dissolvit gentes:* (*Hab. 3. 6.*) olhai vós, Senhor, que ainda que fossemos gentios sem fé, e não Christãos, os nossos corações se farão de cera, e se derreterão. Neste dia pois, em que nos não resta outro, accendei a frieza de minhas palavras, e alumiai as trévas de nossos entendimentos, de sorte, que resolutamente desenganados, façamos hoje hum inteiro, e perfeito juizo, de vós, de nós, e do mundo: de vós, para que vos conheçamos, e vos amemos: de nós, para que nos conheçamos, e nos humilhemos: do mundo, para que o conheçamos, e o desprezemos.

§ II.

Ora venhão entrando os tres juizos, para serem examinados, e julgados no tribunal da Penitencia: o juizo de si mesmo, para que se emende, o juizo dos homens, para que se despreze, o juizo de Deos, para que se revogue: e comecemos pelo que nos fica mais perto.

No tribunal dos Areopagitas em Athenas costumavão entrar os réos com os rostos cobertos. Assim entra, e se presenta diante do tribunal da Penitencia, o juizo de si mesmo. Entra com os olhos tapados, porque não ha juizo mais cégo. A cegueira do juizo, e amor proprio he muito maior, que a ce-

gueira dos olhos: a cegueira dos olhos faz que não vejamos as cousas, a cegueira do amor proprio faz que as vejamos differentes do que são: que he muito maior cegueira. Trouxerão hum cégo a Christo, para que o curasse: pôz-lhe o Senhor as mãos nos olhos, e perguntou-lhe se via? Respondeo: *Video homines velut arbores ambulantes*, (*Marc. 8. 24.*) que via andar os homens como arvores. Pergunto, e quando estava este homem mais cégo, agora, ou antes? Agora não ha duvida, que tinha alguma vista, mas esta vista era maior cegueira, que a que dantes tinha; porque dantes não via nada, agora via huma cousa por outra, homens por arvores: e maior cegueira he vêr huma cousa por outra, que não vêr nada. Não vêr nada he privação, vêr huma cousa por outra he erro. Eis-aqui porque sempre erra o juizo proprio: eis-aqui porque nunca acabamos de nos conhecer. Porque olhamos para nós com os olhos de hum mais cégo que os cégos, com huns olhos que sempre vêm huma cousa por outra, e as pequenas lhe parecem grandes. Somos pouco maiores que as hervas, e fingimo-nos tão grandes como as arvores: somos a cousa mais inconstante do mundo, e cuidamos, que temos raizes: se o inverno nos tirou as folhas, imaginamos que no-las ha de tornar a dar o verão, que sempre havemos de florecer, que havemos de durar para sempre. Isto somos, e isto cuidamos.

E que faz a penitencia para emendar este juizo tão sem juizo? Que faz a penitencia para alumiar este cégo tão cégo? Duas cousas. Tira-lhe o véo dos olhos: e mette-lhe hum espelho na mão. Tira-lhe o véo dos olhos, como pedia o peccador a Deos: *Revela oculos meos:* (*Psalm. 118. 18.*) mette-lhe hum espelho na mão, como dizia Deos ao peccador: *Statuam te contra faciem tuam:* (*Psalm. 49. 21.*) Pôr-vos-hei a vós diante de vós. Nenhuma cousa trazemos os homens mais esquecida, e desconhecida, nenhuma trazemos mais detrás de nós, que a nós mesmos. E que faz o juizo da penitencia? Põe-nos a nós diante de nós: *Statuam te contra faciem tuam.* Põem-nos a nós diante de nós, como a réos diante do tribunal, para que nos julguemos: põe-nos a nós diante de nós, como objecto diante do espelho, para que nos vejamos. Cousa difficultosa he, que homens tão derramados nas cousas exteriores, cheguem a se vêr interiormente, como convém. Mas isso faz a penitencia por hum de dous modos, ambos maravilhosos: ou voltando-nos os olhos de fóra para dentro, para que nos vejão; ou virando-nos a nós mesmos de dentro para fóra, para que nos vejamos.

Quando Deos quiz converter aquelle tão desvanecido Rei Nabucodonosor, para que se descesse de seus soberbissimos pensamentos, e conhecesse o que era; o primeiro passo por onde o encaminhou á pe-

nitencia, foi transformá-lo em bruto. Sobre o modo desta transformação ha variedade de pareceres entre os Doutores: huns dizem, que foi imaginaria, outros, que foi verdadeira: e posto que este segundo modo he mais conforme ao Texto; de ambos podia ser. Se foi transformação imaginaria, voltou Nabucodonosor os olhos para dentro de si mesmo, e vio tão vivamente o que era, que desde aquelle ponto se não teve mais por homem, senão por bruto, e como tal se tratava. Se foi transformação verdadeira, converter Deos em bruto a Nabucodonosor, não foi outra cousa, que virá-lo de dentro para fóra, para que mostrasse por fóra na figura o que era por dentro na vida. Oh quão outro se imaginava este grande Rei antes do que agora se via! Dantes não se contentava com ser homem, e imaginava-se Deos: agora conhecia que era muito menos que homem, porque se via bruto entre os brutos. Se voltarmos os olhos para dentro de nós, ou se Deos nos virára a nós mesmos de dentro para fóra, que differente conceito havia de fazer cada hum de si, do que agora fazemos! Mas sigamos os passos deste novo monstro, e vê-lo-hemos, e vêr-nos-hemos. Andou pascendo aquelle bruto racional o primeiro dia de sua transformação entre os animaes: lá pela tarde teve sede: foi-se chegando sobre quatro pés á margem de hum rio, e quando reconheceo no espelho

das aguas a deformidade horrenda de sua figura, valha-me Deos, que assombrado ficaria de si mesmo! Provaria primeiro fugir de si; mas como se visse atado tão fortemente áquelle tronco bruto, remetteria a precipitar-se na corrente: e se Deos o não tivesse mão, que o queria trazer por aquelles campos de Babylonia para exemplo eterno de soberbos, alli ficaria sepultado, primeiro em sua confusão, e depois na profundidade do rio. Que rio he este, senão o rio Jordão, *Fluvius Judicii:* Rio do juizo? E quem he este Nabucodonosor assim transformado, senão o peccador, bruto com razão, e sem uso della, que anda pascendo nos campos deste mundo entre os outros animaes, mais animal que elles? Só huma differença ha entre nós, e Nabucodonosor, que elle quiz fugir de si, e não pôde, nós ainda podemos, se quizermos. Chega emfim o peccador a vêr-se nas aguas deste rio, espelhos naturaes, e sem adulação: vê de repente o que nunca tinha visto: vê-se a si mesmo. Oh que assombro! He possivel, que este sou eu? Tal fealdade, tal horror, tal bruteza, taes deformidades ha em mim? Sim: e muito maiores. Esse sois, e não o que vós cuidaveis. Vêde se diz esse retrato com o que vós tinheis formado de vós mesmo no vosso pensamento; vêde bem, e considerai muito devagar nesse espelho o rosto, e as feições interiores da vossa alma:

vêde bem esses olhos, que são as vossas intenções: esses cabellos, que são vossos pensamentos: essa boca que são as vossas palavras: essas mãos, que são as vossas acções, e as vossas obras: vêde bem se diz essa imagem com a que tendes na vossa idéa: vêde se se parece o que vêdes com o que imaginaveis: vêde se vos conheceis: vêde se sois esse, ou outro: *Tu quis es*?

§ III.

Sabeis porque andamos tão vangloriosos, e tão desvanecidos de nós mesmos? Porque trazemos os olhos por fóra, e a nós por dentro: porque não nos vêmos. Se nos víramos interiormente como somos, se consideráramos bem a deformidade de nossos peccados; oh que differente conceito haviamos formar de nós! Tão desvanecidos de illustres, tão desvanecidos de Senhores, tão desvanecidos de poderosos, tão desvanecidos de discretos, tão desvanecidos de gentis homens, tão desvanecidos de sabios, tão desvanecidos de valentes, tão desvanecidos de tudo: porque? Porque vos não vêdes por dentro. Dizei-me vós, que huma vez puzesseis bem os olhos em vossos peccados: oh como havieis de emendar todos estes epithetos! Nenhum homem houve no mundo, que mais se pudesse prezar de si, que David; porque nelle ajuntou a natureza, a fortuna, e

a graça tudo o que repartio pelos grandes homens: e com tudo nenhum homem achareis mais humilde, nem menos prezado de si mesmo, antes mais desprezador de si, que David. E donde cuidais, que lhe vinha isto? *Peccatum meum contra me est semper:* (*Psalm. 50. 5.*) estava David sempre olhando para seus peccados, e vendo-os, e vendo-se nelles. *Quasi peccatorum imagines contemplando:* commenta S. João Chrysostomo. Estava David contemplando os seus peccados, como se estivera vendo, e considerando as imagens, e retratos de suas acções. Não ha dúvida, que muitas peças do Palacio de David, pelo verão nas pinturas, pelo inverno nos tapizes, estarião ornadas com as famosas historias de suas façanhas. Não deo tanta materia ás artes Hercules em seus trabalhos, como David em suas victorias. Mas não erão estas as vistas, em que se entretinha aquelle grande Rei, nem estas as galarias, em que hia passear. Em contraposição daquellas pinturas (sigamos assim a consideração de Chrysostomo) mandou fabricar David outra galaria, chamada de suas fraquezas, e nella pintar em diversos quadros, não as famosas, mas as lastimosas historias de seus peccados. Aqui vinha passear David: aqui tinha o bom Rei as suas meditações: e aqui alcançava a maior de todas suas victorias, que foi o conhecimento de si mesmo.

Quasi peccatorum imagines contemplando: Vamos com David considerando peccados, e mudando epithetos. Punha os olhos David em hum quadro, via a historia de Bethsabee, e dizia comsigo: He possivel, que me tenha o mundo por Profeta, e que não antevisse eu, que de huma vista se havia de seguir hum pensamento, de hum pensamento hum desejo, e de hum desejo huma execução tão indigna de minha pessoa, e de meu estado! Não me chamem mais Profeta, chamem-me cégo. He possivel, que sou eu tido no mundo pelo valente da fama, e que bastou huma mulher para me vencer, e para que eu deixasse a guerra, e não sahisse á campanha naquelle tempo, em que costumavão andar os Reis armados diante de seus exércitos: *Eo tempore, quo solent Reges ad bella procedere!* (*Paral. 20. 1.*) Não me chame ninguem valente, chamem-me fraco. Dava dous passos adiante David, punha os olhos noutro quadro, via a historia de Urias: como dava a carta a Joab, e como apparecia logo morto nos primeiros esquadrões, e victoriosos os inimigos. He possivel, que me prézo eu de Principe verdadeiro, e qué mandei commetter huma aleivosia tão grande debaixo de minha firma; e que a hum vassallo tão fiel, depois de lhe tirar a honra, lhe tirei tambem a vida enganosamente! Não me terei mais por verdadeiro, senão por fementido. He possivel, que me fez Deos

Rei do seu Povo, para lho conservar, e defender, e que consolo eu a nova da rota do meu exercito, com a nova da morte de Urias; e que pésa mais na minha estimação a liberdade de hum appetite, que a perda de tão fieis, e valerosos soldados! Não me chamem Rei, chamem-me tyranno. Hia por diante David, contemplava outro quadro, via o caso de Nabal Carmelo: como mandára tirar a vida a tudo o que em sua casa a tivesse, e como depois lhe concedia perdão pelos rogos de sua mulher Abigail. He possivel, que eu sou o celebrado de benigno, e piedoso, e mando tirar a vida a hum homem, porque não quiz dar sua fazenda aos fugitivos, que me seguem! Eu sou o que domei os Leões, e os Ussos no deserto, e não pude domar hum impeto de ira dentro em mim mesmo! Não me chamarei mais humano, chamar-me-hei féro. He possivel, que me préze eu de inteiro, e que sendo tão justificada a causa de Nabal, ao menos não digna de castigo não bastasse para me aplacar a sua justiça, patrocinada só de si mesma: e que depois representada por Abigail, pudesse mais hum memorial acompanhado do seu rosto, que da sua razão! Não me chamarei inteiro, chamar-me-hei respectivo. Dava mais passos adiante David, via noutro quadro a historia de Siba: como accusava a Mifiboseth seu Senhor, como tomava posse da fazenda, e como depois de

provada a calúmnia, lhe mandára restituir só ametade. He possivel, que me prézo eu de considerado, e que pelo dito de hum criado, sem mais informação, nem figura de juizo, declaro a Mifiboseth, filho do Rei meu antecessor, por réo de lesa Magestade, e lhe confisco a fazenda, e a dou ao mesmo accusador! Não me terei mais por prudente, senão por temerario. He possivel, que tenho eu opinião de recto, e que depois de averiguada a calumnia, e provada a innocencia, deixo ao traidor com ametade dos bens, e não mando, que se restituão todos ao innocente! Não me terei mais por recto, senão por injusto. Eis-aqui como David pelos retratos de seus peccados hia mudando os seus epithetos, e emendando o juizo de si mesmo; e tendo em si tanta materia para a vaidade, achava tanta para os desenganos.

Christãos (e não digo Senhores, porque quizera que vos prezasseis mais de Christãos) ponha-se cada hum diante das imagens de seus peccados, *Peccatorum imagines contemplando:* cuide, e considere nellas hum pouco, e verá como as idéas antigas, que tinha na fantasia, se lhe vão despintando, e como muda, e emenda o juizo errado, que de si mesmo fazia. Todos vos prezais de honrados, todos vos prezais de valerosos, todos vos prezais de entendidos, todos vos prezais de sisudos: quereis emendar esses epithetos? Vi-

dar. E que succedeo? Deo-se elle, e deo a todos seus filhos por huma maçãa. Se nos vendemos tão baratos, porque nos avaliamos tão caros? Já que vos estimais tanto, não vos deis por tão pouco; e pois vos dais por tão pouco, não vos tenhais por mais. Não he razão, que se avalie tão alto no seu pensamento, quem se vende tão baixo no seu peccado.

Agora entendereis o espirito, e a prudencia de David, em pôr diante dos olhos as imagens de seus peccados: *Peccatorum imagines contemplando:* quando para se excitar a contrição, e conhecimento de sua miseria, parece que como Profeta pudera representar diante de si outra imagem, que mais o movêra. Não movêra mais a David huma imagem de Christo crucificado, pois elle sabia mui bem, que Deos havia de morrer em huma Cruz por aquelles mesmos peccados? Digo que não: e vêde a razão por que o digo. Muito melhor me conheço eu diante da imagem de hum peccado, que diante da imagem de hum Christo crucificado. Quando estou diante da imagem de Christo crucificado, parece que tenho razões de me ensoberbecer, porque vejo o preço, por que Deos me comprou; mas quando me ponho diante da imagem de hum peccado, não tenho senão razões de me humilhar, porque vejo o preço, por que eu me vendi. Quando vejo, que Deos me compra com todo o seu sangue, não posso deixar de cuidar, que

sou muito; mas quando vejo, que eu me vendo pelos nadas do mundo, não posso deixar de crêr que sou nada. Eis-aqui a que se reduz, e como se desengana o juizo de si mesmo, quando se vê como em espelho na imagem de seus peccados: e assim o muda, assim o emenda o juizo da penitencia: *Predicans baptismum pœnitentiæ.*

§ V.

O juizo de si mesmo (como acabamos de vêr) emenda-se: e o juizo dos homens? despreza-se. Entra pois o juizo dos homens a presentar-se diante do tribunal da Penitencia: e não vem com os olhos vendados, como o juizo de si mesmo; mas com todos os sentidos, e com todas as potencias livres, e muito livres; porque com todas julga a todos. Traz livres os olhos, porque julga tudo o que vê: traz livres os ouvidos, porque julga tudo o que ouve: traz livre a lingua, porque publica tudo o que julga: e traz livre mais que tudo a imaginação, porque julga, e condemna tudo o que imagina.

Mas que faz a penitencia para desprezarmos este idolo tão adorado, tão temido, e tão respeitado no mundo? Que faz, ou que póde fazer a penitencia, para que não façamos caso, sendo homens, do juizo dos homens? Com abrir, ou fechar hum sentido faz

a penitencia tudo isto. Para o juizo de si mesmo abre-nos os olhos: para o juizo dos homens, fecha-nos os ouvidos. No dia da Paixão chovião testemunhos, e blasfemias contra Christo; e o Senhor, como se nada ouvíra. Assim lho disse admirado Pilatos: *Non audis quanta adversum te dicunt testimonia?* (*Matt. 27. 13.*) Não ouves quantos testemunhos dizem contra ti? Não ouvia Christo, porque ouvia, como se não ouvíra. O Senhor naquelle dia hia satisfazer pelos pecccados nossos, que fizera seus; e quem trata de satisfazer a Deos por peccados, não tem ouvidos para o que contra elle dizem os homens: *Ego autem tanquam surdus non audiebam.* (*Psalm. 37. 14.*) Digão os homens, julguem os homens, condemnem os homens o que quizerem, e quanto quizerem; que quem trata de véras da satisfação de seus peccados, quem trata de véras de ser bem julgado de Deos, não se lhe dá do juizo dos homens. Sabeis porque fazemos tanto caso dos juizos humanos, porque não somos verdadeiros penitentes. Se a nossa penitencia, se o nosso arrependimento fôra verdadeiro, que pouco caso haviamos de fazer de todas as opiniões do mundo.

Peccou David o peccado de Bethsabee, e Urias: ao cabo de algum tempo veio o Profeta Nathan a advertí-lo do grande mal que tinha feito: reconheceo David sua culpa: disse: (*Peccavi,* (*2. Reg. 12. 13.*)

Pequei; e no mesmo ponto por parte de Deos o absolveo o Profeta do peccado: *Dominus quoque transtulit peccatum tuum.* (*Ibid.*) Peccou Saul o peccado de desobediencia, reservando do despojo de Amalec para o sacrificio: veio tambem o Profeta Samuel adverti-lo de quanto Deos sentira aquella culpa: conheceo-a Saul: disse: *Peccavi*, Pequei; mas nem o Profeta respondeo, que estava perdoado, nem Deos lhe concedeo perdão. He este hum dos notaveis casos, que tem a Escritura, considerada a semelhança de todas as circunstancias delle. David era Rei, Saul tambem era Rei; David peccou, Saul peccou; a David veio amoestar hum Profeta, a Saul veio amoestar outro Profeta; David disse: *Peccavi*, Pequei; Saul disse: *Peccavi*, Pequei. Pois se os casos em tudo fôrão tão semelhantes, como perdôa Deos a David, e não perdôa a Saul? Se hum *Peccavi* basta a David, a Saul, porque lhe não bastou hum *Peccavi*? A razão litteral, que dão todos os Doutores, he; que o *Peccavi* de David foi dito de todo o coração, o *Peccavi* de Saul foi dito sómente de boca: a penitencia de David, foi penitencia verdadeira, a penitencia de Saul foi penitencia falsa. Muito bem dito: mas donde se prova? Donde se prova, que foi falsa a penitencia de Saul, donde se prova, que o seu *Peccavi* foi dito de boca, e não de coração? Não o dizem os Doutores, mas eu o direi, ou o dirá o Texto. Quan-

do David disse: *Peccavi;* não fallou mais nada. Quando Saul disse: *Peccavi;* acrescentou estas palavras: *Peccavi: sed honora me coram senioribus populi mei, & coram Israel. (1. Reg. 15. 30.)* Pequei: mas vós, Samuel, tratai de minha reputação, e honrai-me com os grandes, e povo de meu Reino. Ah sim, Saul, e vós depois de dizer *Peccavi*, depois de vos pordes em estado de penitente, ainda vos lembra reputaç o, ainda fazeis caso do que dirão, ou não dirão de vós os homens? Sinal he logo, que não he verdadeira a vossa penitencia, e que aquelle *Peccavi* nasceo na boca, e não no coração. Quem chega a estar verdadeiramente penitente, quem chega a estar verdadeiramente arrependido, como estava David, não lhe lembrão mais, que os seus peccados: *Peccavi:* não se lhe dá do que julgão, nem do que dizem os homens.

§ VI.

As razões desta verdade são muitas, e grandes, ouví as da minha tibieza, que a quem tiver melhor espirito lhe occorrerão outras mais, e maiores. O verdadeiro penitente, elle mesmo se accusa, e se condemna: que se lhe dá logo, que digão outros o que elle confessa de si? Que importa, que outros levem o pregão, quando eu mesmo executo o castigo? Quem se confessa por Réo, não lhe fazem aggravo

as testemunhas. Se hum homem está verdadeiramente arrependido, se conhece verdadeira, e profundamente suas culpas, nunca ninguem dirá delle tanto mal, que elle se não julgue por muito peor. E quem se vê julgado mais benignamente do que suas culpas merecem, antes tem razão de agradecer, que de queixar-se. Por isso os grandes penitentes não se queixávão das injúrias. Julgue, e diga o mundo o que quizer, que nunca poderá dizer tanto mal, quanto eu sei de certo, que ha em mim.

Nenhuma cousa deseja mais hum verdadeiro penitente, que tomar vingança êm si das injúrias de Deos: e como o juizo dos homens se põe da parte desta vingança, antes nos ajuda, que nos offende. Quem se não aborrece a si, diz Christo, não me póde servir a mim. Oh como se aborrece a si, e como se aborrece de si, hum verdadeiro penitente! E que se me dá a mim, que seja bem, ou mal julgado, quem eu aborreço? Se eu conheço verdadeiramente a deformidade de minhas culpas, não hei de aborrecer mais a quem as fez, que a quem as diz?

O verdadeiro penitente só huma cousa estima, e só huma cousa teme nesta vida: só estima o que póde dar graça de Deos, e só teme o que a póde tirar. E como o juizo dos homens não póde dar, nem tirar graça de Deos, que se lhe dá ao penitente do juizo dos homens? O juizo dos homens, quando

muito lhe dêmos, poderá fazer mal, mas não póde fazer máos. Se eu sou bom, por mais que me julguem mal os homens, não me pódem fazer máo. Se eu sou máo, por mais que me julguem bem os homens, não me pódem fazer bom; e como o juizo dos homens não tem poder para fazer máos, nem bons, que caso ha de fazer deste juizo o verdadeiro penitente, o qual só huma cousa deseja, que he ser bom, e só de huma cousa lhe peza, que he ter sido máo.

Feche todas estas razões huma maior que todas. O juizo dos homens por mais que vos condemnem, póde-vos impedir o Céo, ou levar-vos ao Inferno? Não. Ponde agora de huma parte todos os juizos dos homens, e da outra os vossos peccados, e perguntai-vos a vós mesmo, quaes destes deveis mais temer. Os juizos dos homens, ainda que fação todo o mal, que pódem, nem pódem dar Inferno, nem tirar Paraiso: os peccados, ainda que acheis nelles todos os falsos bens, que vos promettem, só elles tirão Paraiso, e dão Inferno. E como o verdadeiro penitente está vendo, que só os seus peccados o pódem tirar do Paraiso, e levá-lo ao Inferno; que caso ha de fazer dos juizos dos homens? Dos peccados sim, e só dos peccados, porque só por elles o póde condemnar Deos. E quem teme, que o póde condemnar Deos, não se lhe dá, que o condemnem os homens.

§ VII.

Supposta a verdade desta doutrina, que poucos, e que poucas penitentes verdadeiras deve haver hoje no mundo, onde tanto se trata só de agradar, e contentar aos homens! Vejão-no os homens em David, e as mulheres na Magdalena. David, que pouco caso fez das injúrias de Semei! Disse Semei a ElRei David em seu proprio rosto as injúrias, que se não puderão dizer ao mais vil homem: quizerão remetter logo a elle os que acompanhavão ao Rei, para lhe tirarem a lingua, e a vida: e que fez David? Têve mão nelles, para que o deixassem dizer. As injúrias são a musica dos penitentes: tal hia David naquelle passo descalço, e chorando seus peccados. Quem conhece, que tem offendido a Deos, nenhuma cousa o offende. Assim desprezava David o juizo dos homens.

Da Magdalena quem o poderá explicar com a ponderação, que merece? Huma senhora tão principal em Jerusalem, tão servida, tão estimada, tão dada á vaidade, e galas; quem a visse com o toucado desprendido, com o vestido sem concerto, pela rua sem companhia, em casa do Fariseo sem reparo, toda fóra de si (ou toda dentro em si, porque toda era coração naquella hora), os cabellos descompostos, o

alabastro quebrado, os olhos feitos dous rios, lançada aos pés de Christo, abraçando-os, e abraçando-se com elles; que diria? Valha me Deos, Senhora, que mudança he esta? Não vêdes quem sois? Não vêdes o que fazeis? Não vêdes o que dirão os homens? Não: nada vejo, que quem vio seus peccados, não lhe ficão olhos para vêr outra cousa. Não vejo o que sou, porque vi o que fui; não vejo o que faço, porque vi o que fazia. Já vi tudo o que havia de vêr nesta vida, e prouvera a Deos, que não tivera visto tanto. Já não faço caso dos homens, nem dos juizos: digão o que quizerem.

Tres vezes foi a Magdalena julgada, e condemnada dos homens. Julgou-a, e condemnou-a o Fariseo, chamando-lhe peccadora: *Quia peccatrix est*: (*Luc. 7. 39*) Julgárão na, e condemnárão-na os Apostolos, chamando-lhe esperdiçada: *Ut quid perditio hæc*: (*Matth. 26. 8.*) Julgou-a, e condemnou-a sua irmãa, chamando-lhe ociosa: *Reliquit me solam ministrare. (Luc. 10. 40.)* Tudo isto ouvio sempre a Magdalena, mas nunca se lhe ouvio huma palavra: como se respondêra com o seu silencio: Condemnem-me embora os Fariseos, condemnem-me os Apostolos, condemnem-me os de que menos se podia esperar, os irmãos. Nos Fariseos condemne-me a malicia, nos Apostolos condemne-me a virtude, na irmãa condemne-me a mesma natureza; que a quem tem maiores causas para

sentir, não lhe dão cuidado essas. Quando as dôres são iguaes, sentem-se todas, quando huma he maior, suspende as outras. A dôr dos peccados, se he verdadeira, he a maior dôr de todas, porque tem maiores causas, e a quem verdadeiramente lhe doem seus peccados, nenhuma outra cousa lhe doe. A setta que ferio o coração, defende de todas as settas; porque ainda que achem corpo, já não achão sentimento: faça os tiros que quizer o juizo dos homens, que se o coração está ferido de Deos, ou não offendem, ou não magoão. O amor he hum sentimento, que faz insensiveis: por isso se compára á morte. A morte faz insensivel a quem mata, o amor insensivel a quem ama. Quem trata só de amar a Deos, só sente havê-lo offendido: a tudo o mais he insensivel.

Exemplos tinha em si mesma a Magdalena, e pûdera-se argumentar a si comsigo. Que importa parecer mal aos homens, se eu parecer bem a Deos? Que importa parecer mal aos demais, se eu parecer bem a quem amo? Quantas vezes nas minhas loucuras segui os desprezos deste dictame? E será bem, que seja agora menos animoso meu amor, e menos resoluto? Se eu não reparei no que dirião os homens para offender a Deos; repararei agora no que dizem, ou no que dirão para o buscar? Não reparei em que dissessem, que era peccadora, e repararei em que digão, que sou arrependida? Já que soffri, que mur-

murassem o peccado, não he menos, que calumniem a emenda?

Isto dizia o silencio da Magdalena as tres vezes, que a condemnárão os homens. E he muito de notar, que de todas estas tres vezes esteve a Magdalena aos pés de Christo. Oh que grande remedio são os pés de hum Christo para hum homem se lhe não dar dos juizos dos homens! E se isto fazião os pés de Christo vivo, quanto mais os pés de hum Christo morto, e crucificado! He possivel, Senhor, que estejais nessa Cruz julgado, e condemnado, sendo a mesma innocencia, e eu não soffrerei ser julgado, e condemnado, sendo peccador! Se a vós vos julgão, e condemnão pelos meus pecados, porque hei de sentir eu, que me julguem, e me condemnem pelos meus? Em vós estou adorando as injúrias, e as affrontas, e em mim não as hei de soffrer? Para vos offender, e me perder, não reparei no que dirião os homens, e para vos amar, e me salvar, repararei no que dirão? Não he isso o que vós me ensinais nessa Cruz.

Ouvi huma cousa grande, em que parece, que mudou de condição Deos. Quando Deos quiz castigar o povo no deserto, allegou-lhe Moysés o que dirião os Egypcios: *Ne, quæso, dicant Ægyptii;* (*Exod. 32. 12.*) e deixou o Senhor de os castigar. Quando Josué teve a primeira rota na terra de Promissão,

allegou a Deos o que dirião os Cananeos: *Quid facies magno nomini tuo?* (*Josue. 7. 9.*) e continuou o Senhor a favorecê-lo. Quando o Reino de Israel estava mais afflicto, representou David a Deos o que dirião as Gentes: *Ne forte dicant in Gentibus;* (*Psalm. 78. 10.*) e cessou a afflicção. De maneira, que o remedio, que tinhão os Patriarcas antigos para alcançar de Deos o que querião, era allegar-lhe hum *Ne dicant*, o que dirão os homens. Determina Deos de vir á terra a remir, e salvar o mundo; e se alli se achasse Moysés, Josué, ou David com o espirito profetico, que tinhão, parece que puderão fazer a Deos a mesma réplica. Como assim, Senhor? Quereis ir ao mundo? Quereis apparecer entre os homens? E não reparais no que dirão, e he certo, que hão de dizer de vós? Hão de dizer, que sois hum Samaritano, e endemoninhado: *Samaritanus es tu, & Dæmonium habes;* (*Joan. 8. 48.*) hão de dizer, que sois hum blasfemo: *Blasphemavit;* (*Matth. 26. 65.*) hão de dizer, que sois hum enganador: *Seductor ille;* (*Matth. 27. 63.*) hão de dizer, que sois hum perturbador da Republica: *Subvertentem gentem nostram;* (*Luc. 23. 2.*) hão de dizer, que tendes pacto com o demonio: *In Beelzebub Principe Dæmoniorum ejicit Dæmonia;* (*Luc. 11. 15.*) hão de dizer, que vos não podeis salvar: *Se ipsum non potest salvum facere;* (*Matth. 27. 42.*) hão de dizer finalmente

infinitos opprobrios contra vós: *Saturabitur opprobriis.* (*Thren. 3. 30.*) Mais. Ha-se de levantar hum Arrio, que ha de dizer, que não sois consubstancial ao Padre; ha-se de levantar hum Manicheo, que ha de dizer, que não sois homem; ha-se de levantar hum Nestorio, que ha de dizer, que não sois Deos; ha-se de levantar hum Calvino, que ha de dizer, que não estais no Santissimo Sacramento; hão-se de levantar infinitos Heresiarcas outros, que hão de dizer contra vossa Divindade, e Humanidade infinitas blasfemias. Pois se Deos estava prevendo tudo isto; e se antigamente podia tanto com Deos o que dirião os homens; porque agora faz tão pouco caso do que dirão? Porque antigamente encontrava-se o que dirão dos homens com o nosso castigo, agora encontrava-se com o nosso remedio; e quando o que dirão dos homens se encontra com o nosso castigo, deixa Deos de castigar pelo que dirão: mas quando o que dirão dos homens se encontra com o nosso remedio, pelo que dirão os homens, não deixa Deos de salvar. Vá por diante o negocio da salvação, e digão os homens o que quizerem. Christãos, ha alguns de nós tão pussillanimes, que por medo do que dirão os homens deixamos de fazer muitas cousas, que importão á nossa salvação. Deos nos livre de huma covardia como esta. Façamos por nossa salvação, o que Deos fez pela nossa. Deos por me sal-

var a mim, não fez caso do juizo dos homens, e será bem que o faça eu? Faça-se tudo o que fôr necessario á salvação, e digão os homens o que quizerem. Que importa ser bem julgado dos homens, se vós não vos salvais? E se vós vos salvais, que importa ser mal julgado dos homens? Eis-aqui como o juizo dos homens se despreza no juizo da Penitencia: *Prædicans baptismum Pœnitentiæ.*

§ VIII.

Emendado no juizo da Penitencia o juizo de si mesmo, e desprezado o juizo dos homens; resta só por julgar o juizo de Deos, que como temos dito ha de sahir revogado neste juizo. Os outros dous juizos entrarão a ser julgados, e apparecerão diante do tribunal da Penitencia. Do juizo de Deos não sei como me atreva a dizer outro tanto. Não he o juizo de Deos aquelle juizo supremo, que não só não reconhece superior, mas nem póde ter igual no Ceo, nem na terra? Não he o juizo de Deos, de que fallamos, aquelle ultimo, e universal juizo, onde sem appellação, nem aggravo, se hão de absolver, ou condemnar para toda a eternidade aquelles, que nelle forem julgados, que hão de ser todos os homens? Pois como póde ser, que haja outro tribunal no mundo, em que a sentença deste juizo se revogue; ou como póde ser revogar-se?

O como veremos logo: agora vejamos entrar o juizo de Deos, e presentar-se diante do tribunal da Penitencia, acompanhado de toda aquella grandeza, e temerosa Magestade, que no ultimo dia do mundo o fará horrivel, e tremendo. Não traz diante as varas, e secures Romanas, insignias da suprema justiça, e autoridade; mas traz aquella espada de dous gumes: *Gladius ex utraque parte acutus:* (*Apocalyp. 1. 16.*) que significão as duas penas de damno, e de sentido, a que só o juizo de Deos, e nenhum humano, póde condemnar não só os corpos, mas tambem os espiritos. Oh que autoridade tão severa! oh que urdição tão horrenda! oh que instrumentos tão formidaveis! Se assim faz tremer o juizo de Deos quando apparece a ser julgado, que será quando vier a julgar!

Mas que faz a Penitencia, ou que póde fazer para revogar este tão absoluto, e tão independente juizo? Faz quasi o mesmo que para os demais. Para emendar o juizo de si mesmo, abre-nos os olhos: para desprezar o juizo dos homens, tapa-nos os ouvidos: para revogar o juizo de Deos, volta-nos o coração. Em dando huma volta o coração, está o juizo de Deos revogado. Falla o Profeta Joel á letra do juizo final de Deos: descreve o Sol, a Lua, e as Estrellas escurecidas, e o Ceo, e a terra tremendo á sua vista: *A facie ejus contremuit terra, moti sunt Cœli: Sol,*

& Luna obtenebrati sunt, & Stellæ retraxerunt splendorem suum: (*Joel. 2. 10.*) descreve os exercitos innumeraveis de Anjos armados de rigor, e obediencia, de que o Senhor sahirá acompanhado como executores de sua justiça, e vingança: *Dominus dedit vocem suam ante faciem exercitûs sui, quia multa sunt nimis castra ejus, quia fortia, & facientia verbum ejus*: (*Ibid. 11.*) descreve finalmente a grandeza, e terribilidade daquelle temeroso dia: *Magnus enim dies Domini, & terribilis valdè*: (*Ibid. 11.*) e perguntando quem haverá no mundo, que o possa supportar: *Et quis sustinebit eum*? conclue com estas palavras: *Nunc ergo, dicit Dominus, convertimini ad me in toto corde vestro*. Vêdes todos estes apparatos, todos estes rigores, todos estes assombros de ira, de justiça, de vingança? com dar huma volta ao coração está tudo acabado. Voltai o coração a mim, ou voltai-vos a mim com o coração, diz Deos, e toda a sentença que estiver fulminada contra vós neste meu juizo, ficará revogada: *Nunc ergo, dicit Dominus, convertimini ad me in toto corde vestro*. Notai o *nunc ergo:* pelo que agora: de maneira que a penitencia ha de ser agora, e o juizo ha de ser depois. Esta differença ha entre o juizo de Deos, e o juizo dos homens: no juizo dos homens appella-se depois, no juizo de Deos appella-se antes. *Nunc ergo:* Agora, agora, Christãos; que

ffranos: e nem a casa que dantes estava para cahir fez movimento algum. Passou assim a primeira hora, passou a segunda, passou o dia todo, e Jonas a bemvesse, e a pasmar. Que he isto, Senhor? Que he da fe de vossas palavras? Que he da verdade de vossos Profetas? Não estava determinado no tribunal de vossa [illegible] que Nínive fosse subvertida por seus [illegible]? Não estava assinado [illegible] para a execução? [illegible] Pois como [illegible] quarenta dias? [illegible] cumprimento? Co- [illegible] por terra? [illegible] determinado: e se [illegible]? Por- [illegible] tão discretos, [illegible] sentença do juizo de [illegible] da Penitencia. E [illegible] do tribunal da Peniten- [illegible] de Deos se sentenceia, no [illegible] Deos superior, por- [illegible] assim como [illegible] que no juizo de [illegible] de Deos se pu- [illegible] da Penitencia se [illegible] juizo da Peniten-

cia sobre o mesmo juizo de Deos (por excesso de misericordia sua) que o que no juizo de Deos se condemna, no juizo da Penitencia póde-se absolver, mas o que no juizo da Penitencia se absolve, no juizo de Deos não se póde condemnar. Bemdito seja elle: *Qui dedit potestatem talem hominibus.* (*Matth. 9. 8.*)

Tudo o que tenho dito he litteral; mas ouçamos para maior confirmação a S. Paulino: *Ninivitæ meruerunt denuntiatum evadere excidium, quia se spontaneis luctibus cruciando divinam sententiam prævenerunt sua.* Os Ninivitas, diz S. Paulino, impedirão a execução do castigo, que já lhes estava denunciado, porque condemnando-se a voluntaria penitencia, prevenirão a sentença de Deos com a sua. De maneira, que por beneficio da Penitencia póde mais a sentença, que os Ninivitas derão contra si, que a sentença, que Deos tinha dado contra elles: *Divinam sententiam prævenerunt sua.* Oh grande dignidade! oh grande soberania da Penitencia! No juizo final de Deos (ide notando comigo grandes differenças, e grandes excellencias do juizo da Penitencia sobre o juizo de Deos), no juizo final de Deos, não he licito appellar de hum attributo divino para outro attributo. Não he licito appellar da justiça de Deos para a sua misericordia: no juizo da Penitencia, he licito appellar da justiça de Deos

firmes: e nem a casa que dantes estava para cahir fez movimento algum. Passou assim a primeira hora, passou a segunda, passou o dia todo, e Jonas a benzer-se, e a pasmar. Que he isto, Senhor? Que he da fé de vossas palavras? Que he da verdade de vossos Profetas? Não estava determinado no tribunal de vossa divina justiça, que Ninive fosse subvertida por seus enormes peccados? Não estava assinado o termo preciso de quarenta dias, para a execução? Não estava notificada por vosso mandado esta sentença? Não sou eu o que a publiquei? Pois como agora falta tudo isto? Como passão os quarenta dias? Como fica a minha profecia sem cumprimento? Como fica Ninive em pé, e a vossa palavra por terra? Se o dissestes, foi porque o tinheis decretado; e se o tinheis decretado, porque não se executou? Porque o Rei, e Povo de Ninive fôrão tão discretos, que sendo-lhes notificada a sentença do juizo de Deos, appellárão para o tribunal da Penitencia. E he tão superior a jurdição do tribunal da Penitencia, que o que no juizo de Deos se sentencêa, no juizo da Penitencia se revoga. Disse superior, porque se estes dous juizos fôrão iguaes, assim como no juizo da Penitencia se absolve, o que no juizo de Deos se condemna; assim no juizo de Deos se pudera condemnar, o que no juizo da Penitencia se absolvesse: mas he tão superior o juizo da Peniten-

cia sobre o mesmo juizo de Deos (por excesso de misericordia sua) que o que no juizo de Deos se condemna, no juizo da Penitencia póde-se absolver, mas o que no juizo da Penitencia se absolve, no juizo de Deos não se póde condemnar. Bemdito seja elle: *Qui dedit potestatem talem hominibus.* (*Matth. 9. 8.*)

Tudo o que tenho dito he litteral; mas ouçamos para maior confirmação a S. Paulino: *Ninivitæ meruerunt denuntiatum evadere excidium, quia se spontaneis luctibus cruciando divinam sententiam prævenerunt sua.* Os Ninivitas, diz S. Paulino, impedirão a execução do castigo, que já lhes estava denunciado, porque condemnando-se a voluntaria penitencia, prevenirão a sentença de Deos com a sua. De maneira, que por beneficio da Penitencia póde mais a sentença, que os Ninivitas derão contra si, que a sentença, que Deos tinha dado contra elles: *Divinam sententiam prævenerunt sua.* Oh grande dignidade! oh grande soberania da Penitencia! No juizo final de Deos (ide notando comigo grandes differenças, e grandes excellencias do juizo da Penitencia sobre o juizo de Deos), no juizo final de Deos, não he licito appellar de hum attributo divino para outro attributo. Não he licito appellar da justiça de Deos para a sua misericordia: no juizo da Penitencia, he licito appellar da justiça de Deos

gará mais cedo, a outros mais tarde, mas a todos muito brevemente. Esta he a consideração mais poderosa de todas, para nos mover á penitencia. Façamos penitencia, Christãos, não nos ache a morte impenitentes. Nenhum Christão ha, que não diga, que ha de fazer penitencia, mas nenhum a quer começar logo, todos a deixão para o fim da vida: *Prædicans baptismum pœnitentiæ in remissionem peccatorum.* O Bautista prégava bautismo de penitencia para remissão dos peccados. Se queremos remissão de peccados, tomemos a penitencia como bautismo. Todos queremos a penitencia como Extrema-Unção, lá para o fim da vida: não se ha de tomar senão como bautismo, que não he licito dilatá-lo a quem tem fé. Se tendes fé como não fazeis penitencia? E se tendes proposito de a fazer, e de vos converter a Deos, para quando a dilatais? *Si aliquando cur non modò?* dizia S. Agostinho. Se me hei de converter em algum tempo, esse tempo porque não será hoje? Esta pergunta não tem resposta. Nem o mesmo Santo Agostinho lha achou, nem os Aristoteles, nem os Platões, nem os Anjos do Ceo, nem o mesmo Demonio do Inferno lha póde achar jámais para nos enganar.

Christãos da minha alma, sobre tantos juizos, bem he que venhamos a contas. Se me ouve algum, que esteja resoluto de não se converter jámais, não

fallo com elle; mas se tendes propositos de vos converter: *Si aliquando cur non modo?* Se tendes propositos, e dizeis, que vos haveis de converter depois, porque o não fazeis agora? Que motivos haveis de ter depois, que agora não tenhais? Apertemos bem este ponto: estai comigo. Que motivos de vos converter haveis de ter depois, que agora não tenhais? Se depois haveis de fazer verdadeira penitencia, a qual não póde ser verdadeira, sem verdadeira contrição; ha-vos de pezar de ter offendido a Deos por ser elle quem he; pois Deos hoje não he o mesmo, que ha de ser depois? Não he a mesma Magestade, não he a mesma grandeza, não he a mesma omnipotencia? Não he tão bom, não he tão amavel, como ha de ser então? Pois se então o haveis de amar, porque o não amais agora? De maneira, peccador, que Deos então ha de sêr digno de ser amado sobre todas as cousas, e agora he digno de ser offendido em todas? *Si aliquando cur non modò?* Mais: se depois vos haveis de arrepender bem, e verdadeiramente, he força que vos peze de todo o coração de vos não haverdes arrependido agora: pois que loucura he estardes agora fazendo por vosso gosto, e por vossa vontade aquillo mesmo, que nesta hora estais propondo de vos pezar depois de todo coração? Ou então vos ha de pezar, ou não: se vos não ha de pezar, condemnais-vos; e

se vos ha de pezar, e propondes de vos pezar, porque o fazeis? Se vos ha de pezar depois do presente, porque vos não peza agora do passado? *Si aliquando cur non modo?* Mais: se os motivos de vosso arrependimento não hão de ser contrição perfeita, nem amor de Deos sobre todas as cousas, senão temor das penas do Inferno sómente: *Si aliquando cur non modo?* Se por temor do Inferno vos haveis de arrepender então, porque vos não arrependeis agora por temor do Inferno? Por ventura fostes já ao Inferno, e perguntastes pela idade dos que lá estão ardendo? Se no Inferno não ardem senão os homens de setenta, e de oitenta annos, guardai embora a vossa emenda para essa idade; mas se ao Inferno se vai de sete annos, porque se ha de guardar a emenda para os setenta? Pois se as mesmas razões, e os mesmos motivos, que havemos de ter depois, temos agora, se então não havemos de ter nenhuma cousa mais, que agora, salvo mais peccados que chorar, e mais culpas de que nos arrepender: *Si aliquando cur non modo?*

Mas até agora imos argumentando em huma supposição, que eu não quero conceder daqui por diante, porque vos quero desenganar de todo. Quem diz: *Si aliquando cur non modo:* se vos haveis de converter depois, porque vos não converteis agora; suppõe que se vos não converterdes agora, que vos

haveis de converter depois. Eu não quero admittir tal supposição; porque quero mostrar o contrario. Christãos, se vos não converterdes agora, ordinariamente fallando, não vos haveis de converter depois. Dê-me licença S. Agostinho para trocar a sua pergunta, e apertar mais a difficuldade. S. Agostinho diz: *Si aliquando cur non modò*: se nos havemos de converter depois, porque não nos convertemos agora? Eu digo: *Si non modo cur aliquando*? Se não nos convertemos agora, porque cuidamos, que nos havemos de converter depois? As razões, que haveis de ter depois para vos converter, todas essas, e muito maiores tendes agora: pois se estas razões não bastão para vos converter agora: como hão de bastar humanamente para vos converter depois? A força desta razão fez enforcar a Judas. Fez Judas comsigo este discurso: maiores motivos do que eu tive para me converter, não são possiveis, porque tive o mesmo Christo a meus pés: pois se Christo a meus pés não foi bastante motivo para me converter; não me fica que esperar, venha hum laço. Christãos, eu não quero desesperar a ninguem, nem quero dizer, que a salvação não he possivel em todo tempo: o que só vos quero persuadir, he o que dizem todas as Escrituras, e todos os Santos. Que os que deixão a penitencia para a hora da morte, ou para o fim da vida, tem muito arriscada sua salva-

ção, porque raramente se salvão: *Si non modo cur aliquando?* Se não vos converteis agora, que tendes vida, como vos haveis de converter depois, quando póde ser, que a não tenhais? Dizeis, que vos não converteis agora, mas que vos haveis de converter depois: e se o depois for agora? Se morreredes no estado presente, se não chegardes a esse depois, que ha de ser de vós? Quantos amanhecêrão, e não anoitecêrão! Quantos se deitárão á noite, e não se levantárão pela manhãa? Quantos postos á mesa os afogou hum bocado! Quantos indo por huma rua os sepultou huma ruina! A quantos levou huma bala não esperada! Quantos endoudecêrão de repente! A quantos veio a febre junta com o deliriol A quantos hum espasmo, a quantos huma apoplexia: a quantos infinitos accidentes outros, que ou tirão o uso da razão, ou a vida! Todos estes cuidavão, que havião de morrer huma morte ordinaria, como vós cuidais: e quem vos deo a vós seguro, de que vos não ha de succeder o mesmo? *Si non modo cur aliquando?* Se agora que estais sãos com o uso livre de vossos sentidos, e potencias, vos não converteis, como cuidais que vos haveis de converter na hora da morte, cercado de tantas angústias, e de tantos estorvos, a mulher, os filhos, os criados, o testamento, as dividas, os acredores, o Confessor, os Medicos, a febre, as dores, os remedios, a vida passada, a conta

quasi presente. Quando todas estas cousas juntas, e cada huma dellas bastarão para perturbar, e pasmar huma alma, e não a deixar com o juizo, e com a liberdade, que pede a materia de maior importancia: quando já as potencias estarão fóra de seu lugar, e vós mesmo não estareis em vós, como cuidais, que vos podereis converter então?

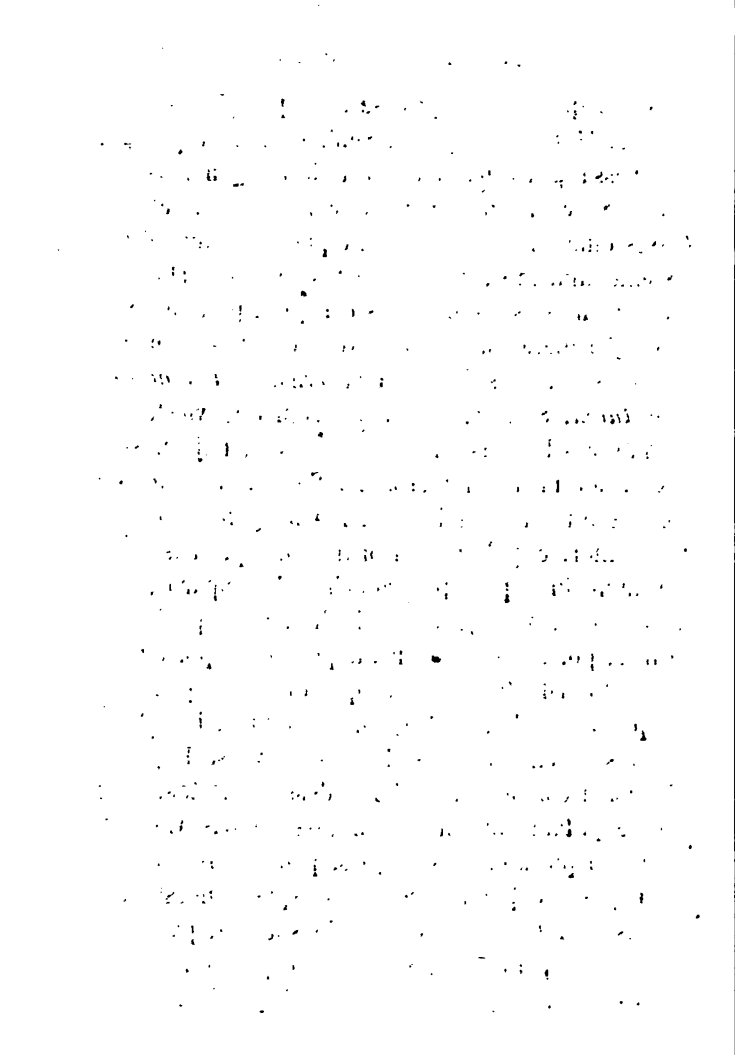
Mas eu vos dou de barato a vida, e a saude, e o vigor das potencias, e dos sentidos; mais ha que isto. Para hum homem se converter, não basta só vida, e saude, e juizo, mas he principalmente necessaria a graça de Deos. Pois *si non modò cur aliquando?* Se agora que tendes offendido menos a Deos, Deos vos não dá graça efficaz para vos converterdes, que será quando o tiverdes offendido mais? Parece-vos que he boa diligencia multiplicar as offensas de Deos para grangear a graça de Deos? Se ides continuando assim, não ha dúvida, que depois haveis de ser muito peor ainda do que sois agora: pois se agora que sois melhor, ou menos máo, vos não converteis, como o haveis de fazer depois, quando fordes peor? Os peccados quanto mais continuados, tanto mais endurecem, e obstinão ao peccador: pois *si non modò cur aliquando?* Se agora quando o vosso coração não está ainda tão endurecido, e tão obstinado, não ha prégações, nem inspirações, nem exemplos, nem mortes repentinas,

e desastradas, que vos abrandem, que será quando estiver feito de marmore, e de diamante? Os peccados com a continuação, e com os habitos tomão cada vez mais forças, e fazem-se cada dia mais robustos, e a alma pelo contrario com o costume mais fraca: pois *si non modò cur aliquando?* diz a Escritura: *Beatus qui tenebit parvulos suos ad petram:* (*Psalm. 136. 9.*) bemaventurado o que quebra a cabeça a seus peccados, quando pequenos. *Et tu,* diz S. Bachiario, *expectas donec inimicus tuus gigas efficiatur?* E nós para vencer estes inimigos somos tão loucos, que esperamos, que elles se fação Gigantes? Se agora, que os peccados estão menos robustos, e crescidos, e a alma tem ainda algum vigor, os não podemos derribar, e vencer; que será quando os peccados estiverem Gigantes, a triste alma tão envelhecida nelles, e tão enfraquecida, que se não possa mover? Finalmente, Christãos, não vamos mais longe: se Deos nesta mesma hora vos está chamando, e vos está dando golpes ao coração, e vós não lhe quereis abrir, nem o quereis ouvir; como esperais que Deos vos chame depois, ou que vos ouça quando o chamardes, ou que o possais chamar como convem? *Si non modò cur aliquando?* O mesmo Deos por suas palavras quero que vos desengane desta vãa esperança, em que vos confiais, e vos precipitais ao Inferno: ouvi a Deos no Capitulo primeiro

dos Proverbios: *Vocavi, & renuistis*, chamei-vos, e não acudistes: *Extendi manum meam, & non fuit qui aspiceret*; (*Prov. 1, 24.*) estendi a minha mão, e não houve quem fizesse caso: *Despexistis omne consilium meum.* (*Ibid. 25.*) desprezastes todos os meus conselhos: e que se seguirá daqui? *Ego quoque in interitu vestro ridebo, & subsannabo*: (*Ibid. 26.*) eu tambem, diz Deos, quando vier a hora de vossa morte zombarei, e não farei caso de vós, e assim como agora eu vos chamo, e vós não me ouvis, assim então eu não ouvirei, ainda que vós me chameis: *Tunc invocabunt me, & non exaudiam.* (*Ibid. 28.*) Christãos, nós fiamo-nos em que Deos tem promettido, que todas as vezes, que o peccador o chamar de todo o coração, o ha de ouvir: e esta promessa anda muito mal estendida entre os homens. He necessario advertir o que Deos tem promettido nella, e o que não tem promettido. Deos tem promettido, que todas as vezes, que o peccador o chamar de todo seu coração, o ha de ouvir: mas não tem promettido, que todas as vezes, que o peccador quizer, o ha de chamar de todo o seu coração. Vai muito de huma cousa a outra. Se chamar-des a Deos de todo o coração, ha-vos de ouvir Deos; mas se vós agora não ouvirdes a Deos, depois não o haveis de chamar de todo o coração. O chamar de todo o coração não depende só de nosso alvo-

drio, depende de nosso alvedrio, e mais da graça de Deos: e tem Deos decretado conforme os juizos altissimos de sua justiça, que o não possa chamar de coração na morte, quem lhe não quiz dar o coração na vida. Que faz Deos em toda a vida, senão estar-nos pedindo o coração: *Fili, praebe mihi cor tuum.* (*Prov. 23. 26.*) e como vós agora negais a Deos o coração, que vos pede, assim Deos então vos negará justissimamente, que lhe peçais de todo o coração. Deos agora busca-nos, e não nos acha, então buscaremos nós a Deos, e não o acharemos. O mesmo Deos o prometteo, e ameaçou assim: *Quaeretis, & non invenietis me, & in peccato vestro moriemini:* buscar-me-heis, e não me achareis, e morrereis em vosso peccado. Não diz menos que isto. Ora, Christãos, pelas Chagas de Christo, e pelo que deveis a vossas almas, que não queirais, que vos aconteça tão grande infelicidade. Desenganai-vos, e seja este o ultimo desengano, que se vos não convertels desde logo, e continuais pelo caminho que ides, vos haveis de perder, e condemnar sem remedio. O remedio he: *Baptismum panitentiae:* huma contrição de coração muito verdadeira, huma confissão mui inteira, e mui apostada com firme resolução de não offender mais a Deos. Em fim fazei agora aquillo, que dizeis, que haveis de fazer depois. Se vos haveis de converter no fim da vida,

imaginai, que chegou já esse fim, que não he imaginação. Mas que importa, Senhor, que eu o diga, se a vossa graça não ajuda a tibieza de minhas palavras? Soccorrei-nos, Senhor, com o auxilio efficaz desses olhos de misericordia, e piedade; alumiai estes entendimentos, accendei estas vontades, abrazai, e abrandai estes endurecidos corações, para que vos não sejão ingratos, e se aproveitem nelles os merecimentos infinitos de vossa encarnação: *Per adventum tuum*, Senhor, pelo amor com que viestes ao mundo a salvar as almas, que salveis hoje nossas almas: ao menos huma alma, Senhor, á honra de vosso santissimo nascimento: *Per nativitatem tuam:* pelo amor, e pela misericordia com que nascestes em hum Presepio, por aquelles desemparos, por aquelle frio, por aquellas palhinhas, por aquellas lagrimas, por aquella estremada pobreza, e por aquelle affecto ardentissimo com que tudo isto padecestes por amor de nós. Virgem Santissima, hoje he o dia dos encendidissimos desejos de vossa Expectação, parti comnosco, Senhora, desses affectos, para que nasça tambem Christo em nossas almas. Convertei os suspiros em inspirações, pedi a vosso querido Esposo, o Espirito Santo, trespasse nossos corações com hum raio efficaz de sua luz, para que o amemos, para que o sirvamos, e para que mereçamos a sua graça, e por meio della a gloria.



SERMÃO

DA,

DA DOMINGA DECIMA SEXTA

POST PENTECOSTEN

Recumbe in novissimo loco. Luc. 14

§. I.

Todas as vezes, que o Filho de Deos se assentou á mesa dos homens, sempre foi o melhor prato a sua doutrina. Comia o que regulava a temperança, e ensinava o que dictava a prudencia. A materia era a que lhe dava a occasião, e elle sobre a occasião estendia, illustrava, e definia a materia. Os documentos todos erão divinos, e não só moraes, senão ainda politicos. E digo moraes, e politicos; porque tal foi a doutrina do presente Evangelho. Os que

então com nome autorizado, e hoje com significação odiosa se chamão Fariseos, erão os Religiosos daquelle tempo. Diz pois o Evangelista S. Lucas, que convidando hum Principe dos Fariseos, isto he, hum Prelado daquelles Religiosos, a Christo Redemptor nosso, para que quizesse honrar a sua mesa em hum dia de festa, que era o sabbado, aceitou o benignissimo Senhor o convite. Aceitou, posto que não faltava quem murmurasse o aceitar. Parecia-lhes aos murmuradores, que semelhantes convites erão menos conformes á austeridade da vida, e á autoridade, e profissão de hum Mestre descido do Ceo. Mas a razão, que o Senhor tinha para se não escusar, mostravão depois os effeitos muito diversos, e de outra mais levantada esféra, como tambem se vio no caso presente.

A tenção dos Fariseos era farisaica; porque lhe armárão a Christo com hum Hydropico, a vêr se o curava naquelle dia, para o poderem calumniar de quebrantador do sabbado: *Sabbato manducare panem, & ipsi observabant eum (Luc. 11.)* Não os levou alli a observancia, senão a observação: não a observancia do dia, mas a observação do convidado. E que fez o Senhor, que lhes conhecia os corações? Aceitou a mesa como homem, dissimulou a malicia como Deos: e no que obrou como Deos, e reprehendeo, e ensinou como Mestre, mostrou que era

Deos, e homem. Curou ao Hydropico, e depois tratou de os curar a elles; ao Hydropico, tocando-o com a mão, e a elles pondo-lhes as mãos, e muito bem postas. Não ha vicio mais descortez, que a soberba, nem mais descomedido, que a ambição. Como carece da modestia por dentro, tambem lhe falta a urbanidade por fóra. Não diz o Evangelista o lugar, que déssem na mesa a Christo; mas diz, que os convidados sem cortezia, nem urbanidade, todos procuravão, e ainda contendião sobre os primeiros lugares. Esta foi a occasião, e este o ponto da doutrina, por isso moral, e juntamente politico.

Fez Deos este mundo em fórma circular, como a mesa, ou tabola redonda dos Pares de França, para evitar a contenda dos lugares, não sendo justo, que desigualasse o lugar os que tinha feito iguaes a natureza. Mas como a soberba, e ambição pervertesse a igualdade desta ordem, com outra ordem desordenada de primeiros, segundos até ultimos lugares, e os Fariseos na mesa affectassem os primeiros; este foi o vicio, que o Senhor observou nos seus observadores. *Intendens quomodo primos accubitus eligerent.* (*Luc. 14. 7.*) Olhava (diz o Evangelista) com particular attenção para o que fazião os convidados, e para o modo com que o fazião; o que fazião, era tomarem por propria eleição os primeiros lugares: *primos accubitus:* e o modo com que

o fazião, *quomodo*, era introduzindo-se nelles sem nenhum modo de modestia, respeito, nem cortezia. Na eleição dos lugares notava-os o Senhor de pouco juizo, e no modo de cada hum se preferir, e antepôr aos outros, de pouca urbanidade: e estes dous desprimores nascidos ambos do mesmo vicio da ambição, e soberba, reprehendeo, e emendou o soberano Mestre tambem com hum só documento: *Cùm vocatus fueris ad nuptias, recumbe in novissimo loco: (Ibid. 10.)* Quando fordes convidado á casa, e á mesa alhea, não deveis tomar os primeiros lugares, senão o ultimo. E porque? Porque não succeda vir o senhor da casa, a quem pertence a repartição dos lugares, e vos mande levantar do que tomastes, e o dê a outro melhor, e mais honrado que vós. Então vos achareis com affronta no ultimo lugar, porque fostes tão descomedido, que vos atrevestes a tomar o primeiro: *Et incipias cum rubore novissimum locum tenere. (Ibid. 9.)*

Esta foi a historia daquelle caso, e daquelle dia, a que o mesmo Evangelista tambem chama parabola: *Dicebat autem & ad invitatos parabolam.* Mas se era historia, como era parabola? Tudo era. Era historia quanto ao successo, e era parabola quanto á doutrina. Quanto ao successo, era historia particular para os presentes: e quanto á doutrina, era parabola universal para todos. A todos, e a cada hum prega hoje

Christo: *Recumbe in novissimo loco.* E haverá neste mundo quem escolha por propria eleição, e se contente com o ultimo lugar? Difficultoso ponto para se entender, e muito mais difficultoso para se persuadir. Por isso tomei por Thema esta unica, e admiravel sentença, e ella só será toda a materia do meu discurso. *Ave Maria.*

§. II.

Recumbe in novissimo loco.

Todo o homem neste mundo deseja melhorar de lugar. E nenhum se acha em tal posto, por levantado, e accommodado que seja, que não procure subir a outro melhor. He propria esta inclinação da natureza racional, como se fôra razão, e não appetite. Primeiro nasceo no Ceo com os primeiros racionaes, que são os Anjos, e depois se propagou na terra com os segundos, que somos os homens. Lucifer no Ceo tendo a suprema cadeira entre as Jerarchias, não aquietou naquelle lugar, e quiz igualar o seu com o do mesmo Deos: *Exaltabo solium meum; similis ero Altissimo. (Isai. 14. 13. 14.)* Adão na terra tendo o absoluto dominio de todas as creaturas dos tres elementos, não coube, nem se contentou com hum Imperio tão vasto, e em huma Côrte tão deliciosa como o Paraiso, tambem quiz melho-

rar de lugar: *Eritis sicut dii. (Genes. 3. 5.)* E que filho ha deste primeiro Pai, de que todos nascemos, que não herdasse delle a altiveza sempre inquieta desta mesma paixão? O Letrado, o Soldado, o Fidalgo, o Titulo, o de grande nome, e o que não tem nome, com o cuidado, e desejo nunca jámais satisfeito, nem socegado, todos trabalhão, e se desvelão por adiantar, e melhorar de lugar. Só parece, que devião viver isentos de semelhante sujeição os que deixárão o mundo, e profession o desprezo delle; mas lá os segue, e sujeita o mesmo mundo a que lhe paguem este duro, e voluntario tributo.

Cousa foi digna de admiração, que os Discipulos de Christo, antes de descer sobre elles o Espirito Santo, contendessem sobre qual era o maior: *Quis eorum videretur esse major? (Luc. 22. 24.)* A occasião porêm, e o motivo desta contenda ainda he muito mais admiravel. E qual foi? Acabava o Senhor de lhes revelar, que hia a Jerusalem a morrer, e no mesmo ponto contendêrão todos sobre a maioria; porque logo aspirou cada hum a lhe succeder no lugar. Do Emperador Trajano disse Plinio, que ninguem o conhecia tão pouco a elle, nem se conhecia tão pouco a si, que tivesse ousadia de lhe succeder: *Nemo est tam tui, quàm ignarus sui, ut locum ipsum post te concupiscat.* E tiverão atrevimento doze pescadores, para quererem succeder ao

mesmo Filho de Deos, e lhe pleitear o lugar ainda em vida.

§ III.

Para refutar, e convencer este abuso universal, não só das guerras, e competencias, mas ainda das pertenções pacificas do melhor lugar; não deixarei de referir primeiro tres opiniões, ou supposições tiradas da Sagrada Escriptura, as quaes não só condemnão esta ambição tão profundamente arraigada nos corações humanos, mas totalmente cortão as raizes a toda a nossa questão. A primeira nega absolutamente o que suppomos, e diz, que não ha lugares: Porque? Porque tudo isto que no mundo se chama lugar, por alto, e levantado, que pareça, bem examinado, he nada: *Vidi impium superexaltatum, & elevatum sicut cedros Libani: transivi, & ecce non erat, & non est inventus locus ejus: (Psal. 36. 35. 36.)* Vi ao ambicioso, diz David, levantado sobre os outros homens, como os cedros do Libano sobre as outras arvores: dei dous passos adiante, e quando voltei os olhos para o tornar a vêr, já o não achei a elle, nem ao seu lugar. Aqui está o ponto da admiração: *Et non est inventus locus ejus.* Que David a tão poucos passos não achasse ao ambicioso, que tinha visto tão levantado, a ninguem deve admirar, porque para fazer semelhantes mudanças,

nem a morte, nem a fortuna hão mister muito tempo. Não o achou, & *non erat*, porque, ou tinha cahido do estado, ou tinha acabado a vida: mas que não achasse David o lugar onde o tinha visto, *non est inventus locus ejus?* Sim, responde Carthusiano, e o prova com Aristoteles. *Locus enim, & locatum sunt simul, secundàm Philosophum; subtracto ergo locato, & locus non manet.* O lugar, e quem está nelle, segundo a verdadeira Filosofia, são tão reciprocamente dependentes hum do outro, que faltando o que estava no lugar, nem elle, nem o mesmo lugar pódem subsistir; e por isso disse bem David, que tanto que desappareceo o ambicioso, e poderoso, nem a elle o pôde vêr, nem achar o lugar onde estivera: *Et non est inventus locus ejus.*

E se esta consequencia he verdadeira no lugar que chamão fysico, no lugar moral, de que fallamos, ainda he mais certa, segundo a definição do mesmo Filosofo. Aristoteles definindo o lugar, diz que he a superficie ambiente do que está nelle. E quando o lugar não he o ambiente do homem, senão o homem o ambiente do lugar, como no nosso caso; muito melhor se segue, que faltando a superficie ao chamado lugar, nem he lugar, nem cousa alguma. E se não he cousa alguma, como o havia de achar David? Mas tornemos a apertar mais esta proposição, pois o mesmo David

no mesmo Psalmo a repete duas vezes, huma vez dizendo que buscou, e não achou o lugar: *Quæsivi, & non est inventus locus ejus:* (*Ibid. 36.*) e outra vez dizendo, que se nós o buscarmos, tambem o não acharemos: *Quæres locum ejus, & non invenies. (Ibid. 10.)* Pergunto: Este mesmo lugar, que David buscou, e não achou, não he o mesmo, que o ambicioso occupou antes de morrer, ou cahir? Sim. E este lugar, que occupou antes de morrer, ou cahir, não he o mesmo que herdou, ou pertendeo antes de o occupar? Sim tambem: pois se pertendido, occupado, e deixado, era o mesmo lugar, porque o não achou David depois de deixado? Porque depois de deixado, era o mesmo que dantes tinha sido, e pertendido, possuido, e deixado, sempre foi nada. Elegante, e doutamente Hugo Cardeal: *Non est inventus locus ejus: quòd sua dignitas nulla erat, & suum esse non esse erat.* Não se achou o lugar do que estava levantado como os cedros do Libano; porque o ser dos que neste mundo se chamão lugares, não he ser, he não ser: *Suum esse non esse erat.* E se os mesmos chamados lugares, ou pertendidos, ou possuidos, ou deixados, não são cousa alguma; bem se conclue, que neste mundo não ha lugares. E isto que não he, nem ha, he o que com tanto desvello amão, e buscão os pertendentes da vaidade, e da mentira: *Ut quid diligitis*

vanitatem, & quæritis mendacium? (Psalm. 4. 3.)

A segunda supposição, seguindo o sentimento vulgar, e commum, admitte, que no mundo ha lugares; mas nega que haja lugar melhor. E porque? Porque a melhoria não está no lugar, senão na pessoa que o occupa. Por alto, ou baixo que seja o lugar, se sois bom, será o vosso lugar bom: e se sois melhor, será melhor: mas se fordes máo, e peor, tambem será máo, e mais que máo o vosso lugar. Diz Christo Senhor nosso, que sobre a cadeira de Moysés se assentárão os Escribas, e Fariseos: *Super cathedram Moysi sederunt Scribæ, & Pharisæi. (Matth. 23. 2.)* E quem foi Moysés, e quem erão os Escribas, e Fariseos? Moysés foi o maior Santo do seu tempo, e os Escribas, e Fariseos erão os mais máos homens do seu. Pois se estavão assentados na mesma cadeira de Moysés, porque não erão como elle? Porque os homens são os que dão a bondade, ou melhoria aos lugares, e não os lugares aos homens. Se fordes bom, ainda que a cadeira seja dos Escribas, e Fariseos, será bom o vosso lugar: e se fordes máo, ainda que a cadeira seja de Moysés, nem por isso o vosso lugar será bom. Que melhor lugar, que o Ceo, e o Paraiso? E nem o Ceo fez bom a Lucifer, nem o Paraiso fez bom a Adão. Jeremias tão bom era no carcere, como no pulpito: e Job tão bom no muladar, como no seu Palacio.

Melhor lugar era no mar o navio, que o ventre da Balêa, e Jonas foi melhor no ventre da Balêa, que no navio. Assim que os lugares por si mesmo não são máos, nem bons, nem ha lugar melhor, ou peor. O lugar que hoje tem S. Mathias, não foi o mesmo de Judas? O mesmo, e não outro. Se fordes como Judas, não vos ha de fazer bom o lugar de S. Mathias, e se fordes como S. Mathias, não vos ha de fazer máo o lugar de Judas. Se quereis ter o melhor lugar de todos, fazei por ser o melhor de todos, e logo o vosso lugar, qualquer que seja, será tambem o melhor. Mas todos querem melhorar de lugar, e ninguem quer melhorar de vida. Succede-lhes aos ambiciosos, o que aos peregrinos, diz Socrates. O peregrino sempre anda mudando de lugar em lugar, e nunca melhora, porque sempre se leva a si comsigo. *Quia miraris nihil tibi peregrinationes prodesse, cùm te circumferas?*[1] Como quereis melhorar de lugar, se vos levais a-vós comvosco? Deixai-vos a vós, e como vós fordes outro, logo o vosso lugar será melhor. Se sois o mesmo, ainda que subais ao pinaculo do Templo, nunca sabireis do lugar onde estais: e se fordes outro, e muito outro, sem sahir do lugar onde estais, vos vereis subido ao mais alto do Templo. Em conclusão, que não ha lugares

[1] *Apud Senecam, lib. 3. Epist. 38.*

melhores nem peores; para que ninguem se descontente do seu, senão de si.

A terceira supposição admitte melhores lugares; mas diz que estes só os ha no Ceo, e não na terra. E porque? Porque todos os lugares da terra, por melhor que sejão, ou pareção, mais são alheos, que nossos, mais para os deixar, que para os possuir, mais para os perder, que para os lograr. Os lugares da terra são passagem, só o do Ceo he assento: os da terra são de poucos dias, o do Ceo ha de durar para sempre. Quando Christo Senhor nosso partio deste mundo para o Ceo, a razão com que consolou aos Apostolos saudosos de sua ausencia, foi, dizendo, que hia diante a preparar-lhes o lugar: *Vado parare vobis locum: (Joann. 14. 2.)* sendo porém o motivo desta consolação o lugar, mais perto estavão os lugares em que o Senhor os deixava, que o lugar que lhes havia de preparar: porque sendo este futuro, e distante, parece que vinha a ser consolar huma ausencia com outra. Naquella ultima hora em que Jacob morrendo se apartou de seus filhos (que tambem erão doze) a consolação com que lhes enxugou as lagrimas, foi a repartição das terras em que os deixava accommodados a todos. E se para os doze Patriarcas erão motivo de consolação na ausencia de seu Pai tão pequenos lugares da terra, quaes podião caber a cada hum dividida

a Judéa em doze partes; quanto maior podia ser para os Apostolos todo o mundo, quão grande he repartido entre elles? Diga pois Christo a Pedro, que lhe deixa Roma, e a Italia; diga a Jacobo, que lhe deixa as Hespanhas, a João a Asia, a André a Grecia, a Filippe a Scythia, a Bartholomeu a Armenia, a Matthens a Ethiopia, a Thomé a India, a Simão o Egypto, a Thadeo a Arabia, e a Persia, e ao outro Jacobo o menor Jerusalem, e a mesma Judéa, de que era cabeça. Pois se erão tão immensamente grandes os lugares em que Christo deixava aos seus Apostolos, e com tão suprema dignidade, e jurdição sobre todos elles; porque os não consola o Senhor com a consideração destes lugares presentes, senão com o lugar futuro, que lhes hia preparar? Porque este era lugar no Ceo, os outros na terra. E nesta só palavra se encerrão ambas as razões, que no principio apontámos. Os lugares da terra são passagem, o do Ceo he assento. Por isso quando S. Pedro perguntou a Christo: *Quid ergo erit nobis? (Matth. 19. 27.)* o que o Senhor lhe respondeu, foi: *Sedebitis super sedes duodecim, judicantes duodecim tribus Israel. (Ibid 28.)* Não lhes respondeo, as barcas, e redes, que tinhão deixado, com as dignidades que havião de ter neste mundo, senão com as cadeiras em que se havião de assentar no dia do juizo: porque só o de que se ha de tomar posse na-

quelle dia, tem assento, o de cá tudo lhe passageiro. E porque mais? Porque só o lugar, que então nos couber, he nosso, e os desta vida mais são alheos, que proprios, por mais lárga que seja a mesma vida. Ninguem logrou, nem ha de lográr o Pontificado mais annos, que S. Pedro, e com tudo já tem succedido no mesmo lugar duzentos e trinta e sete Pontifices, e não se sabe quantos virão depois: quera què vejais se era mais alheo, que seu. Só he nosso, ou seja no Ceo, ou fóra delle o lugar, que houvermos de ter para sempre. Esse foi o documento, e energia tremenda com que o mesmo Principe dos Apostolos disse, que Judas perdêra o Apostolado: para que? *Ut abiret in locum suum:* (*Act. 1. 25.*) pára ir ao lugar, que era seu. O que teve neste mundo, e entre os Apostolos, era alheo, porque era de S. Mathias, e dos que lhe havião de succeder: o que tem no Inferno entre os Demonios, esse era o seu, porque esse he o que ha de durar por toda a eternidade. E se isto succedeo a hum homem chamado por Deos, e eleito por Christo; onde irão parar as negociações, os subornos, as adulações, e as simonias com que se procurão, e alcanção os lugares, que hão de durar poucos dias, sem memoria da eternidade, nem temor da conta?

§ IV.

Estes são os tres fundamentos, ou as tres suppposições geraes, com que não só se impugna a ambição dos melhores lugares; mas se cortão as raizes a quanto ella deseja. Porque a primeira, como vimos, diz absolutamente, que não ha lugares: a segunda concede que ha lugares, mas nega haver algum, que seja melhor: a terceira defende que ha lugar, e melhor lugar, mas não na terra, senão no Ceo. Isto posto, com razão, e tambem com curiosidade, estarão esperando todos, qual destas partes he a que eu pertendo persuadir. Primeiramente respondo que nenhuma dellas. Porque contra a primeira, sigo que ha lugares: contra a segunda, que ha lugar melhor; e contra a terceira, que este melhor lugar não está no Ceo, (de que agora não fallo) senão na terra. Admittindo pois com o commum sentimento, que ha lugares, e hans melhores que outros; o que pertendo hoje declarar, he: Entre todos os lugares do mundo, qual seja o melhor. Não póde haver materia mais digna de toda a attenção, e tanto mais, quanto já cada hum a tem resoluta comsigo, e lhe parece sem controversia. No Evangelho temos o parecer dos Fariseos, e o conselho de Christo. Os Fariseos tem para si, que o melhor lugar do mundo he o primeiro: *Quomodo primos*

accubitus eligerent: Christo pelo contrario aconselha, que tomemos o ultimo lugar: *Recumbe in novissimo loco.* E posto que a sentença de Christo, por ser de Christo, não se póde contrariar, e a dos Fariseos, por ser dos Fariseos, parece que já está convencida; com tudo a de Christo todos a rejeitão, e a dos Fariseos todos a seguem. Assim o vemos hoje, e já em seu tempo, com ser tão vizinho ao de Christo, o provava com a experiencia Tertulliano: *Ad primum locum certamen omnium contendit: secundum solamen habet, victoriam non habet.* O desejo, a pertenção, e a vontade de todos os homens he sobre quem ha de levar o primeiro lugar: e tão porfiada, e unicamente o primeiro; que o segundo lugar, ainda que seja alguma consolação, de nenhum modo he victoria. E se ninguem se contenta com o segundo lugar, porque não he o primeiro; posto que acima de si veja hum só, e abaixo de si todos os outros; quem haverá, que se contente com o ultimo? Nos famosos jogos Olympicos, que se celebravão na Grecia, e erão provocados á contenda todos os homens do mundo, havia primeiros, segundos, e terceiros prémios: e com tudo diz S. Paulo, que hum só levava o prémio: *Omnes in stadio currunt, sed unus accipit bravium: (1. Cor. 9. 24.)* porque o prémio a que todos aspiravão, era o primeiro, e só os que se adiantavão na carreira aos

demais, e conseguião o primeiro lugar, erão os estimados por vencedores, e laureados com a corôa. E se S. Paulo depois de Christo, e escrevendo a Christãos, quaes erão os Corinthios, lhes propõe este exemplo, posto que nascido entre os Gentios; quem se atreverá a persuadir a qualquer homem, que o melhor lugar he o ultimo? Digo a persuadir, e não a crêr; porque basta ser conselho de Christo, para que o creamos. Mas este ponto, que não persuade a Fé, como o persuadirá a razão?

Ora esta será hoje a minha empresa: Demostrar a todos os homens, que o melhor lugar do mundo he o ultimo. E não só para a outra vida, senão para esta; nem só para a virtude, senão para a commodidade; nem só para a mortificação, senão para o gosto; nem só para a humildade, senão para a honra. E tudo isto quer dizer: *Recumbe in novissimo loco.*

§ V.

A primeira prerogativa do ultimo lugar he ser muito facil de conseguir. Aos outros lugares, ainda que não sejão os mais altos, chega-se tarde, e com difficuldade; ao ultimo, logo, e facilmente. Não he mais difficultoso o subir, que o descer? Pois esta he a razão ainda natural da grande facilidade com que o ultimo lugar se consegue. Aos outros caminha-se a passo len-

to, subindo; ao ultimo, quasi sem dar passo, descendo. Quando El-Rei Ezechias desejou, que Deos lhe confirmasse os annos de vida, que lhe promettêra, com algum milagre: poz o Profeta Isaias na eleição do mesmo Rei, que escolhesse hum de dous, ou que o Sol descesse dez linhas, ou que subisse outras tantas. E porque estando Ezechias na cama, não podia vêr o Sol, e só podia vêr a sombra no relogio de Palacio, que desde a mesma cama se descobria, foi a proposta esta; *Vis ut ascendat umbra decem lineis, an ut revertatur totidem gradibus? (4. Reg. 20. 9)* Quer Vossa Magestade, que a sombra suba, ou que desça dez linhas? A mesma proposta, conférme o sitio em que o Sol se achava naquella hora, mostrava bem, que não seria menos milagre o de descerem as sombras, que o de subirem. Com tudo o Rei, sem mais especulação, respondeo em continente, que não queria que descessem, senão que subissem, dando por razão, que o descer era facil: *Facile est umbram crescere decem lineis: nec hoc volo ut fiat, sed ut revertatur retrorsum decem gradibus. (Ibid. 10.)* Assim respondeo Ezechias, não como Mathematico, segundo a observação particular daquelle caso; mas como prudente Principe, e tão amigo da fama, como da vida, segundo as regras geraes da experiencia: e disse bem. O seu intento era acreditar o milagre pela difficuldade do movi-

mente do Sol, e por isso disse com tanta resolução, que não queria que descesse, senão que subisse; porque natural, e experimentalmente tão difficultoso he sempre o subir, como facil o descer. A setta para subir, segue violentamente as forças do arco, e do impulso; mas para descer, não tem necessidade de braço alheo, a mesma natureza a leva sem violencia ao baixo, e quanto mais baixo, tanto mais depressa. A barquinha posta na vea do Rio, com a vela tomada, e os remos recolhidos, levada só do impeto da corrente como em hombros alheos, tão descansadamente desce, como apressada. Pelo contrario ao subir pelo mesmo Rio acima, seja o vento embora tão forte, que quasi rebente as velas, e os remeiros tão robustos, que quebrem os remos, mais he a agua que sujão, que a que vencem. Nós mesmos para subir a hum monte, he com tanta difficuldade, e molestia, que a propria respiração se cansa, e se aperta: mas para descer ao fundo do valle, o mesmo peso do corpo o ajuda, aligeira, e move: e mais levados, que andando, chegamos sem cansar ao lugar mais baixo, e ultimo. Tão facil he o descer, e tão difficultoso o subir.

Digão agora os que subirão aos primeiros lugares, quão difficultosamente subirão. A setta nos deo o exemplo no ar, a barquinha na agua, e nós mesmos na terra; mas nas Côrtes, que são outro quarto

elemento mais cheo de impedimentos, e difficuldades, ainda he mais trabalhoso o subir. Tambem o pódem dizer os que cansados da mesma subida tomárão por melhor conselho o parar: e muito mais os que depois dos trabalhos, e molestias do subir, em vez de conseguir o lugar, só alcançárão, e tarde, o desengano. Não assim o pertendente do que ninguem pertende, e o estimador do que ninguem estima, o qual contente com o ultimo lugar, para descer com a setta, não ha mister arco, para descer com a barquinha, não ha mister remo, e para descer com o homem, e como homem, quasi não ha mister pés, nem passos. As azas do favor, os impulsos do poder, e os cuidados da diligencia, tudo para elle são desprezos, e riso: e quando os outros chegão cansados aos primeiros lugares, onde hão de começar a cansar de novo, elle descansado se acha no ultimo, onde só repousa o verdadeiro descanso.

Não acho exemplo desta inclinação, e desta facilidade entre os homens; porque a sua natural ambição mais os leva a subir pelo difficultoso, que a descer pelo facil. Mas se elles se lembrarem da facilidade, e felicidade com que a Pedra de Daniel desceo do monte, e derrubou a Estatua de Nabuco, e trocou com ella o seu lugar de que a fez desapparecer com todos seus metaes: *Nullusque locus in-*

ventus est eis: (Daniel. 2. 35.) naquelle espelho tosco, e insensivel verão estes mesmos dous erros do seu mal polido juizo. Desceo a Pedra do monte, e não bateo a cabeça, nem os peitos, senão os pés da Estatua, onde parou; porque este era o lugar ultimo, e o mais baixo, aonde a levava o peso da sua natural inclinação. E nota, e pondéra muito o Texto, que a mesma Pedra se arrancou, e desceo do cume do monte sem mãos: *Abscissus lapis sine manibus: (Ibid. 34.)* Porque? Porque esta he a facilidade, e differença com que se desce ao lugar mais baixo, e se não póde subir ao alto. Aquella Pedra não era pequena, como commummente se cuida, senão muito grande. Tão grande, que sendo a estatura da Estatua de sessenta covados, e os pés, e espaço entre hum, e outro iguaes a esta grandeza, ella com o mesmo golpe os alcançou, e bateo a ambos. Agora pergunto: E quantas mãos, e quantas machinas serião necessarias para subir esta grande Pedra ao mesmo lugar do monte, donde tinha descido? Mas onde não podia subir senão com muitas mãos, e muitas machinas, ella desceo por si mesma sem necessidade de mãos proprias, nem alheias, *sine manibus.* Oh cegueira da ambição humana! Dizei-me, quantas mãos beijais, dizei-me, quantas mãos encheis, dizei-me, quantas machinas fabricais para vos alar aonde quereis subir? E dizei-me tambem,

he sua, e vosso o azar. Aos menores haveis de dar, que he menos, aos maiores haveis de pedir, e rogar, que em quem tem honra, he muito mais: ficando pendente a vossa esperança do seu agrado, e da hora, e humor com que fostes ouvido. Nos Conselheiros haveis de solicitar a consulta, nos Secretarios a penna, e no Principe não só a resolução, mas na resolução o effeito; para que tudo, depois de pagar os direitos, não venha a ser huma folha de papel sellada com as Armas Reaes, as quaes haveis de conquistar de novo, para que chegue a ser alguma cousa, o que ainda depois do despacho he nada. Em fim, que estes são os difficultosos, e cansados degráos por onde sóbem, quando não cahem, os que alcanção os primeiros lugares: e só aquelle que se contenta com o ultimo, nem serve, nem requere, nem pleitea, nem adula, nem roga, nem paga, nem deve: e sem depender de Ministros, nem de Tribunaes, nem do mesmo Rei, elle he o que se consulta, e elle o que se faz a mercê, porque se despacha a si mesmo. E que podendo-me eu despachar a mim, haja de requerer diante de outrem? Não he mais facil o querer, que o requerer? Ouvi a justa exclamação de S. Bernardo neste mesmo caso. *O perversitas! ó abusio filiorum Adam! quia cum ascendere difficilimum sit, descendere autem facilimum; ipsi & leviter ascendunt, & difficilius descen-*

dum! [1] Oh perversidade, ó abuso dos filhos de Adão! que sendo difficultosissimo o subir, e facilimo o descer, elles pervertendo as leis da razão, e da natureza, antes querem subir com difficuldade, e trabalho, que descer com facilidade, e descanso. E notai, que he tanta a facilidade, e o descanso, que só fez Christo menção do descansar, não do descer. Não disse como a Zacheo, *descende*, senão, *recumbe*; porque o descer, ainda que facil, demanda passos, e o *recumbe*, que he estar recostado, como os Hebreos estavão á mesa, só significa descanso com gosto, e sem trabalho: *Recumbe in novissimo loco.*

§. VI.

A segunda prerogativa do ultimo lugar he ser o mais seguro. Os outros lugares quanto mais altos, tanto menos segurança tem: e a sua mesma altura he o pronostico certo da sua ruina. Não quero que vejamos esta pouca segurança em outro lugar, senão naquelle mesmo, que por ser o mais firme do mundo, lhe pôz Deos o nome de firmamento. Annunciando Christo Senhor nosso os sinaes do dia do Juizo, diz que o Sol se escurecerá, que a Lua não dará a sua luz, e que as Estrellas cahirão do Céo:

[1] *Serhar. Sepin. 2. de Assum.*

Sol obscurabitur, & Luna non dabit lumen suum, & Stellæ cadent de Cælo. (Matth. 24. 29.) Sobre este cahir das Estrellas se dividem os Interpretes em muito differentes exposições; porque suppõem, que estando as Estrellas fixas no Ceo, e sendo o Ceo incorruptivel, não he possivel cahirem propriamente. Mas a mim (diz Maldonado discretamente) quando Aristoteles nega o que Christo affirma, parece-me, que antes devo crêr a Christo, que a Aristoteles: *Magis enim Christo id affirmanti, quàm Aristoteli neganti fieri posse, credendum esse arbitror.* Supposto pois que as Estrellas verdadeiramente, e propriamente hão de cahir, e o Sol, e a Lua escurecer-se sómente; porque se não escurecem todos, ou cahem todos? Que culpa, ou que causa tem as Estrellas, para serem ellas só as que hão de cahir? Tem a culpa que tiverão desde que fôrão collocadas no Ceo, que he ser o seu lugar o mais alto. A Lua está no primeiro Ceo, o Sol no quarto, as Estrellas no oitavo, que he dos que alcança a nossa vista o supremo: e não he necessaria outra culpa, ou causa para serem ellas as que hão de cahir. Em todos os tres sinaes seguio Christo a natureza dos lugares. No eclipse da Lua seguio a natureza do lugar; porque no primeiro Ceo naturalmente a eclipsa a terra: no eclipse do Sol seguio a natureza do lugar; porque no quarto Ceo naturalmente o eclipsa a Lua: e

no cahir das Estrellas tambem seguio a natureza do lugar; porque no oitavo Ceo, sendo este o mais alto, tambem he natural o cahir.

Não ha altura neste mundo, que não seja precipicio. Todo o lugar mais alto que os outros, está sempre ameaçando a propria ruina, sem outra causa, ou culpa, que o ser mais alto. Que culpa tem as torres, e os montes para serem elles os ameaçados dos trovões, e os feridos dos raios? Nenhuma outra senão a sua propria altura, e serem os lugares mais levantados da terra. Parece que se dá por offendido o Ceo de se avizinharem mais a elle, como se todas as torres fôrão a de Babel, e todos os montes os dos Gigantes. Quando Christo para nos dar exemplo se desafiou com o Demonio, a primeira eleição do lugar foi sua, provocando-o ao deserto: *Ductus est in desertum, ut tentaretur à Diabolo.* (*Matth. 4. 1.*) Mas a segunda, e terceira eleição fôrão do mesmo Demonio, levando elle a Christo aos lugares, que lhe parecêrão mais a proposito para a tentação. O primeiro foi a torre do Templo de Jerusalem: *Assumpsit eum in sanctam Civitatem, & statuit eum super pinnaculum Templi.* (*Ibid. 5.*) O segundo foi hum monte o mais levantado, que havia naquelle districto: *Iterum assumpsit eum in montem excelsum valdè.* (*Ibid. 8.*) E por que razão a huma torre, e a hum monte? Porque em hum, e outro lugar

ármava á derrubar a Christo. Na torre, solicitando-o a que se precipitasse: *Mitte te deorsum: (Ibid. 6.)* no monte, fazendo-lhe grandes promessas, para que cahisse: *Si cadens adoraveris me. (Ibid. 9.)* Os que tanto anhelão á subida de semelhantes lugares, já que não pódem vêr quem os leva, vejão ao menos aonde são levados. A torre era lugar Ecclesiastico, e sagrado; o monte, lugar secular, e profano: na torre prometteo-lhe o Demonio Anjos; no monte offereceo-lhe mundos: mas como hum, e outro lugar erão os mais altos, ou as offertas fossem do Ceo, ou da terra, ou na Igreja, ou fóra della, ambos erão igualmente os mais perigosos, e os mais aparelhados para a cahida.

Já muito antes tinha ensaiado o Demonio esta mesma tragedia em duas grandes figuras de hum, e outro estado. Daniel era pessoa Ecclesiastica dedicada ao serviço de Deos: Aman era Ministro secular occupado nos negocios do mundo. Aman tinha o primeiro, e maior lugar na Côrte delRei Assuero: Daniel tambem o primeiro e maior na Côrte delRei Dario: mas quem he aquelle, que na praça da Metropoli de Suzan pregado em huma Cruz de cincoenta covados com a mais infame morte está acabando a vida? He Aman. E quem he aquelle, que na famosa Cidade de Babylonia, levado por Ministros da Justiça he lançado no lago dos Leões, para mor-

rer despedaçado de suas unhas? He Daniel. Pois Daniel tão estimado de Dario: e Aman tão valido de Assuero, ambos tão de repente cahidos, e mais sendo tão differentes na vida, como na profissão? Sim. Daniel servia a Deos, Aman servia ao mundo: Daniel era justo, e santo, Aman era máo, e perverso; mas levantados ao cume dos primeiros lugares, nem a Aman lhe valeo a sua industria, para se sustentar, nem a Daniel a sua virtude, para se defender da cahida. Mais admiravel foi ainda a de Daniel, que a de Aman. Aman cahio, porque perdeo a graça do Rei: Daniel tendo por si toda a graça do Rei, toda ella lhe não bastou, para que não cahisse. E parou aqui? Não: livrou Deus milagrosamente a Daniel das garras dos Leões: e canonizado seu merecimento com hum tão público, e estupendo pregão do Ceo, o Rei o restituio outra vez ao lugar que dantes tinha. Mas o que agora se segue ainda foi maior prodigio. Fôrão tão poderosas, e tão astutas as machinas de seus inimigos, que obrigárão ao mesmo Rei a que elle o tornasse a metter no lago, e o entregasse outra vez á fome, e voracidade das féras.

Oh bemaventurado, e só bem entendido aquelle, que entre todos os lugares do mundo sabe escolher hum tal lugar, do qual ninguem o possa derrubar, nem elle cahir. Dos lugares altos he verdade, que nem todos cahirão; mas tambem he certo, que os

mesmos, que não cahirão, podião cahir. E basta o poderem cahir, para não estarem seguros. Como póde ser segurança a do mar, se sempre está sujeita á inconstancia dos ventos? Os Latinos tem dous nomes, com que declarão dous generos de segurança muito diversa: *Tutus, & Securus. Tutus* significa a segurança do que não periga: *Securus*, a segurança do que não periga, nem póde perigar. O doente que não ha de morrer, está *tutus* na febre aguda; mas não está *securus;* porque não está sem perigo, sem temor, e sem cuidado: que isso quer dizer *Securus, hoc est, sine cura.* Esta he a energia, e elegancia daquella sentença de Seneca: *Scelera tuta esse, secura non possunt.* E este genero de segurança segura não só do perigo, senão tambem do temor, e do cuidado, a qual nunca póde haver nos lugares altos, he a que só se acha no ultimo. Quem está no lugar alto, póde não cahir; mas quem está no ultimo não póde cahir, que he só a verdadeira segurança. E porque? Porque se do lugar ultimo se pudera cahir, não seria o ultimo. Do lugar alto póde-se cahir ao baixo, do baixo póde-se cahir ao infimo: mas do infimo, que he o ultimo, não se póde cahir, por que não ha para onde.

Este foi aquelle evidente argumento, com que o Profeta Jeremias consolou a Jerusalem no caso da transmigração de Babylonia. Chorou o Profeta elo-

quentissimamente aquella transmigração com quatro Abecedarios de lastimas, sinalando a cada letra hum novo motivo de dôr: e chegando ao ultimo verso, e á ultima letra, acabou com esta breve sentença: *Filia Sion, non addet ultra, ut transmigret te. (Thren. 4. 22.)* A tua transmigração, ó Jerusalem, foi o *non plus ultra* dos males, que te podia fazer Babylonia. Mas agora, que estás padecendo essa transmigração, tu a deves consolar não com outra cousa, senão com a mesma transmigração: Porque? Porque se ella foi o *non plus ultra*, e o ultimo dos males, não póde passar dahi: *Non addet ultra, ut transmigret te.* Tão altamente exagerou Jeremias o mal, quão sublimente lhe excogitou o alivio. He propriedade dos males ultimos isentarem de si mesmos a quem opprimem. A morte, que he o ultimo de todos os males, isenta da morte, e faz immortaes aos que mata; porque nem ella os póde já matar, nem elles morrer. E este privilegio he o que logra na vida, quem conheceo o bem do ultimo lugar, e se contenta com elle. Antes de se recolher a este fortissimo asilo, póde descer por vontade, póde cahir por desgraça, e póde ser derrubado por força; mas depois de estar no ultimo lugar, nem a força alhea, nem a mesma vontade propria, nem todo o poder da fortuna o póde fazer cahir, nem descer. Acrescente a fortuna hum degráo alêm do ultimo, e ou-

tro abaixo do infimo, (o que Deos não póde fazer) e só então poderá descer quem está no infimo lugar, e cahir quem está no ultimo.

Só quem soube fazer esta eleição desarmou a fortuna. Oh que glorioso troféo! A fortuna despida de suas armas, e ab pé desses despojos aquelle verso: *Major sum quam cui possit fortuna nocere.* Assim se desarma a fortuna, que só he forte com as armas, que nós lhes damos. Todos os poderes da fortuna em que consistem? Em levantar, e abater: e se eu me contento com o ultimo lugar, nem ella me póde levantar, porque não quero, nem abater, porque não póde. Antes digo, que nem abater-me, nem levantar-me póde a fortuna, ainda que queira; porque temos os conceitos trocados. Levantar-me não, segundo o meu conceito; porque o que ella tem por melhor lugar, esse he o que eu desprézo. E abater-me tambem não, segundo o seu conceito; porque o que ella tem por peor lugar, esse he o que eu estimo. Abra os olhos a fortuna cega, e emende a falsa apparencia dos seus errados conceitos, e só então poderá fazer bemafortunados, tendo pelo melhor lugar do mundo não o primeiro, e mais alto, senão o mais baixo, e ultimo. Só he verdadeiramente bemafortunado, quem não póde cahir; e só não póde cahir, quem não tem para onde. E porque não pareça, que dissimulo a subtileza de huma

instancia, que tem esta Filosofia; dirá alguem, que no mesmo lugar ultimo, sem haver outro inferior, e mais baixo, póde cahir quem está nelle: *Qui se existimat stare, videat ne cadat;* (*1. Cor. 10. 12.*) Quem está em pé, olhe não cáia; porque quem está em pé, póde cahir dentro no mesmo lugar, sem cahir para outro. He o que disse judiciosamente o Poeta: *In se magna ruunt.* Mas esta instancia não tem lugar no nosso caso: quem está em pé póde cahir no mesmo lugar, mas não quem está deitado; e isso quer dizer, *recumbe.* Os que subião, e descião pela escada de Jacob podião cahir, mas elle que jazia ao pé da mesma escada no ultimo lugar, e deitado, estava seguro de poder cahir, e por isso dormia a sono solto: *Recumbe in novissimo loco.*

§ VII.

A terceira prerogativa do ultimo lugar sobre mais facil, e mais seguro, he ser tambem o mais quieto, ou só elle quieto. Nesta perpétua roda em que se revolve o mundo, tudo se move, tudo se altéra, tudo se muda, tudo está em continua agitação, sem consistencia, nem firmeza: nem ha lugar algum em que se goze de quietação, e socego, senão unicamente o ultimo, e só por ser o ultimo. Opinião foi antiga de muitos Filosofos, que não era o Sol o que se movia, e dava volta ao mundo, senão que

permanecendo sempre fixo, e immovel, esta terra em que estamos he a que, sem nós o sentirmos, se move, e nos leva comsigo, e quando nos aparta do Sol, faz a noite, e quando no-lo torna a mostrar, o dia. Mas esta opinião, ou imaginação mathematica, assim como resuscitou em nossos tempos, assim foi tambem condemnada como erronea, por ser expressamente encontrada com as Escrituras divinas. Do Sol diz o Texto sagrado com palavras tão claras, como a luz do mesmo Sol, que elle he o que dá volta ao mundo, alumiando o: *Oritur Sol, & occidit, gyrat per Meridiem, & flectitur ad Aquilonem, lustrans universa in circuitu. (Eccles. 1. 5. 6.)* E pelo contrario, da terra diz, que ella está immovel, e firme sem se mover, nem haver de mover jámais; *Terra autem in æternum stat. (Ibid. 4.)* Pois se o Sol Principe dos Planetas se move; e todos os Astros, e corpos celestes de dia, e de noite estão em perpétuo movimento, e abaixo do Ceo arrebatada com elle se move a esféra do fogo, e abaixo do fogo o ar, e os ventos, e abaixo do ar a agua, ou correndo perpétuamente nos rios, e nas fontes, ou indo, e tornando ás praias no mar duas vezes no dia, ainda quando as tempestades o não levantão ás Estrellas, ou abysmão ás areas; qual he a razão por que a terra no meio de todas estas agitações, e tumultos da natureza, só ella está firme, e

immovel, só ella em perpétua quietação, e socego: *Terra autem in æternum stat?* Não vêdes, como neste immenso globo do universo só á terra como centro delle coube o ultimo lugar do mundo? Pois essa he a razão por que só ella no mesmo mundo goza de quietação, e socego: *Causa stabilitatis, & immobilitatis terræ est ejus gravitas, quæ exigit infimum mundi locum*, commenta Cornelio. Em summa, que todos os outros lugares mais, ou menos altos são naturalmente inquietos, e só o infimo, ultimo, e mais baixo de todos he o assento firme, e o centro immovel da segura, e perpétua quietação.

Oh se a terra tivera olhos, e entendimento, e olhasse cá debaixo para o Ceo, e para tudo o que se move entre o Ceo, e a mesma terra, que contente estaria do seu ultimo lugar, e que graças daria por elle ao Autor da natureza, vendo o curso, e revolução sempre inquieta do Sol, da Lua, e das Estrellas, e a continua batalha dos elementos, comendo-se huns aos outros sem paz, nem quietação, mas em perpétua conquista de dilatar cada hum a propria esféra, e só ella pacifica, e quieta por beneficio da ultima baixeza em que Deos a fez a base do mundo, el he deo por base o seu proprio centro: *Fundasti terram super stabilitatem suam? (Psalm. 103. 5.)* Mas o homem, que he terra com entendimento, e olhos, se o mesmo Deos lhos abrio

de maneira, que soube não querer outro lugar senão o ultimo; elle he o que verdadeiramente logra a quieta paz, e pacifica quietação do seu tão felice como desconhecido estado, sem quem lho perturbe, nem altere. Batalhem os outros, e comão-se sobre quem ha de subir, e alcançar os lugares mais altos; que eu (dirá) quanto mais ólho para elles, e vejo de fóra os seus perigos, e naufragios, tanto mais me satisfaço da minha paz, que das suas batalhas; da minha retirada, que das suas victorias; e da minha segura baixeza, que das suas inquietas alturas. Olhai, que bem entendêrão a inquietação de todas ellas vivos, e mortos. Quando Saul, depois de morto Samuel, o tirou do fundo da terra, e o fez vir a este mundo, posto que por tão breve espaço, a razão por que Samuel se queixou delle não foi outra, senão porque o inquietára; *Quare inquietasti me, ut excenderem?* (*1. Reg. 28. 15. Text. Hebr.*) E Sidonio Apollinar refutando o parabem de certo lugar eminente a que fôra promovido hum seu amigo, escreveo estas notaveis palavras. *Sed sententiæ tali nunquam ego assentior, ut fortunatos putem, qui Reipublicæ præcipitibus, & lubricis culminibus insistunt, hoc ipso, satis miseriares; quòd parum intelligunt inquietissimo se subjacere famulatui.* Notai a palavra superlativa *inquietissimo*, com que hum Varão de tão alto juizo como Sidonio, não só chama

servidão á dos lugares altos, mas inquietissima servidão: *Inquietissimo famulatui.*

As causas naturaes desta inquietação dos lugares altos, ou são as competencias dos que os procurão, ou as invejas dos que os desejão, ou o proprio desassocego dos mesmos lugares, que ainda depois de adquiridos, nem elles aquietão, nem deixão aquietar a quem está nelles. Quanto ás competencias; porque pelejavão Jacob, e Esau nas entranhas de sua Mãi: e Phares e Zarão, que lhes succedêrão, não pelejavão nas entranhas da sua? Porque Jacob e Esau ambos pertendião o mesmo lugar: e entre Phares e Zarão tão fóra estava de haver a mesma contenda, que tendo Zarão já na mão com a purpura a investidura do primeiro, *hic exiet prior*, tornou a retirar o braço para o dar a Phares. De sorte, que nas mesmas entranhas maternas, onde houve dous que competirão sobre o primeiro lugar, tudo fórão inquietações, e batalhas; e onde houve hum só que quiz antes o ultimo, que o primeiro, tudo foi paz, e quietação. Isto quanto ás competencias. E quanto ás invejas? Maior caso ainda. Pedirão os filhos do Zebedeo as duas cadeiras da mão direita, e esquerda do Reino de Christo: e com que tenção as pedirão? Com tenção, diz S. João Chrysostomo, que S. Pedro, de quem só se temião, lhes não levasse o primeiro lugar, ou primazia do Reino.

Primatum hujus consessus impetrare, & præponi quidem se cæteris sciebant, Petrum verò sibi præferri formidantes dicere quasi sunt, ut unus à dextris, alter à sinistris sedeat. [1] Os outros Discipulos, a quem os dous irmãos se vião preferidos, não lhes davão cuidado: e só de Pedro se temião. Mas se João e Diogo erão os dous mais virtuosos do Apostolado, e os dous maiores amigos de Pedro, como o querião excluir por esta via? Porque onde entra a inveja, e a ambição de lugares, não ha virtude, nem amizade segura: o maior amigo vos ha de desviar, e o mais virtuoso se ha de introduzir. Os primeiros lugares leve-os João e Diogo: e a S. Pedro? Nenhum lugar. Por certo, que não havia de haver esta inquietação no Apostolado, se o lugar fôra o ultimo. O ultimo lugar não tem invejosos, nem quem o escolheo por melhor, tem que invejar: e onde não ha invejoso, nem invejado, tudo está quieto. E basta isto? Não basta. Porque ainda que não haja competencia, nem inveja, que inquiete os lugares altos, he nelles tão natural a inquietação, como dizia, que elles mesmos se inquietão, e a quem está nelles. Lucifer foi creado no Ceo, donde cahio: *Quomodo cecidisti de Cœlo Lucifer: (Isai. 14. 12.)* e com tudo dizia a sua ambição, que havia de subir

[1] *Chrys. Homil. 66. in Matth.*

ao Ceo: *Qui dicebas in corde tuo: In Cœlum conscendam. (Ibid 13.)* Pois, Demonio, se tu estás no Ceo, como anhelas a subir ao mesmo Ceo? Como desejas o que já tens? Como pertendes o que já alcançaste? Como te inquieta o que já gozas? Como queres subir onde já subiste, e estar onde já estás? Porque o mesmo lugar em que estava, o inquietava de sorte, que estando nelle, não podia aquietar nelle. Por isso sem competencia, nem inveja de outrem, que o derrubasse, elle se derrubou a si mesmo. A Adão derrubou o Demonio, ao Demonio elle mesmo se derrubou, porque tanto o inquietou o lugar que tinha, como se não o tivera.

Só o ultimo lugar está livre destas inquietações, e perigos, e não por outro privilegio, ou immunidade, senão por ser o mais baixo. Erradamente se chamão baixos aquelles em que naufragão os navegantes. Não são baixos, senão os lugares mais altos do mar, que em penhascos, ou areas se levantão no meio delle. Por isso nelles naufraga o mesmo mar, e se quebrão, e espedação as ondas. Ditosas as que sem querer sahir, nem subir, se deixão estar no seu fundo, que essas só se conservão em paz, e gozão de inteira quietação: e se lá chegão os echos das que perigão, e quebrão, ellas descansão, e dormem ao som das outras. Desta mesma quietação segura, e firme nos dá outro documento a terra na-

quelles grandes corpos a que concedeo a vida, e negou os sentidos. Todas as arvores tem huma parte firme, e outra movediça. A firme, que são as raizes, está no baixo; e a movediça, que são os ramos, no alto. Só alli tem jurdição, e imperio, ou a lisonja das viraçõés, ou o açoute dos ventos. Todas na cabeça leves, e inquietas, e só no pé seguras, e firmes. No alto quebrão-se os ramos, voão as folhas, cahem as flores, e perdem-se antes de amadurecer os frutos: e só no baixo sustentão as raizes o tronco, e nelle as esperanças de recuperar em melhor anno tudo o perdido. Oh mal ensinado juizo humano, que nem as plantas insensiveis, nem os elementos sem vida bastão a te fazer sesudo! aprende ao menos das creaturas sensitivas, e scjão as menores as que te ensinem.

O Pardal, e a Rola (diz David) soubérão buscar, e achar o lugar mais conveniente á sua conservação: *Etenim Passer invenit sibi domum, & Turtur nidum sibi, ubi ponat pullos suos. (Psalm. 83. 4.)* E a que fim traz David este exemplo, e o põe em dous animalinhos de tão pouco vulto? Para que se envergonhem os homens com todo o seu uso da razão, de não saberem escolher o lugar, que mais lhes convém. E são tão esquecidos, e descuidados todos em fazer esta escolha, que se algum houve, que a fizesse, foi por especial auxilio da graça divina. Assim

continúa o mesmo David com estas admiraveis palavras: *Beatus vir cujus est auxilium abs te: ascensiones in corde suo disposuit, in valle lacrymarum, in loco quem posuit. (Ibid. 6, 7.)* Bemaventurado, Senhor, aquelle homem a quem vós assistis com particular auxilio de vossa graça; porque este considerou todas as ascensões, isto he, todos os modos de subir com que os outros procurão alcançar os lugares mais altos; porém elle escolheo para si o mais baixo de todos, e pôz o seu lugar no valle das lagrimas: *In valle lacrymarum, in loco quem posuit.* Mas que valle de lagrimas he este? O mundo vulgarmente chama-se valle de lagrimas: porém nem todo elle he valle, nem todo de lagrimas. Não he todo valle, porque tem campos, outeiros, e montes; e não he todo de lagrimas, porque tambem he de gostos, delicias, e passatempos. Que valle he logo este onde só o homem assistido da graça de Deos pôz o seu lugar: *In valle lacrymarum, in loco quem posuit?* He o valle que fazem os montes das ascensões, isto he, os lugares altos onde todos desejão subir, que elle considerou muito attentamente: *Ascensiones posuit in corde suo.* Os que subirão a estes lugares altos, estão nos montes da alegria, porque conseguirão o que desejavão; e os que não puderão subir, estão no valle das lagrimas; porque todos chorão, e se chorão de lhes não chegar o dia

da sua ascensão, de não serem promovidos aos lugares, que desejão. Neste valle pois, que he de lagrimas, e tristeza para os demais, neste mesmo, e no mais fundo delle, que he o ultimo, e mais baixo, poz o seu lugar aquelle a quem Deos assistio; porque não basta só para esta valente resolução o entendimento, e juizo proprio, mas he necessario o da graça divina: *Cujus este auxilium abs te:* auxilio de luz para o conhecer por melhor; auxilio de valor para o preferir a todos; e até auxilio de amor proprio, para descansar sem engano unicamente nelle: *Recumbe in novissimo loco.*

§ VIII.

Temos visto como o ultimo lugar, entre todos os do mundo, para alcançar he o mais facil, para conservar o mais seguro, e para lograr o mais quieto: prerogativas nelle singulares, pelas quaes deve ser preferido a todos os outros. Nem o nome de ultimo lhe deve tirar nada de estimação, porque se não fôra o ultimo, não as tivera. He todo o lugar ultimo como o que coube a Benjamim na mesa de Joseph. Como os Irmãos se assentárão á mesa conforme as suas idades, a Beijamim, que era o mais moço, coube-lhe o ultimo lugar. Foi porêm cousa, que os mesmos Irmãos, e todos os Egypcios muito admirárão; que fazendo Joseph os pratos, o de Benjamim se

vantajava sempre com notavel excesso a todos. Olhamos para o lugar, e não olhamos para o prato. Oh se soubessemos tomar o sabor aos gostos, e regalos puros, e sinceros, que só no ultimo lugar se achão, livres das amarguras, e dessabores, que em todos os outros lugares, por altos, e soberanos que sejão, ainda com os olhos cerrados, mal se pódem tragar! Lá disse Demoerito, que aquelle que se resolvesse a não desejar, poderia competir de felicidade com Jupiter; e esta felicidade sobrehumana só a depositou, não o falso, senão o verdadeiro Deos nos thesouros escondidos do ultimo lugar. Só alli se vive sem desejo, sem temor, sem esperança, sem dependencia, e sem cuidado algum, nem ainda leve pensamento, que a perturbe. Só alli o sono he descanso, o contentamento, a respiração vital, e a vida, vida; porque só alli está a Alma não dividida, mas inteira, e toda comsigo, e dentro em si mesma como tambem o homem todo em si, e fóra do mundo; porque não quer nada delle. E que não baste tudo isto, para que o ultimo lugar seja o mais estimado, o mais querido, e o mais pertendido dos homens? Tanto póde com elles a falsa apprehensão daquelle nome de ultimo, com que reconhecendo-o no demais por tão avantejado, e melhor, o reputão com tudo não só por menos honrado, mas por affrontoso, e por isso o desprezão, e fogem delle.

Este he o ultimo engano, que só nos resta por refutar, cuja intelligencia consiste em saber distinguir no mesmo lugar huma grande differença de ultimo a ultimo. O ultimo lugar merecido por distribuição alhea, póde ser affrontoso; tomado por eleição propria, he o mais honrado. Quem voluntariamente, e por propria eleição escolhe o ultimo lugar do mundo, esse só usa do mesmo mundo como senhor delle. Dê-nos a primeira prova o mesmo mundo, não como vão, e errado, mas como cortez, e entendido. Vistes passear na praça de Palacio huma cochada de Fidalgos; e qual delles he o senhor da carroça? O que vai no ultimo lugar. Vistes os mesmos, ou outros em conversação, ou visita; e qual he o senhor da casa? O que está na ultima cadeira. Pois assim como o que tem o ultimo lugar na carroça, he o senhor da carroça; e assim como o que tem o ultimo lugar na casa, he o senhor da casa; assim o que voluntariamente tem o ultimo lugar do mundo, he o senhor do mundo. Não ponhamos a decisão na vontade dos homens, que póde ser errada; mas na do mesmo Deos, que he a regra de toda a razão, e verdade. Começou, e acabou Deos a grande obra da creação deste mundo em seis dias: mas por que ordem? Depois de crear no primeiro dia a luz, no terceiro creou as arvores, e plantas, no quarto o Sol, Lua e Estrellas, no quinto os pei-

res, e aves, no sexto os animaes, que andão, ou se arrastão sobre a terra: e depois de povoados por este modo o Ceo, o ar, a agua, e a mesma terra, della formou, e creou o homem, para dominar como senhor tudo o que tinha creado. Assim o disse o mesmo Deos no mesmo acto em que o formou: *Faciamus hominem ad imaginem, & similitudinem nostram, ut præsit piscibus maris, & volatilibus Cæli, & bestiis, universæque terræ. (Genes. 1. 26.)* Pois se o homem era a primeira, e mais nobre de todas as creaturas deste mundo, e creado para senhor dellas, porque o não creou Deos no primeiro lugar, senão no ultimo? Por isso mesmo. Porque a honra, e dignidade do ultimo lugar do mundo só competia, e era devida ao Senhor, e dominador delle. Vêde agora se he honrado, e quão honrado he o ultimo lugar. *Merito ergo postremus, quasi finis naturæ formatus: recte ergo novissimus, quasi totius summa operis, quasi causa mundi, propter quem facta sunt omnia,* diz S. Ambrosio. Mas ainda não está dito o que excede quanto se póde dizer.

Deos em quanto Deos, por ser infinito, e immenso, he incapaz de lugar: porém depois que desceo do Ceo a este mundo, e se fez homem, havendo de ter lugar entre os homens, que lugar tomaria? O de Nazareth? O de Belem? O do Egypto? O do Calvario? Tal foi o lugar que tomou sempre, em to-

da a parte; que vendo-o o Profeta Isaias, e não teve outro nome com que se explicar, senão chamando-lhe o ultimo dos homens: *Novissimum virorum.* (*Isai. 53. 3.*) E por que razão o ultimo, sendo sua a eleição do lugar? Não porque tivesse para si, que a igualdade, que tinha com o Eterno Padre, fosse alhea, ou roubada, e não natural, e propria, como notou S. Paulo; mas porque sendo tão Deos, e tão supremo Senhor do universo, como o mesmo Padre, nem outro lugar era capaz de sua grandeza, nem outro mais decente a sua soberania, nem outro emfim mais confórme a sua doutrina, senão aquelle mesmo a que hoje nos exhortou, o ultimo. Em hum banquete a que ElRei Dionysio de Sicilia convidou as maiores personagens do seu Reino, como puzesse no ultimo lugar da mesa a Aristippo, oraculo daquella idade, o que lhe disse o grande Filosofo, foi: *Hunc plane locum decorare, & illustrem reddere voluisti*: Sem dúvida, ó Dionysio, que hoje quizeste ennobrecer, e fazer illustre este lugar. E se assim honrou, e illustrou Aristippo o ultimo lugar só com se assentar nelle, que diremos depois que Deos o escolheo, e tomou para si? *O novissimum, & altissimum!* exclama S. Bernardo. Antes de Deos escolher este lugar entre os homens, podia andar em opiniões se era honrado, ou não o ultimo lugar; mas depois que Deos o escolheo, e tomou para si

intoleravel blasfemia seria dizer, que não he o mais honrado de todos.

§ IX.

Por fim só resta satisfazer á conclusão da parabola, na qual parece que desfez o divino Mestre tudo o que temos dito. Dando o Senhor a razão por que se não devem procurar os primeiros lugares, senão o ultimo: porque virá (diz) o dono da casa, e do convite, e se vos vir no ultimo lugar, dir-vos-ha: *Amice, ascende superius: (Luc. 14. 10.)* Amigo, subi para cima: e pelo contrario, se tiverdes tomado o primeiro, o que ouvireis, será: *Da huic locum: (Ibid. 9.)* Levantai-vos desse lugar, e dai-o a este: e com grande confusão, e vergonha vossa ficareis no ultimo: *Et incipias cum rubore novissimum locum tenere.* Este dono da casa, e do convite no fim da parabola he Deos, que segundo as nossas acções, e deliberações as ha de premiar, ou castigar: e não pondéro, que só ao que escolheo o ultimo lugar chamou amigo, *Amice:* nem pondéro, que o que tinha tomado o primeiro lugar, não ficou no segundo, nem no terceiro, mas desceo, ou foi lançado no ultimo: mas o que pondéro, e reparo, he, que ao que elegeo o ultimo lugar o premiou Deos com o primeiro, e ao que tomou o primeiro o castigou com o ultimo: logo se o ultimo lugar se dá por cas-

tigo, e o primeiro por prémio, melhor parece que he o primeiro lugar, que o ultimo.

Assim parece, porque não consideramos nos mesmos lugares o onde, e o quando. Onde, e quando foi a eleição, que os homens fizerão dos lugares? Neste mundo. E onde, e quando ha de ser a mudança com que Deos os ha de trocar? No outro. Pois essa he a razão da differença, e da troca. No outro mundo he melhor o primeiro lugar: neste, o ultimo. E porque? Porque o Ceo he a pátria de todos os bons, e de todos os bens: a terra a de todos os máos, e de todos os males. Na terra tudo são soberbas, ambições, invejas, discordias, contendas, cavillações, enganos, falsidades, traições, violencias, e tratar cada hum de subir, ainda que seja pelas ruinas alheas; e para escapar de todos estes males, maldades, e malicias, não ha outro lugar seguro, e quieto, senão o ultimo. Pelo contrario, no Ceo tudo he caridade, paz, concordia, amor, contentamento, bemaventurança, e estimar, e gozar-se cada hum do bem do outro, como do proprio: e por isso os primeiros lugares de ninguem invejados, nem pertendidos, mas de todos approvados, e venerados, sem receio que os inquieto de dentro, nem perigo que os perturbe de fóra, são tão firmes, e perpétuos, como os mesmos bens, e felicidade, que logrão.

E para que vejamos estas duas differenças estabelecidas por Deos desde o principio do mundo, huma na terra entre os elementos, e outra no Ceo entre os Anjos; ouçamos a Escritura Sagrada. Na creação do mundo gastou Deos seis dias, mas só cinco delles fôrão propriamente de creação. No primeiro creou, no terceiro creou, no quarto, no quinto, e no sexto creou, e sômente no segundo não creou cousa alguma. Pois se o segundo dia foi totalmente esteril, e infecundo sem producção de nova creatura; em que gastou, e empregou Deos todo aquelle dia? Empregou-o todo em lionrar, e exaltar o ultimo lugar, quanto elle merece. Diz o Texto, que no segundo dia dividio Deos o elemento da agua, e levantou huma parte delle, e a pôz sobre o firmamento, a que chamou Ceo. Estas são aquellas aguas de que diz David; *Et aquæ omnes quæ super Cælos sunt, laudent nomen Domini: (Psalm. 148. 4.)* onde declara, que o Ceo sobre que fôrão collocadas, he o supremo, e mais alto de todos. E donde lhe veio ao elemento da agua ser assim exaltado, o que Deos não fez a algum outro? Porque sendo a agua por natureza superior á terra, e sendo o lugar da terra o ultimo, ella deixando o sitio mais eminente em que fôra creada, correo espontaneamente a encher as concavidades da mesma terra, e se abraçou de tal sorte com ella no mesmo lugar,

que da agua, e da terra se formou hum só globo. E foi tão grata aos olhos de Deos esta acção, posto que natural, do elemento da agua, que havendo de lhe compensar como Autor da natureza hum lugar com outro lugar, pelo ultimo a que se abateo na terra, o levantou ao supremo do Ceo. Mas pois estamos no Ceo, vejamos quão contrario foi lá a este exemplo da agua elementar o do fogo racional, que isso quer dizer Serafim. Tinha o primeiro lugar no Ceo entre o Côro dos Serafins Lucifer, e não se contentando com menos sua altiveza, que com subir ao supremo sobre todas as creaturas. Isto he o que revolvia no pensamento, quando disse: *Super astra Dei exaltabo solium meum: similis ero Altissimo. (Isai. 14. 13. 14.)* E que lhe fez o mesmo Altissimo a quem affectou ser semelhante? *Veruntamen ad Infernum detraheris in profundum laci. (Ibid. 15.)* Do Ceo o precipitou no Inferno, e do supremo lugar, que affectou no Empyreo, ao infimo dos abysmos. Assim castiga, ou premea Deos, e assim troca os lugares, sublimando até o supremo a quem se abateo ao ultimo; e derrubando até o ultimo a quem affectou o supremo. Tanto monta na parabola do nosso Evangelho, ou, *Amice ascende superius*, ou *Incipias cum rubore novissimum locum tenere.*

Á vista deste eterno desengano, não he necessario inferir qual deve ser a resolução nesta vida dos

que ainda tem livre a eleição dos lugares. Mas que farão os que já conseguirão a sua, e por nascimento, ou negociação, ou qualquer outra fortuna estão postos nos primeiros? Facil he dar o conselho, se não fôr difficultosa a resolução. Mas esta não corre por minha conta. Porque não farão os que tem menos que deixar, o que fizerão tantos Reis, e Emperadores? Não tinha fé do Ceo, nem do Inferno Diocleciano e Maximiano, e só pela experiencia que tinhão dos primeiros lugares do mundo, cansados de o governar, e mandar, ambos de commum consentimento renunciárão o Imperio em hum mesmo dia (que foi o de dezasete de Fevereiro do anno de trezentos e quatro) Diocleciano em Nicomedia, e Maximiano em Milão. E quem não exclamará neste passo: ó cegueira do juizo humano! ó fraqueza grande da nossa fé! que dous Gentios, e de má vida, tivessem valor para huma resolução como esta, e que sendo a medida dos lugares com que nos levantamos sobre os nossos iguaes tão curta, baste a lisonja desta preferencia tão trabalhosa, e incerta para a antepôrmos nesta vida á quietação, e descanso da temporal, e á segurança da eterna!

Razões póde haver tão urgentes, e obrigações tão fortes, que não permittão rómper estes laços: mas nos taes casos, que não pódem ser, senão muito raros, já que se não possão renunciar os lugares, ao

mesmos se deve renunciar o amor. Mais estranhava Christo nos Escribas, e Fariseos o amor que tinhão aos primeiros lugares, que os mesmos lugares: *Amant autem primos recubitus in cœnis, & primas cathedras in synagogis. (Matth. 23. 6).* Para serem tão arriscados como vemos os primeiros lugares basta serem primeiros, ainda que se não amem. Os Santos não los amavão, e com tudo se lê de todos, que os repugnavão, e fugião delles: mas se forem primeiros, e juntamente amados, então são muito mais perigosos, e perniciosos, assim para os mesmos a quem inchão, e enganão, como para a Republica, que arruinão. Estes mesmos Escribas e Fariseos amadores dos primeiros lugares, fôrão os solicitadores da morte de Christo, e os que puzerão o Filho de Deus em huma Cruz: Porque? Só por não perderem os lugares, que tanto amavão: *Venient Romani, & tollent nostrum locum. (Joann. 11. 48.)* Em fim, que se os primeiros lugares se não amarem, serão menos os damnos, que causarão, proprios, e alheos; mas, ou amados, ou não amados, se os que estão nelles, os não renunciarem de todo, e trocarem generosamente pelo ultimo, de nenhum módo poderão gozar a liberdade, a quietação, e o descanso seguro, que tão largamente tenho mostrado; porque este privilegio só he concedido pelo Deus ao ultimo lugar: *Recumbe in novissimo loco.*

SERMÃO

DA

DA DOMINGA VIGESIMA-SEGUNDA

POST PENTECOSTEN

Na occasião em que o Estado do Maranhão se repartio em dous Governos, e estes se derão a Pessoas particulares moradores da mesma terra.

Cujus est imago hæc, & superscriptio? Aiunt ei: Cæsaris. Matth. 22.

§. I.

Não ha terra mais difficultosa de governar, que a patria: nem ha mando mais mal soffrido, nem mais mal obedecido, que o dos iguaes. Vivendo os Hebreos governados por Deos, o qual no Propiciatorio respondia a todas suas consultas, e ordenava em voz clara o que se havia de fazer, ou não fazer; fo-

rão elles tão mal aconselhados, que quizerão ser governados por homens, como as outras nações: e sendo tão soberbos, que desprezavão a todas em tudo o mais, neste ponto, que era a sua maior prerogativa, pedirão ser semelhantes a ellas: *Constitue nobis Regem, sicut & universæ habent nationes (1. Reg. 8. 5.)* Os primeiros Governadores pois, que Deos lhes concedeo com poder, e soberania real, fôrão, Saul e David: Saul que andava buscando as jumentas, que se perdêrão a seu Pai, e David que andava guardando as ovelhas do seu. Não fez Deos differença das qualidades, porque todos erão filhos de Abrahão: nem a fez tambem dos officios, porque todos naquelle tempo vivião de suas lavouras, e dos seus pastos. Só teve attenção ás pessoas, e aos talentos; porque assim Saul como David debaixo do seu saial erão homens de tão grandes espiritos, como logo mostrárão as suas obras. Mas quaes fôrão os applausos com que foi recebida naquella Republica depois de tão apertadas instancias a eleição destes dous governos? A terra era a patria, e os eleitos erão iguaes (como dizia), e não bastou que hum fosse Saul, e outro David, para serem bem acceitos. Alegrárão-se os parentes, murmurárão os estranhos, e os demais (que eram quasi todos) ficárão descontentes. Não digo o que disserão, porque as cousas não erão para dizer, nem são para

ouvir: só digo que estamos no mesmo caso. Temos repartido este nosso Estado em dous governos iguaes, e debaixo de duas cabeças, ambas naturaes da mesma terra, sem ser a de Promissão: e assim da parte das cabeças, como dos membros, assim da parte dos novos Governadores, como dos subditos, se pódem recear, como já se temem, não pequenos inconvenientes. O recurso está longe, o remedio não póde chegar, senão tarde; entretanto só vos peço, que tomeis o melhor conselho. A obrigação dos Prégadores, a quem a Escritura chama Anjos da paz, he serem Ministros da união, e concordia: e porque esta devemos desejar todos, como bons Christãos, como bons republicos, e como bons vassallos; para eu satisfazer á minha obrigação, não me occorre outro meio mais efficaz, que declarar a huns, e a outros as suas. O meu intento será este, o Evangelho a guia, a intercessora para a graça a Virgem Senhora nossa. Peçamo-la com aquella attenção que requére tão importante materia. *Ave Maria.*

§ II.

Perguntado Christo Senhor nosso como Mestre da Lei, se era licito aos Hebreos pagar tributo ao Cesar Emperador dos Romanos, respondeo, que lhe mostrassem primeiro a moeda do tributo: *Ostendite*

mihi numisma census. (*Matth. 22. 19.*) E como na moeda estivesse estampada huma figura com certas letras em roda; perguntou mais o Senhor, Cuja era aquella imagem, e cujo o nome escrito nas letras: *Cujus est imago hæc, & superscriptio?* (*Ibid. 20.*) Respondêrão, que a imagem, e o nome era do mesmo Cesar: *Dicunt ei: Cæsaris.* Isto he o que contém as palavras que propuz. O resto do Evangelho ficará para outra occasião, e tambem a moeda. Eu não quero para hoje mais que a imagem do Cesar; porque com a imagem dos Cesares hei de fallar.

Cujus est imago hæc? Todos os que governão são imagens de seus Principes: porque os representão na pessoa, e no exercicio dos poderes. Começou este nome, ou titulo de imagem no primeiro governo do mundo, dado não menos que por Deos ao primeiro homem, e não nas provisões do officio, senão antes da creação delle, e do mesmo que o havia de exercitar. *Faciamus hominem ad imaginem, & similitudinem nostram, & præsit: (Genes. 1. 26.)* Façamos o homem (disse Deos) á nossa imagem, e semelhança, para que tenha a presidencia, e governo do mundo. Sobre estas palavras he grave questão entre os Theologos, em que consista no homem o ser imagem de Deos? Os Hereges Audeanos disserão, que consistia na fórma, e estatura do corpo. E tambem he heresia politica a de alguns Prin-

cipes, os quaes tanto se deixão levar dessas apparencias exteriores, que por ellas fazem a eleição das suas imagens. Tão pouco importa para o governo da Republica a estatura, ou gentileza dos corpos, (diz Seneca) como para o governo da náo ser o Piloto formoso. Resolvem pois todos os Santos, e Doutores Catholicos, que a razão da imagem de Deos no homem consiste na Alma adornada de tres potencias, em que representa ao mesmo Deos trino, e hum. Porém S. Basilio e S. João Chrysostomo accrescentão, que a Adão particularmente deo Deos o titulo de imagem sua, porque lhe encarregou o governo do mundo, e que ajuntou á imagem a semelhança, *ad imaginem*, & *similitudinem*: para que no mesmo governo se lembrasse Adão, que se devia fazer semelhante quanto fosse possivel ao Supremo Senhor a quem representava: *Imaginem dixit ob principatus rationem, similitudinem, ut pro viribus humanis similes fiamus Deo.*

Oh quantos, e quão excellentes documentos deixou Deos naquella primeira acção aos Principes de como devião fazer, e eleger as suas imagens! Todas as outras creaturas mandou-as Deos fazer, ou mandou que se fizessem: o homem, que o havia de representar como sua imagem, e a quem havia de entregar o governo do seu mundo, fê-lo com consulta, e conselho, e não de homens, que ainda

não havia, nem de Anjos, que já erão creados, mas daí tres Pessoas divinas: *Faciamus hominem ad imaginem, & similitudinem nostram*: e para que? *Et præsit piscibus maris, & volatilibus Cœli, & bestiis, universæque terræ*: para que governe os peixes do mar, as aves do ar, e os animaes da terra. E se para a eleição de quem ha de governar brutos, se requere tanto apparato, e prevenção de consultas, e conselhos na sabedoria do mesmo Deos; que será para eleger hum homem, que ha de governar homens? O caracter de imagem sua pôs Deos por ventura na Alma do homem, porque se não ha de entregar o governo a homens sem Alma? Sim; mas não só por isso. Não basta que o que houver de governar seja homem com Alma, mas he necessario, que seja Alma com homem. Se tiver Alma, e boa Alma, não quererá fazer mal: mas se juntamente não tiver actividade, e resolução, e talento de homem, não fará cousa boa. Deo-lhe Deos memoria, entendimento, e vontade: a memoria, para que se lembre da sua obrigação; o entendimento, para que saiba o que ha de mandar; e a vontade, para querer o que fôr melhor: e não homens de huma só potencia (que por isso fazem impotencias), e faltando-lhes a memoria, e o entendimento, só tem má vontade. Com todas estas qualidades formou Deos, e aperfeiçoou a imagem, que no governo do

mundo havia de representar a Magestade divina: bem assim como representão as Magestades humanas os que em seu lugar, e com seus poderes governão estas, ou outras pequenas partes do mesmo mundo. A imagem do Cesar não só estava estampada na moeda, senão tambem, e muito mais em quem governava a Republica. Na moeda era imagem morta, em quem governava, imagem viva; na moeda dava-lhe o cunho o valor, em quem governava davão lhe as provisões o poder. E se de qualquer dellas se perguntasse: *Cujus est imago hæc;* Cuja he esta imagem? De ambas se havia de responder em differente sentido, mas com a mesma verdade, que era imagem do Cesar: *Dicunt eis Cæsaris.*

Supposta esta significação nascida com o mundo, e com a mesma natureza, de que são imagens dos Principes os que governão em seu nome, e os representão; se eu prégára em outra parte, havia de repartir o Sermão em tres pontos. Primeiro, como hão os Cesares de fazer as suas imagens: segundo, como hão as imagens de representar os Cesares: terceiro, como os subditos, e vassallos dos Cesares hão de reverenciar, e obedecer ás mesmas imagens. Mas porque o primeiro ponto não pertence a esta terra, nem a este Auditorio; tratarei sómente do segundo, e do terceiro, que são tão proprios do lugar, como necessarios ao tempo.

§ III.

Começando pois pela obrigação das imagens, assim como he grande dignidade haver de representar hum Principe supremo nos olhos do mundo, (ou seja maior, ou menor o theatro) assim he mui difficultoso, e arriscado o acerto dessa grande representação. Facil no que toca ao poder, mas no mandar, e obrar, muito difficultosa, e de poucos. Isso quiz significar o Proverbio dos antigos, quando disserão, que a imagem de Mercurio não se faz de qualquer madeiro: *Non ex quolibet ligno fit Mercurius.* E porque mais a imagem de Mercurio, que a de Jupiter, que era entre os Deoses a primeira, e mais alta soberania? Porque Jupiter era Deos do poder, Mercurio da sabedoria, e prudencia: e a magestade do poder qualquer a póde representar facilmente, as acções porém da sabedoria, e prudencia são mui poucos os que sejão capazes de as compôr, e exercitar, como ellas requerem. Mas facil he parecer Jupiter, que Mercurio. Quando S. Paulo, e S. Barnabé entrárão em Licaonia, admirados aquelles Gentios do que vião em ambos, disserão, que os Deoses em semelhança de homens tinhão descido do Ceo á sua Cidade: e a Barnabé chamavão Jupiter, e a Paulo Mercurio: *Vocabant Barnabam Jovem, Paulum verò Mercurium. (Actor. 14.*

11.) Mas se Paulo por tantas, e tão excellentes prerogativas era maior que Barnabé, porque derão a Barnabé, e não a Paulo o nome de Jupiter, e a Paulo, e não a Barnabé o de Mercurio? Porque Barnabé excedia na estatura, e magestade da pessoa, Paulo na eloquencia, na sabedoria, e na doutrina: *Quoniam ipse erat dux verbi: (Ibid.)* e a representação da sabedoria requere muito maior cabedal, e muito maior homem, que a da magestade.

Subamos das deidades fabulosas á verdadeira, e ella nos dará a razão desta differença. O Verbo eterno como Filho natural de Deos Padre, he imagem perfeitissima do mesmo Deos: E porque no ser divino até os Gentios consideravão duas eminencias superlativas, huma da summa bondade, e outra da summa grandeza, por onde chamavão a Deos Optimo Maximo: declarando Salomão no livro da Sabedoria a summa perfeição com que no Verbo se representão huma, e outra, diz que he espelho sem macula da Magestade de Deos, e imagem de sua bondade: *Speculum sine macula Dei magestatis, & imago bonitatis illius. (Sapient. 7. 26;)* O que aqui só reparo, he, que huma, e a mesma representação em quanto he da magestade, se chama espelho: *Speculum magestatis;* e em quanto he da bondade, se chama imagem; *imago bonitatis illius.* E a razão desta differença, deixando por agora a Theo-

logica, e buscando sómente a Moral, qual he, ou póde ser? He a mesma que experimentamos na facilidade das imagens, que vemos no espelho, e na difficuldade das que se mostrão, e representão em si mesmas. As imagens que se representão em si mesmas, ou são de pintura, ou de escultura. As de pintura fazem-se com muitos debuxos, muitas côres, muitas sombras, muitos claros, muitos escuros: as da escultura com muito bater, muito cavar, muito polir, muitos cheios, muitos vazios: e humas, e outras com muita arte, muita applicação, muito trabalho. Pelo contrario as imagens, que se representão no espelho, ellas se pintão sem tinta, e se entalhão sem ferro, e apparecem perfeitas em hum momento sem mais trabalho, ou artificio que huma reflexão natural. Pois por isso as da magestade se representão no espelho, porque a magestade, e o poder, e a ostentação, e execução delle he muito facil: porém as da bondade, que são as do bem mandar, e bem obrar, e bem fazer a todos, representão-se nas outras imagens, ou pintadas, ou esculpidas, porque estas são muito difficultosas, e trabalhosas, e que requerem muita arte, muita sabedoria, muita proporção, muita regra. As imagens de escultura fazem-se tirando, as de pintura, pondo: para este tirar, he necessario muito desinteresse: para este pôr, e acrescentar, muita igualdade: e para

huma cousa, e outra, muita prudencia, muita justiça, muita inteireza, muita constancia, e outras grandes virtudes, que mais facilmente faltão todas, do que se achão juntas.

Nas duas imagens de Jupiter e Mercurio, que se attribuirão aos dous Apostolos, temos o exemplo de tudo. A imagem de Jupiter pintava-se com hum raio na mão, a de Mercurio com hum baculo entre duas serpentes. E aqui se via bem quão facil he huma representação, e quão difficultosa outra. Fulminar raios, estremecer o mundo com trovões, escalar torres, derrubar casas, matar homens, fender de alto a baixo cedros, cyprestes, enzinhas, e todas as outras violencias, e damnos, que causão os raios, tudo he muito facil ao poder, em quem abusar delle. Porém metter o bastão entre serpentes discordes, e venenosas, e fazer que não se mordão, nem se espedacem: domar ferezas, amansar rebeldias, e reduzir a que vivão confórme a razão os que por natureza, e costume não tem uso della; esta he a difficuldade grande em toda a parte, e na terra em que estamos, maior que em nenhuma outra. Menos ha de cincoenta annos, que nesta terra se não conhecia o nome de Rei, nem se tinha ouvido o de Lei: e que difficuldades será fazer obedecer, e guardar nellas as Leis dos Reis? Desde o mesmo tempo se sustentão os que a conquistárão não dos pas-

tos de animaes domesticos, senão da caça, e montaria de homens: e que difficuldade será ainda maior manter em paz, e justiça os que só se mantem da guerra injusta? Esta he pois a primeira difficuldade geral deste governo; mas esta a obrigação, e officio dos que nelle representão a imagem do Cesar.

§ IV.

A segunda difficuldade, que mais ainda impede, e quasi impossibilita a boa representação destas imagens, he, que as imagens, e o Cesar estão muito distantes. Quando respondêrão a Christo, que aquella imagem era do Cesar, o Cesar estava em Roma, e a imagem em Jerusalem. Que será onde o Cesar, e o Rei está na Europa, e as imagens na America? O Rei em hum mundo, e os que representão em outro? Até Deos se temeo destes longes: não porque não esteja em toda a parte, e veja tudo, mas porque vê sem ser visto. Assim o mandou notificar ao mundo pelo Profeta Jeremias: *Rutas ne Deus ê vicino ego sum, & non Deus de longe?* (*Jerem. 23. 23.*) Cuidais que eu sou Deos só de perto, e não de longe? Enganais-vos; porque ainda que no Ceo tenho a minhá Côrte, tanto assisto na terra, como no Ceo: *Cœlum & terram ego impleo.* (*Ibid. 24.*) Houve com tudo homens tão ignorantes, que inter-

pretando mal o verso de David: *Cœlum cœli Domino, terram autem dedit filiis hominum: (Psalm. 113. 16.)* cuidárão que porque Deos puzera a sua Côrte no Ceo, demittira de si o dominio da terra, e o déra aos homens. Não creio que os que governão as Conquistas cuidão o mesmo, mas he certo, que muitos as dominão tão despoticamente, como se o cuidárão. Tão senhores se fazem dellas, como se ellas, e elles não tiverão outro senhor. Tanto atrevimento lhes dá estar o Principe longe, o recurso longe, o remedio longe, e até a verdade não só escurecida, mas opprimida dos mesmos longes. A Rainha Sabá chamava bemaventurados os que servião a ElRei Salomão em sua presença. E desta bemaventurança se privão em tempo de tão bons, e tão justos Reis como os nossos, os que por serviço seu, e de Deos, se expõem não só ás inclemencias dos climas, que he muito menos, mas ás furias dos longes: e a vêr, e chorar de perto as perdas temporaes, e eternas, de que elles são causa.

Diz a parabola do Evangelho, que partio hum Rei para muito longe a conquistar hum novo Reino, e entre tanto deixou encommendada a sua fazenda a tres criados, para que negociassem com ella. Destes tres criados hum não negociou, mas não roubou, e os dous derão tão boa conta da sua negociação, que dobrárão o cabedal do Rei, e merecêrão

delle grandes mercês. Ditoso tempo, em que de tres criados de que fez confiança hum Rei, servindo não á sua vista, senão muito longe delle, os dous lhe acrescentárão a fazenda em dobro, e o menos diligente, posto que a não acrescentou, nem hum seitil furtou della. Achar-se-ha hoje hum par, e meio de criados semelhantes a estes? Nem em tres, nem em trinta, nem em trezentos. E qual hé a razão? O mesmo Texto a deo narrativamente em bem clara prova do que imos dizendo. Diz o Texto, que foi o Rei muito longe do seu Reino a conquistar outro, mas para tornar outra vez: *Abiit in Regionem longinquam accipere sibi Regnum, & reverti. (Luc. 19. 12.)* Quando os Reis vão do seu Reino ás Conquistas, e das Conquistas tornão ao Reino: ainda que as Conquistas estejão muito longe, aquelles longes tem depois os seus pertos; e por isso os criados na ausencia servem com tal respeito, ou tal medo, que na presença dão boa conta de si. Porém quando os Reis não vão ás Conquistas, ou ellas são tão remotas, que não pódem lá ir; como os longes sempre são longes; quão longe está o Rei dos criados, tão longe se põem elles das suas obrigações. Quando o Rei vai do Reino ás Conquistas, e das Conquistas torna ao Reino, he Rei do Reino, e mais das Conquistas: mas quando o Rei fica no Reino, e ás Conquistas manda só os criados, os criados são os Reis

das Conquistas, e não o Rei. O Rei fá-los suas imagens, e elles fazem-se Reis.

E quem lhes dá estes azos, ou estas azas, senão aquellas que os levão, e põem tão longe? De Roma a Jerusalem ainda tinhão algum vigor os respeitos do Cesar: *Si hunc dimittis, non es amicus Cæsaris. (Joann. 19. 12.)* Mas de Lisboa á India, e ao Brasil com todo o mar Oceano em meio? a fé, a obrigação, a obediencia, o respeito, tudo se esfria, tudo se marêa, tudo referve. Vendo-se tão longe de quem os manda, como lá pódem o que querem, não se contentão com querer o que pódem. Levão os poderes de imagens, e tomão as omnipotencias de Cesares; e não de Augustos, ou Trajanos para conservação, e augmento da Monarchia, mas de Tiberios, de Caligulas, de Neros, destruidores della: para que nos não admiremos das ruinas da nossa, nem lhes busquemos outra causa. Porque perdeo Adão com o Paraiso a Monarchia do Universo? Porque se não contentou com ser imagem de Deos, mas quiz ser como o mesmo Deos, que o fizera sua imagem. A tentação com que o fez apostatar o Demonio, foi com lhe dizer, que seria como Deos. Mas se Adão já era como Deos, pois era sua imagem, que lhe prometteo de mais o Demonio naquelle *sicut, eritis sicut dii? (Genes. 3. 5.)* O equivoco do *sicut* foi verdadeiramente diabolico. Adão em quanto imagem

de Deos já era como Deos na representação, mas não era como Deos na soberania: e isto he o que lhe prometteo o Demonio. E como Adão se não contentou de ser como Deos só na representação, que era o que tinha por imagem, e quiz ser como Deos na soberania, que era o que lhe vedava a obediencia, e o preceito; por isso quebrou o preceito, e negou a obediencia a Deos. E isto que fez Adão na Asia, he o que fazem na mesma Asia, e na nossa America os que não se contentando com ser imagens dos Reis, excedem tão exorbitantemente toda a medida, e proporção de imagens, como agora veremos.

§ V.

Antes de haver no mundo a arte da pintura (que começou depois do incendio de Troya) diz Plinio, que se retratavão os homens cada hum pela sua sombra. Punha-se o homem em pé, fazia sombra com o corpo interposto á luz do Sol, e aquella sombra cortada pela mesma medida era a sua imagem. E como se podia conhecer a imagem, se não tinha feições por onde se distinguisse? Diz o mesmo Plinio, que para se conhecer, lhe escrevião ao pé o nome de quem era: *Omnes umbra hominis circumductas ideo & quos pingerent adscribere institutum.* Fazião-se os retratos naquella rudeza da arte, como

em Portugal os que chamão Ricos feitios: nos quaes as imagens se não conhecerião pela figura, se o não dissesse o rótulo. E he lastima, que prohibindo Alexandre, que ninguem pudesse pintar a sua imagem, senão Apelles: cá nos appareção algumas figuras tão dessemelhantes dos soberanos originaes, que mais parecem Ricos feitios, que verdadeiras imagens do que ha de crer a nossa fé que representão. Mas ainda tinhão outra maior impropriedade as imagens cortadas pela medida da sombra, porque segundo o lugar em que estivesse o Sol, serião sem nenhuma proporção muito maiores que os mesmos a quem representavão. E isto he o que se vê, como eu dizia, na Asia, e na America, nas Indias Orientaes, onde nasce o Sol, e nas Occidentaes, onde se põe. Não póde haver semelhança mais propria. A sombra quando o Sol está no Zenith he muito pequenina, e toda se vos mette debaixo dos pés: mas quando o Sol está no Oriente, ou no Occaso, essa mesma sombra se estende tão immensamente, que mal cabe dentro dos horizontes. Assim nem mais nem menos os que pertendem, e alcanção os governos ultramarinos. Lá onde o Sol está no Zenith, não só se mettem estas sombras debaixo dos pés do Principe, senão tambem dos de seus Ministros. Mas quando chegão áquellas Indias, onde nasce o Sol, ou a estas, onde se põe, crescem tanto as mes-

mas sombras, que excedem muito a medida dos mesmos Reis, de que são imagens.

He cousa muito notavel, e que por ventura não tendes advertido, quanto excedeo a medida de Nabucodonosor a grandeza daquella imagem, que elle mandou fazer depois que vio em sonhos a da sua Estatua. Diz a Historia Sagrada, que tinha de altura, ou comprimento sessenta covados: *Nabuchodonosor Rex feçit statuam auream altitudine cubitorum sexaginta. (Daniel. 3. 1.)* Agora pergunto: E quanto vinha a ser maior a grandeza desta imagem, que a estatura do mesmo Rei, a quem representava? Segundo as regras de Vitruvio, e a symetria, e proporções de hum corpo humano, o dedo menor da mão, a que vulgarmente chamamos meminho, contém a decima oitava parte do mesmo corpo. E que se segue daqui? Cousa verdadeiramente não sei se mais para admirar, se para rir. Segue-se que todo Nabucodonosor cabia dentro do dedo meminho da sua imagem. Já não he grande a insolencia de Roboão em dizer, que era mais grosso o seu dedo meminho, que ElRei Salomão seu Pai pela cintura. Mas qual será a daquelles vassallos, que sendo sómente imagens dos seus Reis, se fazem tanto maiores que elles cá onde o Sol se põe, ou lá onde o Sol nasce, quanto he o excesso immenso com que a sombra se estende, sem outra medida, sem outra

proporção, nem outro limite mais que o que no mar, ou na terra fecha os horizontes. A imagem de Nabuco era de ouro, as suas são de sombra: mas como as artes que vem, ou vão exercitar, são as da sólida, e verdadeira alchimia, ellos sabem converter essa sombra em ouro, e fazer-se melhor adorar que o mesmo Nabuco. A imagem de Nabuço para os seus adoradores não tinha prémios, e para os que não adoravão tinha fornalhas. Lá, e cá não he assim. Os que adorão, e os que não adorão, todos ardem: porque todos por diversos modos ficão abrazados, e consumidos.

Ainda resta a maior dôr, e o maior escandalo. E qual he? He que quando estas imagens tornão para donde vierão, são taes as bullas de canonização, que levão comsigo, que merecem ser collocadas sobre os Altares. Oh quem lhes puzera tambem diante as insignias dos seus milagres? Vêde que Xavieres da India, e que Anchietas do Brasil! E o peor he, que se algum os não imitou, nem teve imitadores; esse he recebido sem applauso, e está sepultado sem culto. Mas não deixemos em silencio os milagres dos applaudidos. Nesses famosos Santuarios da Europa, onde se venerão imagens milagrosas, alli se vêm penduradas as mortalhas, as muletas, as cadeas, as amarras, os pés, os braços, os olhos, as linguas, os corações dos que protestão naquelles vo-

tos dever-lhes miraculosamente todos estes benefícios. Deixadas pois as outras terras mais remotas, que tambem pódem testemunhar neste caso; vós que me ouvis, que direis da vossa? Que milagres vistes nos já mortos? (que não fallo, nem quero que falleis nos vivos) E quaes serião as merecidas insignias, ou troféos dos mesmos milagres, com que a verdade sem lisonja, e a memoria ainda com horror, lhes adornaria as sepulturas? Tambem alli se verião mortalhas, não de poucos que resuscitassem, mas de infinitos, e sem numero, a quem tirárão a vida. Tambem se verião cadeas, não dos que libertárão do cativeiro, mas das nações, e povos inteiros, que sendo livres, fizerão cativos. Tambem se verião amarras, não dos navios, que salvárão, mas dos que fizerão naufragar, e perder, sendo elles no mar, e na terra a maior tormenta. Tambem se verião muletas, não dos estropeados que sarassem, mas dos que sendo ricos, e abastados, os deixárão mendigando por portas, e sem remedio. Tambem se verião braços, e pés dos que sendo poderosos, só porque o erão, os enfraqueceo, derrubou, e opprimio o seu injusto poder sem mais razão que a violencia, Tambem se verião finalmente os olhos, que fizerão cegar com lagrimas: e os corações que afogárão em tristezas, em lastimas, e desesperações: e as linguas que emmudecêrão sem poderem fallar,

nem dar hum ai, por lhes não ser lícito clamar á terra, nem ainda gemer ao Ceo. Estes, e outros são os milagres daquellas canonizadas imagens, que chegando aqui despidas, e toscas, tornárão estofadas de borcado, e ouro: e pintadas com as falsas côres com que enganárão a fama, por ella são recebidas em andores, e frequentadas com romarias.

§ VI.

Alégora tenho representado aos nossos novos Governadores, e naturaes o que não devem imitar nos estranhos. Nem creio lhes será difficultosa a abominação de tão perniciosos exemplos, não só como experimentados em todos, mas tambem como feridos, e magoados. Saibão porém que nelles como naturaes concorre outra terceira difficuldade, que nos estranhos não tem lugar. Porque? Porque ainda que huns, e outros são imagens, elles são imagens com as raizes na terra. As imagens não só são obra dos Estatuarios, e Pintores, senão tambem dos Jardineiros. Huma das cousas mais curiosas, que se vê nos jardins, onde as terras se cultivão mais primorosamente que nesta nossa, são varias figuras de murta, ou de outras plantas formadas com tal artificio, proporção, e viveza de membros, que tirada a côr verde, em tudo o mais se não distinguem do natural que representão. Mas esta mesma representação

he muito difficultosa de conservar. As outras imagens, ou sejão fundidas em metal, ou esculpidas em pedra, ou entalhadas em madeira, ou pintadas nos quadros, ou tecidas nos tapizes, sem mais diligencia, nem cuidado, sempre conservão, e representão a figura que lhes deo o artifice. Porêm as que são formadas de plantas, como tem as raizes na terra, donde recebem o humor, crescendo naturalmente os ramos, facilmente se descompõem, e se fazem monstros. Isto mesmo succede, ou póde succeder aos que tem o governo da sua propria patria, e não por outra razão, ou fundamento, senão porque tem as raizes na terra. Alli tem os parentes, alli os amigos, alli os inimigos, alli os interesses da fazenda, da familia, da pessoa: e qualquer destes humores, ou respeitos, e muito mais todos juntos pódem descompôr de tal sorte a imagem, e representação de quem governa, que nem apparencia lhe fique do que deve ser, e em tudo obre, e seja o contrario do que he obrigado. Se o humor das raizes lhe brotar pelos olhos, não poderá vêr as cousas, nem ainda olhar para ellas sêm paixão, que he a que troca as côres ás mesmas cousas, e faz que se vejão humas por outras. Se lhe tomar, e occupar os ouvidos, não ouvirá as informações com a cautela com que as deve examinar, ou ficará tão surdo, que as não ouça, ainda que sejão clamores. Se lhe rebentar pela bocca,

mandará o que deve prohibir, e prohibirá o que deve mandar, e as suas ordens serão desordens, e as suas sentenças aggravos. Finalmente, se sahir, e vecejar pelos braços, e pelas mãos, que são as extremidades mais perigosas, e onde se experimentão maiores excessos, estenderá os braços aonde não chega a sua jurdição, e metterá a mão, e encherá as mãos do que não deve tocar.

Por certo que se os que tomárão sobre si estes encargos se aconselhárão, não digo comigo, senão com as mesmas plantas, que tem as raizes na terra, ainda que os governos fôrão de maior supposição, e autoridade, os não havião de aceitar. O primeiro apólogo que se escreveo no mundo (que he fabula com significação verdadeira) foi aquelle que refere a Sagrada Escritura no Capitulo nono dos Juizes. Quizerão (diz) as Arvores fazer hum Rei que as governasse, e fôrão offerecer o governo á Oliveira, a qual se escusou, dizendo, que não queria deixar o seu oleo, com que se ungem os homens, e se alumião os Deoses. Ouvida a escusa, fôrão á Figueira, e tambem a Figueira não quiz aceitar, dizendo, que os seus figos erão muito doces, e que não queria deixar a sua doçura. Em terceiro lugar fôrão á Vide, a qual disse, que as suas uvas comidas erão o sabor, e bebidas, a alegria do mundo, e a quem tinha tão rico patrimonio, não lhe convinha deixá-lo

para se metter em governos. De sorte que assim andava o governo universal das arvores, como de porta em porta, sem haver quem o quizesse. Mas o que eu noto nestas escusas, he, que todas convierão em huma só razão, e a mesma, que era não querer cada huma deixar os seus frutos. E houve alguem que dissesse, ou propuzesse tal cousa a estas arvores? Houve alguem, que dissesse á Oliveira que havia de deixar as suas azeitonas, nem á Figueira os seus figos, nem á Vide as suas uvas? Ninguem. Sómente lhes disserão, e propuzerão, que quizessem aceitar o governo. Pois se isso foi só o que lhes disserão, e offerecerão, e ninguem lhes fallou em haverem de deixar os seus frutos; porque se escusarão todas com os não quererem deixar? Porque entendêrão, sem terem entendimento, que quem aceita o governo de outros, só ha de tratar delles, e não de si: e que se não deixa totalmente o interesse, a conveniencia, a utilidade, e qualquer outro genero de bem particular, e proprio, não póde tratar do commum.

Saibamos agora, e não de outrem, senão das mesmas arvores, se este bom governo, do modo que ellas o entendêrão, se póde conseguir, e exercitar com as raizes em terra? Assim as que o offerecêrão, como as que o não aceitárão, todas concordão, que não. Que disserão as que offerecêrão o governo?

Disserão a cada huma das outras: *Veni, & impera nobis: (Judic. 9. 12.)* Vinde, e governai-nos. Vinde? Logo se ellas havião de ir, havião-se de arrancar do lugar onde estavão, e deixar as suas raizes. E cada huma das que não aceitárão, que respondeo? Respondeo, que não podia ir, porque movendo-se havia de deixar as suas raizes, e sem raizes não podia dar fruto: *Nunquid possum deserere pinguedinem meam, & venire ut inter ligna promoveat? (Ibid. 9.)* De maneira que gôvernar, e governar bem, não póde ser com as raizes na terra. Governar mal, e para destruição do bem commum, isso sim, E na mesma historia o temos, que ainda vai por diante. Vendo as arvores, que as tres á que tinhão offerecido o governo, o não quizerão aceitar, diz o Texto, que se fôrão ter com o Espinheiro, e lhe fizerão a mesma offerta. E que respondeo o Espinheiro? He resposta muito digna de ponderação. A proposta das arvores foi a mesma: *Veni & impera super nos: (Ibid. 14.)* e elle respondeo não só como Espinheiro, senão como espinhado: *Si verè me Regem vobis constituitis, venite, & sub umbra mea requiescite: si autem non vultis, egrediatur ignis de rhamno, & devoret cedros Libani: (Ibid. 15.)* Se verdadeiramente me dais o imperio, vinde todas deitar-vos a meus pés, e pôr-vos á minha sombra: e se houver alguma que repugne, sahirá tal fogo do Espinheiro, que

abraze os mais altos cedros do Libano. Não sei se reparais na differença. As arvores, que lhe offerecêrão o governo, disserão-lhe, *Veni:* e elle disse-lhes, *Venite.* Não sou eu o que hei de deixar as minhas raizes, senão vós as vossas. Em conclusão, que quem ha de governar bem, deixa as suas raizes; e quem governa mal, arranca as dos subditos, e só trata de conservar as suas.

§ VII.

Esta he a particular difficuldade, e o grande perigo em que estão de se não conformarem com o soberano original, que representão as imagens, que tem as raizes na terra. He necessario para se conservarem nesta nova representação, e para governarem como devem, que se apartem das suas proprias raizes. Olhai para todas as varas desde a maior á menor com que se governa a Republica. Aquellas varas não tiverão tambem suas raizes? Sim tiverão. Mas para governarem, e terem jurdição, todas fôrão primeiro cortadas das mesmas raizes, e por isso todas são varas secas. Que remedio logo para que as novas varas, que nos governão, tendo como tem as raizes na terra, conservem a imagem do Cesar que representão? O melhor, e anticipado remedio houvera sido escusarem-se como fizerão as arvores bem entendidas; mas a escusa já não tem lugar.

O receo de poderem ser como o Espinheiro, que prometteo sombras, e atheaçou raios, tambem me não dá cuidado; porque todos conhecemos a moderação, e modestia dos que acceitárão o governo. Mas porque os mesmos governos antes costumão mudar as condições dos homens, que conservá-las; o mais seguro meio de todos seria cortar as raizes. E quando a resolução de algum fosse tão animosa que assim o fizesse; eu me atrevia a lhe prometter da parte de Deos, que nem por isso lhe farião falta. A Vara de Arão não tinha raizes na terra; e com tudo reverdeceo, floreceo, e deo em meio dia o fruto, que as raizes lhe não podião dar em menos de hum anno. Mas deixados os milagres a Deos, e recolhendo-nos aos limites da natureza, só vos aconselho, que façais com toda a applicação o que póde a diligencia, e a industria. Que faz o Jardineiro para conservar a representação das suas imagens, por mais que tenhão as raizes na terra? Traz sempre os olhos postos na figura que representão; e contra todo o impeto do humor, que as mesmas raizes naturalmente communicão á planta, já endireitando, já dobrando, já ligando, já decotando, conserva nellas a imagem tão proporcionada, inteira, e sem mudança, como se a tivera lavrado em marmore, ou fundido em bronze.

Tudo isto he necessario a quem ha de retratár, ou transfigurar em si não outra, nem menor, ou

menos sagrada imagem, que a da mesma Pessoa Real, a quem representa. Ha de endireitar, ha de dobrar, ha de ligar, ha de cortar: e como? Ha de endireitar a intenção, tendo a sempre muito recta de servir só a Deos, e ao Rei. Ha de dobrar a vontade, para que sempre se incline, e siga o juizo, e dictames da verdadeira razão. Ha de ligar, e atar o appetite, que junto com o poder, hé muito violento, e rebelde, para que se não desenfrée. E finalmente, se algum destes affectos quizer brotar no que não he decente a tão soberana representação, decotá-lo logo, e cortá-lo para que a não descomponha; e se acaso se sente por dentro, não appareça fóra. A figura que haveis de trazer sempre diante dos olhos, he o mesmo Rei de quem sois imagem: e não como ausente, senão como presente; nem como invisivel, senão como visto. Mas como póde isto ser, se elle está tão distante? Muito facilmente, se não tirardes os olhos do séu Regimento, no qual vereis ao mesmo Rei tão natural, e vivamente retratado em sua propria figura, como se a tivéreis presente. Dir-me-heis que no vosso Regimento lêdes sim as palavras, e firma do Rei, mas não lhe vêdes a figura. Ora, abri melhor os olhos, e logo a vereis; mas he necessario levantar o pensamento. S. Paulo diz, que o Verbo eterno he a figura da propria substancia do Padre: *Qui cùm sit splendor gloriæ, & figura*

substantiæ ejus. (Hebr. 1. 3.) E que he, ou quer dizer o Verbo? He, e quer dizer a palavra. Pois a palavra de Deos he a figura da sua propria substancia, *figura substantiæ ejus?* Sim. Porque toda a sua substancia, e todo o seu ser imprimio, e exprimio Deos na sua palavra, como propria, natural, e perfeitissima figura de si mesmo. E assim como Deos imprime, e exprime a sua figura na sua palavra, assim os Reis, que são os Deoses da terra, se imprimem, e estampão nas suas. De maneira que quem lê as palavras, a firma, e as ordens do Rei nos seus Regimentos, vê a propria figura do Rei, ou vê ao Rei em sua propria figura. Nunca o pincel de Apelles retratou tão felizmente a Alexandre, e o representou aos olhos tão proprio, e tão vivo, como os Reis no que escrevem, e ordenão, se retratão, ou reproduzem a si mesmos. *Sapiens in verbis producet seipsum: (Eccles. 20. 29.)* diz o Espirito Santo. Mas ouçamos a hum Rei.

No tempo em que os Godos dominárão a Italia, hum dos Reis que tiverão a fortuna de escrever com a penna de Cassiodoro, despachando seus Regimentos a alguns Ministros ausentes, que nunca o tinhão visto, dizer assim: *Tenete speculum cordis, speculum voluntatis, ut quibus non sum facie notus, fiam morum qualitate recognitus:* Quando chegarem a vossas mãos estas minhas letras, recebei-as como hum

espelho do meu coração, da minha vontade, e de mim mesmo: das quaes, pois me não conheceis pelo rosto, me conhecereis pelo animo. Notai agora o que acrescenta com juizo verdadeiramente real, e discrição, e agudeza mais que de Rei: *In hac me potius parte conspicite quæ latet præsentes: non est vobis damnum absentiæ meæ: utilius est mente nos-se, quàm corpore.* Folgai (diz) de me vêr antes no que vos escrevo, que em minha propria pessoa, entendendo que me vêdes melhor do que os que na minha Côrte estão presentes; porque vereis o que elles não vêm, e sabereis de mim o que eu lhes encubro a elles: assim que por este modo nenhum damno recebereis da minha ausencia, nem a minha presença vos fará falta: porque na presença, como os demais, vêr-me-heis o rosto, e na ausencia, pelo que vos ordeno, vêr-me-heis á Alma. Mas não deixemos sem ponderação chamar o Rei ás suas ordens escritas espelhos de si mesmo: *Tenete speculum cordis, speculum voluntatis.* A mais perfeita figura, que inventou a natureza, e não póde imitar a arte, he a que se vê no espelho. Porque o que se vê nas côres da pintura, ou no vulto das estatuas, he só huma semelhança, e representação da pessoa; porém no espelho não se vê semelhança, ou representação, senão a mesma pessoa por reflexão das especies. O espelho não he outra cousa que hum impedimento

das especies com que vemos, o qual as não deixa passar, e tornão para os olhos. E assim como o espelho sendo impedimento da vista por meio da reflexão melhora a mesma vista, assim na ausencia, que tambem he impedimento da vista, por meio da escritura fica a mesma vista melhorada. Sem escritura he a ausencia impedimento, com escriptura he espellho. Este espelho pois dos Reis, em que mais vivamente se representa a sua mesma Pessoa, que na sua propria figura, he o que hão de trazer sempre diante dos olhos os que tem por obrigação, e officio ser imagens do Rei. Entendendo que em quanto observarem as ordens do seu Regimento, serão imagens do Cesar; e pelo contrario no ponto em que se não conformarem com ellas, perderão a semelhança, a figura, e o ser de imagens suas.

Pergantão os Theologos, se Adão pela desobediencia perdeo o ser que tinha de imagem de Deos? E respondem geralmente que não; porque não perdeo a memoria, entendimento, e vontade, em que consistia a semelhança de Deos trino, e hum, a que o mesmo Deos o tinha creado. Mas esta resposta tem necessidade de distincção. O mesmo homem de dous modos era imagem de Deos: hum como imagem natural, outro como imagem politica. Em quanto creatura racional com a soberania do livre alvedrio em tres potencias, era imagem, que natu-

ralmente representava a Deos, a qual de nenhum modo podia perder, porque nella consistia a sua propria essencia. Porém em quanto senhor do mundo com o governo de todos os animaes, era locotenente do mesmo Deos, e imagem politica sua, e esta não só a podia perder Adão, senão que de facto a perdeo. Mas quando, e como? Tinha-lhe Deos dado por Regimento, que guardasse o Paraiso, e que nem elle, nem sua mulher comessem do fruto da arvore vedada. E em quanto Adão guardou este Regimento (que não se sabe ao certo por quanto tempo foi) conservou inteiramente em si esta segunda imagem de Deos, sendo venerado, e reconhecido por senhor, e obedecido no ar, no mar, e na terra de tudo quanto vivia nestes tres elementos. Porém depois que faltou á observancia do mesmo Regimento, antes o quebrantou em tudo, não guardando o Paraiso, porque deixou entrar nelle a Serpente, nem se abstendo da arvore prohibida, porque consentio que Eva comesse, comendo tambem elle; logo perdeo a imagem, em que representava a Deos politicamente, e os animaes, que já não viáo, nem reconheciáo nelle a imagem, que tinha perdido, por instincto natural se rebellárão, e lhe negárão a obediencia.

Vistes (diz elegantemente neste passo S. Chrysostomo) vistes a sujeição com que o vosso cão vos reconhece, a promptidão com que chamado acode, o

amor com que vos segue, e o alvoroço natural com que vindo de fóra, vos sahe a receber, e a saltos vos festeja: e pelo contrario, se vos disfarçastes, e cobristes o rosto com huma máscara, esse mesmo cão, ladrando, remette a vós, e como estranho, ou inimigo dá rebate contra vós em vossa propria casa? Pois isto mesmo succedeo a Adão com todos os animaes, depois que desobedecendo, mudou a figura, e perdeo a imagem de Deos, que era o caracter visivel do dominio do Universo, que nelle tinha delegado. Tanto vai de guardarem, ou não guardarem o Regimento, e ordens do supremo Principe, os que elle substituio em seu lugar, para que como imagens suas o representem. Eu não me queixo das imagens mascaradas, porque sei muito bem as côres, com que honesta, e modestamente se sabem tingir, e fingir, em quanto assim lhes importa a suas pertenções; mas a minha queixa, e de todos he, que depois que se vêm feitas, ou enfeitadas em imagens, então tirão a máscara, e mostrão descubertamente o que erão, e sempre fôrão. Assim que não ha outro meio certo, e seguro de se conservarem na inteira representação de imagens do Cesar, os que por mercê, e autoridade sua tem esse nome, senão a verdadeira, e exacta observancia de suas ordens; e verem-se, e compôrem-se, e retratarem-se em seus Regimentos, como em espelhos.

§ VIII.

O dito atéqui basta (quando não sobeje) para que os nossos novamente eleitos tenhão entendido o modo, com que pódem, e devem satisfazer as obrigações de imagens do Cesar, em que sem outro exemplo se vêm de presente constituidos; que era o primeiro ponto da nossa proposta. O segundo pertence aos subditos, e vassallos do mesmo Cesar, e he, como devem obedecer, e reverenciar as mesmas imagens: em que todas as difficuldades, que no primeiro discurso apontámos, estão facilitadas, e por isso será este muito breve.

Primeiramente nos subditos não occorre a difficuldade do acerto na indifferença, ou resolução do que se ha de obrar; porque esta só pertence a quem manda, e não a quem só deve obedecer: sendo privilegio singular da obediencia, que podendo errar quem manda, e errando muitas vezes, só o que obedece, ainda seguindo esses mesmos erros, sempre acerta. Do mesmo modo não estão expostos os subditos áquella terrivel tentação, em que mette as imagens dos Cesares o estar longe delles; porque se as imagens, que os representão, estão longe, os que se devem conformar com ellas, ainda que ellas sejão disformes, sempre as tem á vista. Finalmente, o serem imagens, que tem as raizes na terra, lão

fóra está de ser inconveniente, que he o que mais convém a toda a Republica. Os que nascêrão, ou se criárão na mesma terra, como as qualidades de cada huma são differentes, e differentes os climas, e influencias do Ceo que nellas dominão, e conhecem as inclinações, e costumes, ou bons, ou vicioses dos que as habitão, e de tudo tem larga experiencia, assim como pódem suavemente promover o bem, assim sabem os meios efficazes, e mais provados, com que se póde obviar o mal. E de todas estas propriedades, e noticias, não só importantes, mas totalmente necessarias, carecem os que vem de novo, e de fóra, sem lhes valer, como inexpertos, nenhuma sciencia, discurso, ou juizo, por agudo, e bem instruido que seja. Adão e Eva tinhão sciencia infusa, e sabendo, como não pódião ignorar, que as cobras não fallavão, por informação de huma dellas, tendo-os Deos posto no Paraiso para governarem o mundo, o mundo, e o Paraiso tudo perdêrão em poucas horas.

Pelo contrario, quiz Deos acudir ao perigo de se perder totalmente, em que o povo de Israel estava no Egypto; e a quem escolheo para esta grande empresa de o conservar, e livrar de tão poderosos inimigos? A pessoa que escolheo, foi a de Moysés, o qual posto que vestido de peles, e com hum cajado na mão guardava ovelhas em hum deserto, não ti-

nha menos que quarenta annos de vida, e experiencia do mesmo Egypto. No Egypto nascêra, entre os Egypcios se criára, e nas escolas do Egypto aprendêra quanto elles sabião: e por isso não com outros instrumentos, senão com o mesmo cajado venceo todas as difficuldades, e conseguio felizmente a empresa, obrando os maiores milagres, que jámais tinha visto, nem vio o mundo. Então queremos que remedee os cativeiros do Egypto, e faça milagres no Egypto, quem nunca vio o Egypto. O Profeta Habacuc, quando Deos lhe mandou, que fosse a Babylonia soccorrer a Daniel, que estava no lago dos Leões, prudentissimamente se escusou, dizendo, que nunca vira a Babylonia, nem sabia onde estava tal lago: *Babylonem non vidi, & lacum nescio. (Daniel. 14. 34.)* E se foi a Babylonia, e tornou a Judéa, e fez em meio dia pelo ar, o que hum diligente caminheiro não pudera em meio anno, foi porque o mesmo Anjo, que lhe deo o recado da parte de Deos, o levou, e trouxe, e lhe mostrou o que nunca vira, e ensinou o que não sabia. Supposto pois que os que vem de mil legoas a esta nossa terra, tão nova para elles, como Babylonia para o Profeta, nem trazem, nem são trazidos de Anjos em supprimento das experiencias que não tem, e quando começão a decorar os primeiros rudimentos dellas, se voltão outra vez para onde vierão; muito melhor providos estão hoje os dogares,

que elles havião de occupar, nos que com tanta capacidade de conhecimento, juizo, talento, e verdadeiro amor da mesma terra, a cultivarão como propria, e não desfrutarão como alhéa. E quando do seu cuidado, e trabalho colhão algum fruto, esse quando menos ficará onde nasceo, que he o mesmo que semear-se de novo: e não dá-lo a terra, para que o leve o mar.

Todas estas razões de conveniencia, e utilidade persuadem no presente governo a prompta sujeição, e alegre obediencia dos subditos, respeitando estas novas imagens do Cesar com tanto maior propensão, e vontade, quanto mais tem de naturaes, domesticas, e suas. Mas he tal a protervia da condição humana, e vicio tão proprio da patria, que por serem naturaes, domesticas, e suas as mesmas imagens, em vez de conciliarem maior veneração, obediencia, e respeito, degenerão em desprezo, desobediencia, e rebeldia. Assim lhe succedeo a Saul, e a David, sendo ambos eleitos por Deos, e os mais dignos do governo da sua patria. Huns obedecêrão, outros se rebellárão, e em alguns durou a rebeldia não menos que sete annos inteiros, até que a experiencia do seu erro os sujeitou á razão. E se buscarmos as raizes a este vicio, acharemos, que todo elle nasce da igualdade das pessoas, presumindo cada hum, que a elle se devia a eleição do lugar, e a

preferencia. A eleição do summo sacerdocio na pessoa de Arão foi tão mal recebida de muitos, que Datan, Abirón, e Coré levantárão tal tumulto no póvo, que para Deos o socegár, e castigar os rebeldes, se abrio subitamente a terra, e vivos fôrão sepultados no Inferno com tôdas suas casas, e familias, e abrazados com fogo do Ceo mais de quatorze mil homens, que seguirão a mesma rebellião. E pórque a seguirão? Porque muitos delles erão iguaes, e parentes de Arão, e não soffrião que lhes fosse preferido. Mas tanto sabe Deos, e tão severamente castiga a cegueira de semelhantes ambições, tendo dado por lei ao mesmo povo, que quando em algum tempo houvessem de eleger quem os governasse a todos, não fosse outrem, senão de seus irmãos, e de nenhum modo homem estranho: *Non poteris alterius gentis hominem Regem facere, qui non sit frater tuus.* (*Deut. 17. 15.*) Finalmente, se, como diz Christo Senhor nósso, o bom Pastor he aquelle, que conhece as suas ovelhas, e as suas ovelhas o conhecem a elle: *Ego sum Pastor bonus, & cognosco oves meas, & cognoscunt me meæ: (Joann. 10. 14.)* como as poderá governar, e encaminhar bem o estranho, (e mais se fôr Mercenario) que nem elle as conhece a ellas, nem ellas a elle?

§ IX.

Mas contra tudo isto se levanta aquella politica mais seguida pelo costume, que approvada pelos exemplos, o qual tem persuadido ao mundo, que só ollie, ou se deixe cegar do resplandor das imagens, sem advertir que a representação, em que ellas consistem, posta em qualquer materia, sempre he a mesma. Quem verdadeiramente crê em Christo, tanto adora em hum Crucifixo de ouro, como em outro de chumbo. Querem com tudo os lisongeiros, e os lisongeados, que só se devão os governos, e só sejão aptos para elles os nomes pomposos, e appellidos illustres: como se as acções, e feitos honrosos se não hajão de esperar com maior razão daquelles, que querem acquirir a honra, que dos que cuidão, e dizem, que já a tem. O mesmo lustre dos illustres lhes tira o temor, e os enche, ou inchia de immundades, que lhes dão confiança para grandes ousadias; e das ousadias grandes nascem maiores ruinas. O mais illustre dos elementos, o mais alto por lugar, e o mais nobre por qualidade, he o fogo, e delle se accendem os raios no Ceo, e se ateão os incendios na terra. O seu natural onde chega, he levantar fumaça, e fazer cinzas: e não he commodado instrumento para edificar, e conservar Cidades, o que costuma abrazar Troyas. Os outros

elementos servem-nos de graça, e só o fogo á nossa custa, porque para servir ha de ter que queimar, e se não queima, não serve. Tal he a luz do mais illustre elemento: e tal muitas vezes o governo dos mais illustres. Não era illustre David, e foi illustrissimo seu filho Salomão: e o Reino, que sustentou, e amplificou o que não era illustre, perdeo, e desbaratou o illustrissimo.

No Apologo que referimos da Escritura Sagrada, em que as Arvores buscárão, e elegêrão quem as governasse, he muito para notar, que aquellas, a que offerecêrão o governo, fôrão a Oliveira, a Figueira, e a Vide, sem entrar outra nos pelouros desta eleição. Reparai agora nos appellidos de Figueira, Vide, e Oliveira, que todos são honrados, mas da nobreza do meio. E porque não fizerão as Arvores este mesmo offerecimento aos Cedros, ás Palmeiras, e aos Cypreses? Não são estas Arvores entre todas as mais altas, as mais celebradas, as mais illustres? Pois porque não entrárão em consideração para querer a verde, e florente Republica das plantas, que ellas a governassem? Por isso mesmo; porque são as mais altas, e as mais illustres. O alto, e o illustre he bom para o bizarro, e ostentoso, mas não para o util, e necessario. As arvores não as fez Deos para bandeiras dos ventos, senão para sustento dos homens. Que importa que a sua altura, ou a sua

altiveza seja muita, se o seu fruto he pouco? A quem sustentárão jámais os Cedros, as Palmas, ou os Cyprestres? Pelo contrario a Figueira he a que saborea o mundo, a Oliveira, a que o alumia, a Vide, a que o alegra; e todas entre as plantas as que mais o sustentão. O que diz a Escritura das outras tres arvores altissimas, e illustrissimas, he, que todas buscão a sua exaltação nos montes mais levantados: *Quasi Cedrus exaltata sum in Libano, & quasi Cypressus in monte Sion: quasi Palma exaltata sum in Cades. (Eccles. 24. 17. 18.)* Honrem-se embora com essas arvores os seus montes, que os nossos valles não hão mister quem procure a sua exaltação, senão quem trate do nosso remedio. Os Cedros, as Palmas, e os Cyprestes são os Gigantes das arvores, e o que trouxerão os Gigantes á terra, não foi menos que o diluvio. Oh que duro seria o governo daquelle soberbo Triumvirato no forte do Cedro, inflexivel; no rugoso da Palma, aspero; e no funesto do Cypreste, triste! Porém o das outras arvores de meãa estatura, seria igual, seria moderado, seria suave, que por isso todas allegárão a sua doçura. E isto he pelas mesmas razões o que devemos esperar do nosso.

Sendo pois tão particulares as conveniencias do novo governo nas imagens, que temos presentes, do nosso felicissimo Cesar, que Deos guarde, seja tam-

bem nova, e mais exacta que nunca a sujeição, respeito, e reverencia, com que todos os vassallos da mesma Magestade os venerem, e obedeção, não só como se a Real Pessoa estivera presente, senão em certo modo ainda muito mais. Tenho observado assim no Ceo como na terra, que mais estimão os supremos Monarças os obsequios, que se fazem a suas imagens, que a suas proprias Pessoas. Lembra-me haver lido em S. Agostinho no livro dos seus Commentarios sobre os Psalmos, que residindo em Roma no tempo, em que ainda não estava desterrada de todo a idolatria, se admirava muito de que os homens fossem ao Templo do Sol, de que hoje se vêm (não pequenos vestigios, e que alli de dia, e não de noite adorassem a imagem do mesmo Sol com as costas muitas vezes voltadas a elle! Pois se tinhão o Sol presente, porque não adoravão ao Sol, senão a sua imagem? Porque entendeo a religião, ou superstição dos Romanos, governada pelos primores da sua propria politica, que muito maior magestade era do Monarca dos Planetas ser venerado de tão longe em sua imagem, do que adorado em si mesmo, posto que visto. Ao menos assim he certo, que o julgou a soberania de Nabucodonosor, quando se reputava sua soberba não só senhor, mas Deos de todo o mundo. Fez aquella Estatua de ouro de tão desmedida grandeza como sabemos, e com

as fornalhas acesas contra os que a não adorassem, mandou, que ao som de trombetas todos dobrassem os joelhos diante della. Pois se Nabucodonosor estava presente, porque não mandou, que o adorassem a elle, senão a sua Estatua? Porque era maior ostentação, e gloria da sua, que chamava omnipotencia, ser venerado, e adorado na imagem, que o representava, que em sua propria Pessoa.

Só em huma circunstancia obrou Nabuco como desconfiado, que foi em fazer a mesma imagem de ouro. Faze-a, Rei, de pedra, e serão as suas adorações para ella muito mais reverentes, e para ti muito mais gloriosas. Na Estatua de ouro póde parecer que adorão a materia, e não a fórma, o preço do metal, e não a representação da imagem. Onde a materia das imagens he menos preciosa, alli está a fé, e a reverencia mais fina. E esta he a fineza do nosso caso, adorando, respeitando, e obedecendo o original soberano do nosso Cesar, não nas imagens de ouro, que atégora cá se mandavão, senão nos marmores naturaes, e domesticos da nossa mesma terra. Se o effeito fôr qual se espera, e eu me estou promettendo desta mudança da mão do Altissimo; o presente governo será tão aceito a Deos, e ao Rei, que Sua Magestade o confirme, e faça perpétuo: com menos despesa sua, com grandes utilidades nossas, e com tão conhecidas melhoras, e au-

gmento do serviço Real, e Divino, que com summa paz, quietação, e concordia se verifique em todo este Estado, o que Christo respondeo á pergunta, que hoje lhe fizerão no Evangelho, isto he, que a Deos se dê o de Deos, e o de Cesar a Cesar: *Reddit quæ sunt Cæsaris, Cæsari, & quæ sunt Dei, Deo.*

FIM DO TOMO QUARTO

INDICE

	PAG.
Sermão da Segunda Dominga do Advento	3
Sermão da Terceira Dominga do Advento	45
Sermão da Quarta Dominga do Advento	89
Sermão da Dominga Decima-Sexta post Pentecosten	137
Sermão da Dominga Vigesima-Segunda post Pentecosten	189

SERMÕES

SELECTOS

DO PADRE ANTONIO VIEIRA

TOMO V

LISBOA
EDITORES—ROLLAND & SEMIOND
3—RUA NOVA DOS MARTYRES—3
1874

Imprensa de J. G. de Sousa Neves—rua da Atalaia, 65 e 67

SERMÃO

DA

SEGUNDA OITAVA DA PASCHOA

Em Roma, na Igreja da Casa Professa da Companhia de Jesus: dia em que he obrigação, e costuma de toda Italia prégar da Paz.

Stetit Jesus in medio Discipulorum suorum, & dixit eis: Pax vobis. Et cùm hoc dixisset, ostendit eis manus, & pedes. Luc. 24.

§ 1.

Depois da tempestade do Diluvio ainda navegava na Arca o mundo já salvo, quando na ultima hora de huma tarde a pomba embaixadora de Noé lhe trouxe a primeira nova da paz em hum ramo verde de oliveira: *Venit columba ad vesperam portans ramum olivæ in ore suo. (Genes. 8. 11.)* Fallou Moysés em todas, e cada huma destas palavras como Profeta do passado, e como Evangelista do futuro. Vêde parte por parte como se conforma á figura

com o figurado, e aquelle Texto com o do Evangelho: *Venit columba; stetit Jesus: ad vesperam; cùm sero esset: portans in ore suo; & dixit eis: ramum olivæ; Pax vobis.* Esta he a primeira parte do Evangelho, e esta será a primeira, e a segunda do meu discurso. Todo elle se empregará em concordar estas duas palavras *Pax vobis.* (*Luc. 24. 36.*) Paz a vós. A vós, que dentro da vossa Cidade estais cercados de inimigos, como estavão os Apostolos nesta hora; a vós, que nem dentro da vossa casa, e com as portas cerradas estais seguros: a vós, que dentro dos muros padeceis guerras civis, e dentro das vossas paredes discordias domesticas: a vós, e a todos, como vós, paz: *Pax vobis.*

Santo Agostinho no livro dezanove da Cidade de Deos definindo a paz, diz assim: *Pax hominum est ordinata concordia:* A paz entre os homens não he outra cousa, que huma concordia ordenada. Se não he ordenada, e bem ordenada, ainda que seja concordia, e grande concordia, não he paz. Por isso entre máos não póde haver paz: *Non est pax impiis. (Isai. 57. 21.)* E a ordem desta concordia, ou a concordia desta ordem em que consiste? Em duas cousas, diz Agostinho: huma da parte do superior para com os subditos, outra da parte dos subditos para com o superior: *Pax domus ordinata imperandi, atque obediendi concordia cohabitantium: pax*

civitatis ordinata imperandi, atque obediendi concordia civium. De maneira, que na casa, ou familia, que he huma Republica pequena, e na Republica, que he huma casa, ou familia grande, toda a paz consiste em que o imperio do que manda, e a sujeição dos que obedecem, elle ordenando, e elles subordinados, estejão concordes. Atéqui a doutrina fundamental de S. Agostinho, de S. Thomás, e de todos os Theologos.

Agora pergunto eu: e que será necessario de huma, e da outra parte para que a ordem desta concordia se conserve, e com a ordem, e a concordia se consiga a paz? Respondo com a mesma proporção, que são necessarias outras duas cousas. Da parte do superior, e do que manda, igualdade: da parte dos inferiores, e dos que são mandados, paciencia. Sem igualdade de huma parte, e sem paciencia da outra, não se poderá conseguir, nem conservar a paz. Vós que na familia, ou na Republica tendes o mando, se quereis paz, igualdade: vós que na familia, ou na Republica sois mandados, e sujeitos, se quereis paz, paciencia. Tudo isto ensinou Christo hoje a seus Discipulos, que havião de ser superiores, e erão subditos: *Stetit in medio Discipulorum: ostendit eis manus, & pedes, & dixit eis, Pax vobis.* (*Luc.* 24. 36. 40.) Christo posto no meio: Christo mostrando as suas chagas: Christo

annunciando a paz, *Stetit in medio*: eis-ahi a igualdade: *Ostendit eis manus, & pedes*: eis-ahi a paciencia: *Dixit eis, Pax vobis*: eis-ahi a paz. Esta assim declarada será a primeira, e segunda parte do meu argumento. Comecemos pela igualdade, e demos o primeiro lugar, como he obrigação, aos que mandão.

gm

Stetit in medio Discipulorum, & dixit eis, Pax vobis. Appareceu Christo como Mestre á sua escola, como Pai á sua familia, como Principe ao seu Reino; mas como era Principe de paz, e mediador da paz, appareceo no meio: *Stetit in medio.* Com as palavras ensinou a paz, e com o lugar, e sitio que tomou, ensinou o meio de a conseguir, que he a igualdade. Notai a maravilhosa, e summa igualdade de Christo posto em meio dos Discipulos: *Stetit in medio Discipulorum.* De huma parte estava Pedro, que o tinha negado, e não se retirou, nem afastou de Pedro: da outra parte estava João, que o tinha assistido, e não se chegou, ou pôz mais perto de João, senão igualmente no meio: *in medio.* Guardar o meio no meio da offensa, e do amor, grande excesso de igualdade. Nem a offensa o obrigou ao retiro, nem o obsequio ao favor; mas amado, e offendido sempre igual, e em meio de hum, e outro:

In medio discipulorum. Esta foi a igualdade quanto ao lugar. E quanto ás acções? A mesma. No rosto, na alegria, nas palavras, na benevolencia, no esquecimento do passado igual com todos, e a todos. A todos offerece a paz: *Pax vobis*: a todos tira o temor: *Nolite timere* (*Ibid. 36. &c.*) a todos anima, e consola: *Quid turbati estis?* a todos se convida: *Habetis aliquid quod manducetur?* a todos regala: *Dedit eis reliquias*: a todos se entrega, e franqueia todo: *Palpate, & videte*: mas parcialidade, ou particularidade, a nenhum. Pois, Senhor meu, ao menos para João, que intrépidamente vos acompanhou na Cruz, ao menos para João, que mesmo vos levou á sepultura, ao menos para João, que he o herdeiro de vosso amor, e o filho segundo de nossa Mãi, não haverá hum pequeno sinal de maior affecto? Não. Porque o que Christo levava em si, e comsigo, e annunciava a todos os Discipulos, era a paz: *Pax vobis*; e sem igualdade, e igualdade com todos, não ha paz.

O Rei, a Côrte, e o Reino mais pacifico que nunca vio o mundo, foi o de Salomão. O Rei se chamava Salomão, que quer dizer *Pacificus*: a Côrte se chamava Jerusalem, que quer dizer *Visio pacis*: o Reino tinha por confins a mesma paz. *Qui posuit fines tuos*

pacem. (Psalm. 147. 14.) E com que arte, com que industria acquirio, e conservou Salomão para si, para a sua Côrte, e para o seu Reino huma tão notavel, e nunca vista paz? Com a igualdade sómente: *Virga æquitatis, virga Regni tui. (Psalm. 44. 7.)* O Sceptro de Salomão era a vara da igualdade; e porque com esta vara de igualdade media igualmente a todos, por isso foi o seu Reino entre todos os Reinos, e a sua Côrte entre todas as Côrtes, e elle entre todos os Reis o que gozou de mais alta, e firme paz. Não havemos mister outro commentador, nem mais claro, nem de maior autoridade, que o mesmo Texto. Depois de dizer, *Virga æquitatis, virga Regni tui, (Ibid. 8.)* accrescenta: *Dilexisti justitiam, & odisti iniquitatem.* Amava, e aborrecia Salomão, mas não tinha mais que hum só amor, e hum só odio. E a quem o amor? á justiça: *Dilexisti justitiam.* E a quem o odio? á desigualdade: *Et odisti iniquitatem.* E hum Rei tão amante da justiça, e tão aborrecedor da desigualdade, necessariamente havia de ser o que foi: elle só, e elle por antonomasia o Pacifico.

Grandes outros dotes de Rei, e de reinar teve Salomão; mas vêde como só este foi o que o fez Rei de Paz. Reinando David em Salomão o seu Reino, era justo que elle reinasse como filho de tal Pai, e successor de tal Rei, appareceo-lhe Deos, e disse-

lhe, que pedisse o que quizesse. Pedio Salomão sabedoria, e não só lhe deo Deos maior sabedoria que a de todos os homens, senão tambem maiores riquezas, e maior potencia que a de todos os Reis. He porém cousa digna de grande admiração, que não contente David com tudo isto, ainda fez novo memorial a Deos, e pedio mais para o Rei seu filho. E que pedio? Que lhe désse Deos justiça, e não outra, senão tal, que fosse semelhante á do mesmo Deos: *Deus, judicium tuum Regi da, & justitiam tuam filio Regis. (Psalm. 71. 2.)* Pois David, vêdes o vosso filho tão sábio, tão rico, tão poderoso, e com tantas prendas juntas, e tantas qualidades verdadeiramente reaes, e ainda vos parece que não lhe bastão para dar boa conta do seu reinado? Sim. Porque Salomão, segundo o significado do seu nome, e segundo o que delle está profetizado, não só tem obrigação de ser bom Rei, senão Rei Pacifico: e para ser Pacifico, não basta a sabedoria, nem a riqueza, nem a potencia, se lhe faltar a igualdade com todos: por isso peço a Deos, que sobre estes dões lhe acrescente o de huma tal justiça, que seja semelhante á sua: *Et justitiam tuam filio Regis.* E qual he a justiça de Deos no governo universal do mundo? Huma igualdade summa sem excepção de pessoa, nem differença de estado: *Qui solem suum oriri facit super bonos, & malos, & pluit super jus-*

tos, & injustos. (Matth, 5. 45.) Esta he a igualdade da justiça, que David pedio para seu filho, acrescentando que o fim da sua petição era a paz, que lhe estava promettida: *Suscipiant montes pacem populo, & colles justitiam. (Psalm. 71. 3.)* E porque Deos lhe concedeo o que pedia, logo profetizou que tal seria a paz de Salomão em todo o tempo do seu reinado: *Orietur in diebus ejus justitia, & abundantia pacis. (Ibid. 7.)*

Aqui vereis, Senhores, o engano deste mundo. Todas as guerras deste mundo se fazem a fim de conseguir a paz. *Omnis homo* (diz S. Agostinho) *etiam belligerando, pacem requirit: pacis intentione geruntur & bella.* A guerra se applica a sabedoria, na guerra se emprega a potencia, com a guerra se despendem as riquezas, e com a guerra se pretende a paz: mas he engano: *Viam pacis non cognoverunt. (Psalm. 13. 3.)* A paz não se conquista com exercitos armados, conquista-se com huma só espada, e com dous escudos: com huma só espada, que he a da justiça; e com dous escudos, que são os das suas balanças. Divida a espada igualmente pelo meio o que partir, e ponhão-se as partes, ou ametades iguaes, huma em huma balança, e outra na outra: e debaixo desta igualdade se achará a justiça, e neste equilibrio a paz. Tal foi o primeiro juizo de Salomão, e a primeira sentença do Rei Pacifico. Assentado Salomão no throno Real, a primeira causa,

ou caso que lhe foi proposto, foi a contenda de duas mulheres sobre hum minino, o qual cada huma dellas protestava que era seu filho. Não havia testemunhas, nem outra prova. E que faria o Rei? O que eu acabo de dizer. Manda que o minino se parta pelo meio: *Dividite infantem*: (*3. Reg. 3. 25.*) e esta foi a igualdade da espada da justiça: manda mais que as duas ametades huma se dê a huma mulher, e outra a outra: *Date dimidiam partem uni, & dimidiam partem alteri*: (*Ibid.*) e esta foi a igualdade das balanças. Oh admiravel jeroglifico da justiça igual: e digno de o tomar por empresa o Rei pacifico! Mas não parou aqui a decisão da causa. Descoberta com esta industria a verdade, não se partio o minino, mas vivo, e inteiro se deo á que era sua mãi; e nestas duas partes da sentença de Salomão se manifestárão os dous effeitos da justiça particular, ou universal que devem observar os Reis. A justiça particular tem obrigação de dar a cada hum o seu, e nesta ordinariamente, se huma parte fica satisfeita, a outra fica queixosa: porém a justiça universal, e commum tem obrigação de ser igual com todos, e desta igualdade que a todos satisfaz, e abraça, nasce a verdadeira, e constante paz. Em huma igual, em outra desigual Salomão; e em ambas justo; mas só na da igualdade Rei Pacifico: *Virga æquitatis, virga Regni tui.*

§ IV.

Do exemplo do Rei, e da Republica, que são as casas grandes, passemos ao do Pai, e da familia, que são os Reinos pequenos. A maior casa que houve no mundo, foi a de Jacob, e Jacob o maior Pai de familias. Nesta casa, e deste pai nascêrão doze filhos, em que se criárão, e crescêrão os doze Patriarchas, cabeças, e fundadores das doze Tribus de Israel. Mas qual foi o estado desta grande familia em quanto os filhos, sendo tantos, e de tão differentes idades, vivêrão na sujeição do mesmo Pai? Elle era Santo, mas nem por isso elle, e toda a familia deixárão de correr varia fortuna, já em bonança, já em tempestade, sendo a causa (que he mais) o mesmo Piloto. Em quanto Jacob observou igualmente com todos, todos gozavão huma felicissima paz. O pai amava igualmente os filhos: os filhos amavão igualmente o pai: e os irmãos entre si se amavão igualmente como irmãos. Ditoso pai! Ditosos filhos! Ditosos irmãos! E ditosa, e bemaventurada familia, se este amor, e esta paz durára! Mas não durou: e porque? Foi crescendo Joseph, que era o filho da velhice, começou o pai a amá-lo, e favorecê-lo mais que aos outros irmãos; e no mesmo ponto se mudou a scena. A paz se converteo em

discordia, o amor em odio, a irmandade em inveja, e o mesmo sangue da natureza em sangue de crueldade, e vingança. *Videntes fratres ejus quòd à patre plus cunctis filiis amaretur, oderant eum, nec poterant ei pacificè loqui. (Genes. 37. 4.)* Notai o *plus amaretur*, e o *nec poterant pacificè*. Faltou a paz na familia, porque faltou a igualdade no pai. A igualdade conservava o amor, e o amor conciliava a paz: a desigualdade excitou a inveja, e a inveja causou a discordia.

Agora entra a maior admiração. E qual foi esta desigualdade usada com Joseph, e qual a demostração deste maior amor? Por ventura Jacob tirou aos outros filhos a sua benção para a dar a Joseph? Não. Por ventura desherdou aos outros para que Joseph fosse o unico herdeiro da sua casa? Não. Por ventura tratava aos outros como escravos, ou criados, e só a Joseph como filho? Não. Qual foi logo a desigualdade, que tanto perturbou, e arruinou huma tão natural, e tão bem fundada paz? Caso quasi incrivel! *Fecit ei tunicam polymitam: (ibid. 3.)* porque fez Jacob a Joseph huma tunica de melhor côr que aos outros irmãos. Não despojava o pai, nem despia aos outros para vestir a Joseph: a todos provia, a todos vestia, e a todos com a decencia, e nobreza devida ao seu estado. Mas porque a tunica de Joseph era de côr mais vistosa, bastou

a desigualdade daquella côr, ou aquella côr de desigualdade, para que a inveja espedaçasse a concordia, para que a paz se convertesse em guerra, a irmandade em hostilidade, o amor em rancor, a benevolencia em vingança, a humanidade em fereza: e para que toda a casa se cubrisse de luto: e o triste, e infelice pai desfeito em lagrimas visse pouco depois nas suas mãos aquella mesma tunica tinta de sangue, só porque a tingira de melhor côr. Tão perigosa, e subtilmente, ainda dentro das mesmas paredes, depende da igualdade a paz.

E se quando a desigualdade topa em materia tão leve como no vaqueiro mais louçã de hum menino, tantos homens em huma conjuração tão escandalosa rompem os maiores respeitos da piedade, da razão, e da natureza; que será, ou poderá ser onde as desigualdades por levantar a huns, e abater a outros, não reparão na ruina da opinião, da honra, da nobreza, da fazenda, do remedio, e não só da esperança, que he a ultima ancora da vida, senão da mesma vida? Diga o mesmo Iacob o que experimentou na casa de seu pai, quando elle era filho, e emulado de toda a familia. Contendião elle, e seu irmão Esaú desde o ventre da mãi sobre o morgado daquella casa, que era o de Abrahão, e o maior que houve, e havia de haver no mundo: e sendo a materia de tanto peso, e de tanto preço, Isaac, que

era o pai, inclinava para Esaú, e Rebecca, que era a mãi, para Jacob. Emfim prevaleceo a industria da mãi contra a vontade do pai: e que resultou desta desigualdade? Não só que a paz da familia se converteo em guerra, mas em guerra tão perigosa, que a mesma mãi, que tinha favorecido mais a hum filho que a outro, se vio reduzida ás angústias de perder em hum dia a ambos. *Cur utroque orbabor filio in uno die? (Genes. 27. 45.)* He possivel que em hum dia me hei de ver orfã de ambos os filhos, hum por morto, e outro por homicida? Sim; senhora, que estes são os frutos que produz a desigualdade dos pais, quando sendo iguaes em lhes haver dado o ser, o não são em os favorecer, e amar. Vós mesma tirareis de vossos olhos esse Jacob que preferistes, e para lhe salvar a vida, o condemnareis ao desterro. E' não só nas saudades, mas nos perigos da sua ausencia, chegareis a tal estado, que aborreçais a propria vida: *Tædet me vitæ meæ. (Ibid. 46.)*

§ V.

Senhores meus, vós que na familia, ou na Republica tendes o officio, e a obrigação de as conservar em paz, igualdade: *Æquet amor quos æquavit natura*, diz S. Ambrosio. E se acaso com os exemplos de Jacob, de Isaac, e de Rebecca me replicar-

dos, que inclinar mais a huns, que a outros, ainda entre pais, e filhos, he affecto natural; com os mesmos exemplos vos respondo, que tambem he natural seguir-se á desigualdade destas inclinações a rotura da paz, e as discordias domesticas, e civis. O verdadeiro, e unico exemplo he só o de Christo hoje, como mestre Rei, e como mestre Pai: *Stetit in medio Discipulorum.* Ouvi huma grande maxima politica, e economica tirada do mesmo Texto. O Principe he senhor da Republica, o pai he senhor da caso; mas nem o Principe, nem o pai he senhor da sua inclinação: *In medio.*

Todas as cousas deste mundo tem a sua inclinação natural: só huma ha, que não tem inclinação: e qual he? O centro. Todas as partes do universo propendem, carregão, e inclinão para o centro, só o centro, que está no meio de todas, não inclina para parte alguma: e por que razão? Porque se o centro se inclinasse a huma, ou a outra parte, no mesmo ponto se arruinaria toda a machina do mundo. *Fundasti terram super stabilitatem suam, non inclinabitur in sæculum sæculi: (Psalm. 103. 5.)* Fundou Deos a terra (diz o Profeta) sobre a sua propria estabilidade, a qual nunca se inclinou, nem inclinará jámais. E que fundamento da terra he este tão estavel, e firme, que nem se inclina, nem se ha de inclinar? Não ha dúvida que hé o centro. *Super*

stabilitatem suam, videlicet supra centrum ipsius, quoniam omnes partes terræ naturaliter tendunt in centrum: commenta com Aristoteles Dionysio Cartusiano. De maneira, que todas as partes do universo se inclinão ao centro, e o centro a nenhuma dellas se inclina, porque está no meio: *In medio.* Grande documento da natureza para as inclinações das vontades superiores. Quereis levar após vós as inclinações de todos, não vos inclineis a nenhum. Porque o centro posto no meio não tem inclinação a nenhuma das partes; por isso todas as partes do universo se inclinão concordemente ao centro, e com a mesma inclinação, e com a mesma concordia se unem entre si, e se conservão em paz.

Agora entendereis o proprio sentido de hum Texto muito commum, mas não pouco difficil. *Domini sunt cardines terræ, & posuit super eos orbem.* (*1. Reg. 2. 8.*) Quer dizer: que Deos assentou, e estabeleceo o mundo sobre os centros da terra. Essa he a significação da palavra *cardines*, como se lê no original Hebreo: e aqui está a difficuldade. A terra não tem, nem póde ter mais que hum centro, e em ser hum só consiste toda a sua firmeza: como diz logo a Escritura, que Deos poz, e estabeleceo o mundo sobre os centros da terra? Porque falla do mundo politico com allusão ao mundo natural. O mundo natural tem hum só centro, o mundo poli-

tico tem muitos centros. O centro do mundo natural he o meio da terra, os centros do mundo politico são todos os que tem o mando, e governo do mesmo mundo, ou de suas partes, diz S. Jeronymo. Dentro deste orbe politico ha muitos circulos maiores, ou menores, e cada hum tem o seu centro. Os circulos maiores são os Reinos, e o centro do Reino he o Principe: os circulos menores são as Cidades, e o centro da Cidade he o Magistrado: os circulos minimos são as familias, e o centro da familia he o Pai. Estes são pois os centros muitos, e varios, sobre os quaes Deos estabeleceo este orbe racional do mundo politico: *Domini sunt cardines terræ, & posuit super eos orbem.* E que se segue daqui? Segue-se que para cada hum destes centros se conservar dentro da sua esféra, e para a conservar a ella em paz, e concordia, he necessario que se ponha como verdadeiro centro no meio, e se mantenha, e sustente na indifferença deste equilibrio sem inclinação a huma, nem a outra parte: *In medio.*

Aos Reis de Israel dizia Deos fallando com cada hum: *Nec declinabis ad dexteram, neque ad sinistram.* (*Deut. 17. 11.*) Eu vos fiz Rei, eu vos fiz Governador, eu vos fiz Pai do meu Povo; pelo que adverti, que o inclinar em vós he declinar, e assim vos deveis portar de maneira, que nem incli-

para huma parte, nem para outra, nem para a esquerda, nem para a direita. Nesta ultima palavra está a minha dúvida: *Neque ad dexteram.* Que o Principe não incline para a parte esquerda, que he a peior parte, bem está; mas para a direita, porque não? A parte direita não he a melhor? Sim: pois porque não quer Deos que o Principe se incline nem á melhor parte? Porque melhor he não inclinar, que inclinar ao melhor. Declarar-me-hei com hum exemplo domestico. Hum dos companheiros de nosso Padre, Santo Ignacio, e que depois lhe succedeo no Generalato, foi o Mestre Laines; e querendo o Santo empregar este grande talento, que era o mais eminente de todos (como bem se vio, sendo Theologo do Papa, no Concilio Tridentino), naquelle exercicio que fosse mais conforme á sua inclinação, perguntou-lhe, a que se inclinava? E que responderia Laines? Inclino-me a não me inclinar. Este he o verdadeiro dictame de hum perfeito superior. Inclinar-se a não ter inclinação: *Non declinabis ad dexteram, neque ad sinistram.* Porque inclinar-se a huma parte qualquer que seja, he faltar ao equilibrio da igualdade, e com a desigualdade perder a união, perder a paz, perder a concordia, perder, e perturbar tudo. E assim seria na familia, ou na Republica, se se movesse o centro, se se deixasse o meio, e se se inclinasse a cabeça. *Stetit in*

medio: não só no meio, *in medio*, mas no meio sem inclinação, *stetit*.

No corpo natural bem se póde inclinar a cabeça sem movimento, nem mudança do corpo; no corpo politico não póde. Vêde huma grande figura no meio do mundo, que foi o Monte Calvario: *Operatus est salutem in medio terræ (Psalm. 73. 12.)* O mesmo Christo que resuscitado *stetit in medio*, morrendo, inclinou a cabeça: *Inclinato capite. (Joann. 19. 30.)* E que aconteceo no mesmo ponto? *Et ecce velum templi scissum est in duas partes, & terra mota est, & petræ scissæ sunt, & monumenta aperta sunt, & multa corpora, quæ dormierant, surrexerunt. (Matth. 27. 51. 52,)* Inclinou-se huma cabeça coroada, inclinou-se huma cabeça, que tinha escrito em cima o titolo de Rei, *inclinato capite? Et ecce*: e o que no mesmo ponto se seguio a esta inclinação fôrão terremotos, divisões, inquietações, tumultos: tudo perturbado, tudo descomposto, tudo alterado, e desunido. Até as pedras insensiveis se quebrárão de dôr; *petræ scissæ sunt*: até no mais sagrado houve divisões, e roturas; *velum templi scissum est*: até as sepulturas se abrirão; *monumenta aperta sunt*: porque em semelhantes casos muitas coisas que estavão sepultadas no esquecimento se desenterrão, e em despeito dos vivos sahem outra vez á luz do mundo, e resusci-

tão os mortos: *Et multa corpora, quæ dormierant, surrexerunt.* E para que se veja, que este he o mysterio da figura, ouçamos a David, que maravilhosamente o reduz á prática. *Deus stetit in synagoga Deorum: in medio autem Deos dijudicat: (Psalm. 81. 1.)* Appareceo Deos no meio dos que governão o mundo, para os julgar: e que lhes disse? O que eu acabo de dizer. *Usquequò judicatis iniquitatem, & facies peccatorum sumitis? (Ibid. 2.)* Até quando haveis de julgar com desigualdade? Até quando haveis de fazer excepção de pessoas, inclinando-vos mais a huma que a outra? *Nescierunt, neque intellexerunt, movebuntur omnia fundamenta terræ. (Ibid. 5.)* Ora para que vejais quão ignorante, e erradamente procedeis, olhai para as consequencias, e effeitos desta vossa desigualdade. Seguir-se-hão della inquietações, seguir-se-hão discordias, seguir-se-hão ruinas, e toda a terra, perdida a firmeza do centro, se revolverá de baixo para cima: *Movebuntur omnia fundamenta terræ.*

§ VI.

Pelo que, Senhores meus, se quereis quietação, se quereis paz, igualdade: e igualdade recta, e sem inclinação a nenhuma das partes, como a de Christo hoje posto em meio dos Discipulos: *Stetit in medio*

Discipulorum. Os Discipulos fazião a circunferencia, Christo estava no centro, e as linhas do amor, e do favor corrião com a mesma proporção, com a mesma medida, e com a mesma igualdade tanto para cada hum, como para todos, e tanto para todos, como para cada hum. Por isso profetizou Malachias, que a justiça, e igualdade de Christo havia de ser como a igualdade, e justiça do Sol: *Orietur vobis Sol justitiæ.* (*Malach. 4. 2.*) Em todo o creado se não podia achar melhor, nem mais apropriada semelhança. S. Ambrosio. *Sol à nullo distat, nulli præsentior, nulli absentior est.* Se S. Pedro, como grande Piloto, tomasse os dous instrumentos da sua arte, em huma mão o compasso, e na outra o astrolabio: com o compasso medindo as distancias de Christo aos Discipulos, havia de achar, que de nenhum distava mais, nem menos: *Sol à nullo distat*: e com o astrolabio, tomando as alturas, havia de achar igualmente, que de nenhum estava mais perto com a presença, nem mais longe com a ausencia: *Nulli præsentior, nulli absentior est.* Notou com aguda advertencia Theofilacto, que quando a Lua está no Zenith, se olhamos para ella, cada hum cuida que está sobre a sua casa. *Tu supra domum tuam vides lunam: ego eamdem video supra domum meam, & unicuique videtur stare non nisi supra domum suam.* Muito melhor, e mais claramente pó-

dem fazer esta mesma experiencia no Sol todos os que me ouvem, quando daqui sahirem. Se sois hum grão Senhor, e olhardes para o Sol, haveis de cuidar que está sobre o vosso Palacio: se sois hum Religioso, que está sobre o vosso Convento: se sois hum Artifice, que está sobre a vossa officina: se sois hum Pastor, que está sobre a vossa choupana: e nenhum ha, ou tão grande, ou tão pequeno, que não haja de ter para si, que o Sol olha particularmente para a sua casa: *Unicuique videtur stare non nisi supra domum suam.*

Esta he a igualdade com que o Sol nos alumia, e aquenta. E vêde como a mesma observou Christo com seus Discipulos, e como cada hum delles cuidava que era o que melhor lugar tinha na sua estimação, e no seu agrado. Pouco antes do dia da Paixão declarou o Senhor a seus Discipulos, que hia a Jerusalem a morrer. E no mesmo ponto *facta est contentio inter eos, quis eorum videretur esse major. (Luc. 22. 24.)* O nosso Mestre vai morrer, e qual de nós he o maior, qual de nós lhe succederá no messiado? Não me admira a questão, e ambição della, porque ainda o Espirito Santo não tinha descido sobre os Apostolos: o que me assombra, e faz pasmar, he que cada hum cuidasse, e se persuadisse que era, ou podia ser elle o maior. Ao menos a promessa feita a S. Pedro em presença de

todos, a todos era manifesta; como logo estava ainda a maioria em opiniões, e cada hum cuidava que fosse sua? Pedro ainda não tinha negado; que podia ser hum bom motivo da exclusiva: que fundamento pois, e que razão podia ter cada hum para se oppôr a esta demanda: *Quis eorum videretur esse majór?* A razão foi, diz S. Fulgencio; porque era tal a igualdade com que Christo tratava a todos os Discipulos: era tão exacta, e circunspecta a medida com que o Senhor repartia entre elles, e temperava as demostrações do seu affecto, que cada hum se persuadia ser elle o que tinha o primeiro lugar no conceito, e estimação de seu Mestre. E bem se vio que esta confiança era igual em todos, e em cada hum; porque todos concordárão em que a demanda se levasse ao tribunal do mesmo Christo: *Quis putas major est in Regno Cœlorum? (Matth. 18. 1.)* Mas o Senhor não quiz sentenciar, nem decidir a dúvida, e deixou ficar a cada hum na sua opinião, para não faltar ao respeito da sua inalteravel igualdade, e para que a preferencia declarada de hum não rompesse a paz, e concordia de todos. *Hoc autem semper agebat Dominus, non impotens potestate, sed sapiens æquitate, ut nulli animum Discipulorum humanum incitaret ad zelum.*

Assim o diz S. Fulgencio, e confirma o seu dito com huma excellente reflexão. Pedirão os dous fi-

lhos do Zebedeo as duas cadeiras, e respondeo Christo: *Non est meum dare vobis. (Matth. 20. 23.)* Perguntou Pedro ao mesmo Senhor: *Quid ergo erit nobis? (Matth. 19. 27.)* E respondeo: *Sedebitis super sedes duodecim judicantes duodecim Tribus Israel. (Ibid. 28.)* E como assim? replica argutamente o mesmo Santo Padre. *Qui promisit duodecim thronos, duos thronos in suam non habet potestatem?* Christo diz, que não póde dar duas cadeiras, e dá doze cadeiras? Se póde dar doze, porque não póde dar duas? Por isso mesmo. Porque sendo doze os seus Discipulos, dar a dous, e não a dez, não era igualdade. Posso dar a todos, a dous não posso dar. E esta he a maior potencia do meu poder: ser impotente para fazer qualquer desigualdade. E porque? Por manter a concordia, e a paz entre seus Discipulos, conclue admiravelmente Fulgencio. *Respondet æqualiter, & non separanter, sedebitis super sedes duodecim, qui vult Discipulos semper esse concordes.* Dando doze cadeiras, contentava, e concordava a todos doze; dando sómente duas, contentava a dous, e descontentava, e desconcordava a dez: e quiz observar inviolavelmente a igualdade, para conservar igualteravelmente a paz, e concordia: *Qui vult Discipulos semper esse concordes.*

Esta he a igualdade que Christo observava para conservar a paz; a qual devem imitar todos aquel-

les, que ou politica, ou economicamente tem obrigação de procurar huma, e outra. E se quereis huma medida certa da mesma igualdade, eu vo-la darei, para que cada hum a possa levar para casa. E que medida he esta? O Gomor. Quando antigamente cahia o Maná do Ceo, sahião todos ao campo a recolher cada hum a sua porção. Erão mais de dous milhões de pessoas grandes, e pequenos: e que fez Deos para evitar o tumulto da cubiça, da inveja, e da violencia, e conservar em paz, e concordia aquella immensa multidão? Fez uma medida chamada Gomor, a qual maravilhosamente tinha tal propriedade, que os que colhião muito, e os que colhião pouco, tanto levava hum, como o outro. E como nem a cubiça, nem a diligencia, nem o affecto, nem o favor podia desigualar a medida, nem aventejar huns aos outros, todos sahião, e tornavão concordes, e todos vivião, e se sustentavão em paz. Esta pois, Senhores, seja por ultimo documento a certa, e inviolavel medida, ou da vossa politica para a Republica, ou da vossa economia para a familia. Não o amor, não o favor, não o terror, mas o Gomor. O amor causa ciumes, o favor invejas, o terror odio, e aborrecimento, e só o Gomor, porque he igual para todos, (como Christo em meio dos Discipulos) nos póde dar paz: *Stetit in medio Discipulorum, & dixit eis: Pax vobis.*

§ VII.

Temos visto que para se conseguir, e conservar a paz, ou pública, ou domestica, o meio mais facil, e efficaz da parte dos superiores, he a igualdade com todos, como a de Christo posto em meio dos Discipulos: *Stetit Jesus in medio Discipulorum suorum.* Mas se acaso faltar esta igualdade, (como talvez póde faltar, não só injusta, e desordenadamente, senão por causas muito justas, e justificadas) que remedio da parte dos subditos para não perderem, e se conservarem em paz? O remedio não menos provado, posto que não tão facil, he a paciencia. Assim o ensinou, e demostrou o divino Mestre aos mesmos Discipulos, quando annunciando-lhes a paz, lhes mostrou as suas chagas: *Dixit eis, Pax vobis, & ostendit eis manus, & pedes.*

Com as mesmas mãos, e com os mesmos pés pregados na Cruz vio Isaias a Christo quando exclamou, dizendo: *Disciplina pacis nostræ super eum, & livore ejus sanati sumus (Isai. 53. 5.)* Nestas palavras descobrio, e manifestou o Profeta hum novo, e segundo mysterio da Paixão, e chagas do Redemptor, atégora occulto, e ignorado de muitos. Cuidamos que padeceo o Filho de Deos pregado em huma Cruz só para nos salvar, e não foi hum só o

fim, nem hum só o effeito de sua Paixão, senão dous: hum para nos sarar, e outro para nos ensinar. Para nos sarar, porque o preço das suas chagas foi o remedio da nossa saude: *Livore ejus sanati sumus.* E para nos ensinar: porque? Aqui está o nosso ponto. Porque o exemplo da sua paciencia foi a doutrina da nossa paz: *Disciplina pacis nostræ super eum.* Notai o *super eum.* De sorte que duas cousas tomou sobre si Christo quando quiz ser cravado na Cruz: a nossa saude, e a nossa paz. A nossa saude; porque com as suas chagas sarou as nossas: *Livore ejus sanati sumus:* e a nossa paz; porque com o soffrimento das mesmas chagas nos ensinou, que a paciencia he a verdadeira doutrina da paz, se a quizermos fazer nossa: *Disciplina pacis nostræ.* Hum, e outro effeito resumio no seu Cantico Zacharias depois de Christo estar já no mundo. O da saude; *ad dandam scientiam salutis plebi ejus, (Luc. 1. 77.)* que he, *livore ejus sanati sumus*: e o da paz; *ad dirigendos pedes nostros in viam pacis, (Ibid. 79.)* que he, *disciplina pacis nostræ super eum.* Quereis ouvir a verdadeira etymologia, ou breve definição da paciencia? *Patientia, pacis scientia.* Por isso o Profeta lhe chamou *disciplina*, isto he, *doctrina pacis*: e por isso o divino Mestre, quando disse aos Discipulos, *Pax vobis*, lhes mostrou esta mesma sciencia não só es-

crita, e rubricada com o sangue das suas chagas, mas as mesmas chagas impressas, e entalhadas nas mãos, e nos pés; *Ostendit eis manus, & pedes.*

§ VIII.

Sáia agora a desigualdade dos superiores, ou justa, ou injusta, e vejamos que effeitos causa, e póde causar na paz dos subditos. Se a desigualdade os achar desarmados da paciencia, não ha dúvida que causará guerra, e cruel guerra: mas se a paciencia os armar, e fortalecer contra os golpes da mesma desigualdade, nenhuma haverá tão forte, que possa alterar, e descompôr nelles a firme, e segura paz.

Para prova da primeira parte destes effeitos tremenda, e funestissima, ponhamo-nos dentro do Ceo, e ás portas do Paraiso, e vê-los-hemos com horror. Revelou Deos aos Anjos que se havia de fazer homem: e que movimentos vos parece que excitaria no conceito, e estimação dos espiritos Angelicos esta inopinada noticia? Por ventura rompêrão todos em louvores da bondade divina, cantando-lhe hymnos, e celebrando com panegyricos hum tão admiravel excesso de sua misericordia? Nada menos; antes parecendo-lhes excessiva desigualdade a muitos; logo começárão a revolver no pensamento o

que depois ponderou S. Paulo, quando disse: *Nusquam Angelos apprehendit, sed semen Abrahæ apprehendit. (Hebr. 2. 16.)* He possivel que em nenhuma parte das nossas Jerarchias (que isto quer dizer *nusquam*) achou Deos outra natureza a que unir a sua divindade, senão á humana? He possivel, que ha de deixar os Anjos, os Archanjos, as Virtudes, as Potestades, as Dominações, os Principados, os Thronos, os Cherubins, e os Serafins; e que o homem feito de barro ha de ser Deos? Aqui foi a ira, o furor, a raiva. E como não tiverão paciencia para soffrer esta desigualdade, posto que a preferencia lhes não era devida; ella foi a que descompôz a quieta, e innocente paz em que fôrão creados; ella a que metteo no Empyreo, e introduzio no mundo a primeira guerra: *Factum est prælium magnum in Cælo; (Apoc. 12. 7.)* ella a que desacordou a harmonia de todos os coros Angelicos; e ella a que com ruina da terceira parte de todas as Jerarchias deo principio ao Inferno dentro no mesmo Ceo.

Mas passemos do Ceo á terra. Não havia na terra mais que dous homens filhos ambos, e os primeiros filhos do mesmo pai, e da mesma mãi, Caim, e Abel. Offerecêrão ambos sacrificio a Deos; Abel que era pastor das crias do seu rebanho, Caim que cultivava a terra dos frutos da sua lavoura: e atéqui

vivião ambos naquella sincera paz, e união natural, que pedia o dobrado vinculo não só da humanidade, senão tambem da irmandade. Mas que succedeo? Diz o Texto Sagrado, que pôz Deos os olhos no sacrificio de Abel, e não no sacrificio de Caim: *Respexit Dominus ad Abel, & ad munera ejus; ad Cai verò, & ad munera illius non respexit:* (*Genes. 4. 4. 5.*) e foi tal a impaciencia, e raiva que causou no animo de Caim esta desigualdade, que trocada no mesmo ponto toda aquella paz, e concordia natural em cruelissima guerra, sem temor do pai, sém reverencia da mãi, e sem respeito da irmandade, porque se não podia vingar em Deos, se vingou no mesmo irmão: e o seu sangue foi o primeiro, que se derramou no mundo, e a sua morte innocente a primeira em que se executou a sentença fulminada contra a culpa do Paraiso. Pois por hum *respexit*, ou *non respexit;* por hum inclinar, ou não inclinar de olhos, se quebrão todos os foros da razão, e da natureza? Sim. Para que conheção os que tem superioridade, os grandes poderes, e jurdição da sua propria vista, e com quanta cautela devem olhar em quem põem, e de quem retirão os olhos. Se he tão impaciente, e mal soffrida entre irmãos a differença de ser bem visto, ou não bem visto, como poderá haver paciencia, nem paz entre os estranhos, e emulos, onde as desigual-

dades forem maiores? A que Deos usou com Caim, e Abel, he certo que foi justa, e merecida, posto que se ignorem as verdadeiras causas. Mas não basta que as causas sejão justas, e justissimas, onde entrevem a desigualdade pública, é conhecida, para que a impaciencia dos subditos não seja a total destruição, e ruina da paz.

Isto he o que faz a desigualdade tomada impacientemente: vejamos agora o que não desfaz, se se aceita com paciencia. Tomada sem paciencia, faz, e he causa de guerras, e tão crueis como as que vimos: aceitada com paciencia, não desfaz, nem altéra, nem descompõe a paz; antes a conserva mais gloriosa. E se aquelles exemplos forão de Anjos, e homens, este será de mais que homens, e mais que Anjos, e na maior desigualdade que nunca vio, nem verá o mundo. Qual foi a maior desigualdade, que jámais obrou Deos, e qual a maior que commettêrão os homens? A maior desigualdade que obrou, nem podia obrar Deos, foi dar seu Filho pela redempção do homem. Vender o Filho para resgatar o escravo! Condemnar a innocencia para absolver a culpa! Morrer o immortal para resuscitar o morto! Deixar quebrar, e perder os diamantes, para reparar o barro! Emfim padecer o Creador para que a creatura vil não padeça! esta foi a maior desigualdade que obrou, nem podia obrar Deos. E a maior

que commettêrão os homens, qual foi? Venderem esse mesmo Filho, tirarem a vida a esse mesmo Filho, e pregarem esse mesmo Filho com quatro cravos em huma Cruz. Ainda teve outra circunstancia de maior desigualdade este mesmo excesso. Concorre Christo com Barrabás para ser hum condemnado, outro absolto: Barrabás o ladrão, o sedicioso, o homicida, o mais insigne malfeitor de todos os que as enxovias de Jerusalem tinhão em ferros, e sahe por acclamação absolto Barrabás, e condemnado Christo. Oh barbara, ó deshumana, ó horrenda, ó sacrilega, ó infernal desigualdade! A de Deos mais que admiravel por excesso de misericordia, e a dos homens mais que abominavel por ultimo extremo de injustiça, e crueldade! E sujeito, ou opprimido destas duas desigualdades, e levando-as ambas aos hombros debaixo de hum madeiro infame; por ventura perdeo aquelle homem, Deos, e homem, o titulo de Principe da paz, que lhe derão os Profetas: *Princeps pacis? (Isai. 9. 6.)* Por ventura descompoz a harmonia daquella paz, que lhe cantárão os Anjos no Nascimento: *Et in terra pax hominibus? (Luc. 2. 14.)* Por ventura renogou, ou fez litigiosa a paz, que deixou em testamento a seus Discipulos: *Pacem relinquo vobis, pacem meam do vobis? (Joann. 14. 27.)* Tão fóra esteve de se alterar no seu animo pela desigualdade

do decreto de Deos a paz com Deos, ou pela desigualdade da sentença dos homens a paz com os homens; que antes elle mesmo com os cravos, que lhe rompêrão as mãos, e pés, rasgou os assinados da guerra, e os pregou na sua Cruz, como diz S. Paulo: *Delens quod adversus nos erat chirographum decreti, ipsum tulit de medio, affigens illud cruci*: (*Coloss. 2. 14.*) e com o sangue que manou de suas chagas, firmou as escrituras da paz, pacificando-nos com os homens na terra, e com Deos no Ceo, como tambem diz o mesmo Apostolo: *Pacificans per sanguinem crucis ejus, sive quæ in terris, sive quæ in Cœlis sunt. (Coloss. 1. 20.)* E por isso quando hoje annunciou a paz aos Discipulos, dizendo, *Pax vobis*, lhes mostrou juntamente as chagas, com cuja paciencia a tinha merecido, e ganhado: *Ostendit eis manus, & pedes.*

§ IX.

Já a segunda parte do meu argumento se déra por satisfeita com o que tem demostrado atéqui; se contra esta mesma que chamei demostração, se não oppuzera huma tal difficuldade, que mais parece implicancia, que dúvida. Quando Christo disse aos Discipulos, *Pax vobis*, he certo que não só lhes annunciou a paz, mas tambem lha deo com effeito. Assim mesmo quando lhes mostrou as chagas, não

só foi para que as vissem, senão tambem para que as imitassem, e soubessem que o meio de conseguirem a paz, era a paciencia de semelhantes injúrias. Finalmente, de huma, e outra cousa se concluia, que tambem elles havião de ter os seus Annazes, os seus Caifazes, e os seus Pilatos na sua innocencia, que mandassem executar aquellas injustiças, e crueldades. Tudo isto era o que dizia de palavra aquella paz, e o que mostravão por obra aquellas chagas: e assim foi. Porque S. Pedro teve contra si a Nero, S. Tiago a Herodes, S. João a Domiciano, e todos tiverão os seus Tyrannos, que a huns pregárão na Cruz, a outros cortárão a cabeça, a outros despirão a pelle, e a todos derramárão cruelmente o sangue, e com exquisitos tormentos tirárão a vida. Pois se o divino Mestre nos pés, nas mãos, e nas chagas abertas a ferro tocava a arma, e publicava guerra a seus Discipulos, como nas palavras brandas, e amorosas lhes annuncia juntamente a paz. *Pax vobis?*

Apertemos mais a dúvida, para que reduzida a todo o rigor da Filosofia, fique mais clara. A paz he huma concordia reciproca, e relativa: e tudo aquillo que he reciproco, e relativo, em faltando, e se perdendo de huma parte, necessariamente falta, e se perde tambem da outra. Assim o ensina Aristoteles, e se demostra facilmente com dous exem-

pios vulgares, a da amizade, e o do parentesco. A amizade he amor mutuo, e reciproco entre dous amigos, e se hum só delles deixa de ser amigo, acabou-se a amizade. No parentesco, o pai he reciprocamente relativo ao filho, e o filho ao pai: e basta que falte só o pai, ou só o filho, para que a relação daquelle parentesco se acabe. Do mesmo modo a paz he concordia mutua, reciproca, e relativa: logo se de huma parte está a guerra, parece que da outra não póde estar, nem conservar-se a paz? Respondo que assim he na Filosofia de Aristoteles, mas na de Christo não. Na Filosofia de Christo póde estar, e conservar-se a relação de huma parte, ainda que falte, e se perca da outra. Provo com os mesmos exemplos. Entre Christo, e Judas havia amizade, como entre o mesmo Senhor, e os outros Apostolos. Da parte de Judas faltou a amizade: e da parte de Christo? não faltou. *Amice, ad quid venisti? (Matth, 26. 50.)* Amigo lhe chama, quando já era inimigo, amigo, quando era traidor, amigo, quando lhe fazia tão cruel guerra. Não porque Judas naquelle tempo fosse amigo, mas porque Christo ainda o era. *Interioris amicitiæ non immemor*, diz S. Bernardo. Vamos ao pai, e ao filho. O filho Prodigo, depois de perdido, estudando comsigo o que havia de allegar ao pai, dizia: *Pater, peccavi in Cœlum, & coram te: jam non sum dignus vocari filius*

tuus. (*Luc. 15. 18. 19.*) Pois se o Prodigo conhecia, e confessava que já não era filho, como chama com tudo pai ao pai, *Pater?* Porque da parte do filho se tinha perdido a relação, e denominação de filho; mas da parte do pai não se perdeo com tudo a relação, e denominação de pai. S. Pedro Chrysologo: *Ego perdidi quod filii est, tu quod patris est non amisisti.*

Do mesmo modo digo que se póde conservar a paz de huma parte, posto que falte, e se perca da outra. E no caso ainda mais apertado, em que da parte opposta esteja a guerra, da nossa lhe póde responder a paz. Quereis a prova evidente? Em duas palavras. *Cum his qui oderunt pacem, eram pacificus.* (*Psalm. 119. 7.*) Eu (diz David já em profecia christã) eu tinha paz com aquelles que não querião paz. E de que modo, Rei Santo? De que modo conservava David a paz com aquelles que não querião paz, senão guerra? Por meio da paciencia, como eu dizia: *Ita servatur pax, quando scilicet patienter mali sustinentur à bonis*, commenta Hugo Cardeal. Mas muito melhor declara o seu dito o mesmo David. *Cum his qui oderunt pacem, eram pacificus: cum loquebar illis, impugnabant me gratis*: (*Ibid.*) Eu guardava paz com os que não querião paz; porque quando me impugnavão, quando me fazião guerra, eu soffria com paciencia, e não

respondia á guerra com guerra, senão á guerra com paz. Isto quer dizer *Impugnabant me gratis*. E agora ouvireis o verdadeiro sentido, e elegante energia daquelle *gratis*, que em nenhum Expositor achareis. Que quer dizer *impugnabant me gratis*, impugnavão-me, e fazião-me guerra de graça? Eu o direi. Quando hum homem recebe alguma injúria de outro, e propõe de se vingar, não diz, elle me pagará muito bem pago? Pois neste pagar, ou não pagar consiste o ser offendido de graça, ou não de graça; *gratis*. De maneira que quando a injúria recebida se vinga, não se recebe de graça, porque com huma injúria se paga a outra injúria: porém quando a injúria recebida se soffre com paciencia, e não se vinga, então se faz de graça, porque não se paga. E porque David não se vingava, nem tomava satisfação das hostilidades que lhe fazião seus inimigos, por isso diz que o impugnavão de graça: *impugnabant me gratis*.

Vêde-o nos maiores inimigos, e maiores perseguidores do mesmo David, que fôrão Saul, e Absalão, hum Rei, outro filho de Rei, dos quáes elle dizia pela mesma frase: *Principes persecuti sunt me.* (*Psalm. 118. 161.*) Da parte de Saul estava o ódio, da parte de David o amor: da parte de Saul a tyrannia, da parte de David a sujeição: da parte de Saul os aggravos, da parte de David o soffrimento:

da parte de Saul a guerra, da parte de David a paz. Saul lhe invejava os applausos, David lhe accrescentava as victorias: Saul lhe remunerava os serviços com ingratidões, David lhe pagava as ingratidões com novos beneficios: Saul lhe atirava com a lança para o matar, David tendo-o debaixo da lança, lhe perdoava a vida. Em fim a guerra de Saul impugnava sempre a paz de David com a perseguição; e a paz de David vencia sempre a guerra de Saul com a paciencia. Maior contraposição ainda, e com maiores realces de energia em hum proprio filho do mesmo David. Nasceo-lhe a David hum filho, ao qual elle poz por nome Absalão. E que quer dizer Absalão? Quer dizer, *Pax Patris*, A paz de seu pai. Grão caso! Todos os que lêrão alguma cousa das Escrituras Sagradas sabem que os Patriarchas, e Profetas antigos os nomes que punhão a seus filhos erão profecias do que elles havião de ser, e huma como breve historia das acções, e successos de sua vida. Vejamos agora qual foi a de Absalão. Absalão se rebellou contra seu pai: Absalão conjurou contra elle todos seus vassallos: Absalão lhe tirou a corôa da cabeça: Absalão com todo o poder de Israel posto em campanha lhe fez cruelissima guerra. Chame-se logo Absalão guerra, não paz de seu pai. Pois se David era Profeta, e o maior de todos os Profetas, como trocou a signifi-

cação ao nome, e os futuros á profecia, e em vez de chamar a hum tal filho guerra de seu pai, lhe chamou paz de seu pai: *Pax Patris?* Porque se da parte do filho estava a guerra, da parte do pai se conservava com tudo a paz: e tanto mais admiravel era a paz do bom pai, quanto mais abominavel a guerra do máo filho. A guerra do filho dizia aos seus soldados: Matai-me a David; e a paz de David dizia aos seus: Guardei-me a Absalão; *Servate mihi puerum Absalon. (2. Reg. 18. 5.)* A guerra de Absalão dizia: Para que reine Absalão, morra David; e a paz de David dizia: Morra antes David, para que viva Absalão: *Fili mi Absalon, quis mihi tribuat ut ego moriar pro te? (Ibid. 33.)*

Esta he a Filosofia de Christo: e desta sorte por excesso de paciencia se conserva marauilhosamente de huma só parte a relação da paz, faltando da outra: *Cum his qui oderunt pacem, eram pacificus.* Oh grande maravilha! ó milagre estupendo da virtude Christãa sobre todas as Leis, e forças da natureza! Huma concordia discorde, e huma discordia concordante: de huma parte olhando a guerra torvamente para a paz, e da outra vendo, e revendo-se a paz placidamente na guerra? E que seria se eu dissesse, que he tal o poder da paz paciente, e constante, que ainda neste caso em que não he correspondida, conserva com tudo o seu natural ser

reciproco, e relativo. Assim o digo, e o provo. Dão-me attenção os Filosofos. Quando a paz se acha só de huma parte, e se vê da outra parte sem correspondencia, ella mesma se corresponde de huma, e da outra parte. Mas de que modo? Propria, e justamente como as outras relações reciprocas. De huma parte vai a paz directamente do principio ao termo: e da outra torna reflexamente do termo ao principio. Não he proposição, ou invento meu, mas theorema, e advertencia subtilissima do mesmo Christo a seus Discipulos. *In quamcumque domum intraveritis, dicite, Pax huic domui: & si ibi fuerit filius pacis, requiescet super illum pax vestra; sin autem ad vos revertetur.* (Luc. 10. 5. 6.) Quando entrardes em qualquer casa, dizei, Paz seja nesta casa: e se o morador della não fôr filho da paz, e a não quizer receber, a vossa paz tornará outra vez para vós. Vêde agora em huma só paz a paz directa, e reflexa, e a paz simples, e justamente reciproca. *Dicite, Pax huic domui*: eis-aqui a paz directa, que vai de vós para os outros; e se elles a não quizerem aceitar. *Pax vestra ad vos revertetur*: eis-aqui a paz reflexa, que torna delles para vós outra vez. E para aqui a maravilha? Não. Porque a mesma paz com esta tendencia, e com esta reflexão, reciprocando-se dentro em si mesma, se multiplica, e se dobra. Assim como o raio do Sol, se topa com

hum corpo opaco, reflecte outra vez para o Sol, e se dobra, e intende mais; assim a paz, se encontra hum peito duro, e obstinado, não se acaba por isso, mas reflecte, e não pára, mas se dobra, fazendo-se mais intensa na mesma reflexão: *Pax vestra ad vos revertetur.*

Ouçamos o commento de S. Bruno sobre as mesmas palavras, que agudissimamente descobre nellas nova elegancia, e mysterio. *Pax vestra* (diz) *revertetur ad vos, quia fœta, & duplicata revertitur.* Já considerámos que a paz, que na primeira tendencia vai huma, e singela, torna na reflexão multiplicada, e dobrada. Mas porque nota o Santo, que não só torna dobrada, mas prenhe, e fecunda: *Fœta, & multiplicata?* Porque alude á frase de que usou Christo: *Si ibi non fuerit filius pacis:* Se o morador da casa não fôr filho da paz. A correspondencia reciproca de quem offerece a paz, he filha da mesma paz, porque della nasce. Diz pois Christo aos Discipulos, que se offerecerem a paz a quem não fôr filho da paz, nem por isso se desconsolem, entendendo que a sua paz foi esteril, e infecunda porque quando a sua paz não achar filhos da paz, que lhe correspondão, a mesma paz os conceberá, e parirá: *Fœta, & multiplicata:* multiplicando-se na reflexão dentro em si, e correspondendo-se a si mesma. He esta paz como a Fenis mãi, e filha de si

mesma; mas mãi, e filha que ambas vivem, e perseverão; a mãi como paz, a filha como correspondencia. E para que não fique mysterio algum por advertir neste grande Texto, notai que quando Christo diz, que a paz encontrada, e não admittida, offerecida, e repudiada tornará outra vez para elles, *Revertetur ad vos*, então, e não antes lhe chama paz sua, *Pax vestra*; porque só neste caso he a paz verdadeiramente nossa, e toda nossa. Quando a paz he correspondida, divide-se a paz, e divide-se o merecimento; porque a paz de huma parte he nossa, e de outra parte he alhea. Mas quando a paz não tem correspondencia, toda a paz he nossa; porque he nossa de huma, e de outra parte: quando direita, e quando reflexa; quando offerecida, e quando regeitada; quando vai, e quando torna: *Pax vestra revertetur ad vos.*

Tal, e tão maravilhosa he a paz, que Christo hoje deo aos Discipulos de sua escola, e esta he a enfasi daquelle *vobis*. *Vobis*, á vós, e não aos demais: *vobis*, a vós, que sois meus Discipulos, e sereis meus imitadores. E por isso quando lhes prometteo, e deixou em testamento a mesma paz, lhes declarou com repetida expressão de differença, que era a sua, e como sua, e não como a do mundo: *Pacem relinquo vobis, pacem meam do vobis; non quomodo mundus dat, ego do vobis.* (*Joann.* 14. 27.) E se

perguntarmos em que consiste esta differença de paz a paz, e em que se distingue a paz de Christo da paz do mundo: S. Agostinho, e S. Gregorio Papa respondem geralmente, que a paz do mundo he vãa, a paz de Christo sólida: a paz do mundo falsa, a paz de Christo verdadeira: a paz do mundo temporal, e breve, a paz de Christo permanente, e eterna. Mais disse o mesmo Christo. A sua paz chamou duas vezes paz: *Pacem relinquo vobis, pacem meam do vobis*: e á do mundo, nem huma só vez chamou paz: *Non quomodo mundus dat, ego do vobis*: porque a paz de Christo he paz, e a do mundo não he paz. He o de que arguio Deos antigamente aos falsos Profetas: *Dicentes, pax, & non est pax*: (*Ezech. 13. 10.*) dizem, e enchem a boca de paz, e não ha tal paz no mundo. E senão, quem ha tão cégo, que não veja o mesmo hoje em toda a parte? Dizem que ha paz nos Reinos, e os vassallos não obedecem aos Reis: dizem que ha paz nas Cidades, e os subditos não obedecem aos Magistrados: dizem que ha paz nas familias, e os filhos não obedecem aos pais: dizem que he paz nos particulares, e cada hum tem dentro em si mesmo a maior, e a peior guerra. Havia de mandar a razão, e o racional não lhe obedece: porque nelle, e sobre ella domina o appetite. A paz de Christo he paz que se conserva no meio da guerra: a paz do mundo he guerra que se esconde

debaixo de paz. Chama-se paz, e he lisonja; chama-se paz, e he dissimulação: chama-se paz, e he dependencia: chama-se paz, e he mentira, quando não seja traição. He como a de Judas, que com beijo de paz entregou a Christo nas mãos de seus inimigos: he como a de Joab, que com abraço de paz meteo o punhal pelo coração de Abner. Finalmente, por conclusão do que dissemos, a paz do Christo he paz, que estando só de huma parte, he paz reciproca de ambas as partes; e a do mundo professando-se reciproca de ambas as partes, em nenhuma dellas he paz.

Fuja pois, e desapareça para sempre, e não se ouça mais entre os homens o nome chimerico, e vão deste engano universal. E ponhamos todos não só os olhos, mas os corações, e as almas nesta vera effigie da verdadeira, sólida, e eterna paz. Desde este lugar, como cabeça do mundo, está Jesú crucificado bradando a todo elle o que disse resuscitado a seus Discipulos: *Pax vobis*. A vós, ó Gentios idolatras, que ainda me não conheceis por vosso Creador: *Pax vobis*. A vós, ó Hereges, que chamando-vos Christãos, negais, e viveis desunidos de minha unica Esposa a Igreja: *Pax vobis*. A vós, ó Catholicos, que contra o maior de meus Mandamentos vos estais desfazendo em guerras, como se não fôra melhor a paz, que mil victorias: *Pax vobis*. E a vós,

ó Romanos, que sendo Roma a Jerusalem da Lei da Graça, deve não só chamar-se, mas ser *visio pacis* na concordia, *visio pacis* na união, e *visio pacis* no exemplo da perfeita caridade: *Pax vobis.* E se não bastão estas vozes, e estes brados para vos persuadir a paz, bastem as Chagas destas mãos, e destes pés para vos render, e para vos obrigar a ella na paciencia: *Ostendit eis manus, & pedes.* (*Luc. 24. 40.*) E vós, soberano Principe da paz, desse throno de vossa Magestade, e piedade, concedei a todo este devotissimo, e fidelissimo Povo, entre todos os do mundo mais particularmente vosso, a vossa paz. Paz com Deos, paz com nossos proximos, e paz com nós mesmos. Com esses tres cravos, que vos pregárão na Cruz, e abrirão em vós as preciosissimas Chagas das mãos, e dos pés, confirmai em nós estas tres pazes. Com o cravo da mão direita a paz com Deos; com o cravo da mão esquerda a paz com os proximos; e com o cravo de hum, e outro pé a paz com nós mesmos, assim no corpo, como na alma. E com este riquissimo, e abundantissimo dom de vossa liberalissima misericordia nos lançai a todos huma inteira benção de paz, formada com vossa mesma Cruz: *Pax vobis: pax vobis; pax vobis.*

SERMÃO

DA

TERCEIRA DOMINGA

POST EPIPHANIAM

Na Sé de Lisboa

Si vis, potes. Matth. 8.

§ I.

O querer, e o poder, se divididos são nada, juntos, e unidos são tudo. O querer sem o poder he fraco, o poder sem o querer he ocioso, e deste modo divididos são nada. Pelo contrario o querer com o poder he efficaz, o poder com o querer he activo, e deste modo juntos, e unidos são tudo. Assim considerava o querer, e poder de Christo, certo do

seu poder, e duvidoso do seu querer, hum homem pobre, e enfermo, o qual na historia do presente Evangelho prostrado a seus divinos pés, lhe pedio que o remediasse, dizendo que se quizesse, podia: *Si vis, potes* (*Matth. 8. 2.*)

Grande miseria he não digo já da incredulidade, mas da estreiteza do coração humano, que confessando os homens a Deos o poder, lhe duvidem da vontade: mas ainda he maior miseria, e cegueira, que não falte quem até o poder lhe duvide. Outro necessitado, que tambem pedio a Christo a saude não para si, mas para hum filho, o que disse ao mesmo Senhor, foi: *Si quid potes, adjuva nos*: (*Marc. 9. 21.*) Se podeis alguma cousa, ajudai-nos. Ambos estes homens procurárão o remedio, ambos o pedírão, ambos o duvidárão: e se bem considerarmos o que disserão, ambos offendêrão a Christo. O primeiro fallou com pouca, o segundo com menos, e nenhum com inteira fé. E que faria o benignissimo Senhor, assim rogado, e offendido? Hum lhe duvidou o querer; *Si vis*: outro lhe duvidou o poder; *Si quid potes*: e a ambos mostrou que podia, e queria. Ao que lhe duvidou da vontade, disse, Quero, e posso: ao que lhe duvidou do poder, disse, Posso, e quero, e a ambos despedio satisfeitos com o remedio que desejavão.

Oh que grande ventura he requerer diante de

hum Principe que quer, e póde. Assim seria tambem a maior de todas as desgraças esperar o remedio de algum tão pouco poderoso, que não possa, e de tão má vontade, que não queira. A Augusto Cesar disse Marco Tullio prudente, e elegantemente, que a natureza, e a fortuna lhe tinhão dado, huma a maior, e outra a melhor cousa que podião, para fazer bem a muitos: *Nec fortuna tua majus quàm ut possis, nec natura tua melius quàm ut velis conservare quamplurimos.* A maior cousa que póde dar a fortuna a hum Principe, he o poder, e a melhor que lhe póde dar a natureza, he o querer, para poder, e querer fazer bem a todos. Ambas estas excellencias de supremo Senhor concorrêrão em Christo no grão mais heroico: E se nellas teve alguma parte a fortuna, não foi a sua, senão a nossa. O poder, e o querer tudo em Christo he natureza como composto ineffavelmente de duas: como Deos todo poderoso, como homem todo benevolo; e huma, e outra cousa ingrou hoje com inteira experiencia aquelle homem de meia fé, que disse, *Si vis, potes.* A estas duas palavras respondeo o Senhor com outras duas. Ao *Si vis*, disse, *Volo*, ao *Potes* disse, *Mundare (Matth. 8. 3.)* e em ambas lhe ensinou, que não só podia como a sua fé confessava, *Potes*, senão que tambem queria como a sua esperança duvidava, *Si vis.*

Desta maneira declarou em huma mesma acção Christo Senhor nosso, quão alta, e promptamente estão unidos para nosso remedio na sua Omnipotencia o poder, e na sua vontade o querer. E porque eu quizera, que esta união tão maravilhosa não só nos servira de documento para a fé, senão tambem de exemplo para a imitação; de todo o largo Evangelho escolhi só aquellas duas palavras, *Si vis, potes*. Se quereis, podeis. Mas como o poder, e querer só naquelle supremo Senhor, que póde quanto quer, são iguaes; e pelo contrario no homem o poder he pouco, e limitado, e o querer sempre insaciavel, e sem limite; como se poderá na contrariedade desta discordia achar algum meio de união? Reconheço a difficuldade: mas por isso será ella todo o emprego do meu discurso. *Si vis, potes*: sobre estas duas palavras consideradas variamente por todos os modos com que se pódem combinar, veremos como se ha de ajustar o querer com o poder, e o poder com o querer. He huma das mais importantes materias que se deve ensinar ao mundo, e de que depende toda a felicidade humana. Deos me assista com sua graça. *Ave Maria.*

§ II.

Se buscarmos com verdadeira consideração a causa de todas as ruinas, e males do mundo, acharemos que não só a principal, senão a total, e a unica he não acabarem os homens de concordar o seu querer com o seu poder: *Si vis, potes.* A raiz deste veneno mortal nascida não só na terra, senão tambem no Ceo, he a inclinação natural, com que toda a creatura dotada de vontade livre, não só appetece sempre ser mais do que he, senão tambem querer mais do que póde. Que quiz o Anjo no Ceo, e que que quiz o homem no Paraiso? Ambos quizerão ser como Deos. Menos me admiro das suas vontades, que dos seus entendimentos. Vem cá Lucifer, vem cá Adão: tu Anjo e o mais sábio de todos os Anjos: tu homem, e o mais sabio de todos os homens, não entendeis, e conheceis com evidencia, que não podeis ser como Deos; pois como appeteceis o que não podeis? Porque tal he a cegueira de hum entendimento ambicioso, e a ambição de huma vontade livre. Ha de querer mais do que póde, ainda que conheça que he impossivel. O poder, ou poderes do homem erão sobre todos os peixes do mar, sobre todas as aves do ar, e sobre todos os animaes da terra: o poder, e poderes do Anjo erão sobre a

terra, sobre o mar, sobre o ar, sobre o fogo, e não só sobre todos os elementos, mas tambem sobre todos os corpos celestes, e sobre todos os astros, e seus movimentos. E porque ainda havia no mundo outro poder maior, posto que este fosse o de Deos; nem o Anjo, nem o homem se contentárão com poder o que podião. E que se seguio daqui? A ruina universal do mundo: a ruina da terceira parte dos Anjos, e a ruina de todos os homens.

Mas deixados os Anjos que não são capazes de emenda, fallemos com os homens, que se pódem emendar, se quizerem. Começando pelos maiores corpos politicos, que são os Reinos, qual he a causa de tantos se terem perdido, de que apenas se conserva a memoria, e outros se verem tão arruinados, e enfraquecidos, senão o appetite desordenado, e cego, de quererem os Reis mais do que pódem? Daqui se seguem as guerras, e a ambição de novas, e temerarias empresas, como as de Membroth: daqui as fabricas de edificios magnificos, e insanos, como a Torre de Babel: daqui a prodigalidade de excessivas mercês, amontoando em hum o que se tira a todos, como as de Assuero em Amán: daqui as festas, e jogos publicos com apparatos mais monstruosos, que extraordinarios, sem outro fim, que a falsa ostentação, e vaidade do que não ha, nem he. E quando as despezas de tudo isto devê-

rão sahir do que sobejasse nos erarios, e thesouros Reaes; que será onde se vêm tiradas, e espremidas todas do sangue, do suor, e das lagrimas dos vassallos carregados, e consumidos com tributos sobre tributos, chegando os naturaes, para que se alegrem os estranhos, e anticipando-se as exequias á patria, por onde se lhe deverá procurar a saude? Salomão foi o Rei que em todo o seu reinado gozou da mais alta, e segura paz de quantos houve dentro, e fóra de Israel, mas foi tal a guerra que elle fez á sua mesma Côrte, e Reino com os prodigiosos espectaculos de grandeza, e magestade, cuja fama trazia a Jerusalem todas as nações do mundo; que o mesmo Salomão foi o que destruio o que tanto ennobreceo, e exaltou; e não por outra razão ou defeito, senão porque sendo mais poderoso que todos, se não contentou com o que podia. A prata no seu tempo, diz a Sagrada Escritura, que era tanta em Jerusalem como as pedras da rua, e neste mesmo tempo erão tantos, tão multiplicados, e tão excessivos os tributos, com que o glorioso, e miseravel Povo sustentava a fama de ser chamado seu hum tal Rei; que não podendo supportar hum peso tão intoleravel, com que em toda a vida os opprimio, e nem na morte os alivjou; a primeira cousa que pedirão a seu successor Roboão, foi a suspensão, e remedio destas oppressões. Mas como o filho, que se não

contentava com menos que poder ainda mais que seu pai, não désse ouvidos a huma tão justificada queixa, rebellados os mesmos vassallos, lhe negárão a obediencia, e de dose Tribus, de que constava o Reino, perdeo em hum dia os dez, os quaes nem nos dias de Roboão, nem nos de todos seus descendentes se unirão, ou sujeitárão jámais á mesma Corôa.

E se este natural appetite de quererem os homens sempre mais do que pódem, nem na soberania dos que pódem tudo se farta; que será dahi abaixo desde os maiores entre os grandes até os minimos entre os pequenos? O Official póde viver como Official, e quer viver como Escudeiro: o Escudeiro póde viver como Escudeiro, e quer viver como Fidalgo: o Fidalgo póde viver como Fidalgo, e quer viver como Titulo: o Titulo póde viver como Titulo, e quer viver como Principe. E que se segue deste tão desordenado querer? O menos he, que por quererem o que não pódem, venhão a não poder o que podião. Quanto sóbe violentamente o querer para cima, tanto desce sem querer o poder para baixo. Ouvi o que agora direi como proverbio. Quem quer mais do que lhe convem, perde o que quer, e o que tem. Simão Mago appellidou hum dia todo o Povo Romano, para o vêrem subir ao Ceo: e verdadeiramente á vista de todos começou a voar.

Orou porém S. Pedro, sem se levantar da terra, e a sua oração derrubou das nuvens ao Mago com tal quéda, que desconjuntados, e quebrados todos os ossos desde os joelhos até os pés, totalmente ficou inhabil para poder dar hum passo. Justo castigo, mas parece que desigual a tamanha maldade. Este Mago, para que o seguissem os Judeos, fingia-se Messias; e para que o adorassem os Gentios, fingia-se Jupiter: e hum delicto composto de tantos delictos tão enormes, tão impios, tão sacrilegos, e blasfemos; porque o não castigou Deos com lhe tirar logo a vida, senão com o privar sómente do uso dos pés? Excellentemente S. Maximo. *Ut qui paulo ante volare tentaverat, subito ambulare non posset, & qui pennas assumpserat, plantas amitteret.* Não se contentou Simão com os pés que Deos, e a natureza lhe tinhão dado para andar, e quiz azas para voar; pois fique privado não só das azas, para que não vôe, senão tambem dos pés, para que não ande. E para que mais? Para que este exemplo, e desengano seja hum público pregão a Roma, e a todo o mundo, que quem quer poder mais do que lhe convem, perde o que quer, e o que tem.

No Testamento Velho ElRei Balthasar, porque quiz mais do que podia, *Inventus est minus habens.* (*Dan. 5. 27.*) E donde veio este menos, senão daquelle mais? *Respexistis ad amplius, & ecce fa-*

etum est minus; (Aggæi. 1. 9.) diz o Prophéta Aggeo. No Testamento Novo o Filho Prodigo, porque no gastar, e alardear quiz o que não podia, nem pédia o estado de filho, veio a pedir por misericordia a fortuna de criado: *Fac me sicut unum de mercenariis tuis. (Luc. 15. 19.)* Quantos vierão a servir, porque quizerão ser mais servidos, ou servidos de mais do que podião manter. Se apenas podeis sustentar hum cavallo com hum muchila, porque haveis de ter huma carroça com oito lacaios? Hum he afeiçoado á caça, e quando os cães apdão lazidios, e anafados, vêr-lhe-heis os criados pallidos, e mortos de fome. O outro he prezado, ou picado de pinturas, e quando elle, com falso testemunho ridiculo, chama aos seus quadros originaes de Ticiano, os pagens, e os lacaios são verdadeiramente copias de Lazaro. Que direi do que para bahir hum dia aos touros, e ostentar cincoenta lacaios vestidos de téla, empenhou o morgado, e as commendas por muitos annos? As sortes serião quaes quiz a ventura, mas a peior, e mais certa foi a da pobre casa. Elle poderia ter hum dia de Paschoa, mas ella ha de jejuar dez annos de Quaresma. Eis-aqui o que vem a não poder os que querem mais do que pódem. Com essa mal considerada vaidade, que he o que acquiristes, ou o que perdestes? Perdestes a felicidade de não pedir, perdestes a liberdade de não dever,

perdestes o descanso de não pagar; e o que acquiristes com o que tinheis, e com o que não tinheis, fôrão as invejas dos amigos, as murmurações dos sezudos, as perseguições dos acredores, e a desgraça, e máo conceito dos mesmos Principes, a quem quizestes lisongear, e servir; porque como vos ha de fiar a sua fazenda, quem assim vê que esperdiçais a vossa?

§ III.

Mas isto passe embora, porque he damno particular. O máo he que para restaurar estes desmanchos, que sempre se devem, e nunca se pagão, quem os está continuamente pagando por varios modos, he o commum. O official de penna, a cujos rasgos mede o regimento as regras, e conta as letras, se elle quer gastar sem conta, e sem medida, que ha de fazer? Troca as suas pennas com as dos gaviões, e minhotos, e não ha ave de rapina que tanto leve nas unhas. O Letrado, ou Julgador, cuja autoridade constava antigamente de huma mula mal pensada com sua gualdrapa preta, se hoje fóra de casa ha de sustentar a liteira, e dentro as alfaias que lhe respondem, não bastando os ordenados para a terceira parte do anno, quem ha de supprir a despesa das outras duas partes, senão as partes, e a justiça? O que entre fumos de nobreza, e fidal-

guia vive á mercê da sua herdade, a qual quando as novidades não mentião, só dava para sarja no verão, e baeta no inverno, agora que já ás lãs se não sabe o nome, de que se ha de vestir, sendo o gallo da sua Aldea, senão das pennas dos que pódem menos? O mercante que tomou os assentos, ou contratos Reaes de público, e se contratou de secreto com os zeladores da fazenda do mesmo Rei; de que modo se ha de soldar quando se vê quebrado, senão com o soldo, e fardas dos miseraveis soldados, tornando a comprar os já comprados Ministros, para que lhe subão os preços, e ajuste as quebras? Infinita cousa seria se houvessemos de discorrer por todos os estados assim da paz, como da guerra, com que a fazem cruel á Republica os mesmos que tinhão obrigação de a defender. Com razão disse Seneca, que a riqueza se faz de muitas pobrezas: *Divitiæ ex paupertatibus fiunt*: porque para enriquecer hum homem, se empobrecem outros, e para se levantar, ou resuscitar huma casa, se arruinão, e sepultão muitas. Os empenhos do morgado tirá-los-ha o governo, o cativeiro das commendas remi-lo-hão as pensões, e se a limitação dos ordenados não abrange a tanto, estendê-la-hão sem limite os desordenados. O que não póde pagar a gineta, pagá-lo-ha a companhia; o que não póde pagar o bastão, pagá-lo-ha o exercito; o que não póde

pagar Portugal, pagá-lo ha o Brasil, pagá-lo-ha a Africa, pagá-lo-ha a India. E para que poucos que querem mais do que pódem sejão flagellos, assolação e raios das quatro partes do mundo, se lhes dará licença por escrito, para que possão quanto quizerem.

Lembra-me a este proposito hum apophthegma daquelle famoso Legislador dos Gregos Solon. *Luxus erit in tyrannidem, dum fœnum migrat in cornua.* Quer dizer a primeira parte, que do luxo nascerá a tyrannia, péssima filha de máo pai. E segundo os gemidos dos tyrannizados, cujas serão estas tyrannias, senão dos que eu vou fallando? Todos querem mais do que pódem, nenhum se contenta com o necessario, todos aspirão ao superfluo, e isto he o que se chama luxo. Luxo na pessoa, luxo no vestido, luxo na mesa, luxo na casa, luxo no estrado, luxo nos filhos, luxo nos criados, e criadas, e onde não basta o proprio, claro está que ou por arte, ou por violencia se ha de roubar o alheio, que estas são mais, ou menos descubertas as tyrannias; *Luxus erit in tyrannidem.* E porque não pareça difficultoso, ou improprio, que de huma causa tão branda, e tão deleitavel como o luxo, nasça hum effeito tão duro, e tão cruel como a tyrannia; declara a primeira parte da sua sentença Solon com a comparação da segunda, que verda-

deiramente he subtilissima: *Dum fœnum migrat in cornua*. O pasto com que se regala, e se engrossa o touro, não he o feno brando, e para elle tão saboroso, que o come de dia, e o torna a recomer de noite? Pois esse feno na testa do mesmo bruto he o que se converte naquellas duas pontas duras, fortes, e agudas, que são o instrumento, e as armas de toda a sua fereza. Lançai-o no corro, e vereis como a todos remette, a todos atropella, a huns bota para o ar, a outros pisa, a outros fere, ou mata; e o que melhor livrou da sua furia, foi deixando-lhe a capa nas mesmas pontas. Se o luxo he o feno, quanto mais se come delle, e se gosta, e se rumia, tanto maiores serão as tyrannias, e mais feros os estragos: *Dum fœnum migrat in cornua*. Boa materia se me offerecia agora para fallar das durezas tão crueis, e das agudezas tão subtis, e das armações tão bem armadas destas armas da tyrannia. Mas o dito bastará para que se entenda a verdade do fundamento que puz, ou suppuz, como primeira pedra deste tão importante discurso; e que a causa, e raiz de todos os damnos particulares, e publicos, que padecem as familias, as communidades, e os Reinos, e com que se está indo a pique o mundo, he não acabar o appetite, a ambição, e a cegueira humana de tomar as medidas ao que póde, e ajustar o seu quérer ao seu poder: *Si vis, potes*.

§ IV.

Para reduzirmos á prática este tão necessario ajustamento: a primeira diligencia que ha de fazer todo o homem prudente de si para comsigo, e sem paixão, nem amor proprio, he medir o seu poder. *Quis ex vobis volens turrim ædificare, non prius sedens computat sumptus, qui necessarii sunt, si habeat ad perficiendum? (Luc. 14. 28.)* Que homem ha de vós (diz Christo) o qual, se quer edificar huma torre, não lance suas contas primeiro, e considere muito devagar, se tem cabedal bastante para levar a obra ao cabo? Porque do contrario se seguiria (acrescenta o Senhor) que depois de ter lançado os alicesses, se não pudesse continuar a fabrica, e pô-la em perfeição, se ririão todos delle, dizendo, Este homem pôde começar, mas não pôde acabar: *Ne, postequam posuerit fundamentum, & non potuerit perficere, omnes qui vident, incipiant illudere ei, dicentes, quia hic homo cœpit ædificare, & non potuit consummare.* (*Ibid. 29. 30.*) Se Christo nestas palavras profetizára da nossa Côrte, não a pudera descrever melhor. Raro he o edificio grande em Lisboa, que esteja acabado, nem pelos filhos, e netos de seus primeiros fundadores. Assim o notão os Estrangeiros, aos quaes eu ouvi inferir, não sei se

em louvor, se em descredito da nossa nação, que sempre são maiores os nossos pensamentos, que o nosso poder. O certo he, que de lhe não tomar as medidas antes de começar, encorremos a desapprovação, e riso de todo o bom juizo humano: *Quia hic homo cœpit ædificare, & non potuit consummare.*

A palavra, *hic homo*, mostra bem que neste primeiro exemplo fallou o Senhor dos particulares; e porque não cuidem os Reis, que pela estimação de todo poderosos, ficão isentos desta regra; ajuntou logo o mesmo Mestre divino: *Aut quis Rex iturus committere bellum adversus alium Regem, non sedens prius cogitat si possit cum decem millibus occurrere ei, qui cum viginti millibus venit ad se? (Ibid. 31.)* Ou que Rei ha, que havendo de pelejar em campanha com outro Rei, não meça primeiro as forças de ambos os exercitos, e considere, se sendo o seu meio por meio menor, se poderá defender com elle do inimigo? Mui alhea cousa he de toda a razão, e prudencia, que estejão os Reis tão mal inteirados do que pódem, e do que tem, que o mandem perguntar na occasião aos Tribunaes da sua Fazenda. Mas nesta parte pódem os antigos Reis de Portugal ser exemplar a todos os do mundo. Tomára poder referir aqui todo o testamento delRei D. Sancho o Primeiro, do qual se vê com admira-

ção não só o seu grande poder, e riquezas naquelle tempo, mas a noticia presencial, e exactissima de quanto possuia, e em que generos, e em que lugares, e em que mãos. Não deixarei com tudo de apontar algumas verbas do mesmo testamento, pelo que toca á distribuição do dinheiro sómente, não fallando nas doações de Villas, Lugares, e outras rendas.

Primeiramente (diz) Mando que meu filho Dom Affonso succeda no meu Reino, e duzentos mil maravedis, que estão nas Torres de Coimbra, e seis mil nas de Evora, &c. Ao Infante D. Pedro meu filho quarenta mil maravedis, dos quaes o Mestre do Templo tem em Tomar vinte mil, e os outros vinte o Mestre do Hospital em Belver. Ao Infante D. Fernando outros quarenta mil, dos que estão nas Torres de Coimbra: outros tantos ao meu neto D. Fernando. A minha filha a Rainha D. Theresa quarenta mil maravedis, e duzentos e cincoenta marcos de prata, que estão em Leiria. E á Infanta D. Dulce minha neta quarenta mil maravedis, e cento e cincoenta marcos de prata, que estão em Alcobaça. Estes maravedis tinhão tanto valor naquelle tempo, que no mesmo testamento deixa ElRei dez mil maravedis para se edificar hum Convento da Ordem de Cister, e outros dez mil para fundação de hum Hospital de leprosos. Varios vasos de ouro da Casa, e

uso Real manda que se desfação em Cruzes, e Calices applicados a differentes Igrejas. A todas as Cathedraes, e outras de sua devação, e a todos os Mosteiros de Religiosos, e a todas as Ordens Militares deixa grossos legados, apontando na mesma fórma donde se hão de tirar. E finalmente no do Summo Pontifice diz assim: De cento e noventa e cinco onças e meia de ouro, que tenho nas Torres de Coimbra, se dêm ao Senhor Papa cem marcos. Tão exacta, e tão miuda noticia tinhà aquelle bom Rei dos seus thesouros, que nem meia onça de ouro lhe escapava da conta: sendo que aquellas onças tinhão muito maior peso das que hoje entre nós tem o mesmo nome, pois em menos de duzentas onças, como consta da mesma verba, cabião cem marcos. De sorte que no mesmo tempo estava o erario Real junto, e dividido: dividido, por occasião das guerras interiores com os Mouros, em differentes Torres do Reino, e junto na memoria, e mente do Rei, para saber por si mesmo quanto tinha, e o que podia, e por isso não emprendeo guerra, ou acção militar, em que não fossem tantas as victorias, como as empresas. Oh quanto póde, e sem oppressões dos vassallos, o Principe que se mede com o que póde! Não me posso abster, nem he justo neste passo, de referir a ultima clausula do dito testamento, cujas palavras são estas. Dez mil e duzentos

maravedís ficão nas minhas Torres de Coimbra, e na minha arca, e estes são para restituições do que indevidamente houver tomado, e o que sobejar, para cativos, e pobres. De maneira que em hum Reino novamente levantado, e em tempo de tantas guerras, em que tanto se costuma tomar violentamente a todos; todas as restituições a que a consciencia deste Rei duvidava escrupulosamente de poder estar obrigado, se podião satisfazer com dez mil e duzentos maravedís, e sobejar ainda para cativos, e pobres. Tanto póde, outra vez, só com o seu, e sem o alheio, quem se sabe, e quer medir com o que póde.

Mas que dirão á vista deste exemplo os qué por não tomar as medidas ao que pódem, ou não pódem, cuidão que pódem tudo? Parece-me que os estou vendo retratados na precipitada arrogancia dos filhos do Zebedeo. Perguntou-lhes Christo se podião beber o caliz, que elle havia de beber: *Potestis bibere calicem, quem ego bibiturus sum? (Matth. 20. 22.)* E sem mais consideração, ou exame do que erão perguntados, respondêrão, *Possumus*, Podemos. Ora já que dizeis que podeis beber o caliz, não me direis tambem qual he osse caliz, e qual essa bebida? He tal que o mesmo Christo receoso de o poder beber, e tendo por mais possivel o contrario, appellou para os possiveis da Omnipo-

tencia: *Pater, si possibile est. (Matth. 26. 39.)* Pois se isto mesmo he o que vós perguntão, se podeis, e nem sabeis o que podeis, nem sabeis o que he: porque dizeis: *Possumus?* Porque assim cuidão que pódem tudo os que não considerão, nem conhecem primeiro o que pódem, ou não pódem.

Ainda depois de conhecidas as proprias forças, póde hum homem não poder o que póde, porque o poder, e o modo do poder, são duas cousas muito diversas. Quando David se offereceo a sahir ao desafio com o Filistheo, disse-lhe ElRei Saul, que não podia; porque o Filistheo era Gigante, e elle menino, o Filistheo soldado exercitado nas armas, e elle não: *Non vales resistere Philisthæo isti, nec pugnare adversus eum, quia puer es, hic autem vir bellator est ab adolescentia sua. (1. Reg. 17. 33.)* Com tudo respondeo David, que sim podia, porque elle tinha experimentado as suas forças com os Ussos, e os Leões, aos quaes despedaçava, e matava, e o mesmo faria ao Gigante: *Nam & Leonem, & Ursum interfeci ego servus tuus. (Ibid. 36.)* Ouvida a resposta, e provado o poder de David com tão abonadas experiencias, o mesmo Saul, o qual lhe dissera que não podia sahir ao Gigante, o vestio de suas proprias armas, para que sahisse. Armado porém elle, e fazendo experiencia das mesmas armas, disse que não podia assim andar: *Non possum sic incedere.*

(Ibid. 39.) Pois David, se tão pouco ha dissestes que podieis, como agora dizeis que não podeis? Não diz David que não póde, mas diz, que não póde daquélle modo; *non possum sic*: medindo as forças do Gigante com as dos Ussos, e dos Leões, diz, posso: mas medindo o exercicio das mesmas forças comsigo carregado de armas, diz, não posso; porque não basta o poder para poder, se o impede o modo. O poder, e mais o modo do poder he o que ha de examinar, e recónhecer primeiro quem quer saber se póde, ou não póde.

§ V.

Feito assim o exame do poder, e feito, como dizia, sem paixão, nem amor proprio, para ser bem feito, segue-se a eleição do querer, em que consiste todo o acerto, e póde haver muitos erros. Ou eu posso querer sómente o que posso, ou querer mais do que posso, ou querer menos do que posso. E como neêles tres modos de ajustar o querer com o poder, ou igualando, ou excedendo, ou diminuindo, se póde alterar muito a devida proporção, vejamos pela mesma ordem qual será a mais acertada, e por isso mesmo a mais conveniente.

Quanto á primeira de querer sómente o que posso, he tão excellente, e adequada esta proper-

ção, que por hum modo admiravel parece se iguala o querer, e poder humano com a vontade, e Omnipotencia divina. Qual he a excellencia, e soberania da vontade, e Omnipotencia divina? He que Deos póde quanto quer. Pois se Deos póde quanto quer, e eu quero só quanto posso; este hé o caso, como dis Seneca em outro, no qual póde o homem competir na felicidade com Deos. Porque se Deos póde quanto quer, eu tambem posso quanto quero, porque só quero quanto posso. Assim o notou com subtil, e bem fundada advertencia o douto, e engenhoso Autor da arte da vontade. He verdade, que Deos póde fazer mais do que quer, mas tambem o homem póde querer mais do que póde: e a proporção do querer com o poder tanto consiste em Deos, em se medir o poder divino com a vontade divina, como no homem, em se medir a vontade humana com o poder humano. Daqui se segue, que os muito poderosos, e os que pouco pódem, todos são iguaes nesta felicidade, em que se fazem tão semelhantes a Deos. Porque se huns, e outros se conformão, e contentão com o que pódem, nem o muito de huns he mais, nem o pouco de outros he menos; porque todos dentro da medida do seu poder tem tudo quanto querem. Oh que ditoso, e bem ordenado viveria universalmente o mundo, se todos penetrassem o interior deste segredo, e não trespas-

sassem o seu querer além das raias do seu poder!

Advirtão porém aqui principalmente os poderosos, que o que dizemos do poder, só se entende do que licita, e justamente se póde. O illicito, e injusto nunca se póde fazer, ainda que se faça. Mas he tal a jactancia dos poderosos, e mais daquelles que cuidão que pódem tudo, que tem por affronta do seu poder cuidar-se que tem limite o que pódem. Assim como o Juiz não póde exceder as Leis do Rei, assim o Rei não póde exceder as da razão, e justiça. A ElRei Creonte disse Medea: *Si judicas, cognosce; si regnas, jube:* Se obras como Juiz, toma conhecimento da causa; mas se obras como Rei, manda o que quizeres. A segunda parte deste aforismo he tirada dos archivos não só da tyrannia, mas do atheismo. E não só a seguem os Reis, senão tambem os Juizes. Pilatos era Juiz com vezes de Rei, porque era em Judéa locotenente do Cesar: e vêde o soberbissimo conceito que tinha dos seus poderes. Como Christo Senhor nosso accusado pelos Judeos não respondesse a huma pergunta que lhe fazia Pilatos, disse-lhe assim: *Mihi non loqueris? (Joann. 19. 10.)* A mim me não respondes? *Nescis quia potestatem habeo crucifigere te, & potestatem habeo dimittere te?* Não sabes que tenho poder para te crucificar, e que tenho poder para te

livrar? Não, Pilatos: não sabe isso Christo. Esse homem que tens em pé diante de ti he o mais sábio de todos os homens, e juntamente Deos: e nem como homem, nem como Deos sabe o que dizes; porque dizes o que não he, nem póde ser. Se esse homem he Réo, não tens poder para o livrar; e se he innocente, não tens poder para o crucificar. E porque? Porque se he Réo, não o pódes absolver da culpa; e se não tem culpa, não lhe pódes condemnar a innocencia. Mas quantos innocentes vemos condemnados, e quantos culpados absoltos, tudo pela falsa, e arrogante ostentação dos que cuidão que pódem tudo!

Ora eu vos quero conceder o que não tendes, e suppondo comvosco, que verdadeiramente podeis tudo; ouvi agora o que ignorais, e por ventura nunca ouvistes. Cuidáis que o poder tudo consiste em não haver cousa alguma a que se não estenda o vosso poder; e he engano manifesto. O poder tudo consiste em poder algumas cousas, e não poder outras: consiste em poder o licito, e justo, e em não poder o illicito, e injusto: e só quem póde, e não póde desta maneira, he todo poderoso. Não ha paradoxo meu, senão verdade de fé divinamente explicada por Santo Agostinho. *Quàm multa non potest Deus, & omnipotens est?* Quantas cousas não póde Deos, e com tudo he Omnipotente? E senão

ditei-me: Deos póde deixar de ser? não: Deos póde mentir? não: Deos póde enganar, ou ser enganado? não: Deos póde fazer alguma cousa mal feita? Não. Pois se Deos não póde tantas cousas, como he todo poderoso? Por isso mesmo, diz Agostinho: *Imo omnipotens est, quia ista non potest.* E a razão he; porque o ser todo poderoso consiste em poder humas cousas, e não poder outras: em poder todas as que são licitas, e justas, e não poder nem huma só das que são illicitas, e injustas. Tanto assim, diz animosamente a Aguia dos Doutores, que se Deos pudesse essas cousas que temos dito que não póde, seria indigno de ser Omnipotente. *Nam si mori posset, si mentiri, si fallere, si falli, si inique agere, non fuisset dignus qui esset omnipotens.*

Mas porque esta palavra *dignus* parece que refere, ou attribue a Omnipotencia a merecimento, sendo assim que Deos goza a soberania de todos seus attributos, não por merecimento, senão por natureza; o que S. Agostinho disse por estes termos, porque escrevia para os doutos, declararei eu mais, porque fallo para todos. A harmonia dos attributos divinos he tão concorde, sem poder encontrar hum ao outro, que esta reciproca conformidade não só passa a ser união, senão identidade entre si, e com o mesmo Deos. E daqui vem que o attributo da Omnipotencia não póde todas aquellas cousas que

serião contrarias aos outros attributos. Deos he summamente bom, e se pudesse o máo, não seria summa bondade: Deos he summamente justo, e se pudesse o injusto, não seria summa justiça: Deos he summamente sábio, e se pudesse o errado, não seria summa sabedoria: Deos he summamente verdadeiro, e se pudesse o falso, não seria summa verdade. Logo para Deos ser digno de ser Omnipotente, e a mesma Omnipotencia digna de ser sua, não só era decente, mas necessario, que podendo tudo o mais, não pudesse cousa alguma que fosse indigna de Deos. E daqui se convence, como argumenta em outro lugar o mesmo S. Agostinho, que se Deos pudesse taes cousas, seria menos poderoso, e que por isso as não póde fazer, porque he Omnipotente: *Sic hoc non potest Deus, ut potius si posset, minoris esset potestatis: & propterea quædam non potest, quia omnipotens est.*

Que dirão agora a isto os todo poderosos do mundo? Se quereis ser omnipotentes, podei sómente o justo, e licito, e não queirais poder o illicito, e injusto. Se assim o fizerdes, sereis omnipotentes como Deos, e senão, serão os vossos poderes como os do Diabo, que póde, e faz muitas cousas que Deos não póde. Supposto pois que só se póde o que licita, e justamente se póde, quem nesta fórma ajustar o seu querer com o seu poder, po-

derá quanto quizer, porque só quererá quanto póde. E para que acabeis de vêr quanto tem de divina esta proporção do querer ajustado com o poder; natal por fim, que Deos só póde fazer o que póde querer: de sorte que só póde obrar a sua Omnipotencia o que póde querer a sua vontade. E se estas são as medidas do poder, e querer immenso, poder só o que quer; porque se não contentará a limitação humana com querer só o que póde? Querei só o que podeis, e sereis omnipotentes. *Prorsus omnipotens est qui facit quidquid vult:* Verdadeiramente he omnipotente (conclue Agostinho) quem póde quanto quer: com tal condição porém, que só queira o bem feito, e não queira o mal feito; porque neste querer, e não querer, consiste a verdadeira omnipotencia. *Ipsa est omnipotentia facere quidquid bonè vult, quidquid autem malè fit, non vult.*

§ VI.

Até qui temos visto a grande conveniencia, e excellencia mais que humana da primeira proporção do querer com o poder, que he querer cada hum sómente o que póde. A segunda he dos que excedem esta medida, e querem mais do que pódem, com os quaes agora fallaremos. E que lhes direi eu? Digo geralmente, Senhores, (porque os Senhores

são os que mais ordinariamente se não querem medir ainda que seja comsigo mesmos) que para desengano deste desejo, e emenda desta vaidade, bastava só a consideração do erro, que lhe hão de achar no fim, e fora melhor atalhar no principio. Considerai que querendo mais do que podeis, não só destruis o vosso poder, senão tambem o vosso querer. Porque se eu quero mais do que posso, claro está que hei de perder o que posso, e não hei de conseguir o que quero. Pois se no fim não haveis de poder conseguir o que quereis; para que he trabalhar, e cansar debalde? Mas tal he a cegueira da ambição humana! Mais de duzentos annos depois do diluvio, caminhando todos os homens que então havia, e ainda se conservavão juntos, diz a Escritura Sagrada, que vierão dar em huma grande campina, a qual os convidou: para que? Não para a dividirem entre si, e a lavrarem, e cultivarem; mas para edificarem nella huma torre, que chegasse até o Ceo. Philo Hebreo diz, que o intento desta fabrica foi para se livrarem nella de outro diluvio, se acaso succedesse: o certo porém he, como refere o mesmo Texto, que quizerão levantar hum tão soberbo, e prodigioso edificio, para celebrar, e fazer famoso seu nome: *Celebremus nomen nostrum antequam dividamur.* (*Genes. 11. 4.*) Todas as familias de que se compunha este ajuntamento, erão

setenta e duas: mas as razões que difficultavão a obra, não tinhão numero. Vivia ainda entre elles Noé já experimentado em grandes fabricas: o qual como velho sisudo, e pai de todos, não ha dúvida, que lhes proporia quantos impossiveis se envolvião na temeridade daquelle pensamento. Se dizeis que os materiaes desta torre hão de ser tijolos cozidos, não vêdes, que nem toda a terra vos póde dar barro para os amassar, nem lenha para os cozer? Depois de crescer a obra, como póde haver máquinas tão fortes, e tão altas, com que guindar os mesmos materiaes até as nuvens? E dado que houvesse industria, e braços para tudo isto, não sabeis que em chegando á terceira região do ar frigidissima, havieis de morrer todos? Pois se para vós levantais a vossa sepultura, e para a mesma torre fabricais as suas ruinas, porque quereis o que não podeis, e porque trabalhais inutilmente no que não haveis de levar ao cabo? A mesma Escritura Sagrada nos diz altissimamente em huma palavra o porque. Porque erão filhos de Adão: *Descendit Dominus, ut videret turrim, quam ædificabant filii Adam. (Ibid. 5.)*

Ora eu acho, que mais perto parece estava chamarem lhes filhos de Noé, que foi o segundo Pai do genero humano, e o era mais propriamente de todos os que alli se achavão. Pois porque lhes chama o Oraculo divino filhos de Adão, e não de Noé?

Porque o nome de Adão tinha muito maior peso, e energia no caso presente. Como filhos de Noé não se seguia bem o intento de edificar a torre. Porque se nosso Pai fabricou de madeira hum edificio, que se levantou sobre as aguas, não era boa consequencia: tambem nós poderemos de barro fabricar outro, que se levante sobre as nuvens. Porém como filhos de Adão, sim. Porque se Adão foi hum homem, que cuidou que podia ser como Deos, não he muito que seus filhos cuidem que pódem edificar huma torre, que chegue até o Ceo. Em fim, Deos em Pessoa desceo a vêr a torre, e logo confundio as linguas de todos, para que se não entendessem a si mesmos os que tinhão sido autores de huma fabrica tão mal entendida, e assim cessou a obra: *Pendent opera interrupta, minæque murorum ingentes.* E que bem se leria naquellas vastissimas ruinas relevada em letras de bronze a sentença de David: *Cogitaverunt consilia, quæ non potuerunt stabilire. (Ps. 20.)* Onde intentárão celebrar seu nome, fizerão célebre a sua loucura; e na mesma torre com que quizerão acquirir fama, fabricárão sua propria confusão: isto quer dizer Babel.

Com este exemplo desenganou Deos, e ensinou a todos os homens juntos, que pozessem freio á vaidade de seus pensamentos, e não quizessem mais do que podião. Elles porém entendêrão tão mal

aquella linguagem, e se esquecêrão tão brevemente daquella lição, que divididos pelo mundo, assim como deixavão nos campos de Senaar aquelle fatal monumento da sua loucura, assim não houve monte, ou valle na terra, em que não levantassem outros. Ponde-vos entre Sodoma, e Segor, e se perguntardes que estatua he aquella que alli se vê em pé, e dura ainda hoje, ninguem vos dirá o nome proprio, porque se não sabe, mas a Escritura Sagrada nos diz que he a mulher de Loth, a qual porque quiz vêr o que não podia conformè o preceito do Anjo, no mesmo passo em que voltou os olhos para vêr o incendio das Cidades infames, alli ficou convertida em estatua de sal. Ponde-vos na Cidade de Galgala, e vereis como hum Profeta está despojando do Sceptro, e da Corôa, e despindo a purpura a hum Rei de agigantada estatura, e o mesmo Profeta (o qual era Samuel) vos dirá que aquelle Rei he Saul, privado para sempre do Reino, por se querer aproveitar dos despojos de Amalec, o que não podia, porque Deos lhe tinha mandado que os queimasse todos. Ponde-vos junto ao bosque chamado de Efraim, e alli vereis pendurado de hum carvalho pelos cabellos, e trespassado pelo peito com tres lanças o mais galhardo mancebo, que para inveja da formosura creou a natureza. Tal foi o tragico fim de Absalão, o qual traidor a Deos, ao Pai,

á Patria, e a si mesmo, sendo terceiro filho de David, lhe quiz tirar a corôa da cabeça, e pô-la na sua, como não devêra, nem podia. Ponde-vos nos campos de Babylonia, e vereis com horror andar sobre quatro pés pascendo feno, e bebendo do Rio com os brutos hum homem convertido na mesma figura, o qual pouco antes adorado no throno real se chamava Nabucodonosor. Era o mais poderoso Monarca do mundo; mas porque quiz ser, e poder mais do que podia, o fez Deos cursar naquella escola sete annos, para elle aprender, e nos ensinar o que pódem vir a ser os que querem mais do que pódem.

Infinita materia seria se houvessemos de discorrer por todos os exemplos que lêmos nas Escrituras Sagradas, do muito que Deos se offende, e do rigor com que castiga a insolencia de quererem os homens poder mais do que elle quiz que pudessem. Mas para ultimo desengano nosso, e testemunho estupendo desta mal entendida verdade, não me he licito passar em silencio o que agora referirei sentenciado, e declarado por boca do mesmo Deos. Todo o Capitulo quarenta e oito gasta o Profeta Jeremias em prégar, e annunciar a destruição de Moab, entendendo debaixo deste nome toda a nação dos Moabitas. E não ha genero de trabalho, de miseria, de affronta, até a ultima, e total aniquila-

ção, que repentinamente, e por varios modos lhe não ameace. Finalmente chega a dar as causas de tamanho castigo, e quaes vos parece que serão? Huma só, mas admiravel, e pronunciada não mesmos que pelo mesmo Deos. *Ego scio, ait Dominus, jactantiam ejus: & quod non sit juxta eam virtus ejus, nec juxta quod poterat conata sit facere.* (*Jerem., 48. 30.*) Será destruido, e assolado Moab, sem ficar pedra sobre pedra em todas suas Cidades, (diz Deos) porque sei que a sua arrogancia, e presumpção he maior que as suas forças, e quiz fazer mais do que podia. Pois porque a presumpção de Moab he maior que as suas forças, e porque intentou fazer o que não podia, tamanho delicto he este, e tão abominavel diante de Deos, que em castigo delle ha de destruir, assolar, e aniquilar huma nação inteira? Se o mesmo Deos o não dissera, quem pudera crêr tal excesso da divina justiça? Mas assim he sem dúvida, pois Deos dá esta só causa, por sua propria boca. E por isso quero tornar a repetir as mesmas palavras: *Scio jactantiam ejus, & quod non sit juxta eam virtus ejus:* Porque conheço sua arrogancia, e porque sei que as suas forças, e o seu poder não he igual a ella: *Nec juxta quod poterat conata sit facere:* E porque sei que o que intentou fazer era mais do que podia. Tão atrozmente sente Deos, tanto aborrece, detesta, e abo-

mina o excesso dos que se atrevem a querer mais do que elle quiz que pudessem.

E se me perguntardes em que consiste a atrocidade de hum delicto, que não parecia tão grande, respondo, que a razão he, porque quererem os homens poder mais do que Deos quiz que pudessem, toca no vivo de sua propria divindade, destruindo, e desacreditando a recta disposição dos seus divinos attributos. Profundamente David: *Devidant a cogitationibus suis, secundùm multitudinem impietatum eorum expelle eos, quoniam irritaverunt te Domine. (Ps. 5. 11.)* Aos que se atrevem a poder mais do que vós quizestes, vós Senhor, os derribareis de seus pensamentos em pena das muitas impiedades, com que provocarão a vossa ira. O que neste texto he digno de grande reparo, são aquellas palavras, *Secundùm multitudinem impietatum eorum.* O peccado da impiedade consiste em negar a Deos a sua divindade: *Dixit insipiens in corde suo: Non est Deus. (Ps. 13. 1.)* O peccado de quererem os homens mais do que podem, parece que não passa de presumpção, soberba, e arrogancia, como chamou o mesmo Deos ao dos Moabitas: *Scio jactantiam ejus.* Pois porque chama David a estes taes não só soberbos, e arrogantes, senão impios, e muitas vezes impios, *Secundùm multitudinem impietatum eorum?* Porque Deos reparte, e mede o

cada hum dos homens a maior, ou menor porção do poder que he servido dar-lhe segundo o conselho secreto, e recta disposição da sua sabedoria, da sua justiça, da sua providencia, da sua liberalidade: contra todos estes attributos divinos são impios os que querem poder mais do que Deos quiz que pudessem. Dei-te pouco, contenta-te com o pouco, que he o que eu sei que te convem, e não queiras muito: dei-te muito, contenta-te com esse muito, e não queiras mais, porque nesse mais que desejas está escondida a tua perdição. Não queiras ensinar a minha sabedoria, não queiras condemnar a minha justiça, não queiras emendar a minha providencia, não queiras acanhar a minha liberalidade; e porque tudo isto fazes quando queres poder mais do que eu quiz, não só huma vez és impio, senão muitas vezes. *Secundum multitudinem impietatum eorum.*

Olhem os homens para as outras creaturas sem uso de razão, e não queirão ser ingratos, e soberbos contra Deos, quando todas ellas grandes, e pequenas o louvão, e lhe dão graças pelo que delle receberão. Se o rato não quer ser leão, nem o pardal quer ser aguia, nem a formiga quer ser elefante, nem a rãa quer ser baleia; porque se não contentará o homem com a medida do que Deos lhe quiz dar? E que seria, se nem os leões, nem as aguias, nem os elefantes, nem as baleas se conten-

tassem com a sua grandeza, e huns se quizessem comer aos outros para poder mais, e ser maiores? Isto he o que querem, e fazem continuamente os homens, e por isso os altos cahem, os grandes rebentão, e todos se perdem. Os instrumentos que creou a natureza, ou fabricou a arte para serviço do homem, todos tem certos termos de proporção, dentro dos quaes se pódem conservar, e fóra dos quaes não pódem. Com a carga demasiada cahe o jumento, rebenta o canhão, e vai-se o navio a pique. Por isso se vêm tantas quédas, tantos desastres, e tantos naufragios no mundo. Se a carga fôr proporcionada ao calibre da peça, ao bojo do navio, e á força, ou fraqueza do animal, no mar far-se-ha viagem, na terra far-se-ha caminho, e na terra, e no mar tudo andará concertado. Mas tudo se desconcerta, e se perde, porque em tudo quer a ambição humana exceder a esféra, e proporção do poder.

Vejo que me estão dizendo os prezados de grande coração, que este discurso quebra os espiritos, e acovarda os animos para que não emprendão, nem façaõ cousas grandes. Antes ás avessas. Emprendei, e fazei cousas grandes, e as maiores, e mais admiraveis; mas dentro da esféra, e proporção do vosso poder, porque fóra della não fareis nada. Quem emprendeo, e obrou maiores cousas na Lei Velha que

David, e na Nova que S. Paulo? Mas vêde como ambos confessão, que em todas se medirão com o seu poder, e nunca o excedêrão. David diz: *Neque ambulavi in magnis, neque in mirabilibus super me. (Psalm. 130. 1.)* Todos sabemos quão grandes, e admiraveis fôrão as obras, e victorias de David: como diz logo, que não se exercitou em cousas grandes, nem admiraveis? Na ultima palavra, *super me*, o declara. Fôrão grandes, e admiraveis as minhas obras, mas não superiores a mim, porque nunca excedêrão a medida do meu poder, e das minhas forças: *Neque ambulavi in magnis, neque in mirabilibus super me*; diz Carthusiano, *faciendo opera meam mensuram transcendentia.* Do mesmo modo S. Paulo. As suas tentações, as suas perseguições, e as suas victorias: as suas peregrinações, as suas conversões, e os seus trabalhos padecidos pela dilatação da Fé, elle mesmo não póde negar que fôrão maiores que os de todos os Apostolos: *Plus omnibus laboravi (1. Cor. 15. 10.)* e com tudo affirma, que nunca excedeo a regra, e poder das forças que Deos lhe tinha dado, medindo se sempre, e em tudo comsigo mesmo. *Metientes, & comparantes nosmetipsos nobis. Secundùm mensuram regulæ, quæ mensus est nobis Deus. (2. Cor. 10. 12. 13.)* Méça-se pois cada hum comsigo, e ajuste as suas acções com as suas forças, e com o seu po-

der; porque se para fazer maiores obras, quizer poder mais, nem serão maiores, nem obras.

§ VI.

Depois de considerado nestes dous modos de concordar o querer com o poder, no primeiro quão conveniente he querer cada hum só o que póde, e no segundo quão errado, e arriscado querer mais do que póde; segue-se o terceiro, que consiste em querer menos do que póde: e este modo digo por fim, que não só está livre dos perigos, e damnos do segundo, mas excede com grandes vantagens, e maior segurança as mesmas conveniencias do primeiro.

Só quem quer menos do que póde, he sempre poderoso; porque quem quiz quanto podia, encheo a medida do seu poder, e não póde passar dahi: porém quem quer menos do que póde, sempre póde mais do que quer. E se esta razão he altamente bem entendida, ainda he mais alta a prova. A Omnipotencia divina obra *ad intra*, e *ad extra*, como fallão os Theologos, isto he, dentro em si, e fóra de si: dentro em si no ser increado, e fóra de si no ser que dá a todas as creaturas. E que succede ao poder de Deos nestes dous modos de obrar dentro, e fóra de si? Dentro de si o Padre pelo entendimento produz o Filho, e o Padre, e o Filho

pela vontade produzem o Espirito Santo. E fóra de si o Padre, o Filho, e o Espirito Santo creárão este mundo, e todas as creaturas espirituaes, e corporaes, que enchem o Ceo, e a terra. Agora pergunto: E póde Deos com a sua Omnipotencia obrar mais do que tem obrado? *Ad intra* não, *ad extra* sim. *Ad intra* não; porque nem o Padre só, nem o Filho só, nem o Espirito Santo só, nem todas as tres Pessoas divinas juntas, pódem produzir outra que seja Deos. Porém *ad extra* sim; porque assim como creárão este mundo, assim pódem crear infinitos outros com outras creaturas tão perfeitas, e ainda mais do que todas as que tem creado. Qual he logo a razão, por que sendo o poder de Deos dentro em si, e fóra de si infinito, dentro em si não póde obrar mais do que obrou, e fóra de si póde sempre mais, e mais sem limite, nem fim? A razão he clara, e manifesta. Porque dentro em si obrou Deos quanto podia, fóra de si nem obrou, nem obrará jámais quanto póde. E se isto he em Deos, quanto mais dahi abaixo? Quem quer quanto póde, não póde mais: quem quer menos do que póde, sempre lhe sobeja poder.

Daqui se segue, que o rico que quer mais do que póde, he pobre; e o pobre que quer menos do que póde, he rico. O rico que quer mais do que póde, he pobre, porque lhe falta o mais que quer; e o

pobre que quer menos do que póde, he rico, porque lhe sobeja o mais que póde. Assim no-lo ensinou a mesma natureza, mestra de nossas acções, quando nos proveo dos instrumentos, medindo-os com ellas. Porque dispôz a natureza que a mão fosse maior que o coração, e o coração hum, e as mãos duas? Porque o coração he o instrumento do querer, e as mãos do poder: no coração está a deliberação da vontade, e nas mãos a execução das obras; e ordenou que a mão fosse maior que o coração, e o coração hum, e as mãos duas, para que sempre pudessemos mais do que quizessemos, e nunca queiramos tanto quanto podemos. Oh se os homens entendessemos esta política natural, e domestica, e nos persuadissemos a ella, quão descansada seria esta vida, que nós pelo desgoverno da nossa vontade, e pelos excessos das nossas vontades fazemos tão cansada, e trabalhosa!

Faz grande differença o Profeta Isaias entre os fracos, e de baixos espiritos, que rasteiramente seguem os passos da natureza, e os de alto, e generoso coração, que confiados em Deos se levantão sobre ella. Aquelles, diz, por robustos que sejão na idade, e nas forças, cansão, e em fim cahem: *Deficient pueri, & laborabunt, & juvenes in infirmitate cadent.* (*Isai. 40. 30. 31.*) Os outros porém tomarão azas de aguia, e andarão, e correrão sem ja-

mais cansar, nem desfallecer: *Assument pennas sicut aquilæ, current, & non laborabunt, ambulabunt, & non deficient.* Taes são como estes segundos os que querem menos do que pódem, e tal he o descanso, e fortuna da sua vida, se fortuna se póde chamar o que depende da propria vontade, e de seguir o dictame da boa razão. Ponderemos as palavras, que são admiraveis. Diz que tomarão azas como de aguia: *Assument pennas sicut aquilæ;* mas não diz que voarão. O que só diz, he, que andarão, e correrão sem cansar, nem desfallecer: *Current, & non laborabunt: ambulabunt, & non deficient.* Pois se tem azas, e azas de aguia; porque não voão? E se pódem voar, e voar tão alto, como a Rainha das aves; porque se contentão só com andar, e correr? Porque querem, e sabem viver descansadamente. Quem tem azas para voar, e se contenta com andar, e quando muito com correr, póde mais do que quer, e quer menos do que póde; e só quem quer, e se contenta com menos do que póde, passa a carreira desta vida sem cansar, nem desfallecer. O mesmo Texto o diz expressamente: *Current, & non laborabunt: ambulabunt, & non deficient.* Se quizessem voar como podião, pois tinhão azas, e taes azas, he força que voando cansassem, ainda que as azas lhes fossem naturaes. Assim cansou a Pomba de Noé, e por isso se tornou para a Arca: *Cum*

non invenisset ubi requiesceret pes ejus: (*Genes. 8. 9.*) mas porque forão tão sisudos, que tendo azas não quizerão voar, e se contentárão sómente com andar, e quando muito com correr; por isso passárão a carreira desta vida tão cansada, e trabalhosa, sem nenhum trabalho, e com seguro descanso: sem nenhum trabalho, *non laborabunt*; e com seguro descanso, *& non deficient*.

E ninguem me arguimente em contrario com o exemplo dos Serafins, que ao lado do throno de Deos vio Isaias, os quaes perpétuamente cantavão, *Sanctus, Sanctus, Sanctus*, (*Isai. 6. 2.*) e perpétuamente voavão. Assim era, mas vêde o que diz o Profeta: *Sex alæ uni, & sex alæ alteri, & duabus volabant*: (*Ibid. 3.*) diz que cada hum tinha seis azas, e que voavão com duas: e isto mesmo he o que eu digo: Quem tem seis azas, e voa só com duas, sempre voará, e sempre cantará. Mas quem tendo sómente duas, quer voar com seis, eu vos prometto, que brevemente canse de voar, e que sempre chore. Bem o vêmos na miseravel, e triste vida de tantos loucos, que despojados de quanto tinhão, e podião ter, só lhes deixou a fortuna os olhos para tarde, e sem remedio chorarem a sua cegueira. Que cégo ha tão cégo, que não apalpe com as mãos, que só despendendo hum homem menos do que póde, póde conservar o que póde?

Ponhamos o exemplo no militar, no politico, no economico, e ainda no rustico; e em todos nos sahirá certa a experiencia desta verdade. Empenhar todo o exercito, sem deixar reserva, fa-lo-ha o soldado arriscado, mas não o Capitão prudente. O lavrador que comer toda a novidade do anno, não terá que semear no seguinte. Se o official gastar quanto ganha na sande, com que se ha de curar na enfermidade? O mesmo Rei que prodigo der tudo de quanto he senhor, não terá quem o sirva, porque não terá com que pague. Saber poupar o poder, he certo genero de omnipotencia, com que nunca póde faltar á necessidade humana o que houver mister: sendo igualmente certo, que nenhuma esperança de recuperar o despendido poderá igualar a providencia de o poupar, e não despender.

Em nenhuma cousa se empregão os homens com maior diligencia, e cuidado, que em conservar a vida, e com tudo todos morrem. Qual he a razão? A razão natural he; porque a vida consiste no humido, e calido radical, os quaes sempre a vão gastando, e consumindo, gastando-se elles tambem, e consumindo-se a si mesmos. E por mais que a natureza com o alimento, e com o medicamento procure recuperar, e restaurar o perdido, como ella gasta mais do que póde recuperar, he força que aquelles dous fundamentos da vida, e a mesma vida se con-

suma, e ninguem escapa da morte. Se a natureza humana gastára menos do que póde recuperar, fôramos immortaes; mas porque ella gasta mais, todos morremos. Passemos agora da vida natural á economica, e politica. Não ha Republica, nem familia tão desgovernada, nem ha homem tão prodigo, e tão perdido, que nos mesmos excessos com que se empenha, e endivida a mais do que póde, não faça conta de recuperar o que gasta, e pagar o que deve. Mas este pensamento he tão enganoso, e errado em todos, que assim como vivem empenhados, arrastados, e perseguidos dos seus empenhos, assim acabão a triste, miseravel, e aborrecida vida, deixando as dividas em testamento como em morgado, para que as satisfação os filhos, e netos, que não pagão as suas, quanto mais as alheas. Para reparo da vida natural creou Deos no Paraiso a arvore da vida, cuja virtude era recuperar no mesmo humido, e calido radical tudo o que elles em si, e na mesma vida tivessem gastado, e consumido; mas o beneficio desta restauração nenhum homem chegou a o conseguir. Com tudo eu leio no capitulo terceiro dos Proverbios, que aquelles que aprendêrão a verdadeira sabedoria, e a observão, logrão os frutos da arvore da vida: ***Lignum vitæ est his, qui apprehenderint eam; & qui tenuerit eam, beatus.*** (*Prov. 3. 18.*) Que sábios são logo estes que achárão a ar-

vore da vida, e logrão na sua o que nenhum homem alcançou? São aquelles que gastando sempre menos do que podem, conseguem sabiamente antes, o que a arvore da vida havia de fazer depois. A arvore da vida havia-lhes de restaurar o gastado depois de o gastarem, e elles por preservação anticipada, conservão o que ella havia de restaurar, não o gastando. Se Adão comêra antes, o que havia de comer depois, fôra immortal; por isso disse Deos: *Ne tendat de ligno vitæ, & vivat in æternum*: (*Genes.* 2. 22.) e isto que Adão não fez na vida natural, fazem na vida economica, e politica os que sabiamente conservão em si, não gastando, o que a arvore da vida havia de recuperar, mas nunca recuperou, depois de gastado.

Grandes escrupulos de consciencia pudera eu apertar agora neste ponto pelo grande numero de almas, que por estes empenhos sem restituição se condemnão; mas ha muito que estou desenganado, que o que os homens não fizerem pelos escrupulos da conveniencia, muito menos o farão pelos da consciencia. Os da conveniencia pertencem a esta vida, os da consciencia á outra, de que ha tão poucos que tratem. Para conclusão pois de toda esta materia tão importante para o presente, como para o futuro, acabo com huma sentença, que sendo do Espirito Santo, até no mesmo Espirito Santo he ad-

miravel. No capitulo onze da Sabedoria divina, fallando a mesma Sabedoria com Deos, diz assim: *Omnia in mensura, & numero, & pondere disposuisti: multum enim valere, tibi soli superest semper:* (*Sap. 11. 21. 22.*) Vós, Senhor, tudo fazeis com conta, peso, e medida: porque só a vós sobeja sempre o poder para quanto quizerdes. Notavel porque! Se dissera, que Deos faz tudo com conta, peso, e medida, porque lhe não falta o poder, boa consequencia era; mas porque lhe sobeja o mesmo poder: *Multum enim valere, tibi soli superest?* Sim. Porque fazer tudo com conta, peso, e medida, he propriedade do poder, que sempre ha de sobejar: e pelo contrario, fazer as cousas sem conta, peso, nem medida, he propriedade assim mesmo do poder, que nem ha de sobejar, nem bastar. E se Deos com todos os cabedaes da Omnipotencia tudo faz com a vara, com a balança, e com a penna na mão: com a vara para a medida, com a balança para o peso, e com a penna para o numero: onde o poder he tão limitado como o das pobrezas humanas, que cabedal póde haver que se não consuma, e acabe, e que baste á prodigalidade, ao desconcerto, á desattenção, e ao appetite dos que querendo mais do que pódem, tudo quanto tem, e quanto não tem desbaratão sem conta, sem peso, e sem medida? Oh cegueira do lume da razão, e da Fé! Porque

não medimos o tempo com a eternidade? Porque não pesamos o Ceo com o Inferno? E porque não fazemos conta da que havemos de dar de nós a Deos, e tambem aos homens? Se com esta conta, com este peso, e com esta medida ajustarmos não só as nossas acções, senão tambem os nossos desejos, he certo que o nosso querer se concordará facilmente com o nosso poder; e contentando-nos não só com todo elle, mas com menos do que podemos; por meio do maior descanso que póde haver nesta vida, conseguiremos o verdadeiro, e eterno da outra.

SERMÃO

DA

QUARTA DOMINGA

DEPOIS DA PASCHOA

Com commemoração do Santissimo Sacramento, em S. Luiz do Maranhão.

Vado ad eum, qui me misit, & nemo ex vobis interrogat me, quò vadis? Sed quia hæc locutus sum vobis, tristitia implevit cor vestrum. Joan. 16.

§ I.

Nos outros dias, em que celebramos a memoria do sagrado mysterio da Eucharistia, temos sempre a mesa do Santissimo Sacramento; hoje temos a mesa, e mais a sobremesa. Instituio Christo Senhor nosso o Sacramento de seu corpo, e sangue na ultima cea, que celebrou com seus Discipulos: veio a usual primeiro, depois a legal, e por fim com pasmo dos homens, e assombro dos Anjos a sobrena-

tural, e divina: e a esta se seguio a sobremesa não menos soberana, e admiravel, que foi huma prática paternal, e amorosa, chea de documentos, e segredos altissimos, com que o divino Mestre illustrou mais que nunca os entendimentos de toda a sua escola, e lhes animou, e fortaleceo os corações, para que perseverassem firmes em sua doutrina, e amor.

Desta prática he partè o Evangelho, que acabamos de ouvir, e deste Evangelho são tambem parte as palavras, que propuz, poucas, mas muito notaveis. Entre as cousas, que o Senhor declarou, e revelou aos Discipulos, foi que era chegada a hora, em que se havia de apartar delles, e partir deste mundo. Já se vê quaes serião os effeitos, que causaria nos animos de todos huma novidade tão grande, e não esperada. Ficárão como attonitos, e fóra de si, e penetrados de huma tristeza tão profunda, que juntamente os emmudeceo a todos, sem haver quem dissesse huma palavra. As saudades, o proprio desemparo, e em summa a força da tristeza parece que erão causa daquelle silencio; mas o Senhor pelo contrario lhes declarou, que o silencio era a causa da tristeza: *Quia haec locutus sum vobis, tristitia implevit cor vestrum.* Porque vos disse que me hei de apartar de vós, se enchêrão de tristeza os vossos corações. E a verdadeira causa dessa mesma tristeza, que parece sem remedio, não he a

minha ausencia, senhão o vosso silencio. *Nemo ex vobis interrogat me, quò vadis?* Nenhum de vós me pergunta para onde vou, e por isso estais tristes: que se vós me fizérbis esta pergunta, e eu vos respondêra á ella, nenhum de vós se havia de entristecer.

Esta consequencia verdadeiramente admiravel, que parece enigmatica, e difficultosa de entender, entendêrão os Discipulos com a luz, que infundio em suas almas o Mestre divino. E nós que faremos? Deixando os Discipulos já consolados, e animados, e applicando a mesma consequencia a nós, ella será a materia do meu discurso. Determino ensinar hoje a todo o homem em qualquer fortuna huma arte muito certa, muito util, muito agradavel, e muito breve, que he a arte de não estar triste. Se houvesse huma arte, ou remedio universal, que totalmente nos livrasse de tristezas, e que em nenhum caso houvessemos, ou quizessemos estar tristes, não seria muito para desejar, e para todos a quererem aprender? Pois isto he o que hoje pertendo ensinar com a divina graça. Peçamo-la por intercessão da cheia de graça. *Ave Maria.*

II.

A enfermidade mais universal, que padece neste mundo a fraqueza humana, e não só a mais contra-

ria á saude dos corpos, senão tambem a mais perigosa para a salvação das almas, qual cuidais que será? He a Tristeza.

Primeiramente he enfermidade universal de todos os homens, e universal igualmente de todas as terras; porque nenhuma ha tão sadia, e de ares tão benignos, e puros, que esteja izenta deste contagio, e nenhum homem ha tão bem acomplexionado de todos os humores, que quasi habitualmente não esteja sujeito aos tristes accidentes da malencolia. O primeiro, e infallivel pronostico, e tambem universal desta doença, quando ainda não sabemos dearticular vozes, he entrarmos neste mundo todos chorando. Entramos todos chorando, diz Salomão (mettendo-se tambem elle na conta), porque assim confessamos esta miseria natural, e começamos nos primeiros passos da vida a pagar este tributo á tristeza, a que havemos de estar sujeitos em toda ella. A tristeza (se buscarmos a razão deste tributo) não he filha da natureza, senão da culpa. Do primeiro peccado do genero humano nasceo hum tão negro, e feissimo monstro: e como todos somos filhos de Adão, todos herdamos delle este triste patrimonio. Nenhum filho daquelle Pai foi tão privilegiado da natureza, nem tão mimoso da fortuna, nem tão lisongeado da vida, nem tão esquecido da morte, que antes della não padecesse muitas tristezas, que lhe

fizessem desagradaveis essas mesmas felicidades. Este mundo, em que vivemos, todo he valle de lagrimas, nome com que o bautizou David ainda para depois de Christão: *In valle lacrymarum, in loco quem posuit.* (*Ps. 83. 7.*) Em todo este valle ninguem póde melhorar, ou altear de lugar, ainda que o ponha onde quizer: *In loco quem posuit*; e ninguem se póde izentar de tristezas, porque todo o mundo he valle, e todo o valle he de lagrimas: *In valle lacrymarum.* Só este valle he valle sem montes: e posto que alguns quizerão levantar montes neste valle, e parece que o conseguirão, todos esses montes por altos, e altissimos que sejão, não escapão do diluvio da tristeza. Os Reis, os Principes, os Monarchas, os Emperadores, os Papas, por mais que o seu estado os tenha levantado tanto sobre os outros homens, nem por isso deixão de chegar lá os nublados, e chuveiros continuos das tristezas. He verdade que as tristezas dos Principes andão sobredouradas com os resplandores dos sceptros, e das corôas; mas por isso mesmo são maiores, e mais pesadas, porque são mais interiores. As tristezas, que correm pelos olhos, não são as mais tristes; as que se afogão no coração, e as que o afogão, essas são as mais sensiveis, e penetrantes. Aquelles mesmos resplandores, que cá se admirão por fóra, são os relampagos das grandes tempestades, que lá se occul-

tão, e devorão por dentro. Assim que a tristeza he hum mal, e enfermidade universal, de que ninguem escapa.

§ III.

He tambem, como dizia, a doença mais contraria á saude dos corpos; porque mais, ou menos aguda sempre he mortal. Não o hei de provar com aphorismos de Hippocrates, ou Galeno, mas com textos expressos todos do Espirito Santo. No capitulo dezasete dos Proverbios diz o Espirito Santo por boca de Salomão, que a tristeza sêca os ossos: *Spiritus tristis exsiccat ossa.* (*Prov.* 17. 22.) Se dissera que murcha, e sêca a côr, a pelle, as veas, a carne, muito dizia; mas os ossos, que são as partes mais interiores, mais sólidas, mais duras, mais fortes, com que se sustenta esta fabrica do edificio humano? Assim o diz a Sabedoria daquelles olhos, que penetrão dentro em nós, o que nós não podemos vêr. De sorte que he a tristeza hum gusano negro (á differença dos brancos, que roem o bronze), o qual nos está sempre comendo, e carcomendo por dentro, e bebendo, e secando o humido daquellas raizes, em que se sustenta o calor da vida, até que elle se apaga, e ella morre.

Mas este *até que* quando tardará? Não muito tempo, nem com passos vagarosos. Porque aquelle fu-

valleiro do Apocalypse, que montado sobre hum cavallo pallido, tinha por nome Morte, esporeado da tristeza corre a toda a pressa. O mesmo Espirito Santo o diz no capitulo trinta e oito do Ecclesiastico: *A tristitia festinat mors.* (*Eccl. 38. 19.*) Para huns homens parece que vem a morte a pé, para outros a cavallo, para huns andando, para outros correndo, porque huns morrem devagar, outros depressa; mas a Parca, que sempre antes de tempo corta os fios á vida, he a tristeza. Vereis a hum destes, quando ainda se conta no numero dos vivos, descórado, pallido, macilento, mirrado, as faces sumidas, os olhos encovados, as sobrancelhas cahidas, a cabeça derrubada para a terra, e a estatura toda do corpo encurvada, acanhada, diminuida. E se elle se deixasse vêr dentro da casa, ou sepultura, onde vive como encantado, vê-lo-heis fugindo da gente, e escondendo-se á luz, fechando as portas aos amigos, e as janellas ao Sol, com tedio, e fastio universal a tudo o que visto, ouvido, ou imaginado póde dar gosto. E estes effeitos tão deshumanos cujos são, e de que procedem? Sem dúvida da melancolia venenosa, e occulta, que a passos apressados leva o triste á morte: *A tristitia festinat mors.*

Para prova desta funesta verdade bastava hum só, e sobejavão os dous textos referidos do Espirito Santo; mas sobre elles acrescentou a mesma Sabe-

doria o terceiro tão admiravel, e encarecido, que se não fôra da boca divina, pudera parecer incrivel. *Omnis plaga, tristitia cordis est:* (*Eccl.* 25. 17.) A tristeza do coração não he huma só chaga, ou huma só ferida, senão todas. Sendo chaga, e ferida do coração, bastaria ser huma só para ser mortal; mas como no coração depositou a natureza todo o thesouro da vida, assim no mesmo coração descarregou a tristeza toda a aljava das suas settas. Dalli sahem todos os espiritos vitaes, que se repartem pelos membros do corpo, e dalli, se o coração he triste, todos os venenos mortaes, que os lastimão, e ferem. Ferem a cabeça, e perturbando o cérebro lhe confundem o juizo; ferem os ouvidos, e lhe fazem dissonante a harmonia das vozes; ferem o gosto, e lhe tornão amargosa a doçura dos sabores; ferem os olhos, e lhe escurecem a vista: ferem a lingua, e lhe emmudecem a falla; ferem os braços, e os quebrantão; ferem as mãos, e os pés, e os entorpecem; e ferindo hum por hum todos os membros do corpo, nenhum ha, que não adoeça daquelle mal, que maior molestia lhe póde causar, e maior pena. Considerai-me hum cadaver vivo, morto, e insensivel para o gosto, vivo, e sensitivo para a dôr, ferido, e lastimado, chagado, e lastimoso, cercado por todas as partes de penas, de molestias, de afflicções, de angústias, imaginando todo o mal, e não admit-

tinlo pensamento de bem, aborrecido de tudo, e muito mais de si mesmo, sem alivio, sem consolação, sem remedio, e sem esperança de o ter, nem animo ainda para o desejar; isto he hum triste de coração. Os outros venenos em chegando ao coração matão; mas esta, como nasce, e se cria no mesmo coração, vai mais devagar em matar, mas não póde tardar muito.

§ IV.

Fosse embora tão contraria á vida, e saude dos corpos a enfermidade da tristeza, mas o peior mal deste mal he ser igualmente perigosa, e nociva á salvação das almas. Este he o terceiro ponto deste primeiro discurso, e huma verdade pouco sabida, sendo a de maior importancia.

Tristitia animarum crudele tormentum est, & vermi similis venenato, non solum carnem, sed animam ipsam perimens. A tristeza, diz S. João Chrysostomo, he hum cruel tormento da alma, e semelhante a hum bicho venenoso, que dentro em nós não só mata os corpos, senão tambem as mesmas almas. Grande dizer! mas difficil ao que parece. A morte do corpo consiste na separação, com que a alma, que he a vida do corpo, se aparta do corpo; a morte da alma consiste na separação, com que Deos, que he a vida da alma, se aparta da alma. A

separação da alma, com que morre o corpo, fá-la a febre, ou a espada; a separação de Deos, com que morre a alma, fá-la só o peccado. Pois se só o peccado he morte da alma, como póde a tristeza matar as almas? Por isso mesmo: porque sendo a morte da alma só o peccado, a disposição para o peccado mais aparelhada, mais prompta, mais efficaz, e mais proxima he a tristeza. Neste sentido se hão de entender humas palavras do grande Doutor da Igreja S. Basilio, as quaes parece que dizem mais. *Nimia tristitia auctor peccati esse solet, cum mœror mentem submergat, & consilii inopia vertiginem afferat.* A grande tristeza, diz S. Basilio, costuma ser a autora, e causa dos peccados; porque esta fortissima, e escurissima paixão afoga a alma, e assim como os que padecem vertigens na cabeça cahem; assim ella por falta de juizo, e conselho faz que caião os homens no peccado.

Pouco era para induzir a peccar, que a tristeza escurecêra só o entendimento, se a mesma escuridade não prendêra, e atára tambem a vontade. Das trévas, que fôrão a nona praga do Egypto, diz o Texto sagrado, que não só cegavão a vista dos homens, mas que os prendião, e atavão de maneira, que em quanto ellas durárão, nenhum se póde mover, nem bulir do lugar, onde estava: *Nemo vidit fratrem suum, nec movit se de loco, in quo erat.*

(*Exod. 18. 23.*) Caso verdadeiramente admiravel, e exemplo prodigioso, e horrendo do que póde a escuridade das trévas! Que fossem as trévas tão espessas que eclipsassem totalmente, e escurecessem a luz do Sol, bem se entende; mas se lhes faltava o Sol, porque se não valião do fogo, como os que vivem debaixo do pólo nos seis mezes, que o não vêm? Porque nem elles tinhão movimento para accender o fogo, nem o fogo tinha vigor para vencer as trévas: *Et ignis quidem nulla vis poterat illis lumen præbere* (*Sapient. 17. 5.*) Assim o affirma a mesma Escritura sagrada no livro da Sabedoria, onde com exquisita elegancia pondera, que das trévas lhes formou Deos, ou forjou huma cadea, com que os atar: *Una enim catena tenebrarum omnes erant colligati.* (*Ibid. 17.*) E diz mais o mesmo Texto, que sendo tão insoportavel o tormento das trévas, ainda os Egypcios padecião outro naquella miseria mais pesado, e intoleravel, que era soffrer-se cada hum a si mesmo: *Ipsi ergo sibi erant graviores tenebris.* (*Ibid. 20.*)

Tal he o estado de hum triste, quando a força da sua mesma melancolia o mette no profundo, e escurissimo abysmo da desconsolação. Assim como ao Egypcio não lhe valia contra as suas trévas nem a luz do Sol, nem a do fogo; assim não lhe basta a hum triste nem o lume da fé, nem o lume da ra-

zão, para vencer as suas, que só lhe são palpaveis. E assim como o Egypcio com aquella cadea sem ferro, mais dura porém que o mesmo ferro, estava atado de pés, e mãos; assim o triste, preso sem grilhões, nem algemas, á cadea da sua propria tristeza, (contando-lhe sempre os fuzis, a que não acha numero), nem tem pés para fugir, nem mãos para resistir ás tentações do demonio, e por isso está sempre exposto, e quasi rendido ao peccado. Disse, quasi rendido, e disse muito menos do que devêra; porque se o demonio he o que tenta, e vence, a força, ou fraqueza, que lhe dá a victoria, he a da tristeza. Ouçamos outra vez a mais eloquente voz da Igreja Catholica, e fechemos o discurso Chrysostomo com a mesma chave de ouro, com que o abrio: *Omni diabolica actione potentior ad nocendum est maeroris spiritus: daemon enim quoscumque fere superat, per maerorem superat. Eum si auferas, nemo à daemone laedi poterit.* A tristeza humana he mais poderosa que toda a acção diabolica, porque todos aquelles, a quem communmente vence o demonio, por meio da tristeza os vence: tanto assim, que se no mundo não houvera tristeza, a ninguem pudera vencer, nem offender o demonio. E porque este testemunho tão notavel não pareça singular, o mesmo diz São Bernardo, affirmando que entre todos os espiritos malignos o pessimo, e

mais nocivo de todas he a tristeza: *Certè tristitia saecularis omnium malorum spirituum est pessimus.* De sorte que o demonio ajudado da tristeza não he hoje só demonio, senão dous, e a tristeza peior, e mais diabolica que o mesmo demonio.

E se me perguntardes como concorre a tristeza com o demonio para o peccado, posto que bem creio que o terá cada hum experimentado em si, eu o direi facilmente. He muito natural aos tristes desejar o alivio, e procurar o remedio á sua tristeza: e quando a triste alma chega a estes pontos, então entra a tentação, e o demonio, e os alivios, e remedios que lhe offerece, são taes como elle. Se a tristeza he por ambição, e desejo de ser mais, persuade-lhe que não faça caso da Lei de Deos, como d' Adão, e Eva, que por serem como Deos a quebrárão. (*Gen. 3.*) Se a tristeza he por pobreza, persuade-lhe que furte, como a Achan, Soldado illustre, mas pobre, que furtou sacrilegamente a púrpura, e regra de ouro nos despojos de Jericó. (*Josue 7.*) Se a tristeza he por amor, persuade-lhe a que vença por força, e violencia o que não pôde por vontade, como Ammon a Thamar, sem reparar na dobrada infamia em ambos igualmente sua. (*2. Reg. 13.*) Se a tristeza he por appetite do superfluo, como a del Rei Achab, persuade-lhe que ao dominio universal da corôa accrescente a vinha de Naboth, e

com testemunho falso jurado, se não houver outra causa. (*3. Reg. 21.*) Se a tristeza he por affronta, persuade-lhe a que a vingue, ainda que seja por traição, como a Absalão, que contra as obrigações do sangue, e leis da hospitalidade matou aleivosamente a Amnon. (*2. Reg. 13. 29.*) Se a tristeza he por inveja, persuade-lhe que derrube o invejado, posto que innocente, e benemerito, como Aman valido delRei Assuero ao fidelissimo Mardocheo. (*Esth. 6.*) Se a tristeza he por saudades, persuade-lhe a que dos retratos do ausente faça idolos, como deo principio á idolatria de todo o mundo as saudades de Belo. (*Gen. 10.*) Se a tristeza he por falta de filhos, e successão, como a da outra Thamar mais antiga, persuade-lhe que se lhos não ha de dar Sela seu esposo, os busque em quem lhos póde dar, como ella fez em Judá, posto que adultera, e incestuosamente. (*Gen. 38.*) Se a tristeza he por odio, como a de Saul a David, persuade-lhe que ingrato ás cordas da sua harpa, com o ferro da propria lança o pregue a huma parede. (*1. Reg. 18.*) Se a tristeza he por falta de saude, persuade-lhe que troque as receitas da medicina pelos feitiços da arte magica, como depois de Jeroboão fizerão todos os Reis de Israel. (*4. Reg. 1.*) aos quaes, e ao mesmo Reino sepultou Deos vivos, e esses são os ossos já então secos, e mirrados, que vio Ezechiel na

mais de dous mil annos. (*Ezech. 37.*) Infinita materia fôra se houveramos de discorrer por todos os peccados, com que o demonio ajudado da tristeza mata as almas. A Cain triste por se vêr menos favorecido, persuadio-lhe o demonio, que matasse a seu irmão, e matou-o. (*Gen. 4.*) A Achitofel triste, porque Absalão não seguira o seu voto, persuadio-lhe que se matasse a si mesmo, e matou-se. (*2. Reg. 17.*) A Judas triste pelo que tinha feito contra seu Mestre, persuadio-lhe que se enforcasse; mas antes que lhe impedisse a respiração o aperto do laço, a mesma tristeza que não cabia dentro, lhe fez estalar o coração, e por isso rebentou pelo meio, *Crepuit medius.* (*Act. 1. 18.*)

§ V.

Estes são os effeitos da tristeza (doença de que ninguem escapa nesta vida, e muito mais os mais entendidos), e este, que ultimamente declarei, he o modo com que a mesma tristeza não só chega a matar os corpos, senão tambem as almas. Resta agora neste segundo discurso menos melencolico, tratar do remedio desta peste do genero humano, e ensinar, como prometti, a Arte de nunca estar triste.

Nas breves palavras, que propuz, temos huma,

e outra cousa, isto he, a tristeza, e mais o remedio. A tristeza, *Quia hæc locutus sum vobis, tristitia implevit cor vestrum.* O remedio, *Nemo ex vobis interrogate me, quò vadis*: Porque vos disse que me ausentó, encheo a tristeza os vossos corações, e nenhum de vós me pergunta para onde vou. Como se dissera o Senhor a seus Discipulos pela frase das nossas escolas: A vossa tristeza tem duas causas, huma positiva, outra negativa, huma que entendeis, outra não. Da minha parte dizer que me hei de apartar de vós, da vossa não me perguntardes para onde vou. Deo a tempestade com o navio á costa, e dizemos que se perdeo, porque lhe faltárão as amarras. Assim he neste mesmo sentido. Porque ainda que a força dos ventos foi a causa do naufragio, se as amarras não faltárão, nellas teria o remedio, e não se perdêra. Da mesma sorte a causa, ou motivo da tristeza dos Discipulos era a ausencia do divino, e tão amado Mestre, mas se elles tiverão feito a pergunta em que não advertirão, nella terião os seus corações o remedio da mesma tristeza: *Tristitia implevit cor vestrum, & nemo ex vobis interrogat me, quò vadis?*

Nestas duas palavras, *Quò vadis*, (accommodando-as a nós) nesta pergunta tão breve, e nesta unica maxima, ou preceito consiste toda a Arte, que promettí, de nunca estar triste. Homem triste, se a

tristeza te não tirou ainda o uso da razão, pergunta-te a ti mesmo para onde vás, *quò vadis*? E esta consideração em qualquer caso, ou estado da vida por triste que seja, não só te servirá de consolação, de alivio, e de remedio, mas te livrará para sempre de toda a tristeza.

Isto he o que digo. E isto supposto, saibamos agora para onde imos todos, e cada hum de nós? Sendo cousa muito sabida, posto que em parte a vemos, e em parte não, o Espirito Santo no-la mandou advertir por boca de Salomão no capitulo doze do Ecclesiastes: *Revertatur pulvis in terram suam, unde erat, & spiritus redeat ad Deum, qui dedit illum* (*Eccl. 12. 7.*) O homem posto que seja hum, he composto de duas partes muito diversas alma, e corpo; e o caminho que fazem estas duas partes, he tornar cada huma para donde veio. O corpo, que veio da terra, torna para a terra, e para a sepultura *Revertatur pulvis in terram suam, unde erat:* a alma, que veio de Deos, torna para Deos, e para o Ceo: *Et spiritus redeat ad Deum, qui dedit illum.* Por esta razão disse S. Cypriano allegado por Santo Agostinho: *Cum corpus è terra, spiritum è Cœlo possideamus, ipsi terra, & Cœlum sumus.* Sendo certo (dizem estes dous grandes Lumes da Africa) que as duas partes, de que somos compostos, huma recebemos da terra, outra do Ceo, daqui se segue

que pelo principio donde viemos, e pelo fim para onde caminhamos, tambem nós somos Ceo, e terra. Até os Gentios menos barbaros conhecêrão estes dous caminhos, que todos fazemos. Assim o disse, como refere Plutarco, o famoso Poeta Epicarmo naquelles versos:

Concretus est, ac discretus, & rursus abiit unde venerat,
Terra quidem in terram, spiritus ad superos.

Quer dizer: Nesta vida andão unidas no homem aquellas duas partes, que depois se hão de dividir, e tornar cada huma para donde veio, a terra para a terra, a alma para o Ceo.

Pergunte agora o homem a seu corpo: Corpo meu, para onde vás? *Quò vadis?* Pergunte o homem á sua alma: Alma minha, para onde vás? *Quò vadis?* E como o corpo com a evidencia dos olhos ha de responder que vai para a sepultura; e a alma com a certeza da fé ha de confessar que vai para o Ceo; á luz deste conhecimento tão claro, e tão forte não haverá nuvem de tristeza tão espessa, e tão escura, que totalmente se não desfaça, e desvaneça. Não dissemos pouco ha no primeiro discurso, que a tristeza não só atormenta, e mata o corpo, senão tambem a alma? Pois este he o antidoto invencivel, que o corpo, e alma tem contra aquelle veneno duas vezes mortal; e esta a Arte facil, e breve, com que

o homem se livrará infallivelmente de toda a tristeza, só com perguntar ao mesmo corpo, e á mesma alma para onde vão: *Quò vadis?*

§ VI.

Não só tenho proposto, senão tambem dividido este segundo discurso como o primeiro em duas partes, huma pertencente ao corpo, outra á alma. E começando pelo corpo, se o homem lhe perguntar para onde vai, *quò vadis*, e elle responder, que vai para a sepultura; que homem haverá tão cégo, que havendo de cahir o mesmo corpo naquella cova, não caia elle em si, e não caia na razão, que tem para não estar triste?

Monta Sára, comprou Abrahão duas sepulturas (covas lhes chama a Escritura, *Speluncam duplicem*) (*Gen. 23. 9.*) huma para ella, outra para si. E notão aqui os versados na mesma Escritura, que desde então Deos, que muito frequentemente apparecia, e fallava com Abrahão, nunca mais lhe appareceo. Assim o pódem vêr todos: os que lerem os capitulos 23. e 24. do Genesis. E verdadeiramente que nunca pareceu teve Abrahão maior necessidade destas apparições, e visitas de Deos, que na falta daquella tão fiel companhia de suas peregrinações, para consolação da sua soledade, e saudades, e para alivio das

tristezas, que padecidas só por só são dobradas. Que razão teria logo Deos, cujas razões são altissimas, para sobre aquelle primeiro golpe accrescentar este segundo a hum Varão tão benemerito da sua casa, e tão favorecido seu? Na vida de Sára tinha Abrahão com quem partir os cuidados, e os desgostos, nas apparições de Deos tinha com que desterrar do coração, e dissipar as tristezas, assim como ao apparecer dos raios do Sol se dissipão, e fogem as trévas. Diremos pois que escondida Sára debaixo da terra, e escondido tambem Deos no seu retiro, ficou menos assistido Abrahão do amor, e Providencia divina, sem estes dous soccorros? Não, respondem os mesmos observadores do caso. Porque Abrahão no mesmo tempo, em que fechou a sepultura a Sára, abrio, e aparelhou á sua; e hum homem com juizo, e com a sepultura á vista he tão superior a tudo o que neste mundo faz tristes aos outros, que para vencer as tristezas nem necessita de alivios da terra, nem de visões do Ceo. Hum homem, que se pergunta a si mesmo, para onde vai, *quò vadis*? e vê que com os passos do tempo, que nunca pára, vai sempre caminhando para a sepultura; ou já deixa detrás das costas, ou mette debaixo dos pés tudo o que costuma entristecer aos que isto não considerão. Na sepultura para onde caminhamos, o que depois se ha de enterrar he o proprio corpo; e o que

desde logo fica sepultado, he tudo o que neste mundo póde causar tristeza.

Oh quantas lagrimas se chorão, e quantas lamentações se ouvem, porque não ha quem ponha os olhos neste caminho inevitavel, e se pergunte, *quò vadis?* A huns come por dentro a tristeza, porque se vêm pobres; a outros roe a inveja, porque põem, ou lhes leva os olhos a abundancia dos ricos: e se huns, e outros tiverão juizo, e se perguntárão para onde vão, tão pouco havião de chorar huns o que lhes falta, como estimar os outros o que lhes sobeja. Vêde quão poderosas são contra estes dous affectos as sepulturas alheas, quanto mais a propria. Na ultima praga do Egypto disse Deos a Moysés, que elle daria tal graça ao seu Povo com os mesmos Egypcios, que toda a prata, e ouro, e joias, e vestidos preciosos, que tivessem, lhes fiarião, e desta sorte sahirião daquelle cativeiro ricos com os despojos dos mesmos, de que erão escravos. *Daboque gratiam populo huic coram Ægyptiis, & cum egrediemini non exibitis vacui: sed postulabit mulier à vicina sua, & ab hospita sua, vasa argentea, & aurea, ac vestes, ponetisque eas super filios, & filias vestras, & spoliabitis Ægyptum* (*Exod. 3. 21. 22.*) Esta foi a promessa divina, a qual se cumprio com tanta pontualidade, e largueza, que não houve em todo o Egypto quem repugnasse á entregar aos seus

escravos, e escravas quanto possuião de preço, sem reparar no que tão facilmente se podia presumir de huma gente, de que elles tanto se temião. Não erão estes Egypcios os que para mais opprimir, e dominar os Hebreos hontem lhes negavão as palhas, que lhes pedião para seu serviço? pois como agora não duvidão em lhes metter nas mãos a sua prata, o seu ouro, e quanto tem de rico, e precioso? Notai, diz excellentemente Lyrano, o tempo, e occasião, em que isto succedeo, e achareis a causa de huma tão notavel desattenção. *Quia Ægyptii erant intenti ad sepeliendos mortuos suos, quia nulla erat domus Ægypti, in qua non jaceret mortuus. (Lyra. ibi.)* Naquella occasião não havia casa em todo o Egypto, em que não houvesse algum morto, e como todos estavão attentos a sepultar os seus defuntos; *Intenti ad sepeliendos mortuos suos;* esta attenção dás sepulturas lhes tirou de tal maneira a das proprias riquezas, que ninguem reparou no ouro, na prata, e no demais, deixando levar tudo sem cautela aos domesticos inimigos, que lho não havião de restituir.

Este mesmo pensamento se confirma com grande energia, não passando, como vejo passar, sem reparo huma palavra do mesmo texto digna para comigo de muito particular ponderação. Mandou dizer Deos ao Povo, que lhe daria graça com os Egypcios: *Dabo populo huic gratiam coram Ægyptiis.* E

que graça foi está, ou em que consistio? Explicando-a theologicamente se entenderá bem. A graça, e seus auxilios ou são sufficientes sómente, ou efficazes: os sufficientes bastão, mas não tem effeito; os efficazes tem o seu effeito certo, e infallivel, e por meio delles se consegue o fim para que forão dados. Em que consiste porém, e de que depende esta efficacia? Consiste, e depende de a mesma graça, e seus auxilios se darem em tal opportunidade de tempo, e suas circunstancias, e em tal disposição do sujeito, que o seu livre alvedrio os aceite, e use delles. Por isso S. Paulo chamou a esta graça, e seus auxilios, auxilios opportunos: *Ut gratiam inveniamus in auxilio opportuno. (Hebr. 4. 16.)* E da mesma opportunidade, que he a do tempo, tinha fallado David, quando disse: *Orabit ad te omnis Sanctus in tempore opportuno. (Ps. 31. 6.)* De sorte que antevê Deos o tempo opportuno, ou não opportuno, accommodado, ou não accommodado, em que o sujeito segundo as suas disposições, ou ha de rejeitar, ou aceitar os auxilios da graça: e quando elles são dados na opportunidade desta disposição antevista por Deos, então são efficazes, e tem infallivel effeito, como o teve a graça promettida, e dada aos Hebreos: *Dabo populo, huic gratiam.* E qual foi a opportunidade, de que dependia a efficacia, e effeito da mesma graça? Foi a opportunidade do tem-

po, em que elles tinhão posta toda a sua attenção, e cuidado nas sepulturas dos seus defuntos: *Attenti ad sepeliendos mortuos suos:* e por isso não attendêrão, nem fizerão caso de entregar o ouro, a prata, e tudo o precioso do Egypto aos Hebreos. Se fôra antes deste tempo, e desta occasião, ainda que fossem palhas as que pedissem a seus senhores, mandá-los-hião castigar como escravos, e assim o faz Faraó; mas como estavão com as mortalhas dos defuntos nas mãos, e as sepulturas diante dos olhos, por isso os olhos fôrão tão desattentos, e as mãos tão liberaes, que de tudo o que mais prezavão se esquecêrão, e não fizerão caso: *Dabo populo huic gratiam, & spoliabitis Egyptum.*

§ VII.

Se bem considerarmos as causas (que lhes não quero chamar razões) por que os queixosos da sua fortuna vivem tristes, e se lhes faz triste a vida, acharemos que principalmente são, não poderem gozar os dous mais saborosos frutos das mesmas riquezas, de que os Egypcios ficárão despojados. E quaes fôrão estas? As suas baixellas, e as suas joias, e galas: *Vasa aurea, & argentea, & vestes.* As baixellas pertencião á mesa, as galas ao vestido; e estes são os dous excessos, em que a parte irracio-

naledo homem, que he o corpo, ou regalo o appetite proprio por dentro, ou se ostenta aos olhos alheos por fóra. O comer, e o vestir são duas cousas, sem as quaes se não póde viver, em que tem grande batalha no homem a moderação do necessario, e a intemperança do supérfluo. Desta intemperança em hum, e outro appetite foi famoso exemplo (ou escandalo) neste mundo aquelle Rico, a quem se não sabe o nome, por ser indigno de o ter: do qual diz o Evangelho, que o seu trajo eráo purpuras, e olandas, e a sua mesa perpétuos, e esplendidos banquetes: *Induebatur purpura, & bysso: & epulabatur quotidie splendide.* (*Luc. 16. 19.*) O mesmo Evangelho diz, que depois desta vida tão regalada nas delicias do tacto, como do gosto, foi sepultado no inferno o mesmo Rico: *Sepultus est dives in inferno.* (*Ibid. 22.*) Mas se elle tivera juizo, não lhe era necessario para se moderar em hum, e outro appetite ir buscar a sepultura no centro da terra: bastão as dos que ella recebe em sete pés de comprimento, e cobre com quatro de alto.

Caminhando Jacob da sua patria para Mesopotamia, no meio desta peregrinação fez hum voto particular a Deos, para que sua providencia se dignasse de o assistir, dando-lhe nomeadamente pão para comer, e pano para vestir: *Panem ad vescendum, & vestimentum ad induendum.* (*Gen. 28. 20.*) Por certo

que nem da parte de Deos, nem da sua parece-se devêra contentar Jacob com tão pouco. Da parte de Deos não; porque era tão favorecedor daquella familia, que se chamava Deos de seu Avô, Deos de seu Pai, e Deos seu: *Deus Abrahæ, Deus Isaac, & Deus Jacob! (Exod. 3. 6.)* e da parte do mesmo Jacob tambem não; porque a mesa, e guarda-roupa da casa de seu Pai era muito nobre: e bem lembrado estava elle que as peles de que sua Mãi lhe cortou as luvas erão de duas crias as mais mimosas do monte para hum só guisado, e as roupas, com que fez a figura de seu Irmão, não pouco preciosas: *Vestibus Esau valde bonis. (Gen. 27. 15.)* Pois se Jacob estava costumado a viver com tão differente largueza em huma; e outra commodidade, e tinha a Deos com as mãos abertas; porque se contenta com tão pouco? Porque naquella peregrinação caminhava com a sepultura diante dos olhos. Offendido Esaú de lhe ter Jacob furtado a benção, resolveo-se a lhe tirar a vida: *Occidam Jacob fratrem meum. (Ibid. 41.)* Por isso lhe aconselhou a Mãi que fugisse; e esta sua peregrinação verdadeiramente era fugida, porque Esaú o não matasse. Supposto pois que fugia, parecerá que deixava a morte, e a sepultura detráz das costas; mas o certo he que ninguem a levou nunca mais diante dos olhos: e hum homem com a morte, e sepultura diante dos olhos,

não he muito que nem a pedir, nem a desejar se atrevesse mais que o necessario, e preciso para viver, ou para não morrer. A fome, e o frio com o medo, e apprehensão dos passos que levava, se lhe moderárão, compuzerão, e accommodárão de tal sorte, que a fome para comer se contentava com pão seco, e o frio para se cobrir com pano de qualquer estofa: *Panem ad vescendum, & vestimentum ad induendum.*

Parece-me que ou Jacob neste passo se revestio profeticamente do espirito de S. Paulo, ou S. Paulo tantos seculos depois historica, e exemplarmente do de Jacob: *Habentes alimenta, & quibus tegamur, his contenti sumus: (1. Timoth. 6. 8.)* Com que tenhamos o que baste para sustentar, e cobrir o corpo, teremos tambem o que basta para estar contentes, escreve o Apostolo a Timotheo. E S. Jeronymo commentando este texto, e contrapondo a largueza, e abundancia dos ricos á estreiteza, e moderação dos pobres no mesmo vestir, e comer, filosofa assim elegantemente. *Grandis exultatio, cum parvo contentus fueris, mundum habere sub pedibus; &, propter quæ divitiæ comparantur, vilibus mutare cibis, & crassiore tunica compensare.* [1] Não cuidem as galas, e gulas dos ricos, diz o Doutor Maximo,

[1] *Hieron. in hunc locum Pauli.*

que carecem os pobres do que elles gozão; porque tudo o que elles alardeão com largueza no seu muito, logrão compensado os pobres, e abreviado no seu pouco: os ricos, e vãos nas galas, elles no vestido grosseiro, *crassiore tunica*; os ricos, e vãos nos regalos, elles no mantimento vil, *vilibus cibis*. E que se segue daqui? Segue-se que o contentamento, e alegria, que a riqueza, e vaidade pertende, só a pobreza sesuda o alcança, e muito maior: *Grandis exultatio, cum parvo contentus fueris, mundum habere sub pedibus*. Deixo de ponderar estas ultimas palavras; só digo que para quem caminha para a sepultura levar o mundo debaixo dos pés mais he triunfo que enterro, posto que mal banqueteado, e mal vestido.

§ VIII.

E porque atégora fallamos com estes dous appetites juntos persuadindo-os a que se contentem com o seu pouco; ouçamos tambem cada hum de por si, pois são de tão differente natureza, que se não pódem sujeitar á mesma razão, nem domar com o mesmo freio. Ao que póde entristecer o corpo por se vêr menos nobremente trajado, que diremos? De novo nada: porque nos não havemos de divertir do nosso caminho. Mas que se lembre bem do *quò va-*

dia: e seja pela bocca de Job. Quando a Job tão liberalmente herdado dos bens da fortuna lhe chegárão huma sobre outra as novas de os ter perdido todos em hum só dia, que he o que fez, e o que disse? O que fez, foi rasgar as vestiduras, *Scidit vestimenta sua: (Job. 1. 20.)* e o que disse, forão estas palavras: *Nudus egressus sum de utero matris meæ, & nudus revertar illùc. (Ibid. 21.)* Nú sahi do ventre da minha primeira Mãi, e nú tornarei para o ventre da segunda, que he a terra. Aquelle *revertar illùc* responde ao nosso *quò vadis*. Appellou Job da fortuna para a natureza: como se dissera rasgando as vestiduras. Já que a fortuna me tirou hoje tudo o que me tinha dado, ou emprestado, como se eu neste jogo tão propriamente seu, não perdêra, mas ganhára, até isto, que só me deixou para me cobrir, lhe quero dar de barato. E quem quando vai para a sepultura se contenta com a pelle: *Et nudus revertar illùc*, vêde se o pódem fazer triste a falta das galas. Mas não vamos buscar este desengano á terra de Hus.

Adoecêrão na nossa terra um huma mancebo tão prezado da gentileza como Absalão, ou huma dama de tão celebrada formosura como Rachel, e tão requestada por ella como Helena: e chegados ambos á ultima desconfiança da vida, na primeira clausula do testamento, depois da protestação da Fé, diz

cada hum, que seu corpo seja sepultado no habito de S. Francisco. Isto que pelo costume se não estranha, verdadeiramente he digno de grande admiração. Não ereis vós (hum, e outra) os que tanto vos prezaveis das galas, os que gastaveis as telas, os que inventaveis os bordados, os que empregaveis em huma joia quanto tinheis, e talvez o que não tinheis? Pois como agora vos mandais vestir com tanta differença, e vos contentais com um habito de burel, e esse remendado? Porque agora imos para a sepultura. Agora, dizem, e dizem o que cuidavão; porque dantes não sabião para onde hião. Oh miseria! oh cegueira! oh engano da vaidade, e ignorancia humana! Cuidamos que só imos para a sepultura, quando em hombros alheios somos levados a ella; e não acabamos de entender que desde a hora, em que nascemos, começamos este mesmo caminho. Se a hum recem-nascido quando sahe do ventre da Mãi lhe perguntassemos, *Quò vadis*: minino, que agora entrastes no mundo, para onde ides? He sem dúvida que se elle tivesse já uso de razão, e falla para responder, responderia com as palavras de Jób: *De utero ad tumulum. (Job. 10. 19.)* Desde a hora de meu nascimento vou caminhando para a sepultura; e estas faxas são a minha primeira mortalha. Desenganemo-nos os mortaes, que todo este, que chamamos curso da

vida, não he outra cousa, senão o enterro de cada hum: por sinal que quanto mais pompa, mais cruzes.

Pois se estas hão de ser as galas da ultima jornada da vida, porque não nos contentaremos que sejão menos vans as de toda ella? Glorião-se tanto das galas os perdidos por esta vaidade, que até o mesmo Christo fallando das de Salomão, lhes chamou a sua gloria: *Nec Salomon in omni gloria sua,* (*Matt. 6. 29.*) E esta gloria ha de descer com elles á sepultura? Não: *Quoniam cum interierit, non sumet omnia, nec descendet cum eo gloria ejus.* (*Ps. 48. 18.*) Pois porque nos ha de levar tanto após si o que cá ha de ficar, e não nos accommodaremos desde logo ao que só havemos de levar comnosco? Aquelle grande Soldão do Egypto o famoso Saladino estando para morrer, mandou levar por todo o seu exercito a mortalha, em que havia de ser sepultado, na ponta de huma lança, com hum pregão, que dizia: De tudo quanto acquirio Saladino, isto he o que só ha de levar deste mundo. Ditosos os Soldados, que então se resolvessem a despir a cota, e militar debaixo daquella bandeira! O Emperador Carlos Quinto anticipando o mesmo desengano, trazia sempre comsigo a sua mortalha. Por isso tomou aquella valente resolução, maior que todas suas victorias, de se sepultar em Justes, e acabar a vida an-

tes da morte. Melhor o fazem ainda os que todos os dias, quando se vestem, de tal modo se compõem do pé até a cabeça com o espelho da sepultura diante dos olhos, como se o vestido fora a mortalha, com que hão de ser levados a ella. Este he o trajo dos desertos, e claustros religiosos, em que todos os que professamos servir a Deos, o mesmo habito que vestimos, he a mortalha, em que havemos de ser sepultados. O mundo errado julga este trajo por triste; mas nós em confiança delle nunca tristes, e sempre contentes: *Quasi tristes, semper autem gaudentes.* (2. Cor. 6. 10.)

§ IX.

Se a consideração da sepultura, e a nossa pergunta *Quo vadis* he tão efficaz para persuadir sem tristeza a forçosa pobreza das roupas; para a fazer tolerável na mais sensivel da mesa não he menor a sua efficacia. Queixa-se da sua fortuna o pobre, porque sendo tão liberal com os ricos, com elle seja tão avara, que apenas para comer lhe conceda com o suor do seu rosto hum pedaço de pão. E eu antes de passar ao nosso remedio, não só quero reparar no pão, senão no mesmo pedaço, que o faz queixoso, e triste. Perto de cem annos havia, que o primeiro Ermitão S. Paulo vivia em huma cova

quando nella o visitou o grande Antonio, a quem nós para significar a sua mesma grandeza, chamamos Antão. Depois de se saudarem sós, chegou hum corvo com hum pão no bico, e o poz entre os dous. Admirou-se o hospede, e o habitador da cova lhe disse: Has de saber, Irmão Antonio, que de muitos annos a esta parte, depois que me forão desfallecendo as primeiras forças, por este corvo me manda Deos todos os dias meio pão; e agora, porque somos dous, dobrou o Senhor a ração a seus servos, e por isso nos mandou o pão inteiro. Quem não pasmara que este jantar para os dous maiores homens, que Deos tinha no mundo, fosse mandado da sua mesa? He possivel que a providencia, a grandeza, a magnificencia de Deos a Paulo sustenta cada dia com meio pão, e a Paulo, e Antonio com hum pão? E he possivel que hum homem com fé não estime, e se glorie muito de que as duas ametades de pão de Paulo, e Antonio se ajuntem tambem o pedaço do seu, sendo elle em tal companhia o terceiro convidado de Deos? Não ha duvida que se és Christão, nunca a tua ambição, e cubiça podia aspirar a maior fortuna que esta, a que te tem levantado a tua propria pobreza, igualandote não aos Principes das cento e dezasete Provincias no banquete de Assuero, mas aos dous maiores amigos, e favorecidos, que tem no mundo o supre-

mo Senhor de todo elle. Vê agora quão enganosa he a tua tristeza, e tu quão enganadamente queixoso da tua fortuna.

Mas porque não cuides que te quero consolar por outro caminho, responde-me: Para onde vás: *Quo vadis?* Vás para a sepultura? Sim; e todos os mais ricos, e abundantes do mundo para onde vão? Para a sepultura tambem. Dá pois muitas graças á estreiteza da tua mesa, e ao teu pouco pão; porque sendo certo que todos hão de chegar á sepultura sem nenhum remedio; só tu por comer menos chegarás á sepultura mais tarde, e só tu por comer menos, serás nella menos comido. A natureza fez o comer para o viver; e a gula fez o comer muito para o viver pouco. De certos homens da casta daquelles, de quem dizia Socrates, que não comião para viver, mas só vivião para comer, conta a sagrada Escritura, que exhortando-se de commum consentimento dizião: *Comedamus, & bibamus, cras enim moriemur: (Isai. 22. 13.)* Comamos, e bebamos, porque ámanhãa havemos de morrer. A consequencia era tão barbara, e brutal como quem a inferia. Mas que fundamento tinhão estes homens, ou estes brutos para pronosticar que ao outro dia havião de morrer? O mesmo que elles dizião: *Comedamus, & bibamus.* Das demasias da sua gula inferião a brevidade da sua vida. O dia dos ban-

quetes era a vespora do dia da morte. A gula havia de cantar as vesporas hoje, e a morte as havia de chorar ámanhãa: *Cras enim moriemur*. Não allego Hippocrates, nem Galenos, que assim definem esta brevidade; porque não são necessarios os aforismos da sua arte, onde temos os da nossa experiencia. Das intemperanças do comer, por mais que o tempere a gula, nascem as cruezas, das cruezas a confusão, e discordia dos humores, dos humores discordes, e descompostos as doenças, e das doenças a morte. Supposto pois que todos havemos de morrer, e todos imos para a sepultura, o maior favor que Deos póde conceder a hum mortal, he que morra, e chegue lá mais tarde. E este he o primeiro privilegio dos pobres, a quem a Providencia divina quanto nega de abundancia, e regalo, tanto acrescenta de vida.

Oução os abundantes, e regalados o que sobre isto ensina a verdade daquelle Senhor, que o he da vida, e da morte. *Omnis potentatus vita brevis.* (*Eccl. 10. 11.*) Outra versão em lugar de *vita* lê *via*: e tudo he o mesmo; porque a vida, que vivemos, he a via, com que caminhamos para a sepultura, e o termo do nosso *Quò vadis*. Qual he logo a razão, por que a vida, e a via dos poderosos, e ricos he breve, e faz Deos esta differença entre os ricos, e os pobres? Porque os ricos, e poderosos

dão muita materia á gula, os pobres ainda que querão, não podem. Santo Agostinho dava graças a Deos por lhe haver ensinado, que usasse dos alimentos como das medicinas: *Hoc me docuisti, ut quemadmodum ad medicamenta, sic ad alimenta sumpturus accederem.*[1] De sorte que aquillo sem que não podemos viver, he o mesmo que nos mata tomado sem medida. E como o alimento tomado sem medida he o veneno da vida, e com medida o medicamento della; esta he a desgraça não conhecida dos ricos, e a ventura tambem mal entendida dos pobres. A vida, e a via de huns, e outros igualmente caminha para o mesmo termo, que he a sepultura; mas os passos não são iguaes. Porque como a abundancia, e gula dos ricos he o seu veneno, e a estreiteza, e abstinencia dos pobres o seu medicamento; os ricos chegão á sepultura como S. João á de Christo, primeiro, e mais depressa; e os pobres, como S. Pedro, mais devagar, e mais tarde.

E depois de chegados huns, e outros á sepultura, tem tambem dentro nella alguma differença? Sim, e muito grande, que he o segundo privilegio dos pobres. A gula assim como ceva as aves, para que as comão os homens, assim ceva os homens,

[1] *August. Confess. c. 31.*

para que os comão os bichos. Miseravel condição da nossa carne, comer para ser comida! Por isso diz hum proverbio dos Hebreos: *Qui multiplicat carnes, multiplicat vermes.* Os corpos dos ricos cheios, e ufanados são o banquete dos bichos; os dos pobres secos, e postos nos ossos são o seu jejum. Que bem se vio isto naquelle, em que o pobre Lazaro, e o Rico Avarento forão á sepultura! O Rico em sepulcro de marmores banqueteando esplendidamente os bichos, como elle costumava comsigo: e o Pobre, que nem as migalhas, que lhe cahião da mesa, tinha para se sustentar, sepultado na terra nua; mas não tendo a mesma terra que comer nelle. Diz S. Paulo aos Corinthios: *Esca ventri, & venter escis: (1. Cor. 6. 13.)* O comer para o ventre, e o ventre para o comer. S. Paulo não dizia trocados, qual he logo o sentido, e conhecimento destas palavras, que o parecem? *Esca ventri, id est, hominis: venter escis, id est, vermium.* Os regalos exquisitos trazidos de tão longe com tantos perigos, comprados com tanto preço, guizados com tantos artificios, são para o ventre do homem: e esse ventre assim regalado, assim mimoso, e assim custoso para quem? Para o comerem os bichos. Por isso primeiro diz, *esca ventri*, e depois, *venter escis*, porque o que na vida he regalo para hum, na sepultura he pasto para tantos. Até o Mana, que cahia do Ceo,

o superfluo, que excedia o preciso, se convertia em bichos: e este he o paradeiro das superfluidades dos ricos. Considere pois o rico, e o pobre para onde vai. *Quò vadis?* para que o rico modere a sua abundancia, e o pobre se componha com a sua moderação. E porque o pobre, e o rico (e o rico mais apressadamente que o pobre) todos imos para alli, lamentem se os ricos da sua riqueza, e das suas galas, e regalos: sejão os pobres os contentes, e elles os tristes. E paguem com a tristeza e fraqueza dos seus corações; *Tristitia implenit cor vestrum,*

§ X.

Já perguntámos ao corpo *Quò vadis*: para onde hia? e nos respondeo por boca do Espirito Santo, que para a sepultura. Agora faremos á alma a mesma pergunta, e responderá por boca do mesmo Oraculo divino, como tambem vimos, que vai para o Ceo. Pois assim como o corpo achou remedio da sua tristeza no seu *Quò vadis*: assim, e muito melhor acharà a alma o remedio das suas no seu; quanto vai do Ceo á terra.

Se houve alma triste neste mundo foi a de David, á qual elle tantas vezes perguntou pela causa de sua tristeza: *Quare tristis es anima mea?* (*Ps. 41. 6.*) E como a alma lhe não respondesse, por-

que as causas devião pertencer mais á parte sensitiva, que á racional; resolveo-se elle a fazer a pergunta ao todo, como composto de ambas, e fallando comsigo mesmo, diz assim no Psalmo 42. *Quare tristis incedo, dum affligit me inimicus?* (*Ps. 42. 2.*) Porque ando eu triste, quando me affligem meus inimigos? Notavel modo de perguntar! Isto he pergunta, ou resposta, ou pergunta, e resposta juntamente? Se perguntais porque andais triste, e dizeis que vos affligem vossos inimigos: isto he dar a causa, e pedi-la. Que maior, e mais justa causa de andar hum homem triste, que ver-se affligir de seus inimigos, e mais quando não merece a inimizade, nem a affliçaõ? David era hum homem de tão boa coraçaõ, que o comparou Deos com o seu. E tendo tantas outras virtudes, nenhuma era mais eminente nelle que a mansidão: *Memento, Domine, David, & omnis mansuetudinis ejus.* (*Ps. 131. 1.*) Com tudo ninguem padeceo maiores odios, e perseguições, e ninguem teve mais, e maiores inimigos. O primeiro, e principal era Saul, com que vinha a ter contra si o Rei, e toda a Corte. O mesmo David diz, que erão tantos os seus inimigos, que com elle não ser facil de derrubar, com a multidão o tinhão mettido debaixo dos pés: *Conculcaverunt me inimici mei: quoniam multi bellantes adversum me.* (*Ps. 55. 3.*) Diz que erão tão injustos, que prevalecendo

violentamente contra a sua justiça, lhe fazião pagar o que não devia: *Confortati sunt qui persecuti sunt me inimici mei injuste: quæ non rapui, tunc exolvebam.* (*Ps. 68. 5.*) Que erão tão traidores, que os mesmos que tinhão obrigação de o defender se união em conselhos para o destruir: *Dixerunt inimici mei mihi: & qui custodiebant animam meam, consilium fecerunt in unum* (*Ps. 70. 10.*) Que erão tão raivosos, que como cães damnados não só o mordião, mas lhe quebravão os ossos: *Dum confringuntur ossa mea, exprobraverunt mihi inimici mei.* (*P. 41. 11.*) Que erão por huma parte tão pertinazes, que de pela manhãa até a noite o estavão calumniando: *Tota die exprobrabant mihi inimici mei:* (*Ps. 101. 9.*) e por outra tão fingidos, que em presença o louvavão, e voltando as costas, juravão contra elle: *Et qui laudabant me, adversum me jurabant.* (*Ibid.*) Finalmente tão astutos, tão duros, tão fechados na sua impiedade, e tão soberbos, que chegárão a lhe pôr de cerco a propria alma: *Inimici mei animam meam circumdederunt, adipem suum concluserunt: os eorum locutum est superbiam.* (*Ps. 16. 9.*)

Todas estas causas tantas, e tão fortes tinha David para andar triste, nem elle as ignorava, ou erão outras; porque quando disse, *tristis incedo*, logo acrescentou: *dum affligit me inimicus*: e quando

perguntava: *Quare?* não era por duvidar das causas da afflicção, e tristeza, mas porque ignorava, e não sabia atinar com o remedio. E que fazia não como Rei, e como politico, senão como Profeta, e como Santo? O que fez immediatamente no verso seguinte, foi recorrer a Deos, pedindo-lhe o soccorresse naquella perplexidade com a sua luz, e com a sua verdade: *Emitte lucem tuam, & veritatem tuam: (Ps. 42, 3.)* com sua luz que o alumiasse no profundissimo, e escurissimo abysmo da tristeza em que estava; e com sua verdade que desfizesse as falsidades, e calumnias, com que seus inimigos o perseguirão. Assim orou: e assim o soccorreo Deos promptissimamente com a luz, e verdade, que pedia, mas não com remedio, que o livrasse das perseguições, senão com outro mais alto, e sublime, que o livrou da tristeza, que ellas lhe causavão. E qual foi? O mesmo David o diz tambem immediatamente no mesmo verso: *Ipsa me deduxerunt, & adduxerunt in montem sanctum tuum, & in tabernacula tua.* [1] A mesma luz, e verdade, Senhor, que vos pedi, me guiárão, e levárão a que levantasse os olhos, e os puzesse no vosso monte Santo, que he o Ceo, e nessa Côrte bemaventurada, onde tendes as vossas moradas eternas. Oh luz, e

[1] *Montem Sanctum, id est Cœlum, glosa Hugo.*

verdade divina! A causa de andarmos tristes nos trabalhos, nas perseguições, e nas outras miserias ou naturaes, ou violentas desta vida, he porque somos cégos, e não vemos esta luz; he porque somos ignorantes, e não conhecemos esta verdade. Como se dissera Deos a David: Dizes que andas triste, *tristis incedo? (Ps. 37. 17.)* Pois olha para esses mesmos teus passos (que tu dizes observão teus inimigos para te calumniarem, *Dum commoventur pedes mei, super me magna locuti sunt*) olha para esses mesmos teus passos, conhece que com elles vás caminhando para o Ceo (e a tanto mais largas jornadas, quanto os trabalhos, e perseguições forem maiores); e logo pizarás as mesmas tristezas, que te molestão, e affligem, e as metterás debaixo dos pés. Assim o conheceo, e experimentou o já não triste David, mas animado, e contente; e com as mesmas palavras que dantes, mas com muito differente energia, tornou logo no mesmo Psalmo a perguntar á sua alma: *Quare tristis es anima mea?* E bem, alma minha, depois desta nova luz, e desta nova verdade estarás ainda triste? Não sabes que as tempestades em pôpa levão mais depressa ao porto? Se o teu porto he o Ceo, caminhando para lá, que te póde entristecer na terra? Por ventura o tempo, que lá se chama eternidade? Os trabalhos, que lá se medem com o descanso? As penas, que

lá se convertem em glorias? As perseguições, que lá são palmas? As calúmnias, que lá são corôas? As linguas maldizentes dos homens, que lá são louvores da boca de Deos? *Quare, quare tristis es anima mea?*

§ XI.

As almas tristes humas perturba a sua tristeza por dentro: *Quare tristis es anima mea, & quare conturbas me?* outras affligе a mesma tristeza por fóra: *Quare tristis incedo, dum affligit me inimicus?* E toda a causa do que padecem he porque são mudas, e cégas. Huma alma muda não se pergunta a si mesma para onde vai: *Quò vadis?* E céga não olha para o Norte sempre seguro, e firme, que desde o Ceo lhe guia os passos na terra. Eis aqui porque ha tantas almas desconsoladas, e tristes: eis aqui porque andão tantos corações rebentando de malencolia: *Tristitia implevit cor vestrum.* Entendão essas almas que são Almas, e que o fim para que fôrão creadas, e para onde caminhão, he o Ceo; e lógo as não poderá entristecer qualquer fortuna da terra, por mais adversa, e temerosa que seja, e mais triste que pareça A maior, e mais penetrante tristeza, que padeceo alguma alma jámais, foi a de Christo Redemptor nosso no Horto, tão penetrante, e tão terrivel, que lhe féz suar sangue, e bastaria a lhe

tirar a vida: *Tristis est anima mea usque ad mortem.* (*Matt. 26. 38.*) O remedio milagroso, que teve esta tristeza, foi mandar Deos do Ceo hum Anjo, que viesse consolar, e confortar a seu Filho, que para nosso exemplo permittio que os affectos naturaes obrassem, ou executassem em sua humanidade santissima tudo o que pódem nas outras. Desceo o Anjo, postrou-se de joelhos ante o acatamento do seu quanto mais angustiado, mais veneravel Monarcha, resuscitou-lhe o animo, confortou-lhe o desmaio, desterrou-lhe do coração a tristeza: mas com que razões, ou motivos? Estava o Senhor inclinado sobre a terra: *Procidit in faciem:* (*Ibid. 39.*) rogou-lhe humildemente quizesse levantar os olhos ao Ceo, e detê-los hum pouco na mesma vista. Sobre aquelle pavimento de estrellas, ó Principe do Firmamento, (disse então o Anjo) se levanta o immenso Palacio de vosso Pai: no lugar mais eminente delle vos está já aparelhado o throno, em que haveis de estar assentado á sua dextra: dos tormentos que agora vos causão tanto horror, a cada momento de pena succederá huma eternidade de glorias: a Cruz será o famoso trofeo, com que no dia do juizo sahireis triunfante a julgar o mundo: dos espinhos da cabeça se vos tecerá a nova corôa imperial de Redemptor dos homens, e Monarcha universal de homens, e Anjos; os dous cravos, que vos abrirem as mãos,

serão duas trombetas de bronze immortal, que publiquem sem jámais cessar as vossas façanhas: dos que vos rasgarão os pés se formarão as cadeas, que renderão, e trarão a elles a adoração de todas as gentes: na grande brecha, com que o golpe da lança vos penetrará o peito, se desafogará o immenso amor de vosso coração. Mais hia a dizer o Anjo, quando o Senhor já em pé não só com passos animosos, mas com semblante alegre, e forte hia a receber o encontro das cohortes armadas de seus inimigos. E não he menos que Santo Thomás quem assim o affirma glosando a palavra *confortans* com estas: *Proposito sibi gaudio æternæ vitæ pro præmio.* O que se ha de entender não da gloria essencial, mas dos muitos titulos gloriosos, a que pela morte de Cruz foi exaltado Christo, e goza eternamente no Ceo.

As palavras de S. Thomás fôrão tresladadas da penna de S. Paulo, e as de S. Paulo por revelação particular resumidas da boca do Anjo. Onde se deve muito notar a propriedade theologica daquelle termo, *Proposito sibi*: porque como doutamente commenta Caietano, o Anjo só podia confortar a Christo propondo. E verdadeiramente a revelação deste segredo não só era necessaria, mas de summa consolação, e remedio para todos os que com grandes causas, ou se vêm tentados da tristeza, ou já vencidos. Aquelle homem, cuja alma estava com tal ex-

cesso triste, que bastaria para lhe tirar a vida, com o temor, e apprehensão terrivel dos tormentos, dôres, e affrontas, que do Horto ao Calvario lhe estavão aparelhadas, não só era homem, mas Deos: e que razões, e motivos podia excogitar o entendimento de hum Anjo para confortar, e consolar a tristeza de hum homem Deos, e para esse homem com a sabedoria, e entendimento de Deos se persuadir, e deixar convencer dellas? Fôrão, ou foi só, diz S. Paulo, a consideração dos prémios do Ceo tão vivamente representada, como só podia fazer quem descia delle. Com nenhum outro encarecimento se vio nunca o Ceo tão acreditado, nem a força do argumento *quò vadis* tão encarecida. O caminho do Horto até o Calvario era o mais repugnante á natureza humana, posto que unida á divina, o mais aspero, o mais cruel, o mais horrendo, o mais intoleravel: o mais aspero, pela delicadeza do sujeito; o mais cruel, pela fereza dos inimigos; o mais horrendo, pelo rigor dos tormentos; o mais intoleravel, pela infamia das injúrias, e affrontas. Mas com o Ceo á vista tudo facilitou a consideração sómente do glorioso fim do mesmo caminho. Ponderemos as palavras do Apostolo. *Qui proposito sibi gaudio sustinuit crucem, confusione contempta.* (*Hebr. 12. 2.*) O que o Anjo representou á sagrada humanidade agonizante, e tristissima, fôrão os gostos, que

em lugar dos tormentos, e a exaltação, e honras, que em lugar das affrontas no Ceo lhe estavão aparelhadas por prémio: e este foi todo o apparato da pompa da paixão, e os presuppostos valentes, e animosos, com que o Senhor de noite, e de dia por passos, e estancias tão lastimosas, e tragicas desde o Horto chegou ao Calvario, até espirar nelle. Olhemos para o Filho de Deos caminhando com a Cruz ás costas, e não só o veja o nosso espanto, e a nossa piedade por fóra, mas muito mais a nossa fé por dentro. Diante dos olhos levava o prémio do Ceo, *proposito sibi gaudio:* debaixo dos pés pisava os desprezos, e as affrontas, *confusione contempta:* e sobre os hombros sustentava o peso, e tormentos da Cruz, *sustinuit crucem.*

Os tormentos, e as affrontas erão os dous ingredientes terriveis, de que se compunha a bebida do caliz, que tanto o mesmo Senhor repugnava no Horto; *Transeat à me calix iste: (Matt. 26. 39.)* e sendo a mesma bebida dantes tão amarga, não dúvida dizer, e cantar a Igreja, que depois lhe foi ao Senhor muito suave, e doce: *Dulce lignum, dulces clavos, dulcia ferens pondera.* A mesma doçura reconhece tambem a Igreja nas pedras de Santo Estévão: *Lapides torrentis illi dulces fuerunt.* De que modo pois, e por que arte ao primeiro Martyr, e muito mais ao Rei dos Martyres se lhe trocou o fel em mél, e a amar-

gura em doçura? Porque ambos padecêrão com o Ceo á vista: Christo, *proposito sibi gaudio*, Estevão, *ecce video Cœlos apertos. (Act. 7. 55.).*

§ XII.

Este he o modo, e esta a arte, ó Almas, com que no meio dos maiores desgostos, e trabalhos da vida podeis viver sem tristeza. Pergunte-se cada huma. *Quò vadis?* e respondendo que vai para o Ceo, logo como encantada destas duas palavras fugirá, e desapparecerá a tristeza. E se houver alguma alma tão mimosa que diga, ou cuide que tambem se póde ir ao Ceo sem padecer; respondo, que se engana. E porque? porque quem fez o Ceo, fez tambem o caminho para elle. E qual he o caminho que elle fez? O do padecer, o dos trabalhos, o das adversidades, e das molestias, o das tribulações. Assim o mandou o mesmo Deos publicar a todo o mundo pelos seus Apostolos com hum pregão universal, que diz assim: *Per multas tribulationes oportet nos intrare in Regnum Dei: (Act. 14. 21.).* Quem quizer ir ao Ceo, e ao Reino de Deos, saiba que não póde entrar lá senão por muitas tribulações. Aquelle *Nos* he clausula universal, que a ninguem exceptúa. Vio S. João no Apocalypse os que já tinhão chegado ao

Ceo vestidos todos de gloria, e com palmas nas mãos. E como hum dos Bemaventurados lhe perguntasse, se sabia quem erão aquelles, e donde tinhão vindo: *Hi qui sunt? & unde venerunt?* (*Apoc. 7. 13.*) Respondeo o Santo, que não sabia. Então o que lhe tinha feito a pergunta só para lhe ensinar a resposta, Pois has de saber (lhe disse) que estes são os que vierão da grande tribulação? *Hi sunt, qui venerunt de tribulatione magna. (Ibid. 14.)* Isto só disse, e parece que havia de dizer mais; porque a pergunta tinha duas partes: Quem são? e donde vierão? Pois se lhe diz donde vierão, porque lhe não diz tambem quem são? Sim diz, e na primeira palavra. *Hi sunt, qui venerunt de tribulatione magna:* Estes são os que vierão da grande tribulação: e os que vierão da grande tribulação, estes são os que só vio S. João no Ceo. Lá no Ceo não se pergunta se vem dos Godos, como em Hespanha; ou dos Borbões, como em França; ou dos Austriacos, como em Allemanha; mas se vem, ou não vem da grande tribulação. Se não vem da grande tribulação, ainda que sejão Reis, ou Emperadores, não lhes abre S. Pedro as portas do Ceo; mas se vem da grande tribulação, ainda que sejão vis, ainda que sejão escravos, ainda que sejão os mais pobres, e miseraveis do mundo, ainda que se lhes não saiba o appellido, nem o nome, todos tem as portas, e entra-

das do Ceo francas, e abertas, porque assim o diz a lei universal, que a todos comprehende, e a ninguem excepṫua: *Per multas tribulationes oportet nos intrare in Regnum Dei.*

Isso quer dizer aquelle, *Oportet*, he necessario, he forçoso, he preciso, he infallivel, e sem remedio. E para que nos não admiremos de huma limitação tão absoluta, e indispensavel, combinemos este *oportet* com outro maior. Quando os dous Discipulos na manhãa da Resurreição hião tristes, e desesperados para Emaús; depois de os reprender o Senhor de ignorantes, tardos de coração, e incredulos, fez-lhes esta pergunta: *Nonnè oportuit* (aqui vai a palavra) *nonnè oportuit Christum pati, & ita intrare in gloriam suam?* (*Luc. 24. 26.*) Por ventura não foi necessario, não foi forçoso, não foi preciso, que Christo padecesse, para assim entrar na sua gloria? Foi necessario, porque elle quiz: foi forçoso, porque elle o decretou: foi preciso, porque entendeo que assim importava a elle, e a nós: a elle, para sua maior honra, e a nós para nosso irrefragavel exémplo. Pois se ao Filho de Deos, e Senhor da Gloria, para entrar na gloria sua, *in gloriam suam*, importou, e foi preciso o padecer tanto; nós, cuja não he a gloria, antes a perdemos tantas vezes, porque quereremos ir, e entrar a ella sem padecer? Se este he o caminho, que Deos fez para seu Filho,

porque havemos nós de presumir que poderemos ir ao Ceo por outro?

Oh quem me dera saber descrever este caminho, e qual elle he! Primeiramente he muito estreito: *Arcta via est, quæ ducit ad vitam, (Matt. 7. 14.)* diz o mesmo Christo. He lageado, ou calçado de pedras muito duras, das quaes disse David: *Propter verba labiorum tuorum ego custodivi vias duras. (Ps. 16. 4.)* He semeado de abrolhos, e cercado de agudos espinhos, aquelles a que foi condemnado Adão: *Spinas, & tribulos germinabit tibi. (Gen. 3. 18.)* He talhado de altissimas barrocas, e precipicios, donde se vai o lume dos olhos, como disse o Profeta: *Et lumen oculorum meorum, & ipsum non est mecum. (Ps. 37. 11.)* Humas vezes tem descidas medonhas a profundissimos valles, em que he facil escorregar sem remedio, por onde diz o Apostolo: *Qui stat, videat ne cadat. (1. Cor. 10. 12.)* Outras vezes se levanta em serranias altissimas, e de aspereza intratavel, onde he necessario subir com os pés, e mais com as mãos, como Naas, *Manibus, & pedibus reptans (1. Reg. 14. 13.)* E que fazem os que se vêm lá emcima, e descobrem o mundo? Vêm nelle outra estrada muito larga, e nella muitos homens, e mulheres vestidos de galas, muitas carroças douradas, e liteiras de varias côres, muitas festas, muitos banquetes, muitos passatempos, co-

medias, musicas, danças, em fim tudo prazer, tudo contentamento, tudo alegria. E muitos com saudades, ou inveja, ou desejos de viver contentes, e alegres se passão tambem a aquella estrada, não entendendo, que os que por ella caminhão, são os propria e verdadeiramente tristes, porque estão, e caminhão sem freio pela estrada do inferno, e da perdição: *Lata via est, quæ ducit ad perditionem. (Matt. 7. 13.)* Oh se cada huma daquellas cegas, e miseraveis almas se perguntasse, *Quò vadis?* como lhe responderia a fé, e a razão: *Cogitavi vias meas, & converti pedes meos in testimonia tua! (Ps. 118. 59.)* Alma desencaminhada, alma perdida, volta, volta. Torna ao caminho estreito, se o deixaste, e senão deixa o largo, e da perdição em quanto tens tempo, e não tenhas medo ao padecer, pois he muito mais o que lá padeces sem Deos, sendo certo que na hora da morte, que não ha de tardar muito, te has de arrepender sem remedio de não ter padecido com Christo. Mas como nas entradas do mesmo caminho não só ha ladrões, que roubão, e ferem, como os do caminho de Jericó, senão féras bravas, e leões, que andão rondando, *Tanquam leo rugiens circuit, quærens quem devoret. (1. Petr. 5. 8.)* que são os Demonios; quem huma vez deixou o caminho do Ceo, tarde, ou difficultosamente torna a elle. Oh que alegria, que contentamento será o

dos venturosos, que finalmente chegarem a entrar pelas portas d'aquelle Reino bemaventurado, *Introire in Regnum Dei!* Se he tão grande a alegria dos navegantes, quando tendo escapado das tempestades, e dos cossarios ouvem dizer Terra, Terra; que alegria será a dos que agora padecem, quando oução dizer, Ceo, Ceo?

§ XIII.

Predestinados erão para o Ceo aquelles mesmos Discipulos, que hoje estavão tristes, quando o divino Mestre lhes disse, *Nemo ex vobis interrogat me, Quò vadis?* E para o mesmo Senhor os animar a padecer, e não ter medo aos trabalhos, que costumão ser mais sensiveis á natureza, ou fraqueza humana, declarou-lhes o grande preço, e valor, que tem no Ceo estas mesmas cousas, de que todos tanto fogem na terra; e por fim daquelle famoso Sermão, em que tomou por thema, *Beati pauperes*, voltando-se particularmente para os mesmos Discipulos lhes disse assim: *Beati eritis, cum vos oderint homines, & maledixerint vobis, & persequuti vos fuerint, & dixerint omne malum adversum vos mentientes, & cum separaverint vos, & exprobraverint, & ejecerint nomen vestrum tanquam malum propter filium hominis: gaudete in illa die, & exul-*

tate; ecce enim merces vestra copiosa est in Cœlo. (Luc. 6. 22. 23. Matt. 5. 11. 12.) Então sereis ditosos, e bemaventurados, Discipulos meus, quando os homens vos tiverem odio, e vos perseguirem; quando vos disserem injúrias, e affrontas; quando fugirem de vós, e vos lançarem de si; quando até o vosso nome fôr delles aborrecido, e abominado. Mas quando tudo isto padecerdes por amor de mim, não vos deveis entristecer, senão alegrar e triumfar de prazer: *gaudete, & exultate*; porque o prémio, que de tudo haveis de receber no Ceo, he muito copioso: *Quoniam merces vestra copiosa est in Cœlo.*

Até aqui, Senhor, são palavras tão divinas como vossas, mas para que eu melhor as saiba entender, e tambem declarar, dai-me licença para que nestas ultimas mude huma só. Vós dizeis, *Merces vestra copiosa est;* a licença, que eu peço, he para dizer: *Merces vestræ copiosæ sunt.* A mesma palavra *merces* se he de *merces mercides*, quer dizer premio; se ha de *merces mercium* quer dizer mercadorias. E porque o nome do prémio está quasi esquecido nesta era, e o da mercancia tão valido, e tão subido, parece-me que por este segundo será melhor entendido o primeiro. Sendo pois de tanto preço, como acaba de dizer a summa verdade, os trabalhos, as pobrezas, as perseguições, as affrontas, e as outras penalidades desta vida ou naturaes, ou

violentas: e sendo os homens tão cubiçosos, diligentes, e industriosos em grangear, e augmentar mais, e mais os proprios interesses, qual he a razão de estarem tão mal reputadas entre elles as mercadorias deste genero, e os avanços dellas? A razão não a póde haver: mas a semrazão, e o engano he, porque não lhes conhecem o valor, nem lhes sabem dar o preço. Avalião-nas como Gentios e não como Christãos; ou para fallar mais ao certo, avalião-nas como quem lhes faz a conta na terra, e não faz conta de que vai para o Ceo.

A primeira regra, ou A, B, C, da mercancia he passar as cousas da terra onde as ha, e valem pouco, para onde as não ha, e valem muito. Se vissemos que hum mercante de Lisboa embarcando-se a commerciar nas nossas conquistas, para Angola carregasse de marfim, para a India de canella, e para o Brasil de assucar, não o teriamos por louco, e lhe perguntariamos, *Quó vadis*? Homem nescio, tu sabes para onde vás ou o que levas? Pois esta mesma ignorancia, e loucura he a de todos, ou quasi todos os quaes se chamão Christãos neste mundo. Se lhes perguntarmos para onde vão, dizem que para o Ceo. E se olharmos para os seus cuidados, e para os seus empregos, e para as suas carregações, competindo todos em quem mais ha de carregar, e sobrecarregar; acharemos que todo o seu cabedal

empenhão naquellas mercadorias, que nenhum preço tem valor no Ceo. Cá custão muito, e là não valem nada. O ouro, e a prata não tem lá valor; porque lá he a patria das riquezas: os gostos, e os passatempos lá não tem valor; porque lá he a patria das delicias: as telas, e os brocados lá não tem valor; porque lá todos vestem de gloria: os regalos, e sabores exquisitos lá não tem valor; porque lá os perpétuos banquetes são a vista de Deos. Que cousas são logo aquellas, que no Ceo tem grande valor, e grande preço? São aquellas, que lá não ha. Os trabalhos, as pobrezas, as fomes, as sedes, as perseguições, os odios, as injurias, as affrontas, as calúmnias, os falsos testemunhos, e todas as outras miserias, ou violencias, que neste mundo se padecem, estas são as que no Ceo só tem valia; porque no Ceo todos são impassiveis. Cá é a terra do trabalho, e da paciencia; lá he o porto do descanso, e a patria da impassibilidade. Olhai, olhai bem para o interior desse Ceo, e vêde o que lá só apparece, e resplandece levado cá da terra. A cruz de Pedro, e André: as grelhas de Lourenço: as settas de Sebastião: as pedras de Estevão: as navalhas de Catharina: as fogueiras de Tecla: as torquezes de Apollonia: os olhos nas mãos de Luzia. E como estas são as mercadorias, que só tem valor, e preço no Ceo, vêde se os que mais carre-

gados, e sobrecarregadoe se vêm destas felicissimas drogas tanto mais preciosas, quanto mais pesadas, vêde se tem razão de se entristecer, ou de se alegrar, e de saltar da terra ao mesmo Ceo de prazer: *Gaudete, & exultate, quoniam merces vestrà, & merces vestræ copiosæ sunt in Cœlo.*

Estas são as mercancias dos que negoceão da terra para o Ceo. E do Ceo para a terra haverá tambem algum mercador, e algum commercio? Sim, e muito mais admiravel. O mercador não he menos que o mesmo Deos, o qual se fez homem para trazer do Ceo á terra o que cá não havia, e levar da terra ao Ceo o que lá não ha: e este foi o commercio. Assim o canta a Igreja, *O admirabile commercium! Creator generis humani animatum corpus sumens, largitus est nobis suam deitatem.* Este he o mercador daquella náo, que trouxe de longe o seu pão: *Navis institoris de longè portans panen suum. (Prov. 31. 14.)* O pão logo veremos qual he: as mercadorias, e drogas, em que empregou todo o seu cabedal, e toda a sua vida, fôrão as que não havia no ceo, nem elle em quanto Deos, e sem carne passivel podia grangear na terra. Em Belem grangeou a pobreza, o frio, o desamparo, hospede dos brutos, e sem agasalho entre os homens. Antes do Egypto grangeou as perseguições, e tyrannias de Herodes, e no Egypto os desterros. Em Nazareth, e

em vida de Joseph grangeou a sujeição, e obediencia a um official com nome de Pai seu, que não era. Depois de sua morte grangeou o succeder-lhe na mesma officina, ganhando o pão para sua Mãi, e para si com o suor do seu rosto. Antes de sahir, ou fugir da patria grangeou o aborrecimento, e desprezo dos seus naturaes, e dos que erão seu sangue, que devendo-se prezar, se desprezavão delle. Nas peregrinações de Galiléa, e Judéa, grangeou fazel-as sempre a pé, e muitas vezes descalço, exposto ao Sol, e ás chuvas, sem casa propria, nem alhea, podendo invejar dos bichos da terra as covas e das aves o repouso dos ninhos, sem ter onde reclinar a cabeça. No povoado grangeou mendigar quotidianamente o comer, e talvez pedindo hum pucaro de agua não só a quem lho negou, mas lhe estranhou o pedi-la. No deserto grangeou o continuo jejum, e depois da fome de quarenta dias as tentações do demonio, huma, duas, e tres vezes combatido. Finalmente entrado na Côrte de Jerusalem, e Réo da sua propria sabedoria, e milagres, grangeou os odios, e invejas dos Escribas, e Fariseés; e o decreto de morte fulminado pelos Principes dos Sacerdotes contra sua innocencia. E naquelle dia, e noite fatal, que foi o da feira geral e franca do seu commercio, no Horto grangeou as agonias, e as prisões: no Palacio de Annàs as bofeta-

das: no de Caifás as blasfemias; no de Herodes os desprezos: no Pretorio de Pilatos as accusações, os falsos testemunhos, os açoutes, a corôa de espinhos, e por remate de tudo a morte de Cruz entre os ladrões no Calvario. Isto he o que a mesma Pessoa de Christo como mercador veio grangear do Ceo à terra: e por isso o que levou da terra para o Ceo, fôrão sómente as chagas. São Paulo diz que deu aos homens: *Dedit dona hominibus: (Ephes. 4. 8.)* David diz, que recebeo dos homens: *Accepisti dona in hominibus: (Ps. 67. 19.)* e como o commercio consiste em dar e receber, tudo foi: porque a nós deo-nos a sua divindade: *Largitus est nobis suam Deitatem*: e de nós recebeo as mesmas chagas: *Quid sunt plagæ istæ in medio manuum tuarum? His plagatus sum in domo eorum, qui diligebant me. (Zachar. 13. 6.)*

Em summa de tudo que fica dito, esta mesma, e não outra havia de ser a resposta do divino Mestre, se os Discipulos lhe perguntassem: *Quó vadis?* Mas elles porque não fizerão a pergunta, ficavão tristes: e nós pelo contrario, porque ouvimos na resposta os grandes interesses do prémio, que nos espera no Ceo: *Merces vestra copiosa est in Cœlo;* por muitos que sejão os trabalhos, e molestias do caminho, não devemos estar tristes, senão muito alegres: *Gaudete, & exultate.*

§ XIV.

E para que acabemos por onde começámos, e tornemos á mesa donde sahimos, se a alma que vai para o Ceo, e o corpo que vai para a sepultura, me perguntarem pelo viatico, com que se hão de sustentar em hum, e outro caminho; este he aquelle pão, que o mesmo mercador do Ceo trouxe á terra, e eu reservei para este lugar: *De longè portans panem suum.* O Santissimo Sacramento do altar he o pão, que desceo do Ceo: *Hic est panis, qui de Cœlo descendit:* (*Joan. 6. 59.*) e este pão não só he viatico para a alma, senão tambem para o corpo. Ouvi o que diz o mesmo Senhor: *Qui manducat hunc panem, vivet in æternum, & ego resuscitabo eum in novissimo die:* (*Ibid. 55. 59.*) Quem come este pão, viverá eternamente, e eu o resuscitarei no ultimo dia. He viatico para o corpo, que caminha para a sepultura; porque na mesma sepultura o ha de resuscitar: e he viatico para a alma, que caminha para o Ceo; porque a alma em se apartando do corpo, ha de viver no Ceo eternamente. Quando Elias pedio á sua alma que o deixasse morrer: *Petivit animæ suæ, ut moreretur:* (*3. Reg. 19. 4.*) appareceo-lhe hum Anjo, que lhe deo a comer hum pão, dizendo, que, ainda tinha muito que caminhar;

Grandis tibi restat via (Ibid. 7.) Desta palavra *Via* se deriva o nome de viatico;mas o nosso muito melhor que o de Elias. Se Elias houvesse de morrer como os outros Santos daquelle tempo, a sua alma não havia de ir logo ao Ceo, senão ao seio de Abrahão; e porque ainda está vivo, não ha de ir ao Ceo, senão no fim do mundo. Assim o viatico de Elias era como o do nosso corpo, que não ha de ir ao Ceo, senão quando resuscitar; porém o viatico da nossa alma por virtude do Santissimo Sacramento não he como o de Elias, porque logo em se apartando a alma do corpo vai gozar de Deos no Ceo. Oh bemaventurados trabalhos, que tão depressa nos hão de levar ao descanso! Oh bemaventuradas pobrezas, que tão depressa nos hão de levar á corôa! Oh bemaventuradas penas, que tão depressa nos hão de levar à Gloria!

SERMÃO

PELO

BOM SUCCESSO

DE

NOSSAS ARMAS

TENDO ELREI DOM JOÃO O IV. PASSADO A ALEM-TEJO,

Na Capella Real, Anno de 1645.

Com o Santissimo Sacramento exposto.

Infige brachium tuum sicut ab initio, & allide virtutem eorum virtute tua, cadat virtus eorum in iracundia, tua. Non enim in multitudine est virtus tua, Domine, neque in equorum viribus voluntas tua est. Deus Colorum, creator aquarum, & Dominus totius creaturæ, exaudi me miserum deprecantem, & de tua misericordia præsumentem. Memento, Domine, testamenti tui. Judith cap. 9.

§ 1.º

Divina, e humana Magestade, Réi dos Reis, Senhor dos exercitos. Posto em campo o de Nabucodonosor á vista da Cidade de Betulia, com estas pa-

lavras fez oração a vossa divina misericordia a famosa Judith de Israel, tão famosa pelo excesso de seu valor, como pelo extremo de sua santidade: e com as mesmas ora tambem na occasião presente postrada a Real Corôa aos pés de vossa divina Magestade a soberana Judith de Portugal, se não menos valerosa, nem menos pia, mais poderosa hoje para obrigar vossa infinita clemencia. A Judith de Israel orava como pessoa particular, ainda que pelo bem commum: a Judith de Portugal ora como Rainha, e Senhora nossa pelo bem, e conservação de seus vassallos; cuja oração como publica sempre teve mais lugar na aceitação de vosso atacamento divino. A Judith de Israel allegava exemplos antigos, quando a virtude de vosso braço omnipotente assistio aos Hebreos contra os Egypcios: a Judith de Portugal allega o exemplo, que vimos com nossos olhos no primeiro dia da restauração deste Reino. E assim diz com mais propriedade que a outra Judith: *Erige brachium tuum sicut ab initio:* Levantai, Senhor, vosso poderoso braço como no principio, e confundi o poder, que temos contra nós, com a virtude de vossa despregada mão. Os outros affectos da oração de Judith são todos aquelles, que nas circunstancias do caso presente pódem alentar nossa esperança, e obrigar vossa misericordia. Para que eu os saiba ponderar, e acerte a os persuadir como convem: dessa

throno do Divinissimo Sacramento, que he a fonte de todas as graças, séde servido, ó Senhor, de alentar a tibieza de minhas palavras com aquella efficacia de espirito, e dispôr os corações dos que me ouvem com aquelle conhecimento da verdade, que pede a importancia de causa tão grande, e tão vossa.

§ II.

Grande causa, Senhora, he a que põe hoje a V. Magestade aos pés de Christo: grande causa, Portuguezes, he a que nos chama hoje a este lugar: tão grande, que não póde ser maior; tão grande, que ainda he maior do que parece. O que nesta materia vêm os olhos he muito; o que discorre o entendimento, he tudo. He tão grande o empenho desta empresa, que não sei como declarar o que entendo delle. Deos nos dê o sucesso, que esperamos, porque vejo nesta jornada empenhado todo o Reino em corpo e em alma. Já acertei a o dizer: explicar-me-hei agora.

Primeiramente está empenhado o Reino com todo o corpo; porque não só se abalou a cabeça, não só temos em campanha a ElRei, que Deus guarde, que basta para pôr o mundo em grande expectação, como a nós em grande cuidado. Mas para ser total o empenho, seguirão o exemplo, e a cabeça por

união natural todos os membros da Monarchia: os Grandes, os Titulos, a Nobreza, a Casa Real, a Côrte, os Requerentes, os Letrados, as Universidades inteiras, as pessoas particulares de todas as Cidades, e Villas, os Auxiliares das Comarcas, os Presidios das Provincias, em fim tudo. De maneira que havemos de considerar, que temos em campanha não hum exercito de Portugal, senão Portugal em hum exercito. De tal sorte he esta causa commum que toca a todos em particular, e no mais particular de cada hum. Lá vão os pais, lá os filhos, lá os maridos, lá as casas, lá os herdeiros, lá os corações, lá o remedio de todos. Os que cá ficamos, estamos fóra do exercito para o trabalho, mas marchamos com os demais para o perigo. Assim que todo o corpo do Reino temos empenhado nesta empresa; e para que ao corpo lhe não faltasse o sangue, considerai as grandes despezas públicas, e particulares, que se tem feito, e quanta desgraça seria ficarem mal logradas.

Menos fôra estar empenhado o corpo do Reino, se não levára tambem nesta occasião empenhada comsigo a Alma, que no juizo dos que adiantão os olhos ao futuro, importa mais que tudo. A Alma dos Reinos principalmente em seus principios, he a opinião. Esta vai hoje buscar a Castella o nosso exercito. Difficultosa empresa, em que não

imos só conquistar as forças de hum Reino, e muitos Reinos, senão os juizos do mundo. Este ponto he o que nos deve pôr em maior cuidado, que a mesma guerra. Quando Christo Senhor nosso profetizou as guerras, que da sua até a nossa idade tem inquietado todos os seculos, disse que se havião de levantar humas nações contra outras nações, e huns Reinos contra outros Reinos: *Surget gens contra gentem, & Regnum adversus Regnum:(Luc. 21. 10.)* e para encarecer o perigo das mesmas guerras, que annunciava, acrescenta (cousa muito digna de se notar) que então não só havia de haver batalhas, senão tambem as opiniões das mesmas batalhas: *Audituri enim estis prælia, & opiniones prœliorum. (Matt. 24. 6.)* A mais perigosa consequencia da guerra, e a que mais se deve recear nas batalhas, he a opinião. Na perda de huma batalha arrisca-se hum exercito; na perda da opinião arrisca-se hum Reino. Salomão, o Rei mais sabio, dizia que melhor era o bom nome, que o oleo, com que se ungião os Reis: *Melius est bonum nomen, quàm oleum unctionis, quo ungebantur capita Regum: (Eccl. 7. 2. ex vers. Chald.)* porque a unção póde dar Reinos, a opinião póde tira-los. E senão vêde a quanto mais nos empenha a reputação do Reino, do que nos empenhou a restituição do Rei. Para acclamar o Rei, bastou a resolução de poucos homens: para reputar o Rei-

no, ajuntamos exercitos de tantos mil. Para o primeiro bastárão poucos corações, e poucas vozes: para o segundo são necessarios tantos braços, e tantas vidas. Oh que grande peso de consequencias se abala hoje com o nosso exercito! O respeito dos inimigos, a inclinação dos neutraes, a firmeza dos alliados, tudo isto está hoje tremolando nas nossas bandeiras. *Spectaculum facti sumus mundo.* (*1. Cor. 4. 9.*) A batalha será nos campos de Badajóz: o successo está suspendendo os olhos, e as attenções de todo o mundo. Roma, Hollanda, Castella, França, todos estão á mira com a mesma attenção, posto que com intentos diversos. Roma se ha de receber: Hollanda se ha de quebrar: Castella se ha de desistir: e até França, em cujo amor, e firmeza não póde haver dúvida, está suspensa com os sobresaltos de amiga, e interessada, que ainda que não fação mudança no coração, causão alteração no cuidado. A dieta de Allemanha não he a que menos observa este successo, para fundar os respeitos de suas resoluções: que por mais que o nosso direito seja tão evidente, e a nossa causa tão justa, os Reinos não os pesa a justiça na balança, mede-os na espada.

Esta opinião tão importante he a que vai buscar o nosso exercito: e para que deste lugar da verdade a confessemos, não só a vai buscar, senão tam-

bem a recuperá-la, pelo succedido na proxima campanha. Bem sei, e tenho ouvido a subtileza dos discursos, com que os nossos Politicos querem negar á mesma Campanha o nome de Victoriosa, como se as sentenças de Marte se fundárão em discursos, ou arrezoados. Custar-lhe (dizem) huma ponte de Portugal hum exercito, antes he desengano, que esperança. Cortar o passo aos Rios, antes he desconfiar da defensa, que aspirar á Conquista. Fazer-se a guerra ás pedras, e não aos homens, antes foi acção de receio, que de poder. Se nos quiz entreprender huma Aldea, as armas, de que ficou semeado o terreno, provão a pressa, com que se recolhêrão, e o sangue, e corpos mortos o valor, com que resistimos. Rendêrão-nos huma Atalaia, em que vigiavão dez Soldados; mas entre os seus houve quem disse, que antes quizera ser tão bizarramente vencido, que com tanta desigualdade vencedor. Oito mil homens erão os que sitiárão tão poucos, e depois de não admittirem embaixadas, depois de se não renderem á batarias, depois de rebaterem duplicados assaltos, tendo-lhes levado hum caso grande parte de tão pequeno numero, primeiro desprezárão a morte, querendo ser voados, do que consentirão a vida, aceitando partidos. Em fim as armas aggressores sem opposição offensiva campeárão livremente, e nem por isso nos deixárão com gran-

des damnos, ou se recolhêrão com grandes ventagens.

Mas as materias da opinião são muito delicadas, e a consciencia da honra não admitte escrupulos. He certo que o seu exercito entrou sem resistencia, e se recolheo sem opposição: e basta que entrasse, e sahisse para que nos não deixasse a casa airosa. As batalhas são desafios grandes, e ter aguardado no posto nunca deixa acreditado a quem não sahio. Destruir, e edificar são dous grandes argumentos de poder. Por estes termos explicou Deos o poder, que dava ao Profeta Jeremias: *Ut destruas, & dissipes, & ædifices, & plantes. (Jerem. 1. 10.)* Vêde se terão occasião para brasonar que entrárão em Portugal victoriosos, os que deixão hum forte demolido, e outro edificado. Hum arco triunfal edificou Saul pela victoria de Amalec: e quantos arcos levantarão as trombetas da sua fama por dous, que nos quebrárão de huma ponte? Que escreverão, que publicarão pelo mundo? Se de duas Aldeas, que nos entrárão, fizerão suas gazetas duas grandes Cidades; muito havemos mister para nos livrar de suas pennas, posto que nos desembaracemos de suas mãos. Esta he a injustiça da fama, que tanto desacredita com o presumido, como offende com o verdadeiro. Doze bandeiras achárão em hum carro comboiado de Lavradores, que levárão, e tem em

seu poder: e posto que não fôrão tomadas em guerra, quem ha de distinguir nellas o que he tafetá, do que he insignia? Quem ha de provar ao mundo, que fôrão roubo, e não victoria? São hoje estas bandeiras de Portugal como a capa de Joseph nas mãos da Egypcia. Alli estava a fraqueza da parte de quem mostrava a capa, e o valor da parte de quem a perdêra. Mas Joseph padecia os desares da opinião, e a Egypcia lograva os applausos da fama, que não merecia: porque quem póde mostrar em sua mão os despojos, sempre tem por si a presumpção da victoria; e mais quando não podemos negar aos olhos do mundo a grande desigualdade dos compassos, com que a Geometria mede nos mappas as suas, e as nossas fronteiras.

§ III.

E como os empenhos da occasião presente são tão grandes, com muita razão trata hoje a piedade da Rainha nossa Senhora de segurar o successo com Deos, e render o Ceo com orações, em quanto o nosso exercito defende a terra com as armas. A El-Rei David lhe aconselhárão os seus que não sahisse á campanha em certa occasião de guerra, persuadidos (como diz Lyrano) que mais os podia ajudar ausente com as orações, que presente com as ar-

mas: *Plus enim poterat adjuvare existentes in prælio suis orationibus absens, quàm viribus præsens.* Assim o fez David, mas não o fez assim ElRei, que Deos guarde. Dividio-se entre as orações, e as armas, porque se está ausente na campanha, tambem o temos presente na melhor, e a mais prezada parte de si mesmo. Lá como Josué assistindo ao governo dos exercitos, cá como Moysés levantando as mãos a Deos. DelRei D. Affonso Quinto lêmos, que quando entrou por Castella tinha comsigo nos arraiaes a Rainha Dona Joanna, e o Principe D. João: e o successo foi, que ficando vencido o troço do exercito, que governava ElRei, o que pertencia á Rainha, e ao Principe, ficou victorioso. O que eu espero na occasião presente he, que se não ha de dividir a fortuna, mas que se ha de unir a victoria. Serão vencedoras as armas de Barac; mas attribuir-se-ha o triunfo ás orações de Debora: *Hac vice victoria non reputabitur tibi, quia in manu mulieris tradetur Sisara. (Judic. 4. 9.)*

E para que se conheça a prudencia da nossa valerosa, e santa Judith nesta sua oração, vejamos nas palavras, que propuz, como acode a todas as circunstancias, que hoje nos pódem inquietar o cuidado. Tres difficuldades se nos pódem representar nesta empreza. A primeira, aquella razão geral de pelejar Portugal contra Castella, o menor poder

contra o maior: a segunda, ser este superior na sua cavallaria, que na campanha faz mui desigual o partido: a terceira, ser Inverno, em que as chuvas, e inundações dos rios pódem atalhar o passo, e impedir as operações ao exercito. A todas estas difficuldades está satisfazendo Judith nas palavras da sua oração, fallando com Deos, como se fallára comnosco.

§ IV.

He verdade que sahe a pelejar o menor poder contra o maior; mas a isso responde Judith: *Non enim in multitudine est virtus tua, Domine:* (*Judith. 9. 16.*) que as victorias de Deos não dependem da multidão, nem do numero dos Soldados. He prática mui ordinaria entre os Politicos, que sempre Deos se põe da parte dos mais mosqueteiros. Esta proposição nasceo nas guerras de Flandres, e não he muito que seja heretica. Dias ha que a desejo tomar entre mãos, para a confutar: agora o farei brevemente. Dizer que Deos ordinariamente se põe da parte dos mais, não só he ignorancia das historias humanas, mas heresia formal contra as Escrituras sagradas. Quem isto diz, he herege. Vão os textos. No primeiro livro dos Reis cap. 14. diz assim a Escritura: *Non est Domino difficile salvare, vel in multis, vel in paucis.* (*1. Reg. 14. 6.*) No

segundo livro do Paralipomenon, cap. 14. *Domine, non est apud te ulla distantia, utrum in paucis auxilieris, an in pluribus.* (*2. Paral. 14. 11.*) No primeiro livro dos Machabeos cap. 3. *Facile est concludi multos in manu paucorum, nec est differentia in conspectu Dei Cœli liberare in multis, & in paucis.* (*1. Machab. 3. 18.*) Todos estes textos querem dizer conformemente que Deos para dar as victorias, não attenta para o numero dos Soldados, e que com tanta facilidade faz vencedores aos poucos, como aos muitos. Assim que dizer, e entender o contrario he erro, he impiedade, he heresia. E para que esta verdade lance firmes raizes em nossos corações, e nos resolvamos de huma vez, que póde Portugal prevalecer, e vencer, ainda que sejamos menos em numero, vamos aos exemplos.

ElRei Roboão póz em campo contra o Reino de Juda oitenta mil homens: sahio-lhe ao encontro ElRei Abias só com quarenta mil. E quem venceo? Sendo o exercito do Reino de Juda ametade menor, inclinou Deos para a parte dos menos, e ficou Abias com a victoria. Contra Achab Rei de Israel veio Benadad Rei de Syria, a quem acompanhavão outros trinta e dous Reis, e erão tantos os Soldados em seus exercitos, que disse soberbo Benadad, que em toda Samaria não havia hum punhado de terra para cada hum. Não tinha ElRei Achab na sua

Côrte mais que sete mil duzentos e trinta e dous homens, e com estes confiado em Deos sahio fóra dos muros, e ensinou a Benadad, que havia bastante terra em Samaria para sepultura de seus exercitos. Mas ainda nestas victorias se contavão os Soldados por milhares. Vamos a menor numero. Só com quatrocentos Soldados venceo David o exercito victorioso dos Amalecitas, não ficando vivos mais que quatrocentos, que fugindo escapárão. Só com trezentos e dezoito homens de sua casa venceo Abrahão em batalha a cinco Reis. E só com trezentos, e esses desarmados, desbarátou Gedeão os exercitos Orientaes dos Madianitas, que não cabião nos campos. Ha maior desigualdade? Pois ainda aqui os vencedores se contão a centenas. Vamos a unidades. Armárão os Filistheos contra ElRei Saul tão poderoso exercito que só os carros (em que naquelle tempo se pelejava) erão trinta mil, e a gente de pé tanta em numero, que diz a Escritura igualava ás areas do mar. Que poder vos parece que seria bastante para vencer tal exercito? Acommetteo-o huma noite o Principe Jonatas acompanhado só do seu pagem da lança, e porque Deos os ajudava, bastárão só dous homens para metter em confusão, e pôr em fugida a tantos mil. Chama a Escritura a isto não milagre, senão quasi milagre: *Et accidit quasi miraculum à Deo:* (*1. Reg. 14. 15.*)

porque he Deos tão costumado a se pôr da parte dos menos, que ainda em semelhantes maravilhas não excede as leis ordinarias de sua Providencia. Ainda não disse tudo. Menos he que dous homens hum homem: menos he que hum homem huma mulher; e hum só David com huma funda venceo o exercito dos Filistheos: e huma só Jael com hum cravo desbaratou o poder de Jabin. E como Deos, e não o numero dos Soldados, he o que dá as victorias, bem póde Portugal, posto que menor, fiado no braço de Deos sahir a campo não só com parte do poder contrario, senão com todo. Acontecer-nos-ha nos campos da Estremadura o que nos de Ourique com os Mouros, e nos de Aljubarrota com os mesmos Castelhanos; que vencer com numero igual nem he victoria de Deos, nem de Portuguezes: *Non enim in multitudine est virtus tua, Domine.*

A segunda consideração, que podia difficultar esta empreza, era o numero superior da cavallaria, em que somos excedidos. Mas a isso acode tambem Judith na sua oração, dizendo: *Neque in equitibus voluntas tua est:* A vossa vontade, Senhor, com que dais a victoria a quem sois servido, não está posta em cavallos, nem em cavalleiros. Isto mesmo tinha dito David muito tempo antes, como experimentado: e o que he mais para a nossa confiança, o mesmo tinha promettido como Profeta

para os tempos vindouros. *Non in fortitudine equi voluntatem habebit, neque in tibiis viri beneplacitum erit ei. (Ps. 146. 10.)* A maior fortaleza dos exercitos, diz David, consiste na cavallaria, e a maior fortaleza da cavallaria consiste em cavallos fortes, e em homens fortes a cavallo: *In fortitudine equi, in tibiis viri;* mas como Deos he o Senhor dos exercitos, e dá as victorias a quem quer, e quer que só a elle se attribuão; pelo mesmo caso não põe, ou porá jámais nem a sua vontade na fortaleza dos cavallos, nem o seu beneplacito na dos cavalleiros: *Non in fortitudine equi voluntatem habebit, neque in tibiis viri beneplacitum erit ei.*

E para que não vamos mais longe, na mesma cavallaria do exercito de Holofernes, e no mesmo caso de Judith temos a prova. A cavallaria do exercito de Holofernes, que sitiava os muros de Betulia, constava de vinte e dous mil cavallos: *Equitum viginti duo millia, (Judith. 7. 2.)* diz o Texto sagrado. E com que venceo Deos toda esta cavallaria? com mais, e melhores tropas? com mais, e melhores Cabos? com mais, e melhores Soldados, mais bem montados, e armados? Não. Com huma só mulher a pé. E já póde ser que esse foi o mysterio, e a energia, com que notou o mesmo Texto, que os pés de Judith fôrão os que rendêrão a Holofernes: *Sandalia ejus rapuerunt oculos ejus. (Ju-*

dith. 16. 11.) Querendo mostrar Deos, que para vencer muitos milhares de homens a cavallo, basta huma só mulher, e essa a pé. Esta he a cavallaria, e estas são as cavallarias de Deos. Agora entendo eu hum logar dos Cantares, que não sei se o entendem todos. *Equitatui meo in curribus Pharaonis assimilavi te, amica mea.* (*Cant. 1. 8.*) Sabeis com que vos pareceis, amiga minha? Diz Deos: pareceis-vos com a minha cavallaria: *Equitatui meo assimilavi te.* Pois com a sua cavallaria compara Deos huma mulher? Sim. Porque para desfazer vinte e dous mil cavallos, como os que estavão sobre Betulia, parece que era necessario grande numero de cavallaria: e o que havia de obrar toda essa cavallaria, obrou só Judith em huma sortida, que fez a pé, porque era amiga de Deos: *Equitatui meo assimilavi te, amica mea.*

Mas he muito mais difficultoso neste passo que não falla Deos de qualquer cavallaria sua, senão da cavallaria, com que desbaratou o exercito delRei Faraó no Mar Vermelho: *Equitatui meo in curribus Pharaonis assimilavi te.* Deos quando venceo a Faraó, não pelejou com cavallaria; porque o seu Povo vinha fugitivo do cativeiro, todos a pé, ninguem a cavallo. Pois se não havia cavallos da parte do Povo, por quem Deos pelejou, e venceo; que cavallaria he esta sua, *equitatui meo*? Responde Ruperto

Abbade (e he a razão litteral) que a cavallaria de Deos nesta victoria foi a vara de Moysés; porque com ella abrio caminho ao Povo pelo Mar Vermelho, e com ella se suspendêrão as ondas, que sepultárão a Faraó, e seus carros. Pois huma vara he a cavallaria de Deos? Sim, huma vara. Porque dependem tão pouco as victorias de Deos da mais, ou menos cavallaria dos exercitos, que huma vara, que pudera servir quando muito para açoutar hum cavallo, bastou para romper, e desbaratar toda a cavallaria do Egypto. Façamos por ter a Deos por nós, e seja embora o poder, que temos contra nós, superior na sua cavallaria. Quem tem por si o braço de Deos, não lhe são necessarios para vencer muitos cavallos, nem hum só cavallo. Com huma queixada de hum animal, que não chegava a ser cavallo, *in mandibula asini*, venceo Samsão exercitos inteiros, porque tinha por sua parte a cavallaria de Deos, que he a sua vontade: *Neque in equitibus voluntas tua est.*

A terceira difficuldade he o Inverno tão entrado. Mas que bem acode a esta difficuldade na sua oração a nossa Judith! *Domine Deus Cœli, creator aquarum:* Senhor Deos do Ceo, Creador das aguas. Parece que só para esta occasião fôrão feitas estas palavras. Porque chama Judith a Deos Creador das aguas, e não se lembra dos outros elementos? Por-

que lhe não chama Creador da terra, Creador do ar, e muito mais Creador do fogo, que na guerra he o mais activo, e mais poderoso instrumento? A razão he: porque os inimigos tinhão quebrado os aqueductos de Betulia, os canaes por onde se communicavão as fontes á Cidade, para que os sitiados se entregassem obrigados da sede. E como os inimigos querião fazer a guerra com agua, por isso particularmente allegava Judith a Deos ser Creador, e Senhor d'este elemento: *Domine Deus Cœli, Creator aquarum.* Com o mesmo elemento, posto que por differente traça, nos querem hoje fazer a guerra as disposições contrarias bem conhecidas. Esperão pelas inundações do Guadiana para sitiar as nossas Praças, e tem quebrado a ponte, para impedir o passo aos nossos soccorros. Mas se Deos he o Senhor, e o Creador das aguas, que importa que com ellas nos determine fazer a guerra quem, por grande que seja o seu imperio, o não tem sobre as nuvens? Que importa que espere contra nós pelos diluvios de Noé, se Portugal tem a chave de Elias para fechar, ou abrir as fontes do Ceo? Bem se vê em todos estes mezes, e bem se vio o anno passado no intentado sitio de Elvas: pois precedendo antes, e seguindo-se depois hum Verão extraordinario de muitos dias, só nos oito, em que o exercito sitiador aturou a campanha, fórão taes as lan-

ças de agua, que continuamente estava chovendo o Ceo, que elle mais que a nossa artilharia, o fez retirar com tanta perda de gente, e reputação, como vimos.

A Job perguntou Deos hum hora, se tinha entrado nos seus armazens da neve, e chuva, que elle tem reservado para o tempo da Guerra: *Numquid ingressus es thesauros nivis, & grandinis, quos servavi mihi in tempus pugnæ, & in diem belli?* (*Job. 38. 22.*) As chaves destes armazens parece que as tem Deos dado a Portugal, pois tanto se serve destas armas em suas victorias. Os Reis de Portugal são senhores do Mar Oceano, direito contra o qual se tem composto tantas Apologias nas nações estrangeiras. E assim servir o elemento da agua aos nossos Reis não he maravilha, senão obrigação. Bem se tem visto, e experimentado na occasião presente, em que o mar tanto a seu tempo nos veio trazer os tributos para esta guerra. Aquella chuva tão rara do dia da Coroação delRei, que a muitos pareceo prodigiosa, foi offerecer-se desde então o elemento da agua a militar debaixo de nossas bandeiras. E não tenhais por encarecimento, ou lisonja esta interpretação; porque os Reis dados por Deos costumão trazer a seu soldo este elemento. Quando Absalão fez guerra a David, rebellando-se tantos de seus vassallos contra hum Rei ungido, e dado por

Deos, sempre o elemento da agua lhe foi fiel, e propicio. He caso notavel. Quiz Chusai confidente de David avisá-lo secretamente do conselho de Achitofel, para que se puzesse em salvo. E para este recado de tanta importancia, e risco, diz o texto que achou a Jonathas, e Achimaas junto da fonte de Rogel, *Juxta fontem Rogel. (2. Reg. 17. 17.)* Fôrão vistos estes dous Embaixadores por huma espia; e para escaparem, entrárão em huma casa, e mettêrão-se em hum poço: *Descenderunt in puteum. (Ibid. 18.)* Chegárão os Soldados de Absalão para os prender; respondeo o dono da casa, que alli chegárão aquelles homens, mas que não fizerão mais que beber hum pucaro de agua, e passarem: *Transierunt gustata paululum aqua. (Ibid. 20.)* Finalmente chegou o recado a David, o qual passando da outra banda do Rio Jordão, ficou em salvo elle, e todos os seus Soldados: *Transierunt Jordanem, & ne unus residuus fuit, qui non transisset fluvium. (Ibid. 22.)* De sorte que de quatro modos se apostou o elemento da agua a salvar, e favorecer a David. Favoreceo-o a agua nos rios: *Transierunt Jordanem:* favoreceo-o a agua nas fontes: *Juxta fontem Rogel:* favoreceo-o a agua nos poços: *Descenderunt in puteum:* favoreceo-o a agua nas mãos, e na boca: *Gustata paululum aqua.* Assim serve o elemento da agua aos Reis dados por Deos: assim

servio a David; assim serve, e assim ha de servir ao nosso Rei nesta occasião. Já nos servio no mar, ha-nos de servir no rio, ha-nos de servir nas nuvens, ha-nos de servir na terra: que ainda que o tempo promette chuvas, e inundações, Deos he Senhor dos Ceos, e Creador das aguas: *Dominus Cœli, Creator aquarum.*

§ V.

E como o fim da presente empresa, sempre difficultoso, e contingente em qualquer poder humano, só na virtude do braço divino póde estar seguro, por isso a nossa Judith tão pia como prudentemente na sua oração não fazendo conta das forças humanas, põe toda a sua confiança na misericordia divina: *Exaudi me miseram deprecantem, & de tua misericordia præsumentem.*

Mas ou estas palavras as entendamos de Judith, quanto á letra, ou de nós, quanto á accommodação; parece que entre o rendido da piedade involvem o pusillanime da desconfiança. A Cidade de Betulia estava prevenida de fortificações, provida de bastimentos, e aparelhada á defensa. Pois porque se chora tanto Judith, e não duvida de representar a Deos o seu estado com o nome infimo de miseria: *Exaudi me miseram deprecantem?* Em nós serão

ainda mais de estranhar estes termos; porque verdadeiramente neste caso, fallando do Ceo abaixo, temos as maiores razões, que póde haver, para estar muito confiados, e esperar huma grande victoria. E senão discorrei hum pouco comigo, antes que responda.

Primeiramente que exercito entrou nunca em campanha com a confiança mais bem fundada no valor de seus Soldados, e muito mais na qualidade delles, que o nosso? A Josué disse Moysés, que escolhesse, e não que ajuntasse exercito: *Elige viros, & egressus, pugna contra Amalec. (Exod. 17. 9.)* O numero faz multidão: o valor, e o exercicio faz exercito. Assim que, posto que sejão tantos mil, não havemos de estimar os nossos Soldados por quantos, senão por quaes são. São aquelles exercitados Soldados, que tendo dilatado a patria em suas Conquistas, hão de mostrar agora quanto mais he pelejar nella, e por ella. São aquelles valerosos Portuguezes, que nos mesmos hombros, em que tomárão o Reino, ha cinco annos que sustentão as armas, tendo já tanto a guerra por exercicio, como a victoria por costume. São aquelles, (para deixar exemplos maiores) que sitiados por hum exercito sessenta em S. Aléxo, primeiro rendêrão todos a vida, que a praça: e acommettidos por outro exercito, oitenta em Jorumenha defendêrão a dez assal-

tos a praça, e mais as vidas. Para que entendão os exercitos de Castella, ainda que fôrão de Romanos, (o que nós não podemos negar nem ao seu valor, nem á sua sciencia militar, nem ao seu grande poder, nem ao nosso mesmo respeito, com que tudo isto reconhecemos), para que entendão, digo, que a menor Aldea de Portugal, quando se rende, he Numancia; e quando se defende, Carthago. Ao passar do rio Pado contra Annibal, para metter em confiança Scipião aos seus, lembrou-lhes que os Soldados, com que hião pelejar, erão aquelles, que tantas vezes tinhão vencido, e de quem já tinhão por prêmio da guerra Sicilia, e Sardenha: *Cum iis est vobis, milites, pugnandum, à quibus capta bellô præmia Siciliam, & Sardiniam habetis. (Tit. Liv. Dec. 3. l. 1.)* Daqui inferio o famoso Capitão: *Erit igitur in hoc certamine is vobis, illisque animus, qui victoribus, & victis esse solet*: e a mesma confiança póde levar por consequencia o nosso exercito. Vão pelejar os Portuguezes com aquelles, que muitas vezes em tempos passados, e algumas já nós presentes tem vencido, e de quem possuem por refens da victoria duas praças fortes, conquistadas, e conservadas em suas proprias terras. Finalmente os nossos Soldados são todos Portuguezes, os contrarios de nações diversas: e vai muito de pelejar com corações amorosos a resistir com braços compra-

dos. A David disse Saul que lhe daria a desejada posse de Michol, a quem muito amava, se lhe trouxesse cem cabeças de Filistheos. Entrou na batalha, e como pelejava com amor, trouxe duzentas. Que Portuguez haverá, que não seja David, se para cada hum a patria he a sua Michol? Nelles se comprirá o que disse Platão, que se se formasse hum exercito de namorados, seria invencivel.

Esta só consideração bastava para segurar a nossa confiança de todo receio. Mas que direi da Nobreza, e tanta Nobreza, de que se compõe, e illustra o nosso exercito? Quando David se offereceo para sahir a desafio com o Gigante, perguntou ElRei Saul a Abner, de que geração era aquelle moço: *Ex qua stirpe descendit hic adolescens*? (*1. Reg. 17. 55.*) E que importava a geração para o desafio? Importava muito; porque cada hum obra como quem he; e para Saul julgar, se sahiria vencedor, quiz-se informar se era honrado. Já David tinha dito a Saul que partira Ussos, e desqueixára Leões: e sobre tudo isto pergunta-lhe ainda o Rei pela geração; porque era melhor fiador da victoria o sangue nobre, que tinha, que o sangue bruto, que derramára. Os homens de inferior condição, ainda que sejão valerosos, pelejão sós: o nobre sempre peleja acompanhado; porque peleja com elle a lembrança de seus maiores, que he a melhor companhia. Em Ascanio

pelejava Eneas, e Heitor: em Pyrrho pelejava Achilles, e Peleo: nos Decios, nos Fabios, nos Scipiões pelejavão os famosos primogenitores de seus appellidos: e com tão animosos lados quem não ha de ser valente? A S. Joseph disse o Anjo, quando o vio temeroso, que se lembrasse que era Filho de David: *Joseph fili David, nolite timere.* (*Matt. 1. 20.*) Como ha de ter medo no coração, quem tem a David nas vêas? Até Christo quando houve de tirar a capa para entrar na batalha, diz o Texto que se lembrou de quem era Filho: *Sciens quia à Deo exivit, ponit vestimenta sua.* (*Joan. 13. 3. 4.*) E como Christo entrou na campanha com esta consideração, ainda que o amor da vida lhe fez seus protestos no Horto, em fim pelejou, derramou o sangue, morreo; mas morrendo triunfou da morte. Grandes premissas de confiança tem logo Portugal nesta occasião, pois tem toda a sua nobreza empenhada na gloria desta empreza. Com os ossos do grande Affonso de Albuquerque dizia ElRei Dom João o III. que tinha segura a India. E se estava segura a India com os ossos mortos de hum Capitão; quão seguro estará Portugal com o sangue vivo de tantos? Todos os que morrêrão nas Conquistas de Portugal, vivem hoje no sangue dos que assistem á defensa delle.

Acrescenta immensamente esta esperança, como

razão da maior, e mais alta esféra, a presença, e assistencia de Sua Magestade, que Deos guarde, que para dar calor, e alento a suas Armas, as quiz governar de mais perto. Quando o exercito delRei David houve de dar batalha ao de Absalão, diz o Texto que se deixou o Rei ficar na Côrte, e que não sahio á campanha, como costumava. Pois David, que era tão bellicoso, e não perdia occasião de guerra, porque não quiz esta vez dispôr a batalha, e que o exercito se governasse por suas ordens? Divinamente Santo Ambrosio: *David metuebat vincere:* David nesta batalha tinha medo de sahir com victoria; por isso não sahio. Notai. Esta batalha era contra Absalão filho do mesmo David, e como os pais sentem mais as perdas dos filhos, que as suas proprias, ainda que David mandava dar a batalha como Rei, temia que Absalão ficasse vencido, como pai. E porque David antes temia, que desejava a victoria, por isso nesta occasião se deixou ficar na Côrte, e não quiz sahir em campanha. Ficar o Rei na Côrte, he diligencia para ser vencido: sahir o Rei á campanha, he certeza de haver de ser vencedor. E como temos a ElRei na campanha, e não na Côrte, bem nos podemos prometter a victoria. Temos tudo o que os Israelitas desejavão, quando pedirão Rei a Deos. *Egredietur ante nos, & pugnabit bella nostra pro nobis. (1. Reg. 8. 20.)* Grave caso he

que tendo aquelles homens a Deos, que os governava na paz, e na guerra, se não dessem por contentes, e que sobre isto instassem ainda, e pedissem hum Rei, que sahisse com elles ás batalhas: mas o motivo, que tiverão, fôi, porque ainda que conhecião, que Deos he o Senhor das victorias, parecia-lhes que humanamente desta maneira as seguravão melhor. Ter a Deos no Ceo, e o Rei no campo, he ter a primeira causa, e mais as segundas.

Sobre tudo vai comnosco, e marcha no nosso exercito a justiça da nossa causa. Não sei se tendes reparado que o primeiro homem, que morreo neste mundo, fosse Abel. A morte he de fé que entrou no mundo em castigo do peccado: *Per peccatum mors, (Rom. 5. 12.)* diz S. Paulo. Supposto isto, parece que o primeiro morto havia de ser o primeiro peccador, e não o primeiro innocente. Pois se Abel era o primeiro innocente, e Adão o primeiro peccador; porque não quiz Deos que fosse o primeiro morto Adão, senão Abel? A razão foi, diz S. Basilio de Seleucia, porque na injustiça, com que a morte se introduzio no mundo, traçava Deos a victoria, com que a havia de lançar delle. O fim para que Deos veio ao mundo, foi vencer a morte: se a morte se introduzia por Adão, fazia guerra justa aos homens: pois por isso dispoz Deos que a

morte começasse tyrannicamente pela innocencia de Abel, para que sendo da parte da morte injusta a guerra, ficasse da parte de Christo segura a victoria. Tão certa he a victoria na justiça da causa, que o mesmo Deos parece que não podia vencer a morte, se ella nos fizera guerra justa. Oh que seguro temos nesta parte o bom successo de nossas Armas! Não ha guerra mais justa que a que hoje fazemos: justa pelo legitimo direito do Reino: justa pela satisfação dos damnos passados: justa pela defensa natural, e anticipada prevenção do futuro: e mais justa ainda na presente occasião, por sermos provocados. Como poderá logo faltar a victoria a tantas razões de justiça? Assim o assegurava São Bernardo aos Cavalleiros Templarios, e assim o podemos nós assegurar aos de Christo, San-Tiago, e Aviz, e ao Grão Mestre de todos.

Finalmente os dous ultimos fundamentos, que temos para esperar victoria, são as acções contrarias, e as nossas. Isto que agora direi parece que toca em arte de adevinhar; mas se he magica, a sagrada Escritura ma ensinou. Primeiramente digo que os nossos oppositores hão de ficar vencidos; porque quando vierão com o seu exercito, ficárão da banda de alem, e não passárão o Rio. Vai a prova. Estava Timotheo Capitão General dos Ammonitas com o seu exercito da banda d'aquem de hum Rio

esperando pelo exercito de Judas Machabeo, que marchava contra elle: e disse assim a seus Capitães: *Cum appropinquaverit Judas, & exercitus ejus ad torrentem aquæ; (1. Machab. 5. 40.)* Quando Judas, e seu exercito chegar á Ribeira: *si transierit ad nos prior, non poterimus sustinere eum: (Ibidem)* se passar desta banda do Rio, he sinal que lhe não poderemos resistir: *si autem timuerit transire, & posuerit castra extra flumen: (Ibid. 41.)* porém se elle recear passar, e aquartelar o seu exercito da outra parte: *transfretemus ad eos, & poterimus adversus illos: (Ibidem)* passemos o Rio da outra banda, porque he sinal que os havemos de vencer. Assim o disse Timotheo: e assim aconteceo; porque passando Judas primeiro o Rio, fôrão vencidos os Ammonitas. Pois se não se atrever o inimigo a passar o exercito da banda daquem do Rio, he sinal de haver de ficar vencido: vêde se tem bons pronosticos a nossa victoria, pois elle esteve tão fóra de passar o seu exercito a esta parte, que antes impossibilitou a passagem, quebrando a ponte. E assim como não passar elle o Rio he sinal de haver de ficar vencido; assim irmo-lo nós buscar a elle, he sinal de havermos de ser vencedores.

Como a materia he tão nova, e ao parecer difficil, quero ajuntar segunda prova. Quando Jonatas estava á vista do exercito dos Filistheos, disse ao

seu pagem da lança desta sorte: Se os inimigos nos disserem: *Manete donec veniamus. (1. Reg. 14. 9.)* Esperai que nós imos; não os acommettamos: porém se disserem: *Ascendite ad nos, (Ibid. 10.)* Vinde-nos buscar a nós; em tal caso, *ascendamus, quia tradidit eos Dominus in manibus nostris: hoc erit nobis signum: (Ibidem)* acommettamos animosamente, porque isto he sinal que nos quer Deos entregar o inimigo em nossas mãos. Da maneira que Jonatas o disse, succedeo. Porque esperando os Filistheos que elle os fosse buscar, acommetteo Jonatas, e ajudado da noite, e da confusão alcançou a mais prodigiosa victoria, que vio o mundo. O mesmo digo no nosso caso. Como o exercito Filistheo, posto que o seja em respeito de nós, vindo a Portugal nos não acommetteo nas nossas praças, e espera que nós o busquemos nas suas; razão temos, e bom annúncio de o fazer assim, e entrar confiadamente, porque isto he sinal que Deos os quer entregar nas nossas mãos: *Ascendamus, quia Dominus tradidit eos in manibus nostris: hoc nobis signum.*

§ VI.

Pois se Portugal (torne agora a nossa dúvida), se Portugal nesta occasião tem tantas, e tão bem fundadas razões para confiar, no poder do exerci-

to, no valor dos Soldados, na Nobreza, e obrigações dos que o seguem, na assistencia do Rei, na justiça da causa, e ainda nas mesmas acções contrarias, e nossas; como se representa a nossa Judith diante de Deos com tantas desconfianças humanas, como as que pudera ter no caso do maior desemparo, e da maior miseria: *Exaudi me miseram deprecantem, & de tua misericordia præsumentem?* Oh que prudente oração! Atégora vos fallei, Senhores, como a Portuguezes; agora, e daqui por diante, como a Christãos. Em todas as razões, que tenho dito, tiradas pela maior parte da vossa bocca, posto que as tenhais por verdadeiras, nenhum fundamento havemos de fazer, senão confiar sómente da misericordia de Deos: *De tua misericordia præsumentem:* porque esses apparatos, esses exercitos, essas forças humanas sem a misericordia divina tudo he miseria: *Exaudi me miseram deprecantem.*

David, aquelle Rei que de ambas as fortunas da guerra deixou ao mundo os maiores exemplos, estava em huma occasião de batalha com exercito superior em tudo ao de seus inimigos, e postrado diante de Deos, fez esta oração: *Domine Deus meus, in te speravi, salvum me fac ex omnibus persequentibus me, & libera me, nequando rapiat ut leo animam meam, dum non est, qui redimat, neque qui salvum faciat. (Ps. 7. 2. 3.)* Deos meu, e Se-

nhor meu, (diz David) só em vós espero: defendei-me, e livrai-me de meus inimigos, para que me não espedacem, e tirem a vida como leões: pois vêdes que não tenho quem me ajude, nem me defenda. Repara muito S. Chrysostomo nesta ultima clausula da oração de David, e contra ella, e contra elle replica assim: *Collegit exercitum, & multos secum habuit: quomodo ergo non est qui redimat, neque qui salvum faciat?* Se David tinha feito as maiores levas de gente: se David tinha comsigo o mais florente, e poderoso exercito: se David (que isso só bastára) se tinha a si mesmo, o seu valor, a sua experiencia, a sua espada; como diz, que não tem quem o ajude, nem o defenda? Bem diz David, responde Chrysostomo. *Quoniam me universum quidem orbem terrarum auxilii loco habet, nisi opem divinam fuerit assequutus.* Sabia David como Santo, e como Soldado, que ainda que tivesse comsigo conjuradas, e unidas todas as forças do mundo, se não tivesse a Deos de sua parte, nada lhe podião valer: por isso cercado de guardas, e de batalhões, e no meio do mais poderoso exercito, diz, e protesta a Deos com muita razão, que não tem quem o livre, nem o defenda: *Dum non est, qui redimat, neque qui salvum faciat.* Assim entendia David as materias da guerra: e assim as devemos nós entender, se queremos ter bom successo.

De tua misericordia præsumentes. Ponhamos toda a nossa confiança na misericordia divina, e façamo-nos dignos della, se queremos sahir com victoria. Humilhemo-nos diante de Deos: reconheçamos que de sua omnipotente mão depende todo nosso remedio: reverenciemos com temor seus occultos juizos: lembremo-nos de quantos Reinos, e Monarchias se perdêrão em hum dia, e em huma batalha. Pesemos bem quão offendida temos a infinita bondade, depois de tantas mercês: consideremos, e considere cada hum quanto está provocando sua divina justiça o desconcerto de nossas vidas: e procuremos todos com verdadeiro arrependimento, e firme proposito da emenda aplacar, e pôr da nossa parte o Ceo. Se assim o não fizermos (o dia he de fallar com toda a clareza) se assim o não fizermos, temamos, e tremamos, que nos poderá castigar a ira divina justissimamente, e dar-nos hum muito infelice successo. Não nos fiemos em exercitos, nem em valor, nem em experiencia, nem em victorias passadas, nem ainda na justiça da causa; e o que he mais, nem nos favores do Ceo, e milagres da nossa restauração; porque quanto maior he de nossa parte o empenho, tanto mais geral póde ser a desgraça; e quanto mais conhecidas são as mercês do Ceo, tanto será mais justificado o castigo.

Maior exercito era que o nosso o dos filhos de Israel, que constava de seiscentos mil Soldados; e porque offendérão a Deos com as Madianitas, fôrão vencidos de bem poucos homens. Mais valeroso, e mais experimentado Capitão, sem fazer aggravo aos nossos; era David que elles; e pelo adulterio de Bethsabé, e homicidio de Urias permittio Deos, que fogisse de hum rapaz com humas gadelhas louras. As mais prodigiosas victorias, com que nenhum homem assombrou o mundo, fôrão as que Samsão tinha alcançado dos Filistheos; e depois andava moendo em huma atafona, preso, e arrancados os olhos, porque se deixou prender, e cegar do amor de Dalilá. Ninguem fez nunca guerra tão justa como Josué, quando entrou pela terra de Promissão; porque as escrituras de que constava ser sua, erão as mesmas Escrituras sagradas, e por hum Soldado se atrever aos despojos de Jericó, que estavão consagrados a Deos, foi vencido o exercito nos muros de Hay. Nenhuma liberdade foi confirmada com mais evidentes milagres, nem continuada com maiores favores do Ceo, que a dos filhos de Israel, quando sahirão do cativeiro de Faraó; e porque fôrão ingratos a estes beneficios divinos, só dous homens de tantos mil entrárão na terra de Promissão. Eis-aqui como não ha razões humanas, nem ainda divinas, em que possamos fundar seguramente a espe-

rança de huma victoria, se nossos peccados a desmerecerem. Muitas prendas temos de Deos para esperar hum grande successo, mas muito mais causas temos em nós para temer hum grande castigo.

Confiamo-nos em que a nossa restauração he obra de Deos, e que Deos, que o fez, o ha de conservar; e eu assim o creio, e o espero; mas Deos he o mesmo agora, que foi desde principio do mundo. Quizera que me respondêra Portugal a dous exemplos. Tambem Deos tinha posto a Adão no Paraisb, e porque foi desobediente, o lançou delle em tres horas. Tambem Deos tinha libertado o Povo do cativeiro do Egypto, e porque lhe foi ingrato, o sepultou todo em hum deserto. Pois se Deos he este, e nós não somos melhores, que vãa confiança ha a nossa? Nós não nos mudamos, e queremos que se mude Deós? Cuidamos que ha de dispensar Deos comnosco no attributo de sua Justiça? Cuidamos que para nós, e por nós ha de mudar as leis de sua Providencia? Dizei-me, (que o não quero perguntar a outrem) qual foi a razão da parte de Deos, e qual a causa da parte nossa, por que nos tirou o mesmo Deos o Rei, e a liberdade, e nos teve cativos sessenta annos? Todos dizemos, e confessamos que pelos peccados de Portugal. Pois se Portugal se tem emendado tão pouco, como vemos: se os peccados são hoje os mesmos, e póde ser que

maiores que dantes; como queremos que nos favoreça hoje Deos pelas mesmas culpas, por que hontem nos castigava? Cuidamos que a justiça divina não tem mais que hum castigo? Sete vezes libertou Deos o Povo de Israel no tempo dos Juizes, e sete vezes o tornou a cativar; porque sete vezes tornárão em seus peccados. Ah Portugal, que te não temo de Castella, senão de ti mesmo! Poz Deos a Adão no Paraiso: *Ut operaretur, & custodiret illum: (Gen. 2. 15.)* para que trabalhasse, e o guardasse. E de quem o havia de guardar? pergunto eu. Dos homens? Não; porque os não havia. Dos animaes? Não; porque lhe erão sujeitos. Pois de quem havia de guardar Adão o Paraiso? Sabeis de quem? De si mesmo. E porque elle o não guardou de si, por isso o perdeo. Todos nos cansamos em guardar Portugal dos Castelhanos, e devêramo-nos cansar mais em o guardar de nós. Guardemos o nosso Reino de nós, que nós somos os que lhe fazemos a maior guerra. Por hum peccado perdeo Adão o Paraiso: por hum peccado perdêrão os Anjos o Ceo: por hum peccado perdeo Saul o Reino: por hum peccado perdeo Absalão o exercito; e nós cuidamos que com tantos peccados temos a conservação segura. Entramos por Castella com confiança de grandes victorias, e não sabemos quão grandes exercitos, e quão poderosos lá estão prevenidos, e arma-

dos contra nós. Elrei póz hum exercito em Portugal contra Castella, e cada hum de nós tem posto hum exercito em Castella contra Portugal. E que exercitos são estes? Os peccados de todos, e os de cada hum. Não são isto conceitos, nem encarecimentos, senão verdades de Fé. E se Deos nos abrira os olhos, nós veriamos os montes cubertos destes exercitos, como os vio Giezy, onde os não imaginava. *Circumdederunt me mala, quorum non est numerus, comprehenderunt me iniquitates meæ, & non potui ut viderem:* (*Ps. 30. 13.*) Eu (diz o Rei penitente) estava cercado de innumeraveis exercitos, que erão os peccados meus, e de meus vassallos; mas tão cégo que os não via. Estes são os exercitos, que temos contra nós em Castella: os peccados de cada hum de nós, os peccados de toda Lisboa, os peccados de todo Portugal.

Mas vejo que me dizeis, que se da parte de Castella estão contra nós os peccados de Portugal; tambem da parte de Portugal estão contra elles os peccados de Castella. A razão, e paridade he muito boa; porque a justiça divina he muito igual; mas com tudo não me consola. Se da parte de Castella, como da parte de Portugal, ha peccados, tambem da parte de Portugal, como da parte de Castella haverá castigos. Antigamente estavão unidos os Reinos de Israel, e de Juda debaixo do mesmo Rei,

como nós o estavamos: dividio-se do Reino de Juda o de Israel, como nós tambem fizemos, seguindo as partes de Roboão. E que se segnio dahi? Seguio-se que hum, e outro começárão a ter guerras entre si: e como em ambos os Reinos havia peccados, castigava-os Deos a ambos, não com exercitos estrangeiros, senão a hum com o outro. A Juda castigava-o com Israel; e a Israel castigava-o com Juda. Isto he o que eu receio: que, como em Castella, e Portugal ha peccados, queira Deos castigar a Castella com Portugal, e a Portugal com Castella. E nós estamos tão confiados que não sendo o que era Judith, esperamos de Deos o que ella pedia. Notai. Judith para si, e para os seus pedia misericordia: *de tua misericordia præsumentem:* e para os inimigos pedia ira: *cadat virtus eorum in iracundia tua:* e a sua petição era muito justa; porque os inimigos erão grandes peccadores, e os de Betulia estavão muito arrependidos. Porém que Portugal tendo tantos peccados como Castella, para Castella peça a ira, e para si a misericordia; he querer que Deos seja injusto. Se Deos está castigando peccados em Castella, queremos que pranie peccados em Portugal? Se ambos temos peccados, ambos teremos castigos. E acrescento eu que mais deve temer Portugal dos seus peccados, do que Castella dos seus. E porque? Porque os peccados de Castella são pec-

cados de gente castigada, e os peccados de Portugal de gente desagradecida. E estes provocão muito mais a ira divina. Tantas ingratidões sobre tantos beneficios! Tantos esquecimentos de Deos sobre tantas mercês de Deos! Deos quebrando as leis da natureza, e fazendo milagres por nós, e nós faltando a todas as leis da razão, commettendo tantas offensas contra Deos! Não conhece a Deos quem o não teme em tal estado. Que importa que Christo despregasse o braço, se nós lho tornamos a pregar com nossos peccados: *Iterum crucifigentes Filium Dei? (Hebr. 6. 6.)*

§ VII.

Este he, Senhores, sem affectação, e com a sinceridade devida a este lugar, o perigo em que estamos. Se o queremos remediar, como devemos querer todos, o remedio he hum só, mas que está em nossa mão. E que remedio he este? Emendar a vida, arrepender, e chorar muito de coração nossos peccados. Se matarmos estes inimigos, logo venceremos os outros. Cessem as paixões malditas da carne, que tantos exercitos tem perdido: cessem os odios, cessem as invejas, cessem as guerras intestinas da emulação: amemo-nos como proximos com huma caridade muito verdadeira, e muito Christãa. Ajudemos as armas dos nossos Soldados

com as da penitencia, do jejum, da oração, da esmola. Suas Magestades, e o Reino façáo algum voto a Deos, á imitação dos Santos Reis antigos, que por este meio propiciárão a misericordia divina. Sobre tudo façamos pazes com o mesmo Deos, e ponhamo-nos todos em sua graça com resolução, e firmissimos propositos de o não offender mais. E se assim o fizermos, eu prometto daqui em seu nome que nos ha de dar a victoria, e felice successo, que desejamos. Não he este empenho meu, senão da mesma verdade, e palavra divina, que não póde faltar, e assim o tem promettido no capitulo 26. do Levitico. *Si in præceptis meis ambulaveritis, & mandata mea custodieritis, persequemini inimicos vestros, & corruent coram vobis: (Levit. 26. 3. 7.)* Se fizerdes a minha vontade (diz Deos) e guardardes os meus preceitos, vencereis a vossos inimigos, e cahirão vencidos a vossos pés. E se o não fizermos assim? Ouvi agora, e tremei: *Quod si non audieritis me, & non feceritis omnia mandata mea, ponam faciem meam contra vos: corruetis coram hostibus vestris; & subjiciemini his qui oderunt vos: (Ibid. 14. 17.)* E se não me obedecerdes, nem guardardes minha lei, sereis vencidos de vossos inimigos, e ficareis sujeitos, e cativos daquelles, que tanto odio vos tem. Todas estas palavras são de fé: vêde se pódem faltar tanto pela parte da promessa,

como do ameaço. Pelo que, fieis Portuguezes, se o amor da patria, se o amor do Rei, se o amor das prendas, que todos tendes naquelle exercito: os irmãos, os pais, os filhos: se estes, e os outros parentescos ainda mais estreitos, vos merecem alguma cousa; não sejamos tão crueis contra elles, e contra nós mesmos, que com os nossos peccados estorvemos as misericordias divinas. Em nossas mãos está a victoria, pois em nossa liberdade está o não offender a Deos. Amemos a Deos ao menos por amor de nós: e tomemos por devação todos, para que Deos nos dê victoria, não o offender mortalmente jámais, e muito particularmente em quanto andar o nosso exercito em campanha. Quem ha tão imprudente, que offenda aquelle, de quem depende, e no mesmo tempo, em que mais depende? Pois se nesta occasião dependemos tanto de Deos, porque nos atreveremos a offendê-lo? Se fazemos pazes com Hollanda, para nos defender de Castella, porque não faremos pazes com Deos, para que o tenhamos por nós na mesma guerra? Façamos estas pazes; que não tem as difficuldades das outras, e estão na nossa mão. Ponhamo-nos todos na graça, e debaixo da protecção deste unico Senhor dos exercitos, e nenhum haja de nós, que nesta hora com todo o coração, e toda a alma, não capitule esta paz, e amizade perpétua, com hum proposito

muito firme, e irrevocavel de nunca mais offender a Deos, e sempre o amar, e servir.

Mas porque não he segura confiança a que se põe em corações humanos, ainda que se funde nos interesses de sua propria conservação; quero, Senhor, tornar-me só a vós como Judith, e esperar só em vossa infinita misericordia, e obrigá-la com vossas mesmas palavras, que são as ultimas da sua, e nossa oração. *Memento Domine testamenti tui*: Lembrai-vos, Senhor, do vosso testamento; lembrai-vos de vossas promessas. Hoje faz quatrocentos e cincoenta e dous annos que acabou a vida mortal ElRei Dom Affonso Henriques, fundador do Reino de Portugal: e hoje faz cinco annos (sem se advertir em tal concurso de tempo) que foi recebido nesta Côrte, e começou a reinar ElRei Dom João o Quarto, restaurador do mesmo Reino. Dia he este, Senhor, muito para vos trazer á memoria as promessas, que então fizestes ao primeiro Rei, e nelle ao ultimo, que tambem agora he o primeiro. Promettestes a ElRei Dom Affonso (como elle testemunhou, e jurou no seu testamento) que depois de attenuada sua descendencia porieis os olhos de vossa misericordia na decima sexta geração sua: *Usque ad decimam sextam generationem, in qua attenuabitur proles, & in ipsa sic attenuata ego respiciam, & videbo.* Sendo pois o Rei, por quem nos restauras-

tes, a mesma geração decima sexta; tempo he, Senhor, de pôrdes nella, e em nós os olhos de vossa divina misericordia, se não por nossos merecimentos, pelos muitos, e grandes daquelle Santo Rei, que tanto vos soube servir então, e obrigar para o futuro. Ponde os olhos, Senhor dos exercitos, no nosso exercito; e lembrai-vos que todo he daquelles Portuguezes, que no mesmo testamento escolhestes para Conquistadores de vossa Fé, e para debaixo de suas Armas levarem vosso santissimo nome ás gentes tão remotas, e estranhas, que antes de nós o não conhecião: *Ut portent nomen meum in exteras nationes.*

Este he, Senhor, o vosso testamento, e testamento he tambem vosso, que assim lhe chamastes, esse divinissimo Sacramento, em que estais presente. Sobre o testamento de vossa palavra, lembrai-vos tambem do testamento de vosso amor: *Memento Domine testamenti tui:* e mereça-nos esta lembrança, quando em tudo o mais nos falte o merecimento, o muito que esta Cidade, e este Reino entre todos os do mundo, e em todas as partes delle se assinala na veneração, e culto desse soberano mysterio. Em virtude desse sagrado pão, sendo visto descer do Ceo, foi tão forte a espada de Gedeão, que venceo os exercitos sem numero dos Madianitas. E este mesmo foi o exemplo, com que

animastes o primeiro Rei na mesma hora, em que vos mostrastes descuberto a seus olhos, e lhe mandastes tomar a Corôa, cuja perda, e restituição logo então lhe annunciastes. Os Soldados, e Capitães, que a defendem, todos vão armados com esse divino escudo, que levão dentro no peito: delle só esperão a fortaleza, e o valor, e a elle só promettem referir a victoria. Vossos são, e vosso o Reino por que pelejão. E pois o Rei, que está em campanha he o mesmo descendente, de quem dissestes: *Volo in te, & in semine tuo imperium mihi stabilire*: para estabelecimento, e conservação deste Reino, até que chegue á grandeza, que lhe promette o nome de Imperio vosso: *Memento Domine testamenti tui.*

FIM DO TOMO QUINTO

INDICE

PAG.

Sermão da Segunda Oitava da Paschoa 3
Sermão da Terceira Dominga post Epiphaniam. Na Sé de Lisboa 47
Sermão da Quarta Dominga depois da Paschoa 95
Sermão pelo Bom Successo de nossas Armas, tendo ElRei Dom João o IV. passado á Alem-Tejo, na Capella Real, Anno de 1645 157

SERMÕES

SELECTOS

DO PADRE ANTONIO VIEIRA

TOMO VI

LISBOA
EDITORES—ROLLAND & SEMIOND
3—RUA NOVA DOS MARTYRES—3
1875

Imprensa de J. G. de Sousa Neves—Rua da Atalaya, 65.

SERMAO

DA

PRIMEIRA SEXTA FEIRA DA QUARESMA

Em Lisboa, na Capella Real. Anno de 1649.

Ego autem dico vobis: Diligite inimicos vestros, benefacite his, qui oderunt vos, ut sitis filii Patris vestri, qui in cœlis est. Matth. 5.

§ I.

Difficultoso preceito! Difficultoso motivo! Difficultosa exemplo! Difficultoso preceito: *Diligite inimicos vestros.* Difficultoso motivo: *Ego autem dico vobis.* Difficultoso exemplo: *Ut sitis filii Patris vestri.* (*Matth. 5. 44. 45.*) Negar, ou desprezar a difficuldade, não he arte, nem valor, nem razão. Reconhecê-la, e impugná-la: confessá-la, e convencê-la, sim. Isto he o que pretendo fazer hoje: por isso a difficuldade do preceito ajuntei a dol motivo, e do

exemplo. Estas tres difficuldades, todas grandes, e cada huma maior, primeiro propostas, e encarecidas, depois impugnadas, e convencidas, serão, com a graça Divina, as tres partes de meu discurso. Oução-me com attenção os maiores, e os melhores; porque esses são os que tem mais inimigos.

§ II.

Começando pela primeira parte, he tão difficultoso preceito o de amar os inimigos, que em todas as Leis o repugnárão os homens, e se armárão contra esta Lei. Na Lei da Natureza a abominárão os Gentios: na Lei Escrita a descompuzerão os Judeos: na Lei da Graça a desprezão, e tem por affronta os Christãos. Abominárão tanto este preceito os Gentios, que o lançavão em rosto aos Christãos, como escreve S. Justino, e dizião que era lei barbara, irracional, e impossivel. He verdade, que na mesma Lei da Natureza a observou Job Edumeo, e Gentio; mas era Job o que a observou. *Si gavisus sum ad ruinam ejus qui me oderat, & exultavi quod invenisset eum malum.* (*Job. 31.29.*) Outros exemplos se achão deste amor nos Escritores Gentilicos; mas como bem o argue S. Gregório Nazianzeno, nos Historicos foi mentira, nos Oradores lisonja, e nos Filosofos vaidade. Assim o suppoz o

mesmo Christo hoje, quando disse: *Si enim dilexeritis eos, qui vos diligunt, nonne & Ethnici hoc faciunt? (Matth. 5. 46. 47.)*

Os Judeos tambem tinhão expressa esta Lei, como parte da Natural, e Moral. No capitulo vinte e tres do Exodo: *Si occurreris bovi inimici tui, aut asino erranti, reduc ad eum. (Exod. 23. 4.)* E no capitulo vinte e cinco dos Proverbios: *Si esurierit inimicus tuus, ciba illum. (Prov. 25. 21.)* Mas foi tanto o horror, que concebeo aquella gente, tanta a violencia, que experimentou, e tanto o odio, com que aborreceo este amor; que sem respeito a Moysés, nem a Deos, para mais coradamente quererem mal a seus inimigos, se fizerão inimigos da mesma Lei. Conservárão o Texto; mas adulterárão, e corrompêrão o sentido. Esta foi aquella glossa sem nome, que Christo hoje emendou tão antiga, como impia: *Audistis quia dictum est antiquis: Diliges proximum tuum, & odio habebis inimicum tuum. (Matth. 5. 43. 44.)*

Finalmente nós os Christãos, que professamos, crêmos, e adoramos o Evangelho, como o observamos nesta parte? Os odios públicos o dizem, e os occultos não o calão. Commosco fallou Christo, quando disse: *Ego autem dico vobis*; porque então prégou a sua Lei, e ensinou a todos a ser Christãos. Mas tem chegado a tal extremo de insania o des-

preso deste ponto, que honrando-nos da Lei, fazemos honra de a não guardar. Se fôramos verdadeiros Christãos, cessava entre nós este preceito; porque não havia de haver inimigos a quem amar. Assim o presumio Tertulliano, quando disse: *Christianus nullius est hostis.* Disse que nenhum Christão he inimigo: melhor dissera, que nenhum inimigo he Christão. Porém Christo, que tão interiormente conhecia a perversa inclinação da natureza humana, e tão experimentavelmente começava já a padecer em si mesmo a repugnancia, e difficuldade do que mandava; por isso suppoz, que sempre havia de haver inimigos: *Diligite inimicos vestros.*

Temos posto em campo contra a verdade, e equidade deste famoso preceito divididos em tres esquadrões, porém unidos no mesmo parecer, debaixo da bandeira da Lei de Natureza os Gentios; debaixo das taboas da Lei Escrita os Judeos; debaixo da Cruz, e Lei da Graça os Christãos; em summa, o genero humano todo. E na testa deste immenso exercito, como o Gigante Golias no dos Filistheos, desafiando a parte contraria, e blasonando, e defendendo a sua: quem? Não menos que a mesma razão natural, e humana, armada no peito de difficuldades, e na cabeça de impossiveis: e arguindo, e declamando fortemente assim. (Vêde se sendo eu o que hei de responder, lhe enfraqueço alguma força,

ou encubro, e dissimulo algum argumento dos que póde apertar, e encarecer.)

He possivel, (diz a razão revestida em cada hum de nós, ou cada hum de nós nella) he possivel que haja eu de amar a quem me aborrece; desejar bem a quem me faz todo o mal, que póde; honrar a quem me calumnia; interceder por quem me persegue; e não me desaffrontar de quem me affronta: e que tudo isto ha de caber em hum coração de barro? Abalão-se, e rebentão os montes; sahe de si o mar; enfurecem-se os ventos; fulminão as nuvens; escurece-se, e descompõe-se o Ceo; nem cabe em si mesmo o Mundo com quatro vapores insensiveis, que se levantão da terra: e que em hum vaso tão estreito, e tão sensitivo como o coração humano, hajão de caber juntas, e estar em paz todas estas contrariedades? Alma, corpo, que dizeis a este preceito? Ajunte-se a republica interior, e exterior do homem, chame a côrtes, ou a conselho todas suas potencias, todos seus sentidos, e sejão ouvidos nesta causa todos, pois toca a todos. Que he o que dizem? Todos repugnão, todos reclamão, todos se alterão, todos se unem, e conjurão em odio, e ruina do inimigo. A memoria sem jámais se esquecer, representa o aggravo: o entendimento pondera a offensa: a fantasia afea a injúria: a vontade implora, e impera a vingança. Salta o coração, bate o peito, mu-

dão-se as côres, chammeão os olhos, desfazem-se os dentes, escuma a boca, morde-se a lingua, arde a cólera, ferve o sangue, fumeão os espiritos, os pés, as mãos, os braços, tudo he ira, tudo fogo, tudo veneno.

Accende, e provoca esta batalha a trombeta da fama, dizendo, e bradando, que he honra: põe-se da parte do odio, e da vingança o Mundo todo, que assim o manda, que assim o julga, que assim o applaude, que assim o tem estabelecido por lei. Sobre tudo o tribunal supremo da razão assim o prova; porque amigo de amigos, e inimigo de inimigos, he voz, que soa justiça, merecimento, proporção, igualdade. Finalmente o mesmo Deos condemna a meu inimigo, porque he meu inimigo: pois se Deos o condemna, e aborrece, porque o hei de amar eu? Deos que isto manda, não he o Autor da natureza? E que faz a mesma natureza toda movida, e governada pelo mesmo Deos? Vingão-se por instincto natural as féras na terra: vingão-se as aves no ar: vingão-se os peixes no mar: vinga-se a mansidão dos animaes domesticos: vinga-se, e cabe ira em huma formiga: e basta que a natureza viva naquelles atomos, para que nelles offendida se doa, nelles aggravada morda, nelles tome satisfação da sua injuria. E se a natureza, onde he incapaz de razão, não he capaz de soffrer semrazões, que o

homem, creatura racional, a mais nobre, a mais viva, e a mais sensitiva de todas, com a balança da mesma razão no juizo, não haja de pesar aggravos, antes contra a força, e violencia do mesmo peso haja de pagar odios com amor: *Diligite inimicos vestros?* Não he homem, quem aqui não pasma, ou não diga olhando para si, Não posso.

§ III.

Estas são as difficuldades, que todos reconhecem, e chamão grandes neste preceito, que verdadeiramente he o grande. Mas com estarem tão declaradas, e por ventura encarecidas, eu espero mostrar, e demonstrar, que não só não he difficultoso, como parece, o amar aos inimigos, senão muito facil, e natural ao homem, e tanto mais, quanto for mais homem. Primeiramente isto de ter inimigos, he huma semrazão, ou injúria tão honrada, que ninguem se deve doer, ou offender della. Quem a não aceita como adulação, e lisonja de sua mesma fortuna, ou tem pequeno coração, ou pouco juizo. Se o ter inimigos he tentação, antes he tentação de vaidade, que de vingança. He motivo de dar graças a Deos, e não de lhe ter odio a elles. Sabeis porque vos querem mal vossos inimigos? Ordinariamente he, porque vêm em vós algum bem, que elles quizerão

ter, e lhes falta. A quem não tem bens, ninguem lhe quer mal. No nosso mesmo Texto o temos. Não só diz Christo, que amemos a nossos inimigos, senão tambem que lhes façamos bem: *Diligite inimicos vestros, & benefacite his, qui oderunt vos.* Esta segunda parte parece mais difficultosa que a primeira: e talvez não só difficultosa, senão impossivel; porque para amar basta a vontade, para fazer bem, he necessario ter com que o fazer. E se eu acaso fôr tão pobre, e miseravel que não tenha bem algum, como posso fazer bem a meus inimigos? Enganais-vos. Ninguem tem inimigos, que lhes não possa fazer bem; porque quem não tem bens, não tem inimigos. Tendes inimigos? pois algum bem tendes vós, por que elles vos querem mal. E porque esta supposição universalmente he certa; por isso Christo manda a todos os que tiverem inimigos, que não só os amem, senão que lhes fação bem: *Et benefacite his, qui oderunt vos.* Quem tem bens, assim como he certo que ha de ter inimigos, assim he certo que póde fazer bem.

O primeiro inimigo, que houve neste Mundo, foi Lucifer. Elle o primeiro traidor, que se revestio da serpente, elle o primeiro falsario, que enganou a Eva, elle o primeiro ladrão, e homicida, que não só roubou a Adão quanto possuia, mas até o despojou da mesma immortalidade. E porque quiz tanto mal

Lucifer a Adão, que lhe não tinha feito nenhum mal? Porque tinha Deos revelado ao mesmo Lucifer, que se havia de fazer homem, e não Anjo. Bem se vio na promessa da divindade: *Eritis sicut dii; (Gen. 3. 5.)* que essa era a espinha, que elle trazia atravessada na garganta: e como Adão teve aquella fortuna, que Lucifer pertendeo, e não póde alcançar, claro está que havia de ser seu inimigo. O primeiro inimigo tambem, que houve entre os homens, foi Caim: e porque teve tanto odio Caim a Abel, sendo seu irmão? Porque elle só podia offertar hortaliças, e Abel sacrificava cordeiros. Isto, e não a graça de Deos, era o que mais lhe doía, e quebrava os olhos, como cavador, emfim, que os não levantava da terra. O mesmo Caim se declarou, quando disse: *Ecce ejicis me à facie terræ & à facie tua abscondar. (Gen. 4. 14.)* E não debalde para executar o homicidio levou o irmão ao campo: *Egrediamur foras. (Ibid. 8.)* para que no mesmo lugar, onde pastavão os rebanhos, causa do odio, alli desafrontasse a sua inveja. Tambem Joseph padeceu os odios não de hum, mas de dez irmãos, entre os quaes, antes de o venderem, sempre andou vendido. E por que causa? Porque elle só valia mais que todos elles. Por isso era mais estimado do pai, e o trazia mais bem vestido que todos. Grande caso, que porque o seu pellote não era de panno da Serra, como o dos

losofo he: *Miserum te judico, quia nom fuisti miser:* Eu te julgo por infeliz, e desgraçado, porque nunca o foste. Este porque, antes de explicado, he difficultoso; mas depois de explicado, muito mais. Como póde hum homem ser desgraçado, porque o não he? Porque ha desgraças tão honradas, que tê-las, ou padecê-las, he ventura: não as ter, nem as padecer, he desgraça. E esta, de que fallava Seneca, qual era? Elle se explicou. *Transiisti sine adversario vitam.* Foste tão mofino, que passaste toda a vida sem ter inimigo. Não ter inimigos, tem-se por felicidade; mas he huma tal felicidade, que he melhor a desgraça de os ter, que a ventura de os não ter. Póde haver maior desgraça, que não ter hum homem bem algum digno de inveja? Pois isso he o que se argue de não ter inimigos: *Miserum te judico, quia non fuisti miser: transiisti sine adversario vitam.* Themistocles em seus primeiros annos andava muito triste; perguntado pela causa, sendo amado, e estimado, como era, de toda a Grecia, respondeo: Por isso mesmo. Sinal he o vêr-me amado de todos, que ainda não tenho feito acção tão honrada, que me grangeasse inimigos. Assim foi. Cresceo Themistocles, e com elle a fama de suas victorias: e não destruia tantos exercitos de inimigos na campanha, quantos se levantavão contra elle na Patria. Para que veião os odiados, ou pensionados do odio, se se de-

vem prezar, ou offender de ter inimigos. Aquelles inimigos erão as trombetas da fama de Themistocles: e os vossos são testemunhas em causa propria de vos ter dado Deos os bens, que lhes negou a elles.

§ IV.

Supposto pois que o ter inimigos, he pensão dos beneficios, que recebemos de Deos; segue-se saber a quem havemos de pagar esta pensão, e em que. A pensão havemo-la de pagar a Deos, que nos fez o beneficio: e a paga ha de ser em amor dos inimigos, que o mesmo Deos nos manda amar: *Diligite inimicos vestros.* Elles querem-vos mal pelos bens, em que Deos vos aventajou a elles? Pois vós haveis de pagar a pensão desses bens a Deos, em querer, e fazer bem aos que vos querem mal. Hum dos homens mais beneficiados de Deos, que houve neste Mundo, foi David; e huma das mais famosas acções de David, foi o desafio seu com o Gigante, e a victoria que alcançou delle. E que se seguio de huma façanha tão notavel, e tão importante á honra, á liberdade, e á conservação do Reino de Israel? Da parte delRei Saul foi a inveja, e o odio mortal contra David: e da parte de David o amor, e respeito, com que sempre guardou, e perdoou a vida a Saul. Tinha Deos dado licença a David, para que tirasse

a vida a Saul, a quem havia de succeder na Corôa: e elle que fez, tendo-o muitas vezes debaixo da lança? Sempre lhe guardou a vida muito melhor que os Capitães, e soldados da sua guarda. (*I. Reg. 26. 7. 14.*) Assim se vio naquella noite, em que estando Saul em campanha, David occultamente entrou na tenda Real, e dormindo elle, lhe tomou da cabeceira a lança, e com ella na mão bradou de fóra ao general Abnor, que guardasse melhor ao seu Rei. Esta acção antepõe S. João Chrysostomo justamente á do sacrificio de Abrahão, porque maior valor, e maior bizarria he não tirar hum homem a vida a seu inimigo, tendo licença de Deos, que tirar a vida a seu filho, sendo mandado por Deos.

Pois se Deos tinha dado esta licença a David, porque não usa della? Porque o mesmo Deos, que por huma parte lhe dava licença para que matasse a seu inimigo, por outra lhe atava as mãos para que o não fizesse. A licença de matar o inimigo era privilegio; o não o matar, antes amá-lo, e fazer-lhe bem, era lei geral: e David teve por melhor guardar a lei sem obrigação, que usar do privilegio; porque se o privilegio o desobrigava de se não vingar do odio de seu inimigo, a pensão de pagar, e agradecer a Deos a causa do mesmo odio, era nova circunstancia da mesma lei, que mais nobre, e mais apertadamente o obrigava a o amar, e lhe querer bem. Como se

dissera David: Qual foi a causa da inveja, e odio, com que me persegue Saul? Foi aquella singular mercê, que Deos me fez na victoria, que em seu nome alcancei do Gigante: pois já que Saul he tão ingrato, que me paga hum tão grande serviço com me querer mal, eu hei de ser tão agradecido a Deos, e á causa dessa mesma ingratidão, que a hei de pagar com lhe fazer bem. *Impensa gratus officio*, disse com profunda elegancia S. Zeno Veronense.

Julgue agora todo o homem, (e tanto mais, quanto for mais homem) se lhe consa difficultosa, e impossivel, antes muito facil, e natural, amar os inimigos, sendo este amor pensão dos beneficios de Deos, e os mesmos beneficios occasião desse odio. Pergunto: (e haja quem me responda) Esses bens por que vos não quereis bem vossos inimigos, quem vo-los deo? Deos. Pergunto mais: E esse preceito de amar os mesmos inimigos, quem vo-lo poz? Tambem Deos. Pois se vossos inimigos não vos amão por amor dos bens, que Deus vos deo; porque não amareis vós a essos inimigos por amor do Deos, que vos deo os bens? Se essos bens são poderosos para causar odio em quem os inveja, porque não serão poderosos para causar amor em quem os logra? Lograi-os, e não os queirais perder; porque quem não paga a pensão, merece que o privem do beneficio. O mesmo David o disse assim, e confessou diante de Deos: *Si red-*

didi retribuentibus mihi mala, decidam meritò ab inimicis meis inanis: (Psalm. 7. 5.) Se eu, Senhor, não dei a meus inimigos bem por mal, senão mal por mal, justamente me derrubareis do estado, em que me tendes posto, e me privareis, e despojareis de todos esses bens, que me tendes dado? *Decidam meritò ab inimicis meis inanis.* Reparemos muito naquelle *meritò*, justamente. E qual he o fundamento dessa justiça? He a lei do amor dos inimigos, e de querer, e fazer bem aos que nos querem mal. E como Deos nos dá os bens com esta pensão, e com esta obrigação, justamente são privados do beneficio os que não guardão a obrigação, e pensão com que lhes foi dado.

Pelo contrario, (notai muito o que quero dizer) pelo contrario, se guardardes a lei de amar os inimigos, não só vos não tirará Deos os bens, por que elles vos querem mal, senão que de tal sorte vos acrescentará os mesmos bens, que a vós serão prémio do vosso amor, e a elles castigo do seu odio. Lembra-me a este proposito hum discreto, e galante memorial presentado ao Emperador Domiciano, o qual dizia assim: Diz Marcial, que elle tem em Roma hum inimigo, o qual se doe muito das mercês, que Vossa Magestade lhe faz: Pede a Vossa Magestade lhas faça maiores, para que o dito seu inimigo se doa mais: *Da Cæsar tanto tu, magis ut doleat.*

Isto mesmo faz a justiça, e liberalidade Divina. Acrescenta os bens ao invejado, para maior castigo, e maior dôr do inimigo invejoso. Para que a prova mostrasse a coherencia, e consequencia natural deste discurso; quiz que no-la désse o mesmo David, e no mesmo Saul. Mas vindo á combinação do caso, achei que ainda prova mais do que eu tinha prometido; porque não só prova que acrescenta Deos os bens ao invejado, para maior castigo, e dôr do invejoso; mas que diminue, e tira tambem os bens ao invejoso, para maior honra, e vingança do invejado. Seja pois isto o que digo.

Quando David dentro na mesma cova, em que tinha a Saul já sepultado antes de morto, lhe perdoou a vida; disse-lhe Saul, que então conheceo, e soube de certo que elle havia de reinar, e Deos lhe havia de dar a sua corôa: *Scio quòd certissimè regnaturus sis. (1. Reg. 24. 21.)* Agora acabei de entender certissimamente que tu, e não eu, has de ser o Rei. E donde colheo Saul esta consequencia tão certa? De duas premissas: huma da sua parte, outra da parte de David. Da sua parte; porque Saul dava mal por bem a David: e da parte de David; porque elle dava bem por mal a Saul. E não podia haver mais justo prêmio para hum, nem mais justo castigo para outro, que acrescentar os bens ao invejado, para maior dôr do invejoso: e tirar os bens ao invejoso para

maior vingança do invejado. Não he isto interpretação de Doutores, senão Texto expresso da Escritura Sagrada no capitulo terceiro do segundo livro dos Reis. *Facta est longa concertatio inter domum Saul, & domum David: (2. Reg. 3, 1.)* Houve grande competencia entre a casa de Saul, e a casa de David. *David proficiscens, & se ipso semper robustior: (Ibid.)* David, e a sua casa sempre crescendo, e cada dia mais forte; *Domus autem Saul decrescens quotidie: (Ibid.)* E a casa de Saul sempre diminuindo, e cada dia mais fraca. Para que veião os que se amão a si, e desejão o seu augmento, e das suas casas, se he melhor ser inimigo, como Saul, ou amar os inimigos, como David.

E para que tambem neste exemplo passemos dos solios aos estados, onde não são menores os odios, e as invejas; Elcana Principe do povo de Israel, ao uso daquelles tempos, tinha duas mulheres, huma chamada Anna, esteril como Rachel, outra chamada Phenenna, fecunda como Lia. Anna triste pela sua desgraça encommendava-se a Deus, mas não queria mal a Phenenna: Phenenna soberba com a sua fortuna desprezava, e tratava mal a Anna. E qual foi o successo de ambas? Tambem he Texto expresso. *Donec sterilis peperit plurimos, & quæ multos habebat filios, infirmata est, (1. Reg. 2, 5.)* Trocou as mãos a Divina justiça, e a Phenenna tirou-lhe os fi-

lhos, que tinha, e a Anna deo-lhe os que não tinha. Mas com tal proporção, e energia da Divina justiça, diz a tradição dos Hebreos, que a cada filho, que nascia a Anna, morrião dous a Phenenna. Concórda com esta tradição muito ajustadamente a mesma Historia Sagrada; porque della consta, que os filhos, que tinha Phenenna, erão dez, e os que depois teve Anna forão cinco. De sorte que ao mesmo compasso, com que Deos hia favorecendo, e levantando a Anna, que não queria mal a Phenenna, hia justamente castigando, e abatendo a Phenenna, que tratava mal a Anna: até qui a que carecia de filhos, teve muitos; e a que contava tantos, ficou sem nenhum: *Donec sterilis peperit plurimos, & quæ multos habebat filios, infirmata est.*

Finalmente que de todo este discurso (mais largo do que eu pertendia) deve colher, e entender a natureza humana, em hum, e outro sexo, contra a razão enganada nas suas falsas balanças, contra o Mundo louco nas suas leis ignorantes, e vis, e contra o exemplo brutal, e indigno dos animaes; se he mais natural, mais util, mais facil, mais generoso, mais honrado, e descansado conselho, ou querer, e fazer mal aos que nos querem mal, ou querer, e fazer bem, e amar de coração, e de obras, como manda o preceito de Christo, a nossos inimigos: *Diligite inimicos vestros, & benefacite his, qui oderunt vos.*

§ V.

A esta primeira difficuldade do preceito segue-se a segunda do motivo: *Ego autem dico vobis*. Os antigos disserão: Sê amigo de teus amigos, e inimigo de teus inimigos: porém Eu, (diz Christo) digo o contrario. E em dizer Christo o contrario absoluto, e nuamente sem dar a razão do seu dito; aqui está a difficuldade. Se o Divino Mestre refuta, e condemna huma opinião tão antiga, e recebida, porque não dá a razão? Se o faz como Legislador, os Legisladores põem a lei, e dão a razão da lei, principalmente quando revogão huma, e promulgão, e introduzem outra. Pois se a lei de amar os proprios inimigos era tão nova, e se reputava por tão repugnante, e difficultosa a sua observancia; porque não declara Christo a razão, ou razões da justiça, da conveniencia, da importancia, da necessidade, e não dá outro motivo do que diz, senão, Eu o digo: *Ego autem dico vobis?*

Infinitas são as razões, e motivos, que o Senhor pudera dar para persuadir o que mandava. Ama a teu inimigo, (pudera dizer) para que elle tambem te ame; porque não ha modo, nem meio, nem diligencia, nem feitiço mais efficaz para ser amado, que amar. Ama a teu inimigo; porque amando a elle,

me amas a mim; e se elle te não merece que o ames, mereço-te. Eu que me ames nelle. Ama a teu inimigo; porque se elle te offende com o seu odio, mais te offendes tu com o teu: o teu te mette no inferno, e o seu não. Ama a teu inimigo; porque amigos já os não ha, e se não amares os inimigos, estará ociosa a tua vontade, que he a mais nobre potencia, e privarás o teu coração do exercicio mais natural, mais doce, e suave, que he o amar. Ama a teu inimigo; porque o não ajudes contra ti, e tenhas dous inimigos, hum que te queira mal, e outro que te faça o maior de todos. Ama a teu inimigo; porque se elle o faz com razão, deves emendar-te: e se contra razão, emenda-lo. Ama a teu inimigo; porque se o seu odio vil he filho da inveja, mostre o teu amor generoso, que por isso não he digno de vingança, senão de compaixão.

Ama a teu inimigo; porque ou elle he executor da Divina justiça para castigar a tua soberba; ou ministro da sua Providencia, para exercitar a tua paciencia, e coroar a tua constancia. Ama a teu inimigo; porque Deos perdoa a quem perdoa, e mais nos perdoa elle na menor offensa, do que nós ao odio de todo o Mundo nos maiores aggravos. Ama a teu inimigo; porque as settas do seu odio, se as recebes com outro odio, são de ferro, e se lhe respondes com amor, são de ouro. Ama a teu inimigo;

porque melhor he a paz, que a guerra; e nesta guerra a victoria he fraqueza, e o ficar vencido, triunfo. Ama a teu inimigo; porque elle em te querer mal imita o demonio; e tu em lhe querer bem pareces-te com Deos. Ama a teu inimigo; porque esse mesmo inimigo, se bem o consideras, he mais verdadeiro amigo teu, que os teus amigos: elle estranha, e condemna os teus defeitos, e elles os adulão, e lisongeão. Ama a teu inimigo; porque se o não queres amar, porque he inimigo, deve-lo amar, porque he homem. Ama a teu inimigo; porque se elle te parece mal, amando-o tu não serás como elle. Ama a teu inimigo; porque as maiores inimizades cura-as o tempo, e melhor he, que seja o Medico a razão, que o esquecimento. Ama a teu inimigo; porque os mais empenhados inimigos dão-se as mãos, se o manda o Rei, e o que se faz sem descredito, porque o manda o Rei; porque se não fará, porque o manda Deos? Finalmente, sem subir tão alto, ama a teu inimigo; porque ou elle he mais poderoso que tu, ou menos: se he menos poderoso, perdoa-lhe a elle; se he mais poderoso, perdoa-te a ti.

Esta ultima razão he de hum Filosofo gentio, Seneca, e outro tambem Filosofo, e gentio, e não menos discreto que elle, antes muito mais, e mais sólido. O grande Plutarco escreveo hum famoso, e dou-

tissimo tratado dos bens e utilidades, que o homem póde tirar do odio de seus inimigos. Se das féras, e serpentes tirárão tantas utilidades os homens, porque as não tirará a mansidão de huns da fereza dos outros? Hercules da pelle do Leão fez a sua maior gala: Salomão dos dentes do Elefante fez o seu throno: a medicina da cabeça da Vibora fez a melhor triága: e não ha veneno tão mortal, que calcinado, e temperado como convém, não se converta em antidoto. Pois se a Divindade, e humanidade de Christo tinha tantos motivos, ou conformes á natureza, ou superiores a ella, com que nos persuadir o amor dos inimigos; porque deixados todos, só disse: *Ego autem dico vobis?* Porque elle he o mais forte, o mais poderoso, e o mais efficaz motivo de todos. Ajuntem-se todos os Filosofos de Athenas, todos os Oradores de Roma, e o que he mais, todos os Profetas de Jerusalem: façáo discursos, inventem razões, excogitem argumentos, fórmem syllogismos, demonstrações, e evidencias para persuadir hum homem a que ame seus inimigos, todos estes motivos comparados com hum *Ego dico vobis* de Christo, não pésão hum atomo.

§ VI.

Pesemos, e consideremos bem o poder, ou a omnipotencia infinita, e immensa daquelle *Ego dico*. Antes da creação do Mundo não havia nada. Appareceo subitamente esta grande machina, que vemos; e quem a fez? A metade do nosso texto: *Ego dico*. O *vobis* ainda o não havia; porque não havia nada. E se não havia nada, como se fez tudo isto? Porque Deos o disse: *Ipse dixit, & facta sunt. (Psalm. 148. 6.)* Não havia Ceo; disse Deos: Faça-se o Ceo; e fez-se o Ceo: não havia terra; disse Deos: Faça-se a terra; e fez-se a terra: estava tudo ás escuras; disse Deos: Faça-se a luz; e fez-se a luz. Pois se o dizer de Deos he tão poderoso, que de nada fez tudo, e do não ser tirou o ser de todas as cousas; que motivo podia, nem póde haver tão poderoso para que de não ser amigos nos fizesse ser amigos, como, *Ego dico?* Quem he este *Ego?* He Deos infinito Ser: quem he este *Ego?* He Deos infinita Sabedoria: quem he este *Ego?* He Deos infinita Omnipotencia: quem he este *Ego?* He Deos infinita Verdade. Pois se hum só dizer deste *Ego: Ipse dixit*, bastou para dar todo o ser ao não ser; porque não bastará para que sejamos o que elle quer, depois de elle nos dar o ser, que temos?

Vêde o que fizerão todas as creaturas depois de Deos lhes dar o ser, bastando para que o fizessem, outro dizer sómente do mesmo Deos. Aqui entra já todo o nosso Texto: *Ego dico vobis.* Disse Deos á terra que produzisse as plantas sem outra semente, ou agua, que a regasse mais que a mesma palavra: e no mesmo ponto os montes, os valles, os campos se vestirão todos de verde, nascêrão as hervas, brotárão as flores, levantárão-se as arvores com os ramos cubertos, e sombrios de folhas, e carregados de tanta variedade de fructos. Disse ao elemento da agua, que produzisse os peixes, e as aves; e logo começárão a nadar nas mesmas aguas o vulgo dos peixes menores em cardumes de tão diversas côres, e figuras, huns lisos, outros encrespados de escamas: e no pégo mais profundo as Baléas, e os outros gigantes, e monstros do mar, como galeaças da natureza, remando com as barbatanas, e batendo, ou açoutando as ondas, como senhoras dellas. As aves, ou pintadas de diversas côres, ou vestidas de huma só, com liberdade de vagar por tres elementos; humas mais affectas á patria onde nascêrão, habitárão as ribeiras, os rios, os lagos; outras fabricárão seus ninhos entre a frescura das arvores; outras nos cerros mais altos, em quanto não havia torres, e todas reconhecêrão por Rainha a Aguia, porque ella só vôa, e sóbe direita até se esconder nas nuvens. As féras, que po-

voarão os bosques, as serpentes, que arrastando sahirão das covas, e os rebanhos innocentes, e pacificos, que cobrirão, e fecundárão os prados, tambem fôrão partos de hum só dizer de Deos á terra.

Mas se a terra, e a agua, os dous mais baixos, e grosseiros elementos produzirão tantos, tão varios, e tão admiraveis effeitos; o elemento do ar, e o do fogo, e sobre tudo os orbes celestes, tanto mais altos, e mais nobres, porque não produzírão cousa alguma? Porque Deos lho não disse. Se Deos dissera aos Ceos, que produzissem as estrellas, elles as produzirião; mas não as produzirão, porque o mesmo Deos, que já as tinha creado do nada, quando creou a luz, as poz, e repartio pelo firmamento: *(Posuit eas in firmamento cœli. (Gen. 1. 17.)* O mesmo se ha de entender dos dous elementos, ar, e fogo. Elles estéreis sem nada, os outros fecundos com tantas creaturas; porque o nada, e o que tem ser, tudo depende unicamente do dizer, ou não dizer de Deos. Admiravelmente o Evangelista S. João. Tanto que no principio nomeou o Verbo Divino, que he a palavra de Deos: *Et Verbum erat apud Deum: (Joan. 1. 1.)* logo acrescentou: *Omnia per ipsum facta sunt, & sine ipso factum est nihil (Ibid. 3.)* Tudo o que se fez, e o nada, que se fez, huma, e outra cousa dependeo totalmente do dizer, ou não dizer de Deos. Se Deos disse, por meio de sua palavra se fez tudo:

Omnia per ipsum facta sunt.: e se Deos não disse; porque faltou a sua palavra, se não fez nada, *& sine ipso factum est nihil.* E como do dizer, ou não dizer de Deos, dependem as existencias, e as negações; o tudo, e o nada; o ser, e o não ser das cousas; para os homens amarem a seus inimigos, como Christo lhes mandava: *Diligite inimicos vestros*: e para lhes não terem odio, como dizia a tradição dos antigos: *Odio habebis inimicum tuum*; para o tudo deste amor, e para o nada daquelle odio, nenhuma razão, ou motivo podia Christo allegar nem mais efficaz, nem mais forte, nem mais irrefragavel, que dizer: Eu o digo: *Ego autem dico vobis.*

Houve-se Christo (notai muito) com as nossas vontades para o amor dos inimigos, como se ha com os nossos entendimentos para os mysterios da Fé. Se perguntarmos aos Theologos, qual he o motivo, por que cremos os mysterios da Fé sem nenhuma duvida; respondem todos com S. Paulo, que o motivo (a que elles chamão objecto formal) he, *quia Deus dixit*, porque Deos o disse. Todas as outras razões (que tambem se chamão manuducções) bastão para conhecer o entendimento com evidencia, que os mysterios da Fé não são incriveis, antes que evidentemente são mais criveis que tudo o que propõem as seitas, e erros contrarios; mas para fazer hum acto verdadeiro, e sobrenatural de Fé, não ha, nem póde

haver outro motivo, senão, porque Deus o disse: *quia Deus dixit.* De maneira que quando Christo, para persuadir o amor dos inimigos, disse sómente: *Ego autem dico vobis*: quiz por modo altissimo, e verdadeiramente Divino, que o que he unico motivo da Fé, fosse tambem unico motivo da Caridade: e que a mesma Caridade nas repugnancias deste amor nos cativasse as vontades, assim como a Fé nas difficuldades dos seus mysterios nos cativa os entendimentos: *In captivitatem redigentes omnem intellectum in obsequium Christi (2. Cor. 10. 5.)*

Huma das maiores difficuldades da nossa Fé he o mysterio altissimo, e profundissimo da Santissima Trindade, em que confessamos a Deos por trino, e hum. Creio que o Padre he Deus, creio que o Filho he Deos, creio que o Espirito Santo he Deos, e crendo juntamente que estas tres Pessoas são realmente distinctas, creio outra vez, e mil vezes, que a Pessoa do Padre Deos, e a Pessoa do Filho Deos, e a Pessoa do Espirito Santo Deos, não são tres Deoses, senão hum só Deos. E alcança, ou comprehende o meu entendimento como isto he, ou póde ser? Não. Pois se o não entendo, nem o alcanço, como o creio, e com tal certeza, que darei por ella a vida? *Quia Deus dixit*: Porque Deos o disse: *Tres sunt qui testimonium dant in cœlo, Pater, Verbum, & Spiritus Sanctus, & hi tres unum sunt. (1.*

Joan. 5. 7.) Outra grande difficuldade da Fé, e mais sensivel ainda, he o mysterio occultissimo, e patente do Santissimo Sacramento do altar. A vista diz, que vê pão, o olfato que cheira pão, o gosto que gosta pão, o tacto que apalpa pão, e até o ouvido quando se parte a Hostia, que ouve pão: e eu rindo-me dos meus proprios sentidos, e do testemunho conteste de todos os cinco, creio que alli não ha substancia de pão, e que a substancia de que debaixo daquelles accidentes se occulta, inteira, e perfeita em qualquer parte minima delles, he todo o corpo de Christo. E porque creio firmissimamente tudo isto, que não vejo, nem sinto, contra o que parece que estou sentindo, e vendo? Porque o mesmo Christo o disse: *Hoc est Corpus meum.* Pois assim como este unico dizer de Christo he huma razão sobre todas as razões, hum motivo mais poderoso que todos os motivos, e huma escuridade mais clara que a luz do Sol, para em crer, e defender até a morte o que elle disse; assim o mesmo Senhor, e Legislador Divino para persuadir, e estabelecer nos corações dos homens o amor dos inimigos contra todas as difficuldades, repugnancias, e rebeldias da nossa inclinação, não podia, nem devia allegar outras razões, outros motivos, ou outras evidencias mais fortes, que dizer, Amai a vossos inimigos, porque eu sou o que o digo: *Ego autem dico vobis.*

§ VII.

Agora para confusão, e affronta dos que com nome de Christãos não obedecem á fé deste heroico motivo, oução o que por ventura não ouvirão. Fugio Jacob occultamente da casa de Labão seu sogro com as suas duas filhas, e tudo o que em seu serviço favorecido de Deos tinha em tantos annos acquirido. Chegou esta noticia a Labão, que estava ausente, e tendo o secreto da partida por traição, e o que levava comsigo Jacob por roubo, ajuntando huma grande tropa de parentes e criados, partio em seguimento delle, com animo de o despojar de quanto levava, e ainda da mesma vida: mas quando chegou subitamente á sua presença, que foi ao setimo dia, todo o susto de tão repentina, e estrondosa tempestade se resolveo nestas palavras: *Nunc quidem valet manus mea reddere tibi malum, sed Deus patris vestri heri dixit mihi; Cave ne loquaris contra Jacob quidquam durius. (Gen. 31. 29.)* Bem vês, ó Jacob, (lhe disse Labão) que tu fugitivo, e eu tão poderosamente armado neste deserto, te pudera fazer todo o mal, que quizesse, e tu me merecias; mas não o faço, porque o Deos de teus pais me disse hontem, que nem por obra, nem por palavra te desgostasse. Já estou vendo que todos tem reparado muito

não tanto nesta mudança tão súbita de Labão, quanto naquella palavra, *Deus patris vestri*. Não diz que não fazia mal a Jacob, porque lho disse Deos, senão porque lho disse o Deos de seus pais. E a razão desta differença he; porque o Deos, em que cria Labão, não era o Deos verdadeiro, em que cria Jacob, senão os seus idolos: por sinal que essa era huma das suas queixas, dizendo, que Jacob lhos levava roubados: *Cur furatus es deos meos?* (*Ibid. 30.*) E não era Jacob, senão sua filha Rachel a que lhos roubára. Pois se Labão era gentio, e idolatra, e não cria no Deos de Jacob, como fez tanto caso do que esse Deos não crido lhe disse: *Deus patris vestri dixit mihi?* Ide comparando este *dixit mihi*, com o *Dico vobis*. Mas ainda teve outra grande circunstancia este caso.

O modo com que Deos disse a Labão, que não offendesse a Jacob, foi em sonhos. Assim o affirma o Texto: *Vidit in somnis dicentem sibi, Deum: Cave ne quidquam asperè loquaris contra Jacob.* (*Ibid. 24.*) Pois se o dito era dito sonhado, e o Deos era Deos não crido; como fez tanto caso Labão do Deos, e do dito? Aqui vereis quanto póde, e quanta reverencia merece hum *Dixit mihi*, de Deos. Pergunto: Este homem Christo Jesu, que disse: *Ego autem dico vobis*: crêmos de Fé, que he verdadeiro Deos? Sim. E estas mesmas palavras, *Ego dico vo-*

bis, crêmos tambem de Fé, que esse Deos as disse? Tambem. Pois se a hum gentio idolatra offendido, poderoso, irado, e empenhado na vingança, hum dito sonhado de hum Deos não criado bastou para lhe refrear a paixão, amansar a ira, e atar as mãos, para que podendo se não vingasse, nem dissesse uma palavra aspera contra quem lhe tinha feito tantos aggravos, e tudo isto pelo respeito sómente de hum *Dixit mihi*; como póde tão pouco com a nossa Fé, e com as nossas inimizades o *Ego dico vobis* não só do Deos verdadeiro, mas do Deos, que deo a vida por seus inimigos?

Já eu me contentára com deixar á nossa consideração esta vergonhosa consequencia, por lhe não chamar impia: mas pois Deos, e a sua palavra he o offendido, seja tambem elle o que se queixe. Quando Nabucodonosor veio sitiar a Cidade de Jerusalem em tempo delRei Joachim, havia trezentos annos que nos desertos vizinhos habitavão como Ermitães hums pastores chamados Rechabitas, os quaes por temor dos inimigos se recolherão á Cidade. Então falou Deos ao Profeta Jeremias, e lhe disse que hospedasse hum dia aos Rechabitas em hum Conaculo do templo, e quando estivessem á mesa, lhes dissesse que bebessem do vinho, que nella lhes teria preparado. Fê-lo assim o Profeta, mas elles responderão, que não podião, nem havião de beber vinho; por-

que Jonadab filho de Rechab, de quem trazião o nome, e a origem, lho tinha prohibido: *Non bibemus vinum, quia Jonadab filius Rechab pater noster præcepit nobis, dicens: Non bibetis vinum vos, & filii vestri usque in sempiternum. (Jerem. 35. 6.)* Ouvida a resposta, esperava Jeremias o mysterio, e fim com que Deos lhe mandára fazer aquella experiencia. E a declaração do enigma, ou a segunda parte da parabola foi, que o mesmo Jeremias mandasse chamar os Magistrados da Cidade, e que com aquelle exemplo á vista lhes notificasse a grande razão, com que Deos tinha chamado o exercito de Nabuco executor de sua justiça para a destruição, e cativeiro de Jerusalem. As palavras da consequencia, e comminação Divina forão estas: *Nunquid non recipietis disciplinam, ut obediatis verbis meis, dicit Dominus? (Ibid. 13. 14.)* He possivel, diz Deos, que tão pouco respeito, e tão pouca obediencia se ha de guardar em Jerusalem ao que Eu digo? *Præcepta rabit sermones Jonadab filii Rechab, quos præcepit filiis suis, ut non biberent vinum; & non biberunt usque ad diem hanc: Ego autem loquutus sum ad vos de mane consurgens, & loquens; & non obedistis mihi.* Com os filhos de Rechab Moabitas, e gentios poderão tanto as palavras de Jonadab, que prohibindo-lhes huma coisa, que he licita a todos os homens, haverá tantos centos de annos, a observa-

sempre até hoje: e que Eu (diz Deos) falando aos filhos de Israel desde pela manhã até noite, e prohibindo-lhes o que não he licito a nenhum homem, nenhum caso fação do que lhes digo? Tanto respeito ao que diz Jonadab, e tão pouco ao que diz Deos? Vêde se o *Ego autem loquutus sum ad vos*, he o mesmo que *Ego autem dico vobis*.

Assim como os Ninivitas se hão de levantar no dia do juizo contra os Judeos, porque elles crêrão ao que disse Jonas, e os Judeos não crião o que dizia Christo: assim os Rechabitas se hão de levantar naquelle dia contra Jerusalem, porque elles crêrão, e observárão o que lhes disse Jonadab, e Jerusalem não cria, nem observava o que dizia Deos. E contra nós os Christãos quem se levantará? Os Turcos. O mesmo preceito de não beber vinho, que pôz Jonadab aos Rechabitas, pôz Mafoma aos seus sequazes. E que maior affronta, e vergonha da Christandade, que resistir o Turco ao seu appetite, e á sua sede, porque o manda o Alcorão, e o disse Mafoma; e não mortificar o Christão a sua paixão, e o seu odio, porque o prega o Evangelho, e o diz Christo? Mas não é necessario ir tão longe, nem sahir de casa. Sabeis quem se ha de levantar contra nós no dia do juizo? Nós mesmos. Dizei-me: E se estais tão offendido, e tão aggravado de vosso inimigo; porque vos não vingais? Por me não perder. Bem.

E porque beijais aquella mão, que desejais ver cortada? Porque depende della. Melhor. E porque lisongeais com a boca este, e aquelle, que aborreceis com o coração? Porque assim importa ás minhas conveniencias. Pois o que fazeis por essa politica vil, baixa, e infame, não o fareis porque o manda Christo? Desengane-se qualquer outro amor dos inimigos, ainda que fosse verdadeiro por outras causas, que todo he hypocrisia, e vileza. Só he racional, virtuoso, e Christão, o que não tem outro motivo, nem outro porque, senão porque Christo o disse: *Ego autem dico vobis.*

§ VIII.

Vencida a dificuldade do preceito, e do motivo, resta só a terceira, e ultima, e a mais difficil de todas, que he o exemplo. O exemplo para imitar o amor dos inimigos, com que o Divino Mestre conclue a sua doutrina, não he outro, nem menor, que o do mesmo Deos seu Pai, e nosso: *Ut sitis filii Patris vestri, qui in cœlis est. (Matth. 5. 45.)* Mas esta mesma soberania, e Divindade do exemplo he a que o faz mais difficultoso, não por ser tão alto, e sublime; mas porque he totalmente contrario, e repugnante á propria imitação, que persuade. A imitação ha de ser tão parecida ao exemplo, e o exem-

plo, tão semelhante á imitação, como a idéa, e o ideado, o original, e a cópia, a representação, e a cousa representada. E entre o amor dos inimigos, a que Deos obriga o homem, ha tanta differença da parte do homem, e tanta repugnancia da parte de Deos, não quanta póde haver entre hum amor, e outro amor, senão quanta ha com toda a propriedade entre o verdadeiro amor, e o verdadeiro odio. Logo nem Deos póde ser exemplo ao homem, nem o homem póde imitar a Deos no amor dos inimigos. Os inimigos de Deos são os que estão em peccado, e fóra da sua graça: e assim como Deos ama aos seus amigos: *Ego diligentes me diligo: (Prov. 8. 17.)* assim não ama a seus inimigos, antes os aborrece, e lhes tem odio. *Altissimus odio habet peccatores. (Eccli. 12. 13)* diz o Ecclesiastico: e o Psalmista: *Odisti omnes, qui operantur iniquitatem. (Psalm. 5. 7.)* Logo se Deos não ama a seus inimigos, antes os aborrece, e lhes tem odio, como póde dar exemplo, nem ser exemplo aos homens de como hão de amar a seus inimigos? Esta he a grande difficuldade do exemplo, que a Divina Sabedoria de Christo nos propõe, a que eu antes quizera ouvir a resposta, que ter obrigação de a dar. Mas a grande reparo, grande solução.

Digo primeiramente que nos propõe Christo por exemplo a Deos, que não ama a seus inimigos, quando nos manda que os amemos; porque he tal a bon-

dade de Deos, que póde o seu odio servir de exemplo ao nosso amor. Assim fará o nosso amor, se chegar a se parecer com o seu aborrecimento. De maneira que a força, a energia, e a alma desta razão vem a ser: Sêde dos amigos vossos inimigos, assim como Deos he inimigo dos seus. Considerai a Deos não com amor, senão com odio aos homens, e quando o vosso amor imitar o seu odio, então satisfareis ao meu preceito; porque se tratardes a vossos inimigos como Deos trata aos seus, amareis mais finamente os vossos inimigos, do que amais a vossos amigos. Esta he a minha resposta. E se não tenho bem declarado a força do exemplo de Christo, outro exemplo de Deos com odio, e dos homens com amor o declarará melhor.

Libertados os filhos de Israel do cativeiro do Egypto, fundirão, e adorárão no deserto o idolo do bezerro: e offendeo-se Deos tanto não só da cegueira, mas da ingratidão de tão abominavel gente, que se resolveo a lhes tirar a vida a todos, e os sepultar naquelle mesmo deserto. Deo parte da sua resolução a Moysés, que estava com o mesmo Senhor no monte, revelando-lhe o que em sua ausencia tinhão commettido: porém Moysés, pondo-se da parte do povo, resistio á sentença de Deos com taes réplicas, e instancias de huma, e outra parte, como se entre os dous se déra huma bem jogada

batalha. Deos dizia, que havia de castigar, Moysés replicava que não: Deos allegava pela sua affronta, Moysés allegava pelo credito, e fama do nome de Deos: Deos promettia acrescentar a Moysés, Moysés instáva que não se havia de diminuir o povo: Deos fallando com Moysés, chamava-lhe o povo teu, como quem o lançava de si; e Moysés fallando com Deos, chama-lhe, Senhor, o povo vosso, como quem o queria interessar no perdão, e conservação de cousa sua: finalmente a contenda se accendeo de parte a parte de tal sorte, que nas palavras, e no que disserão Deos, e Moysés, Deos parece que excedeo os termos do seu proprio decóro, e Moysés os da sua sujeição, e obediencia, e ainda os da estimação, que fazia da graça de Deos. E como, ou por que termos? Porque Deos como se fôra homem, em cujo peito tivesse lugar a paixão, e ella o fizesse sahir fóra de si, disse a Moysés: Deixa-me, que quero desta vez desafogar a minha ira, e o meu furor: *Dimitte me, ut irascatur furor meus. (Exod. 32. 10.)* E Moysés tão grande privado de Deos, como se estimára mais o perdão do povo, que a privança, e graça do mesmo Deos, disse: Ou haveis de perdoar ao povo este peccado, ou quando não, riscar-me dos vossos livros, em que tendes escrito o meu nome: *Aut dimitte eis hanc noxam, aut dele me de libro tuo, quem scripsisti. (Ibid. 31. 32.)*

Este foi no Monte Sinai o processo da batalha ao som de trombetas, de trovões, e raios, de que só forão testemunhas os Anjos. E qual foi o fim? Da parte de Deos não podia haver maiores demonstrações de ira, de abórrecimento, de ódio: da parte de Moysés pelo contrario os empenhos da piedade, da benevolencia, e do amor, tambem não podião ser maiores, nem mais encarecidos. E o fim destes dous extremos tão encontrados quaes fôrão. Fôrão taes, que se não pudérão crer, nem imaginar, se a verdade infallivel do Texto Sagrado não declarára o successo. Deos com todo aquelle odio perdoou a todos: *Placatus est Dominus, ne faceret malum, quod loquutus fuerat adversus populum suum. (Exod. 32. 14.)* E Moysés com todo aquelle amor, desce do monte, convoca os Levitas, tira pela espada, e matou naquelle mesmo dia vinte e tres mil homens do mesmo povo: *Cecideruntque in die illa quasi viginti tria millia hominum. (Ibid. 28.)* Ha tal fim? Ha tal caso? Ha tal mudança? Mudou-se Deos? Mudou-se Moysés? Ou são os mesmos? Os mesmos são, não se mudárão: mas estes são os odios de Deos, e estes os amores dos homens. Este he Deos, quando mais inimigo; e estes os homens, quando mais amigos. Pela experiencia desta fermosa verdade, e em confirmação della disse com profundo juizo S. João Chrysostomo: *Utilior est homini Deus iratus, quàm*

homo propitius: Que melhor he para os homens, e mais util Deos irado, que o homem propicio: Deos com odio, que o homem com amor. E como o odio de Deos, quando mais empenhado, tem tanto melhores effeitos, que o amor dos homens; por isso a Divina Sabedoria de Christo quando nos manda amar aos inimigos, nos põe por exemplo a Deos, quando não ama; porque quando chegarmos a ser inimigos como Deos, seremos mais que amigos como homens.

§ IX.

Esta foi a súbita apprehensão da minha resposta, e do exemplo della. Mas ouçamos a do Divino Mestre, que não só se ouve, mas se vê com os olhos. Definio Christo Senhor nosso o amor não com Aristoteles pela vontade de querer o bem, senão pela obra, e verdade de o fazer: *Benefacite*. A Escola de Aristoteles diz: *Amare est velle bonum alicui*: e a Escola de Christo por boca do melhor discipulo della: *Diligamus opere, & veritate.* (*1. Joan. 3. 18.*) Daqui se segue, que assim como Deos he o melhor exemplar do amor dos amigos, assim he o melhor, e mais verdadeiro exemplo do amor dos inimigos. Agora entra o allegado por Christo tão claro como a luz do Sol, e como o elemento mais claro. *Qui solem suum oriri facit super bonos, & malos, & pluit su-*

por justos, e injustos. (*Matth. 5. 45.*) Amai, e fazei bem a vossos inimigos, (diz o Soberano Legislador) para que sejais filhos de vosso Pai, que está no Ceo: o qual faz nascer o seu Sol sobre os bons, e sobre os máos, e descer a sua chuva sobre os justos, e sobre os injustos. Os bons, e os justos são os amigos de Deos; os máos, e os injustos são os seus inimigos: e he tal a bondade, e beneficencia do mesmo Deos, que com amor, ou com odio, que aos amigos, e inimigos sem differença communica igualmente os seus thesouros. Se nasce o seu Sol, para todos nasce; se desce a sua chuva, para todos desce. Bem pudéra Deos fazer, que só para os bons, e justos houvesse luz, e para os máos, e injustos trévas: como no Egypto os Hebreos estavão allumiados, e os Egypcios ás escuras. E do mesmo modo, como lhe pedia o Real Prophet David, bem pudéra negar a chuva aos montes de Gelboé, e dá-la abundantemente aos outros montes. Mas posto que os bons, e os justos sejão os seus amigos, e os máos, e os injustos os seus inimigos, sobre o que lhe merecem bons, e sobre o que lhe desmerecem os outros, quer que assentem igualmente os seus beneficios.

Deixado porém o Sol no Ceo, e a chuva nas nuvens, passemos á terra, e a toda a terra, onde morão os inimigos de Deos, e onde se vêm mais va-

ria, e opulentamente beneficiados de sua mão. Em todo este Mundo quantos são os amigos de Deos, e quantos os seus inimigos? Os amigos são muito poucos, e os que se conservão sempre em sua amizade, e graça, sem cahir em seu odio, rarissimos. Pelo contrario os inimigos de Deos, e os que vivem perpetuamente em seu odio, não tem numero. Estes são os Hereges, e os Scismaticos; estes os Mahometanos, e os Judeos; estes os Gentios, e Atheos; estes os Apostatas, e máos Christãos. E a insolencia de todos estes armados do odio, que tem ao supremo, e eterno Deos, está sempre subindo, e fazendo guerra ao Céo á escala vista com as suas ingratidões, com as suas injurias, com as suas affrontas, com as suas blasfemias, de pensamento, de palavra, de obra: *Superbia eorum, qui te oderunt, ascendit semper.* (*Psalm. 73. 23.*) E quem he o que lá desfaz, ou suspende estas tremendas exhalações, e vapores, para que não desção sobre o Mundo em raios, senão o braço, ou coração do mesmo Deos com as indulgencias do seu odio? Elle he o que os soffre, elle he o que os dissimula, elle he o que tem mão em si, e na sua justa ira. Mas não para aqui. Esse mesmo Deos, que aos seus inimigos deo o ser, antes de o poderem ter merecido, lhes dá a vida, lhes conserva a saude, lhes accrescenta as riquezas, as honras, os Estados, os Reinos, e os Imperios:

como se para a distribuição dos bens, ou da natureza, ou da fortuna (sendo elle Senhor de ambas) os bons, e os máos todos fôrão bons, ou justos, e os injustos todos fôram justos, e os amigos, e inimigos todos fôrão amigos. He verdade que nos affectos do ódio, ou amor de Deos ha a differença de amados, ou aborrecidos: mas nos effeitos da beneficencia do mesmo Deos tão favorecidos, e tão mimosos, buns, e os outros, como se os amados, e aborrecidos todos fôrão amados.

Já nesta geral indifferença, com que Deos faz bem igualmente aos amigos, que estão em sua graça, e aos inimigos, que estão em seu ódio, ficava bem demonstrada a verdade, e excellencia do soberano exemplar, que o Filho de Deos propõe ao mesmo Deos aos homens, para que imitando-o, como bons filhos a tal Pai: *Ut sitis filii Patris vestri*, saibão com effeito amar, e amem a seus inimigos. Mas como o amor dos inimigos he mais alto, e elle só heroico (para que vejam quem he Deos, e quaes nós devemos ser neste ponto) atrevo-me a dizer, que posto Deos entre amigos, e inimigos, da huma parte os que estão em seu amor, e da outra os que estão em seu ódio: se tomarmos bem as medidas aos seus favores, maiores são os que faz sem embargo do seu ódio aos inimigos, que sem respeito do seu amor aos amigos. Não me atrevêra a dizer tanto, se não

fallára em proprios termos pela boca de hum Profeta, e pela penna de hum Apostolo.

O Profeta Malachias fallando em nome de Deos, ou Deos fallando por boca do mesmo Profeta, diz: *Dilexi Jacob, Esau autem odio habui: (Malach. 1. 3.)* Eu amei a Jacob, e tive odio a Esau. E S. Paulo escrevendo aos Romanos, e fallando Deos pela sua penna, repete a mesma sentença pelas mesmas palavras: *Jacob dilexi, Esau autem odio habui. (Rom. 9. 13.)* De sorte que em dous Textos, hum do Testamento Velho, e outro do Novo, temos expresso o odio de Deos, e o amor de Deos e as pessoas huma amada, outra aborrecida, não occultas, senão declaradas por seu proprio nome, Jacob, e Esau. Agora vamos á Historia Sagrada, e vejamos o que fez Deos a Esau com odio de Esau, e o que fez a Jacob com amor de Jacob.

O que mais estima a felicidade humana, he vida, riqueza, honra. Quanto á vida, assim como Jacob, e Esau nascêrão na mesma hora, assim acabárão a vida da mesma idade, e essa tão estendida, que não se podião queixar das Parcas; porque Jacob conta que morreo de cento e quarenta e cinco annos. Quanto á riqueza, ambos crescêrão tanto na multiplicação, e fecundidade dos gados, que criavão os seus pastores, e erão as mattas, e thesouros daquelle bom tempo, que por não caberem nos campos foi

necessario que as duas poderosas familias se dividissem, como dividirão, habitando, e dominando Jacob as terras de Canaan, e Esau as de Edom, e Seir. Até aqui nem o odio, nem o amor de Deos se distinguirão nos effeitos, e o odiado, e o amado continuarão a sua peregrinação (que assim lhe chama a Escritura) tão irmãos na fortuna, como no sangue.

Mas vindo ao ponto da honra, que he o de maior estimação, e reparo, tendo já as duas familias crescido a ser duas nações, ou duas gentes, (como Deos revelou á mãi de ambos, quando ainda os trazia no ventre: *Duæ gentes sunt in utero tuo). (Gen. 25. 23.)* foi mui notavel a grandeza, e magestade, com que a descendencia de Esau se aventajou á de Jacob. Trocando o nome de Edom, chamárão se os descendentes de Esau Edomeos; e governando-se toda a nação humas vezes como Republica, outras como Monarchia, sempre os descendentes, e netos de Esau forão os Principes soberanos della, ou na Republica com titulo de Duques, ou na Monarchia com magestade, e corôa de Reis. E posto que em semelhantes successões costuma haver muitas mudanças, e quebras, esta foi tão continuada de pais a filhos sempre no mesmo dominio, que quando Moysés a escreveo no capitulo trinta e seis do Genesis, já o numero dos Duques tinhão sido onze, e o dos Reis coroados nove. E o que de nenhum modo se

deve passar em silencio, he, que o segundo destes Reis, e bisneto de Esau, ainda em sua vida, foi o famosissimo Job, que tanto pela constancia na adversa fortuna, como pela moderação na prospera, podia fazer insigne, e memoravel qualquer Reino dos maiores do Mundo. E quem pudéra esperar, nem imaginar taes excessos de felicidade na pessoa, e descendencia de hum homem, do qual disse o mesmo Deos, que lhe tinha odio: *Esau odio habui?*

O reparo porém mais notavel, e digno de admiração nesta mesma historia, he a advertencia, e reflexão, com que a Escritura Sagrada começa a escrever o catalogo dos Reis descendentes de Esau. *Reges autem, qui regnaverunt in terra Edom, antequam haberent Regem filii Israel, fuerunt hi.* (*Gen. 36. 31.*) Quer dizer: Estes fôrão os Reis filhos de Esau, antes que os filhos de Jacob tivessem Rei. Por ventura que não ha outra semelhante reflexão em toda a Historia Sagrada. Primeiramente Moysés não podia notar esta differença sem particular revelação de Deos; porque quando os filhos de Jacob tiverão o primeiro Rei, que foi Saul, havia de ser mais de quinhentos annos depois deste tempo. Pois por que razão, ou com que mysterio fez Deos esta revelação a Moysés, e lhe mandou fazer esta reflexão, e notar esta grande differença entre os filhos de Jacob, em materia tão relevante nas

gerações do Mundo, qual he ser Reis, ou dos Reis? Para que entendessem os que isto ouvião de ler, que o odio de Deos he tão benefico, tão generoso, tão heroico, e tão inclinado á fazer bem a seus inimigos, que não só póde competir com o amor do mesmo Deos em respeito de seus amigos, mas adiantar-se, e vencê-lo em materias de tanto preço, e tanto peso, como forão neste caso a dignidade Real, e o tempo della.

O tempo, quanto vai de quinhentos annos antes, ou quinhentos depois a dignidade, quanto vai de ser Reis, e dentre Reis, ou não ter Rei? Isto he o que o odio de Deos a Esau, foi a Esau; e isto o que o amor de Deos a Jacob, não fez a Jacob. Para que se veja, quão mal fundada era a difficuldade de não poder Deos com o seu exemplo ensinar o amor dos inimigos, pois elle os não ama, antes tem odio. He verdade que Deos tem odio a seus inimigos, mas he hum odio, que dá largas vidas, hum odio, que dá immensas riquezas, he hum odio, que dá sceptros e coroas aos que não ama. Faz isto alguma cousa digo odio, sendo do que entre os homens se chama amor? O amor mais natural, e mais devido he o dos pais aos filhos, e o dos filhos aos pais; e David sendo pai, creou o Reino a seu filho Adonias; e Absalão sendo filho, tirou o Reino a David seu pai. Estes forão os segundos Reis da despendencia

de Jacób, os quaes só conservárão o Reino inteiro até a terceira geração, conservando-se os de descendencia de Esaú, não só em tantas gerações, como as do catalogo de Moysés, senão em muitas outras, que depois dellas se continuárão, e seguirão.

Tão heroica he a beneficencia de Deos em preferir os inimigos aos amigos, ainda sobre a confissão expressa do amor, que lhe merecem os amigos, e do odio, que tem aos inimigos: a Jacob, *Dilexi*, a Esaú, *Odio habui*. E porque nós não podemos imitar o exemplar de Deos, como neste caso, em dar sceptros, e berços; concluamos o nosso discurso com outro não menos heroico, nem menos generoso, senão mais. E qual he, ou póde ser este acto? Que aos inimigos, de quem fomos mais offendidos, esses amemos mais. Attenção.

He Theologia certa, que Deos podia remir o genero humano por hum homem, ou por hum Anjo; e porque se deliberou, e decretou no Conselho Divino, que o remisse Deos por si mesmo? Porque o peccado de Adão na desobediencia não só offendeo a soberania de Deos, senão que directa, e mais formalmente offendeo a sua Divindade, querendo, e crendo, que podia ser como Deos: *Eritis sicut*

dii. (*Gen.* 3, 5.) E como a Divindade naquelle caso foi a mais offendida, á mesma Divindade pertencia o perdão, e o remedio do inimigo, que o offendera, e por isso o mesmo Deos foi o Redemptor. Assim o resolve, e ensina toda a mesma Theologia com o Doutor Angelico Santo Thomás. Mas ainda aqui não está totalmente satisfeita a fineza do Divino Exemplar. Na Divindade o Padre he Deos, o Filho he Deos, e o Espirito Santo he Deos; e tão offendido foi Deos no Padre, como no Filho, tão offendido no Filho, como no Espirito Santo, e tão offendido no Espirito Santo, como no Padre; porque foi logo o Redemptor não a Pessoa do Padre, nem a do Espirito Santo, senão a do Filho? Pela mesma razão.

O attributo, em que Adão quiz ser semelhante a Deos, foi na sabedoria de todas as coisas: *Eritis sicut dii, scientes bonum, & malum.* (*Ibid.*) Assim o disse o demonio, e assim o creo, e quiz Adão. Ao ponto agora. Nas tres Pessoas Divinas da Santissima Trindade, ao Padre attribue-se a Omnipotencia, ao Filho a Sabedoria, ao Espirito Santo a Bondade: e como na Pessoa do Filho, a que se attribue a Sabedoria, foi maior, e dobrada a offensa do peccado de Adão, huma vez offendido na Divindade, *Eritis sicut dii*, outra vez offendido na Sabedoria, *scientes bonum, & malum*, por isso foi tambem

no mesmo Filho maior, e dobrada a obrigação de ser elle, e não outra Pessoa Divina, o que procurasse o perdão, o remedio, e todo o bem do mesmo Adão, que o offendera. Finalmente porque este exemplo de havermos de amar, e fazer bem aos inimigos, quanto mais offendidos delles, se acabe de verificar em Deos na Pessoa do Filho, esse foi o altissimo mysterio, com que o mesmo Filho, em quanto homem, pondo-nos por exemplo a Deos, acrescentou que o haviamos de imitar como filhos do mesmo Pai, que he o que a Pessoa do mesmo Filho fez: *Ut sitis filii Patris vestri, qui in cœlis est.*

Vejo porem, que pegando nesta ultima clausula, *Qui in cœlis est*, não faltará quem diga, que estas Divindades, e finezas de amor são lá para o Ceo, e não para a terra, onde os nossos affectos, e ainda os nossos pensamentos são tão grosseiros como ella. Mas para confusão da mesma terra, e dos que parece não nascerão para o Ceo, acabo com lhes mostrar, que o dictame de pertencer aos mais offendidos serem elles os que amem, e fação bem aos que os offenderão, he tão conforme á razão em toda a parte, que até no inferno se entende assim. Ardendo no inferno o Rico Avarento, olhou para cima, e vendo a Lazaro entre os outros moradores daquelle arrabalde do Ceo, chamado Seio de Abrahão, disse desta maneira, fallando com elle: *Pater Abra-*

ham, mitte Lazarum, ut intingat extremum digiti sui in aquam, ut refrigeret linguam meam, quia crucior in hac flamma. (*Luc. 16. 24.*) Pai Abrahão, mandai a Lazaro, que me venha refrigerar a lingua ao menos com hum dedo molhado na agua, porque me atormenta muito este fogo. Cada palavra destas podia ser meditação de huma eternidade. Só reparo naquelle *Mitte Lazarum*. Mandai a Lazaro. Em todo o Seio de Abrahão não havia pessoa, de quem menos devesse esperar o Rico Avarento este soccorro, e obra de caridade, do que de Lazaro; porque Lazaro era aquelle coberto de chagas, que jazia á sua porta, morto de fome, a quem o Rico Avarento tantas vezes offendia todos os dias, quantas se assentava á mesa, sem lhe permittir as migalhas, que della cahião, quantas sahia, ou entrava pela sua porta, quantas via as suas chagas, quantas ouvia os seus gemidos, e quantas sabia, que os seus cães lhe lambião as feridas.

Pois se tantos outros homens havia no Seio de Abrahão, de cuja piedade podia esperar o Rico Avarento aquelle soccorro, e só Lazaro era o que tantas vezes, e continuamente tinha a sua crueldade offendido; porque só a elle nomea, e só delle confia o remedio, e alivio, que pede? Porque entendeo aquelle homem posto no inferno, e posto que condemnado, que o amar, e fazer bem aos inimigos

pertence aos que maiores offensas tem recebido delles: e como Lazaro entre todos era o mais offendido, elle era o que na occasião se havia de mostrar mais amigo. Este exemplo do inferno não teve effeito; porque lá todos os desejos se convertem em desesperações. O que importa he, que os que lá não quizerem ir acabar de entender os desenganos desta verdade, levantem os olhos ao Ceo, onde está aquelle Pai, cujo exemplo nos manda Christo imitar: tendo por certo, que se imitarmos o amor, ou amoroso odio, com que Deos não faz mal, senão bem á seus inimigos; na terra seremos seus filhos por graça, e no Ceo por gloria: *Ut sitis filii Patris vestri, qui in cœlis est.*

SERMÃO

DA

QUINTA DOMINGA DA QUARESMA

Em Lisboa, na Capella Real. Anno de 1655.

Quis ex vobis arguet me de peccato? Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi? Joan. 8.

§ I.

A huma Côrte, e seus Principes, á Côrte de Jerusalem, e aos Principes dos Sacerdotes prégou Christo hoje hum Sermão, cujo exordio em duas clausulas he o que eu tomei por thema. O Sermão já naquelle tempo accommodando-se ao lugar, e aos ouvintes, foi de hum famoso Acto da Fé contra os Judeos. Na primeira clausula provou-lhes o Senhor que era o Messias: na segunda convenceo-os, e condemnou-os de o não crerem. *Quis ex vobis arguet*

me de peccato? Quem de vós me arguirá de peccado? Nesta pergunta, a que não podião responder, nem replicar, provou Christo com evidencia que era o Messias; porque homem sem peccado ninguem o foi, nem podia ser, senão hum homem que fosse juntamente Deos, qual era o Messias promettido na Lei. E se eu, (continúa a segunda clausula) e se eu sou o Messias, e como verdadeiro Messias vos digo a verdade: *Si veritatem dico vobis*; porque me não credes a mim: *Quare non creditis mihi? (João. 8. 46.)* Se eu sou o esperado, porque não sou crido? Se a vossa esperança he esta; porque não concordais a vossa fé com a vossa esperança? Dai a razão que não tendes, nem podeis ter: *Quare, quare?*

A minha obrigação hoje, como sempre, he seguir o exemplo de Christo, e o Texto do Evangelho. E sendo o tempo, o lugar, e o auditorio tão diverso, qual será o Sermão? Nas circunstancias será tambem diverso; mas no assumpto o mesmo. O assumpto do Sermão de Christo foi de hum Acto de Fé contra os Judeos; o meu será de outro Acto de Fé, não contra os Judeos, senão contra os Christãos. Brama a bondade, e misericordia Divina que se não verifique tambem em nós a maldição do Povo Judaico; que tendo olhos não vejão, tendo ouvidos não oução, e tendo, ou devendo ter entendimento, não entendão: *Excæca cor populi hujus, &c.*

eius aggrava: & oculos eius claude; ne forte videat oculis suis, & auribus suis audiat, & corde suo intelligat. (*Isai. 6. 10.*)

§ II.

Deixados os Judeos que não crêm a Christo como verdadeiro Messias, e fallando com os Christãos que o crêmos, confessamos, e adoramos, com as mesmas palavras convence o Divino Prégador a humas e a outros; mas muito mais forte, e muito mais efficazmente aos Christãos: *Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi?* Que diz Christo aos Judeos? Se vos digo a verdade, porque me não crêdes? Que diz Christo aos Christãos? Se crêdes a verdade que vos digo, porque a não obrais? Os Judeos errão em não concordar a sua fé com a sua esperança: os Christãos errão em não concordar a sua vida com a sua Fé: e qual he maior erro, e maior asneira? Não ha duvida que a dos Christãos. Porque? Porque a fé he das cousas que não se vêm: *Argumentum non apparentium*; e o não crer póde ter alguma desculpa nos olhos: porém crer huma cousa, e obrar o contrario, nenhuma desculpa póde ter nem apparencia de razão ainda falsa. Aqui nos aperta a nós mais que aos Judeos aquelle *quare*. *Quare?* Por que razão? Dai-a cá. Todos os que aqui

estamos, por mercê de Deos, somos homens, e somos Christãos: em quanto Christãos somos obrigados a ter Fé; em quanto homens, somos obrigados a dar a razão: e se eu tenho razão para crer o que Christo diz, que razão posso ter para não fazer o que Christo diz? Se tenho razão para dar a vida pela Fé, que razão posso ter para não concordar a Fé com a vida?

Dito he antigo, e como verdadeiro, e discreto muito celebrado, que na Christandade não havia de haver mais que duas prisões, a dos carceres do Santo Officio, e a da casa dos Orates. Porque hum homem qualquer que seja, ou tem Fé, ou não tem Fé: se não tem Fé, he herege, e pertence aos carceres do Santo Officio: se tem Fé, e crê que ha Deos, e Ceo, e Inferno, e com tudo vive, como se o não crêra, he rematadamente doudo, e pertence á casa dos Orates. Os Judeos do nosso Evangelho, de hũma, e outra censura, e de hũma, e outra pena se mostrárão bem merecedores. Quanto á fé, e ao *creditis*, não só negárão a fé de Christo, *non creditis mihi*; mas á sua infidelidade acrescentárão blasfemias: *Nonne bene dicimus nos, quia Samaritanus es tu, & dæmonium habes?* (*Joan. 8. 48.*) De sorte que no mesmo Acto da Fé, e no mesmo Cadafalso, se pela infidelidade merecião a fogueira, pela blasfemia merecião a mordaça. E quanto ao juizo, e ao

uso da razão, *quare*! diz o Texto que tomárão pedras para atirarem a Christo: *Tulerunt ergo lapides, ut jacerent in eum.* (*Ibid. 59.*) No sagrado do Templo nem as pedras erão tão meudas, nem tão soltas, que as pudessem tomar alli: sinal he logo que já as trazião consigo. Vêde se merecião ser levados á casa dos Orates, pois não só erão doudos, senão doudos de pedras?

Passemos agora de Jerusalem á Christandade. Por ventura he melhor o nosso uso da razão, que o seu *quare*? he melhor a nossa Fé, que o seu *non creditis*? Não crêr, he ter o entendimento cêgo, e obstinado: crêr huma cousa, e obrar outra, he totalmente não ter entendimento: se não temos entendimento, não somos homens: se não temos Fé, não somos Christãos. Que somos logo? Terrivel consequencia huma, e outra! Se não somos homens, quando muito somos animaes: se não somos Christãos, e Catholicos, quando menos somos hereges. Não me atreverá a dizer tanto, se não tivera experimentado ambas estas consequencias, e visto ambas com os olhos. Nesta ultima viagem: (Seja-me licita a narração do caso, que por raro, e proprio do intento, he bem notavel.) Nesta ultima viagem minha, que foi das Ilhas a Lisboa, em que aquella travessa no Inverno he huma das mais trabalhosas: o navio era de hereges, e hereges o Piloto, e Marinheiros: os

passageiros eramos alguns Religiosos de differentes Religiões, e grande quantidade daquelles musicos Insulanos, que com os nossos rouxinoes, e pintasilgos vem cá a fazer o côro de quatro vozes, canarios, e melros. As tempestades fôrão mais que ordinarias, mas os effeitos que nellas notei, verdadeiramente admiraveis. Os Religiosos todos estavamos occupados em orações, e Ladainhas, em fazer votos ao Ceo, e exprobrações ás ondas, em lançar reliquias ao mar, e sobre tudo em actos de contrição, confessando nos como para morrer huma, e muitas vezes. Os Marinheiros, como hereges, com as machadinhas ao pé dos mastos comião, e bebião alegremente mais que nunca, e zombavão das nossas que elles chamavão ceremonias. Os passarinhos no mesmo tempo com o sonido que o vento fazia nas enxarcias, como se aquellas cordas fôrão de instrumentos musicos, desfazião-se em cantar. Oh valha-me Deos! Se o trabalho, e o temor não levasse toda a attenção, quem se não admiraria neste passo de effeitos tão varios, e tão encontrados, sendo a causa a mesma? Todos no mesmo navio, todos na mesma tempestade, todos no mesmo perigo, e huns a cantar, outros a zombar, outros a orar, e chorar? Sim. Os passarinhos cantavão, porque não tinhão entendimento: os hereges zombavão, porque não tinhão Fé: e nós que tinhamos Fé, e entendimento, bradavamos ao Ceo,

batiamos nos peitos, choravamos nossos pecados.

Isto he o que eu vi, e passei, e isto mesmo o que nós não vemos, estando no mesmo, e em peior, e mais perigoso estado. A travessia da terra para o Ceo, e da vida morta para a eternidade, o mar he este mundo: os navegantes somos todos: o navio o corpo de cada hum, tão fraco, e de tão pouca resistencia por todos os costados, e a tempestade, e as ondas muito maiores: *Ascendunt usque ad Cælos, & descendunt usque ad abyssos:* (Ps. 106. 26.) são tão grandes, tão immensas as ondas, diz David, que humas sobem até o Ceo, e outras descem aos abysmos. Isto que nos Poetas he hyperbole, no Profeta he verdade pura, e certa sem encarecimento. Se quando a onda vos afoga, estais em graça, põe-vos no Ceo: *Ascendunt usque ad Cælos:* se quando vos sossobra, e tolhe a respiração, estais em peccado, mette-vos no inferno: *Descendunt usque ad abyssos.* E que no meio de hum perigo mais que horrivel, e tremendo, em que o menos que se perde he a vida, huns não temão, e cantem, outros zombem, e não façaõ caso, e sejão tão poucos os que se compunjão, e tratem de salvação? Sim outra vez, porque os menos são os que tem entendimento, e Fé: os demais nem tem Fé, nem entendimento. Era já que todos nos embar-

cados no mesmo navio, pergunte-se cada hum a si mesmo, a qual destas partes pertence. Sou dos que cantão? Sou dos que zombão, ou sou dos que chorão? Sou dos Christãos, e Catholicos, ou sou dos hereges? Sou dos homens com uso de razão, ou dos irracionaes? Que as avesinhas não reconheção o perigo da vida, não alcança mais o seu instincto: que os hereges não tenão a estreiteza da conta, esta he a esquiveira da sua infidelidade; mas que hum homem Christão no meio destes dous perigos com a morte, e a conta diante dos olhos, acate mesmo tempo esteja cantando ao som dos ventos, e zombando ao balanço das ondas! Christão, onde está a tua Fé? homem, onde está o teu entendimento? Se tens uso de razão, dá cá a razão: *Quare, quare?*

§ III

He tão difficultosa, e tão impossivel esta razão, que nenhum homem ha, nem houve, nem haverá, que por mais voltas que dê ao entendimento, a possa dar, não digo verdadeira, e sólida, mas nem ainda falsa, e apparente. Se consultardes os bons, e os justos que caminhão pela estrada real da verdade, e da virtude, todos hão de dizer, e dizem constantemente que a vida se ha de concordar com a Fé. E se fizerdes a mesma pergunta aos máos, e

aos pessimos que seguem os caminhos do erro, e os precipicios da infidelidade, até estes se não resolverem que a vida se ha de conformar com a Fé, ao menos hão de dizer que a Fé se ha de conformar com a vida. Ouví agora huma notavel ponderação, e tão certa, como admiravel. Sendo a Fé huma só Fé, assim como Deos he hum só Deos: *Unus Deus, una Fides.* (*Ephes. 4. 5.*) qual he o fundamento, ou motivos por que os homens se dividirão em tantas seitas? Não ha dúvida que se lhes cavarmos ao pé, e lhes buscarmos as raizes, acharemos que todas se semeárão nos vicios, e delles brotárão, e nascêrão. Primeiro se depravárão as vontades, e depois se perverterão os entendimentos. Epicuro era delicioso, Maforna era torpe, Luthero, e Calvino erão relaxados da sua profissão, e depois depravados em tudo. Vinde cá máos homens, sêde embora máos, e viciosos, vivei embora, ou na má hora á vossa vontade, largai a rédea a vossos appetites; mas não façais nem inventeis novas seitas. Epicuro seja quão delicioso quizer; mas não negue a Deos o attributo da justiça, para que os homens tenhão por bemaventurança as delicias. Maforna seja tão torpe, e tão abominavel como fôr; mas não faça tambem torpe o Ceo, para que os homens esperem na bemaventurança os torpezas. Luthero, e Calvino vivêo tão viciosa, e depravadamente como vivêrão,

mas não ensinem que o sangue de Christo nos ha de salvar sem cooperação nossa, para que os homens crêão que póde haver salvação, e bemaventurança sem obras. Pois se estes homens podião fartar a bruteza dos seus appetites sem aggravo, nem mudança da Fé, porque a mudárão tão cégamente, e formárão seitas tão barbaras e tão novas?

Aqui vereis como não ha entendimento tão depravado, e tão cégo, nem erro tão irracional, e tão aborrivel, que dictasse, ou admittisse jámais que a vida não havia de concordar com a Fé. A vida, dizião elles, necessariamente ha de concordar com a Fé: nós não queremos mudar a vida, senão continuar em nossos vicios; que faremos logo? Não temos outro meio, senão trocar os mesmos extremos, e mudar a Fé, porque desta maneira, já que a vida não concorda com a Fé, ao menos a Fé concordará com a vida. Não queremos fazer vida nova? pois façamos Fé nova: e assim o fazião. Assim o fez na Gentilidade Epicuro: assim o fez no Paganismo Marcion: assim o fizerão na Christandade Luthero, e Calvino: e se tornarmos ao Acto da Fé dos Judeus, assim o tinhão elles já feito muito antes de todos.

No Capitulo 32 do Deuteronomio, parte referindo o passado, e parte profetizando o futuro, se queixa Moyses de que tivessem os Povo de Israel deoses novos, que seus pais não tinhão conhecido. Immo-

laverunt diis, quos ignorabant: novi recentesque venerunt, quos non coluerunt patres eorum. (Deut. 32. 17.) O Deos antigo, e verdadeiro em que crêrão seus paes, era aquelle que pelos honrar, e se honrar delles, se chamava. *Deus Abraham, Deus Isaac, & Deus Jacob. (Exod. 3. 6.)* E donde aos filhos de Abrahão, Isaac, e Jacob, deixado o Deos antigo, e verdadeiro, lhes vierão estes deoses novos, e falsos; *Novi, recentesque venerunt?* Vierão-lhes do Egypto; vierão-lhes de Canaan, e vierão-lhes da mesma terra de Israel. Vierão-lhes do Egypto; porque esquecidos da doutrina de Joseph, imitárão as largezas, e intemperanças dos Egypcios, e adorárão os deoses do Egypto. Vierão-lhes de Canaan; porque desprezada a Lei que já tinhão recebido de Moysés, sem freio de lei, nem razão, seguirão as cegueiras, e vicios dos Cananeos, e adorárão os deoses de Canaan. Vierão-lhes da mesma terra de Israel; porque abraçando os preceitos impiamente politicos de Jeroboão, deixavão o unico Templo de Deos verdadeiro em Jerusalem, e em todos os montes, e bosques levantavão altares aos idolos da gentilidade, e se fartavão das torpezas, e abominações dos seus sacrificios. De sorte que não fôrão os primeiros que vierão os deoses novos, senão os vicios novos: nem foi a fé, ou superstição nova a que ensinou o modo de viver novo; mas a novi-

dade das vidas, e dos costumes foi a que introduzio a novidade dos deoses: *Novi recentesque venerunt.*

Aqui se deve notar de caminho huma advertencia digna de grande reparo, e de grande doutrina, e desengano para os que ainda não acabão de crêr em Christo; e he, com quanta verdade disse David ser cegueira propria dos Judeos não só errar na Fé, senão errar sempre: *Ei dixi, Semper hi errant corde. (Ps. 94. 10.)* Vêde-o no tempo passado, e no presente. De maneira, filhos de Abrahão, Isaac, e Jacob, que no tempo da Lei Velha buscavéis deoses novos: *Novi recentesque venerunt;* e no templo da Lei Nova buscais, e adorais o Deos velho? Não he isto errar sempre? Respondem que não: e parece que dizem bem; porque os Judeos deste tempo não adorão idolos. E se não adorão idolos como seus antepassados, o que elles confessão, e não pódem negar; que he o que adorão? Dizem que adorão a unidade de Deos, que he a frase com que se explicão em toda a parte. Agora torno eu a perguntar: E esse Deos, cuja unidade adorais, confessais tambem que he Trino? Não. E esse Deos, cuja unidade adorais, confessais tambem que se fez homem? Não. Logo tão idolatras sois agora, como fostes antigamente; porque adorar o Deos verdadeiro, negando que he Trino, e adorar o Deos verdadeiro

negando que se fez homem, he adorar hum deos que não ha, he adorar hum deos fingido, e falso, que he a verdadeira idolatria. E senão, vamos á experiencia. A verdadeira Fé entre os Judeos nunca chegou a durar quarenta annos, como notou o mesmo David no mesmo lugar: *Quadraginta annis proximus fui generationi huic, & dixi, Semper hi errant corde.* (*Ibid.*) Pois se quando a vossa Fé não chegava a durar quarenta annos, Deos sempre se compadeceo de vós, e vos acudio, livrando-vos de tantos cativeiros, mandando-vos Profetas, e Redemptores; agora que ha mil e seiscentos annos que perseverais nessa Fé do verdadeiro Deos, porque vos não acode? Porque essa que vós chamais Fé, he tão verdadeira idolatria, e muito mais refinada do que era dantes.

§ IV.

Mas continuemos o Acto da Fé dos Christãos, com os quaes o juizo do meu discurso não ha de ser menos recto. Acabamos de dizer, que os Judeos tambem seguirão, ou anticipárão os passos dos Gentios, dos Pagãos, e dos Hereges, em trocar, e mudar a Fé para a concordar com a vida; agora sairemos se os Christãos procedem mais coherentemente, e conforme á razão, e se respondem melhor áquelle *quare*. Os outros mudão a Fé, os Christãos

não a mudão: a Fé dos outros mudada, he falsa; a Fé dos Christãos conservada, he a verdadeira: mas se olharmos para as vidas; as dos outros concordão com a sua Fé: as de muitos Christãos não concordão com a sua. Quaes vivem logo, e procedem mais coherentemente, e mais conformes com a razão? Não ha dúvida: (miseria, e vergonha grande!) não ha dúvida que mais conforme á razão procede o Gentio, mais conforme á razão o Pagão, mais conforme á razão o Herege, e mais conforme á razão o Judeo, que são todas as quatro especies da infidelidade. E porque? Porque todos esses seguem com a vida o que crêm com a Fé: e o mão Christão com a Fé crê huma cousa, e com a vida segue outra. Ouçamos neste ponto ao homem mais zelador da verdadeira Fé, Elias. Estava no seu tempo o Povo de Israel quasi no mesmo estado, ou verdadeiramente no mesmo em que hoje vemos a Christandade. E que fez o grande Profeta? Quando Jacob acabou a luta com o Anjo, tocou-lhe o Anjo em hum joelho, com que dahi por diante ficou manco: *Tetigit nervum femoris ejus, & statim emarcuit: ipse verò claudicabat pede. (Gen. 32. 26. 31.)* O joelho significa a adoração, e o manquejar Jacob de hum joelho, significava que o Povo de Israel descendente do mesmo Jacob, com hum joelho, que era o são, e direito, havia de adorar o verdadeiro Deos, e com os

tro, que era o manco, e torcido, havia de adorar os idolos. E tal era o estado em que naquelle tempo se achava o mesmo Povo, por huma parte adorando o Deos de Israel, e por outra o idolo de Baal. Vendo pois Elias esta differença, e confusão de adorações tão discordes, e tão contrarias, convocou o Povo, e disse-lhe desta maneira: *Usquequo claudicatis in duas partes?* (3. *Reg.* 18, 21.) Até quando, ó Povo insensato, haveis de manquejar na Fé, divididos, e discordes de vós mesmos em duas partes? *Si Dominus est Deus, sequimini eum; si autem Baal, sequimini illum.* Se o Deos de Israel, a quem eu adoro, he o verdadeiro Deos, segui o Deos de Israel: e se Baal, a quem vós adorais, he o Deos verdadeiro, segui a Baal.

Só a espada de Elias podia cortar tão direito, e fallar tão resolutamente. Ouvida a galharda proposta, diz o Texto sagrado, que todo o Povo emmudeceo, e não houve quem abrisse a boca, ou replicasse huma só palavra: *Et non respondit ei Populus verbum.* (*Ibid.*) E por que razão, *quare*? Porque assim como não ha cousa mais coherente, nem consequencia mais ponta em razão, que seguir hum homem com a vida aquillo que adora, e crê com a Fé; assim não ha, nem póde haver dictame mais irracional, e mais contrario a toda a razão, que crer huma cousa com a Fé, e seguir outra com a vida.

Ou a Fé seja de Deos, ou a Fé seja de Baal; sempre a vida, e as obras hão de seguir a Fé. Crer em Deos, e seguir a Deos, huma, e outra cousa era boa: crer em Baal, e seguir a Baal, huma, e outra cousa era má. Mas posta huma vez a Fé de Deos verdadeira, e a Fé de Baal falsa, tão errada consequencia era, e tão contraria a toda a razão não seguir a Baal, como não seguir a Deos: *Si Dominus est Deus, sequimini eum; si autem Baal, sequimini illum.*

Christãos, (os que não obramos o que devemos) a quem adoramos? a quem cremos? a quem seguimos? *Usquequo claudicatis in duas partes?* Será bem que tenhamos hum pé em Roma adorando a Christo, outro em Constantinopla guardando o Alcorão? Hum em Roma beijando o pé a S. Pedro, outro em Jerusalem beijando a mão a Herodes? Hum em Roma rezando a Santa Maria Maior, outro em Chipre offerecendo sacrificios á deosa Venus? Hum em Roma visitando as sete Igrejas, outro em Londres, ou Amsterdam profanando os altares, e pondendo á reverencia ás imagens sagradas? Isto faz o Turco, o Judeo, o Gentio, o Herege, e cada hum conforme a sua fé: e sendo a nossa tão contraria, será bem que em nós Christãos e Catholicos se ache o mesmo? Se não concordar a vida com a Fé, he hum dictame tão barbaro, e tão irracional, que não cabe no entendimento de Lutháro, que não sabia

entendimento de Epicuro, que não cabe no entendimento de Mafoma; e como cabe no nosso entendimento? Pôr a bemaventurança nas delicias como Epicúro, ho ser Gentio; passe: pôr a bemaventurança nas tempezas como Mafoma, ho ser Turco; seja: esperar a bemaventurança sem obras como Lutherо, e Calvino, ho ser Herege; vá na má hora. Mas ser Christião na Fé, e a vida ser de Epicúro? Ser Christião na Fé, e a vida ser de Mafoma? Ser Christião, e Catholico na Fé, e a vida ser de Lutherо, e de Calvino; em que entendimento póde caber tão remetada loucura? Ha quem responda, ha quem dê razão, ha quem diga o *quare*?

O Povo Judaico junto, ficou tão convencido da proposta de Elias, que todo emmudeceo, sem haver quem replicasse huma só palavra. E eu em toda a Escritura sagrada só acho hum homem que satisfizesse á minha pergunta, e respondesse a proposito. E que homem será este? Christião? Não. Judeo? Não. Gentio? Não, Turco? Não. Herege? Não. Pois que casta de homem será, ou póde ser o que só respondeo a proposito ao nosso *quare*? Hum Atheo. Todos essoutros ou fieis, ou infieis conhecem a Deos: só o Atheo o não conhece, e só este póde dar a verdadeira razão do que perguntamos. ElRei Faraó tinha cativo o povo de Israel no Egypto, e com o mais duro, e intoleravel cativeiro que se póde ima-

ginar. Não lhe pagava o trabalho, antes lho accrescentava cada dia, para que não tivessem hora de descanso: punha-lhe por ministros que superintendessem ás obras, em que servião, os de condição aspera, e cruel, para que mais os opprimissem: não lhes dava de comer com que sustentar a miseravel vida, e até os filhos lhes matava cautelosamente, sem que os pudessem esconder, nem livrar; em fim o summo da tyrannia. Neste estado de tanto aperto, em que se não ouvião mais que clamores ao Ceo, chegou Moysés ao Egypto, e notificou a Faraó da parte de Deos, que désse liberdade ao seu Povo, para lhe ir sacrificar no deserto: *Hæc dicit Dominus Deus Israel: Dimitte Populum meum, ut sacrificet mihi in deserto.* (*Exod. 5. 1. 2.*) E que vos parece que responderia Faraó? *Quis est Dominus, ut audiam vocem ejus?* Que Deos, e que Senhor he esse para que o eu obedeça? *Nescio Dominum, & Israel non dimittam.* Não conheço tal Deos, nem tal Senhor, nem hei de dar liberdade ao Povo. Oh barbaro! oh rebelde! oh insolente, e brutal tyranno! Isto he o que estão dizendo todos; mas eu não digo assim. Digo que respondeo Faraó muito coherente, e discretamente. Como barbaro sim; mas como barbaro bem entendido: como desobediente sim; mas como desobediente racional. Não conheço a Deos, e não hei de libertar o seu Povo? Ruim Fé; mas boa con-

sequencia. Na Fé falla como bruto, na consequencia responde como homem. Não obedecer a Deos, e dar por razão, não o conheço, bem se segue. Mas conhecer a Deos, e dizer conheço a Deos, e não querer fazer o que manda Deos, he consequencia, e razão que não cabe em nenhum entendimento.

Oh quantos Faraós mais barbaros, oh quantos Atheos mais irracionaes ha na Christandade! Opprimir os povos, cativar os livres, gemerem os pobres, triunfarem os poderosos: não se dar de comer a quem trabalha, não se pagar a quem serve: tirarem-se ás vidas aos innocentes, e viverem os que as tirão não só do seu suor, senão do seu sangue: e dar por razão de tudo isto: *Nescio Dominum*: Não conheço a Deos; he obrar mal, mas fallar coherentemente. Porém opprimir, cativar, destruir, roubar, assolar, affrontar, matar, tyrannizar; e sobre isto dizer, conheço a Deos, sobre isto dizer, sou Christão, sobre isto dizer, tenho Fé; não ha juizo humano, nem entendimento racional, em que caiba tal cousa. E senão, dai cá a razão, *Quare, quare?*

Para confirmação desta minha instancia tantas vezes repetida, não quero allegar nem oraculos de Deos, nem evidencias de Anjos, nem discursos de homens, senão ditos, e palavras dos mesmos brutos irracionaes, e o que elles sentirão, e disserão, ou disserão sem o sentir. Duas vezes sabemos que fallárão

neste mundo os brutos a serpente, que fallou com Eva, e o jumento que fallou com Balaam. E que disserão? Cousa notavel! Sendo ambos irracionaes, hum á mulher, outro ao homem, ambos lhe pedirão razão. A serpente a Eva: *Cur præcepit vobis Deus?* (*Gen. 3. 1.*) O jumento a Balaam: *Cur percutis me?* (*Numer. 22. 28.*) *Cur*, he o mesmo que *quare*, por que razão? E qual he a razão por que pedirão razão os animaes, que não tem uso de razão? Porque são tão obrigados os homens a dar razão do que fazem, que até os animaes tem direito para lha pedir, e elles obrigação de lha dar. Mais ainda. Pedirão ratão estes dois animaes; e de que a pedirão? Das mesmas duas cousas em que nós litigamos, Fé, e obras. A serpente a Eva pedio-lhe razão do que cria: *Cur præcepit vobis Deus?* O jumento a Balaam pedio-lhe razão do que obrava: *Cur percutis me?* E se até os mesmos brutos sem uso de razão pedem razão ao homem da sua Fé, e das suas obras; nós porque a não pediremos, cada hum a si mesmo? Se esta he a minha Fé, e a minha Fé he a verdadeira; as minhas obras porque são tão alheas della, e tão contrarias? Que o cégo não veja, e cáia, que o Judeo não conheça a verdade que lhe diz Christo, e o não crea, *Non creditis mihi*, póde o escusar a sua cegueira; mas que o Christão que crê, adora, e confessa a Christo, e professa

a sua Lei, na vida, e nas obras negue a mesma verdade assim como ao Judeo o escusa a boa regra, assim a nossa luz accusa mais, e condemna a nossa. Se disséramos publicamente, como Razão *Nescio Dominum*, que não conhecemos a Deos, tinha coherencia, e desculpa o nosso Atheismo; mas depois da agua do Baptismo, depois do oleo da Chrisma, e o que he mais, confessando, e commungando, no gremio da Igreja Catholica, e na face de toda a Christandade haja professores della, que na soltura dos costumes, e no escandalo da vida se não distingão dos Atheos! os mesmos brutos irracionaes, e o mesmo irracional dos brutos, se Deos lhes soltára as linguas, assim como duas vezes perdirão razão aos homens, assim tinhão razão de dizer duas mil, e clamar ao Ceo, e á terra que somos mais brutos que elles.

§. V.

Sou tão amigo, e reverenciador da razão, que até as sombras della ouço de boa vontade. Podem instar os Christãos que não guardão a Lei de Christo, e argumentar por si nesta fórma. He verdade que os infieis de todo o genero, e ainda os mesmos Atheos parece que procedem mais coherentemente, e mais conforme á razão, porque elles concordão a

sua Fé com a sua vida; e nós não concordamos a nossa vida com a nossa Fé. Mas nesta mesma differença ha outra muito maior, e melhor, que faz pela nossa parte. E qual he? He, que nelles a Fé he má, e a vida tambem má; porém em nós ainda que a vida seja má, a Fé he boa. Logo ao menos em metade das procedimentos são melhores os nossos, que os seus? Assim parece, mas não he assim. Porque? Porque aonde a vida he má, não póde a Fé ser boa. Texto expresso de S. João: *Qui dicit se nosse Deum, & mandata ejus non custodit, mendax est, & in hoc veritas non est.* (*I. Joan. 2. 4*) Quem diz que conhece a Deos, e não guarda seus mandamentos, mente. E porque mente, se o que crê he verdade? Admiravêl, e subtilissimamente se explicou o mesmo S. João: *Mendax est, & in hoc veritas non est:* Mente, e a verdade não está nelle. No tal caso a verdade está nos mysterios que crê, mas não está no que crê os Mysterios. Notai. Huma cousa he a verdade da Fé em si, a qual propriamente se chama Fé; outra he a verdade da Fé em nós, a qual propriamente se chama crença. A Fé em si sempre he verdadeira, a crença em nós póde ser verdadeira, e póde ser falsa: se concorda com a vida, he verdadeira, porque obramos conforme cremos; se não concorda com a vida, he falsa, e mentirosa, porque crêmos huma cousa, e obramos outra. Por isso o que não

guarda os mandamentos, ainda que crea, e confesse tudo o que ensina a Fé, mente, e não está nella a verdade: *Qui mandata ejus non custodit, mendax est, & in hoc veritas non est.* Só o Christão, e Catholico cuida que a sua Fé he melhor que a dos infeis, sómente porque crê o que ensina o Credo, engana-se, e mente-se a si mesmo: não basta só crer no Credo, he necessario crer nos Mandamentos.

Daqui se entenderá hum notavel dito de David no Psalmo 118. aonde allega, e diz a Deos que cria nos seus Mandamentos: *Quia mandatis tuis credidi.* (*Ps. 118. 66.*) O crer pertence ao Credo, e não aos Mandamentos; ao Symbolo, e não ao Decalogo. O Symbolo, e o Decalogo são duas Escrituras Divinas, em que consiste toda a obrigação, e perfeição Christã. O symbolo contém os mystérios da Fé, o Decalogo contém os Mandamentos da Lei: os mysterios da Fé temos obrigação de os crer, os Mandamentos da Lei temos obrigação de os guardar. Pois porque troca David os termos, e em logar de dizer a Deos que guardava os seus Mandamentos, diz que os cria: *Quia mandatis tuis credidi?* Porque alludio o Profeta com elegante energia, e picou, e condemnou os que só crem no Credo. Este Psalmo 118. foi composto por David pelas letras do A, B, C, para o cantarem, como cantavão os que hião em romaria ao Templo. E quiz ensinar a todos, que o A, B, C, da

Fé, he ajustar o Symbolo com o Decálogo, e a crença do Credo com a crença dos Mandamentos: *Quia mandatis tuis credidi.* O Symbolo que não anda junto com o Decalogo, não he Symbolo da Fé, he Fé do cymbalo.

Explico a proposição, porque bem entendo que a não entendem todos. Escrevendo S. Paulo aos Corinthios, e fallando da Fé, e dos Mandamentos, que todos se reduzem ao da caridade, pondo o exemplo em si, diz desta maneira: *Si habuero omnem fidem, ita ut montes transferam, charitatem autem non habuero, nihil sum: (I. Cor. 13. 2.)* Se eu tiver toda a Fé, e tal, e tão efficaz que possa abalar os montes, e passados de hum lugar para outro, e não tiver caridade, nenhuma cousa sou. E se quereis que vos declaré este nada que sou, com huma semelhança: *Factus sum velut æs sonans, aut cymbalum tinniens.* (*Ibid. 1.*) Sou como hum sino de metal, que não faz mais que soar, e tinnir. Comparai-me agora o Symbolo com o cymbalo: o Symbolo he o que contém toda a Fé: *Si habuero omnem fidem:* e com toda essa Fé sem caridade, na qual consistem os Mandamentos, *charitatem autem non habuero:* que he, ou que será qualquer Christão? *Velut æs sonans, aut cymbalum tinniens.* Será como o sino que não tem mais que o soar, e o tinnir. Passa o Santissimo Sacramento por junto a huma Igreja, re-

pedão os sinos das torres: e que vem a ser esta correspondencia? O Sacramento he o mysterio da Fé; mas os sinos nenhuma cousa tem de Fé, mais que o soar, e o tinnir, *sonans, & tinniens.* Eis-aqui qual he a Fé de todo o Symbolo em que cremos, se lhe falta a observancia dos Mandamentos de Deos. Não he symbolo da Fé, he Fé do cymbalo. Que importa o soar do crer sem a consonancia do obrar? Que importa o tinnir, ou os tinos da Fé com os desatinos das vidas?

Má vida, e boa Fé, torno a dizer, he mentira. E, porque outra vez? Porque o que professa a Fé, nega-o a vida: o que diz o som das palavras, nega-o a dissonancia das obras. Vede como concorda S. Paulo com S. João, os dous maiores Theologos da Escola de Christo. *Confitentur se nosse Deum, factis autem negant:* (*Ad Tit. 1. 16.*) Com as vozes confessão a Fé de Deos, e com as obras nego o mesmo Deos, e a mesma Fé que confessão. Dizei-me: He boa a Fé dos Christãos, que a negão em Argel? Pois sabei que para ser renegados, não he necessario ir lá cativos. Ouvi a S. Salviano Bispo de Marselha, que está defronte do mesmo Argel. *Christiani sinaxopatribus bonis aib sibi per fidei superciliumusurpare debent.* Note-se muito *o fidei superciliem.* Por huma parte não só vimos de obras boas, senão cheias, e carregados de obras más: e por outra com as bo-

brancelhas levantadas, muito prezados, e presumidos de Christãos, usurpando, e roubando o nome que lhes não he devido. Por huma parte com a voz, e com os pensamentos blasonando que navegão na barca de Pedro, e por outra, com ambos os braços remando nas galés de Mafoma. He boa Fé esta? He melhor que a dos mesmos Turcos? Não faltará quem replique, e diga que sim, e com o mesmo exemplo. Porque os Christãos forçados que remão nas galés de Mafoma debaixo das bandeiras Turquescas, nem por isso perdem a Fé de Christo.

Agradeço a agudeza da réplica; mas vamos navegando pelo Mediterraneo acima. Aporta a mesma galé ao porto de Chipre, salta Muley Amet no meio da coxia, desembainha a semitarra, e diz assim: Com esta a todo o Christão que não adorar aquella imagem de Venus hei de cortar a cabeça. E que succederá neste caso? O Christão que não quiz adorar, perdeo a cabeça, e ficou martyr: o que adorou, conservou a vida, e ficou renegado. Agora pergunto: E se aquelle Christão, que por força, e contra sua vontade adorou a Venus em huma estatua de marmore, he renegado; que diremos daquelles que não por força, senão muito por sua vontade, e por seu gosto adorão a mesma Venus não em huma estatua de marmore, senão em outras que não são de pedra? Se aquelle que dantes era Christão, e depois

negou a Fé, hé renegado; o que no mesmo tempo confessa a Fé, e a nega, que será? Destes he que falla S. Paulo: *Confitentur se nosse Deum, factis autem negant:* No mesmo tempo confessão a Deos, e no mesmo tempo o negão: a Fé juntamente confessada, e negada, que Fé he? Peior que a do Turco: porque o Turco não nega o que confessa, o Christão nega o que confessa, com manifesta contradicção. Assim o definio com autoridade Pontifical S. Gregorio Papa: *Si fidem operibus tenet, si moribus non contradicit:* confessar a Fé com tão manifesta contradicção, não só he crer em Deos com fé falsa, mas he crer em Deos á falsa fé: com fé mentirosa, com fé renegada, com fé traidora. E ninguem se admire de eu chamar a esta Fé dos que se chamão Christãos, peior que a do Turco; porque o mesmo S. Paulo estranhando muito menores defeitos de boas obras, não duvidou dizer, que só pela omissão dellas era peior o Christão, que o infiel: *Et est infidelí deterior.* (*I. Tim. 5. 8.*)

§ VI.

Supposto o muito que fica dito, já eu me pudéra contentar com estes dous grandes testemunhos de S. João, e S. Paulo, ambos de Fé. Mas porque a Lei diz, *In ore duorum, vel trium stet omne ver-*

bem; (*Matt 18. 16*) quero acrescentar o terceiro do Apostolo Santiago, o qual entre todos os doze foi o primeiro que provou a sua Fé com a maior de todas as obras, que he o dar a vida. Tomou Santiago entre mãos este ponto da Fé com obras; (ás quaes chamou Salviano elegantemente *Testes fidei*) e porque o apertou mais forte, e efficazmente que todos, ouçamos o que diz. *Fides si non habeat opera, mortua est in semetipsa. Sed dicet quis: Tu fidem habes, & ego opera habeo: ostende mihi fidem tuam sine operibus, & ego ostendam tibi ex operibus fidem meam. Tu credis quoniam unus est Deus, bene facis; & dæmones credunt, & contremiscunt.* (*Jacob. 2. 17. 18. 19.*) Atéqui a força dos argumentos, ponderemos cada hum de por si.

Primeiramente diz Santiago, que a Fé sem obras he Fé morta: *Fides sine operibus mortua est in semetipsa.* Didymo declarando esta sentença, diz: *Fides mortua, non est fides, sicut homo mortuus non est homo.* Assim como o homem morto não he homem, assim a Fé morta não he Fé. Mas este commento parece que hé contrario ao Texto: porque o Texto diz: *Mortua est in semetipsa:* que a Fé he morta em si mesma. Logo se he a mesma, he Fé? Sim: he Fé, e a mesma Fé; mas assim como o homem morto he o mesmo homem. Do mesmo homem (nomeado por seu nome) dizemos que mor-

reo: que vai a enterrar: que está sepultado: que ha de resuscitar. E com tudo esse mesmo não he já homem. Ainda que hum homem não faça, nem tenha obra alguma boa, dirá. Eu creio tudo o que crê a Santa Madre Igreja: logo a minha Fé he a mesma que a do maior Santo? Assim he. A mesma, mas morta: *Mortua in semetipsa*: No Santo he viva, porque he Fé com obras: e em voz, porque carece de obras, he morta. O mesmo Santiago tornou a declarar a sua sentença por outra frase: *Sicut enim corpus sine spiritu mortuum est, ita & fides sine operibus mortua est*: (*Jacob 2. 26.*) Assim como o corpo sem alma he morto, assim a Fé sem obras he morta. Da maneira que as obras são a alma da Fé: e do mesmo modo que o homem com a alma he homem vivo, e sem alma he homem morto; assim a Fé com obras he Fé viva, e sem obras he Fé morta. He Fé sem alma, ou Fé desalmada; porque he Fé de Christãos desalmados.

E se alguem me perguntar: Como morre, ou se mata a Fé? Respondo, que por hum de dous modos, ou natural, ou violentamente. Se a Fé sómente carece de boas obras, morre naturalmente, e como á fome; se além de não ter boas obras exercita as más, morre violentamente, e como á espada. Quanto ao primeiro modo, diz assim Santo Agostinho: *Sicut corpus cibo reficitur, sic fides charitate animatur:*

Assim como o corpo vive do comer com que se nutre, e sustenta, assim a Fé se anima, e alimenta com as obras de caridade. Donde se segue, que do mesmo modo, assim como o corpo, faltando-lhe o comer, morre á fome, assim tambem morre á fome a Fé, faltando-lhe as obras de caridade. Não tem menor Autor esta consequencia, que o mesmo Santiago, o qual argumenta nesta fórma: *Si frater, aut soror nudi sint, & indigeant victu quotidiano, non dederitis autem eis quæ necessaria sunt corpori, quid proderit? Sic & fides, si non habeat opera, mortua est in semetipsa.* (*Jacob. 2. 15.*) Quer dizer: Se o pobre estiver despido, e não tiver que comer, e vós lhe não derdes o necessario para o corpo, que lhe aproveita? Logo a Fé sem obras he morta. Parece que não havia de inferir assim o Apostolo, nem attribuir a morte á Fé, senão ao pobre; porque o pobre sem comer morrerá á fome, e sem vestir morrerá de frio: logo a Fé, que lhe não dá o necessario, mata ao pobre? Não, diz o Apostolo; porque o pobre, se eu lhe não der a esmola, dar-lha-ha outrem; mas a Fé, como não se póde sustentar das obras alheas, senão das proprias, ella he a que no tal caso se mata á fome a si mesma: *Mortua est in semetipsa.*

Quanto ao segundo modo de morrer a Fé, ou se matar violentamente, e como á espada, disse o S. Ber-

nardo, chamando homicida da propria Fé ao que a mata com más obras: *Si munus mortuum offers Deo, sic Deum honoras, & placas, tuæ fidei interfector?* Matador da Fé lhe chama, e verdadeiramente he mais cruel matador da Fé que os tyrannos mais crueis. Os Neros, e Diocleciános não atormentavão os Christãos, para lhes tirarem a vida, senão para lhes matar a Fé: por sinal que se negavão a Fé, logo lhes davão a vida. E que succedia então? Comparai-me Christão com Christão, e tyranno com tyranno. O bom Christão soffria as catastas, os equuleos, as laminas ardentes, as grelhas, as rodas de navalhas, e deixava matar a vida para conservar viva a Fé. E o máo Christão hoje mata a Fé por não perder hum gosto, hum appetite, hum interesse vil da covarde, e infame vida. O tyranno Gentio por hum dos deoses falsos procurava matar a tormentos a Fé alhea; e o tyranno Christão, mais cruel que todos os tyrannos, sem fazer caso do Deos verdadeiro, nem o temer, e por fartar a sua vontade, não duvida ser homicida, e matador da Fé propria: *Tuæ fidei interfector.*

§ VII.

Deste primeiro argumento passa o Apostolo ao segundo, tanto mais forte, quanto mais evidente, porque desce da especulação á prática, da razão á

experiencia, e do discurso aos olhos. He hum desafio de Fé a Fé, huma armada de obras, e outra sem ellas, confiada só em si mesma, e diz assim: *Tu fidem habes, e ego opera habeo; ostende mihi fidem tuam sine operibus, & ego ostendam tibi ex operibus fidem meam.* Faz aqui Santiago o mesmo que fez Elias, que fôrão as duas melhores espadas da Lei Velha, e da Nova. Elias para mostrar aos olhos a verdadeira Divindade de Deos, e a falsa de Baal, Fazei vós, diz, sacrificio ao deos que adorais, e eu o farei tambem ao que adoro; e sobre qual descer fogo do Ceo, esse seja crido por verdadeiro Deos. Respondêrão todos: *Optima propositio;* (*3. Reg. 18. 24.*) Boa proposta: e tal he a de Santiago. Vós, diz o Apostolo, dizeis que tendes Fé, eu digo que tenho obras: mostre agora cada hum de nós a sua Fé, vós sem obras a vossa, e eu com obras a minha, e seja tida por verdadeira Fé a, que mostrar que o he. A demonstração da Fé que he interior, e invisivel, parece difficultosa, e impossivel, e não he senão muito facil. A Fé he cega, mas assim como o cego me não vê a mim, e eu o vejo a elle; assim a Fé não vê, mas vê-se: não vê, porque não vê os seus objectos; mas vê-se, porque se vê nos seus effeitos. Os seus effeitos são as obras conformes a ella: pelas obras se vê manifestamente, e sem obras como se póde vêr?

O exemplo que allega Santiago da Fé com obras, he Abrahão, que por isso se chamou, *Pater credentium*, (*Rom. 4. 11.*) Pai dos que crêm. E não fallando naquella façanha singular de sacrificar o proprio filho, nos deixou Abrahão outra figura da Fé com obras, menos ardua, mas igualmente significativa. Querendo casar a seu filho Isaac, mandou ao mordomo de sua casa, que lhe fosse buscar mulhér, obrigando-o primeiro com juramento que de nenhum modo fosse da terra de Canaan, mas de Mesopotamia sua antiga patria, porque os Cananeos erão totalmente idolatras, e os de Mesopotamia tinhão conhecimento do verdadeiro Deos. Este dote da Fé (de que hoje ainda os Principes Catholicos fazem menos conta) era o que Abrahão principalmente buscava para seu filho. Partio o mordomo, chegou á patria de seu senhor: e porque as joias que levava para a Esposa erão humas arrecadas, e huns braceletes, sabendo por certos sinaes de Deos que a esposa era Rebecca, encontrando-a fóra de casa, lhe pendurou das orelhas as arrecadas, e lhe atou nas mãos os braceletes. Assim o diz elle por formaes palavras: *Suspendi inaures ad ornandam faciem ejus, & armillas posui in manibus ejus.* (*Gen. 24. 47.*) Com este novo enfeite chegou Rebecca a casa, mas de tal maneira mudada, que mostrou as arrecadas não nas orelhas, senão nas mãos: he mudan-

ça que consta expressamente do mesmo Texto: *Cùm vidisset (Laban) inaures in manibus ejus.(Ibid. 30.)* Pois se a Rebecca lhe pendurárão as arrecadas nas orelhas, porque as passou ás mãos, e as mostrou nellas? Porque era esposa escolhida pelo dote da Fé, e figura da verdadeira. As orelhas, e os ouvidos são o sentido da Fé: *Fides ex auditu; (Rom. 10. 17.)* as mãos são o sentido, e o instrumento das obras: e ainda que a Fé se recebe pelos ouvidos, não se mostra, nem se vê senão nas mãos: *Cùm vidisset inaures in manibus ejus.* A Fé que nos prega, e ensina a Igreja Catholica, ouve-se, e recebe-se pelos ouvidos, como Rebecca recebeo as arrecadas nas orelhas; mas o ver-se, e o mostrar-se, *Ostende mihi fidem tuam, ostendam tibi fidem meam*, não se mostra, nem se vê senão pelas mãos, e pelas obras, *ex operibus.*

Estava Christo Senhor nosso adorado de joelhos por Rei no Pretorio de Pilatos: as vozes que se ouvião das bocas dos que o adoravão, erão as de maior respeito, e reverencia: *Ave Rex Judæorum. (Joan. 19. 3.)* O mesmo S. João ao pé da Cruz não pudera dizer, nem lêr no titulo della outra verdade mais de Fé. Mas quando isto se ouvia nas vozes, que he o que se via nas mãos dos mesmos adoradores? Humas mãos lhe batião as faces com bofetadas: *Dabant ei alapas: (Ibid.)* outras mãos lhe pizavão o

rosto com punhadas: *Colaphis eum ceciderunt. (Matth. 26. 67.)* Quem crêra tão horrendo, e mais que sacrilego atrevimento, se o não disserão os Evangelistas? Mas que differença havia entre huma, e outra affronta, ambas tão iguaes? A differença era, que as bofetadas affrontavão, e offendião a Christo com as mãos abertas, as punhadas com as mãos fechadas. E nota S. Mattheus que os autores desta affronta forão os Soldados do presidio Romano; porque não só se havia de achar semelhante excesso de maldade na perfidia Judaica, senão tambem na Fé Romana, que he a nossa. Com as mãos abertas offende a Christo o filho Prodigo, com as mãos fechadas o Rico avarento: com as mãos abertas o que esperdiça, com as mãos fechadas o que enthesoura: com as mãos abertas o que dá o que não devêra, com as mãos fechadas o que não paga o que deve: com as mãos abertas o que recebe a peita, com as mãos fechadas o que nega a esmola: com as mãos abertas o que rouba o alheio, e com as mãos fechadas o que não restitue o roubado. Olhe agora cada hum para as suas mãos, e verá qual he a sua Fé. Eu taparei os ouvidos ao que se diz, e só direi o que se vê com os olhos, e se aponta com o dedo. Como estamos na Côrte, onde das casas dos pequenos não se faz caso, nem tem nome de casas; busquemos esta Fé em alguma casa grande, e dos grandes. Deos me guie.

O escudo desta portada em hum quartel tem as Quinas, em outro as Lizes, em outro Aguias, Leões, e Castellos; sem duvida este deve ser o Palacio em que mora a Fé Christã, Catholica, e Christianissima. Entremos, e vamos examinando o que virmos parte por parte. Primeiro que tudo vejo cavallos, liteiras, e coches: vejo criados de diversos calibres, huns com libré, outros sem ella: vejo galas, vejo joias, vejo baixellas: as paredes vejo-as cubertas de ricos tapizes: das janellas vejo ao perto jardins, e ao longe quintas: em fim vejo todo o Palacio, e tambem o Oratorio; mas não vejo a Fé. E porque não apparece a Fé nesta casa? Eu o direi ao dono della. Se os vossos cavallos comem á custa do Lavrador, e os freios que mastigão, as ferraduras que pisão, e as rodas, e o coche que arrastão são dos pobres officiaes, que andão arrastados sem poder cobrar hum real: como se ha de vêr a Fé na vossa cavallariça? Se o que vestem os lacaios, e os pagens, e os soccorros do outro exercito domestico masculino, e feminino depende das mezadas do mercador que vos assiste, e no principio do anno lhe pagais com esperanças, e no fim com desesperações, a risco de quebrar; como se ha de vêr a Fé na vossa familia? Se as galas, as joias, e as baixellas, ou no Reino, ou fóra delle forão acquiridas com tanta injustiça, e crueldade, que o ouro, e a prata derretidos, e as sedas

se se espremêrão, havião de verter sangue; como se ha de vêr a Fé nessa falsa riqueza? Se as vossas paredes estão vestidas de prêciosas tapeçarias, e os miseraveis a quem despistes para as vestir a ellas, estão nús, e morrendo de frio; como se ha de vêr a Fé, nem pintada nas vossas paredes? Se a Primavera está rindo nos jardins, e nas quintas, e as fontes estão nos olhos da triste viuva, e orfãos, a quem nem por obrigação, nem por esmola satisfazeis, ou agradeceis o que seus pais vos servirão; como se ha de vêr a Fé nessas flores, e alamedas? Se as pedras da mesma casa em que vivels, desdos telhados até os alicesses estão chovendo o suor dos jornaleiros, a quem não fazieis feria; e se querião ir buscar a vida a outra parte, os prendieis, e obrigaveis por força: como se ha de vêr a Fé, nem sombra della na vossa casa? . . . . . .

Mas passemos do Pulpito ao Confessionario. Se o Confessor, quando com toda esta carga vos pondes a seus pés, puxa pelo *quare* do nosso Texto, e vos pergunta a razão por que não restituis devendo tanto; a resposta, e a Theologia que trazeis muito estudada, he que sem embargo das dividas, deveis sustentar a vossa casa com a decencia que pede o vosso estado, e que as rendas não dão para tanto. Bem. E os pais de quem herdastes esse mesmo estado, e erão tão honrados como vós, não sustentavão a hon-

ra, e a decencia delle com menos pompa, com menos criados, com menos libréis, com menos galas, com menos regalos? Mais. E o que gastais por outra via, não com a decencia, senão com as indecencias da casa, e da pessoa? *Quare?* Que respondeis a isto? A maior galanteria he, que ao outro dia depois da confissão, e desta escusa, ouve o mesmo Confessor sem sigillo, que aquella noite perdestes dous mil cruzados, e que pela manhã os mandastes em dobrões a quem os ganhou; porque he contra a pontualidade da fidalguia não pagar logo o dinheiro do jogo. Assim jogais com os homens, e assim com Deos, e esta he a vossa Fé.

Dir-me-ha porém em contrario a nossa Côrte, que se em algumas casas particulares está a Fé tão morta, e tão corrupta, que nas Casas de Deos está mais viva, e mais inteira que em nenhuma parte do mundo. Assim se vê, e demostra em todos os Templos de Lisboa, a qual muito a boca chêa póde dizer ao mesmo mundo: *Ego ostendam tibi ex operibus fidem meam.* Eu tenho visto a maior parte da Christandade da Europa, e em nenhuma, entrando tambem nesta conta a mesma Roma, está o culto Divino exterior tão subido de ponto, e cada dia mais. Seria lastima grande vêr aqui desfazer, e arruinar nos mesmos Templos as fabricas antigas de tanta fermosura e preço, se depois se não vissem as mes-

mas ruinas gloriosamente resuscitadas com tanto maiores riquezas da materia, e tanto maiores primores da arte. Em nenhuma parte do mundo he tanta a cubiça de acquirir, como em Lisboa a ambição de gastar por Deos. Que Igreja ha nesta multidão de tantas em hum dia de festa, que se não pareça com a que vio descer do Ceo S. João: *Tanquam sponsam ornatam viro suo* (*Apoc. 21. 2.*) O ouro, e os brocados, de que se vestem as paredes, são objecto vulgar da vista: a harmonia dos coros suspensão, e elevação dos ouvidos: o ambar, e almiscar, e as outras especies aromaticas que vapórão nas caçoulas, até pelas ruas rescendem muito ao longe, e convocão pelo olfato o concurso. He isto terra, ou Ceo? Ceo he, mas com muita mistura de terra. Porquê no meio desse culto celestial, exterior, e sensivel, o desfazem, e contradizem tambem sensivelmente não só as muitas offensas que fóra dos Templos se commettem, mas as públicas irreverencias com que dentro nelles se perde o respeito á Fé, e ao mesmo Deos. Queres que te diga, Lisboa minha, sem lisonja, huma verdade muito sincera, e que te descubra hum engano, de que a tua piedade muito se gloria? Esta tua Fé tão liberal, tão rica, tão enfeitada, e tão cheirosa, não he Fé viva; pois que he? He Fé morta, mas embalsamada.

§ VIII.

Passemos ao terceiro, e ultimo argumento de Santiago, que será tambem o ultimo nosso discurso. *Tu credis quoniam unus est Deus, benè facis: & dæmones credunt, & contremiscunt: (Jacob. 2. 19.)* Vós crêdes em hum só Deos: fazeis bem: isso mesmo he o que nós crêmos, e o que ensina, e canta a Igreja depois do Evangelho, *Credo in unum Deum.* Mas não basta esse primeiro bem, que he bem crêr, se não fôr acompanhado do segundo, que he bem obrar. Aquella Estrella que appareceo aos Magos no Oriente, era muito resplandecente, muito formosa, e muito certa, e segura no caminho que lhes mostrava, como he a Fé; mas se elles se deixárão ficar nas suas terras, e a não seguirão até Belem para onde os guiava, que importaria a sua vista, e entenderem o que significava? Tão Magos, e tão Gentios ficarião como dantes erão. He necessario ajuntar o vêr com o vir: *Vidimus, & venimus. (Matt. 2. 2.)* Melhor exemplo ainda. Quando os filhos de Israel depois de sahirem do cativeiro do Egyto, e passarem o Mar Vermelho, caminhavão para a terra da Promissão, levavão por farol daquella viagem huma columna, a qual de noite era de fogo que os alumiava, e de dia de nuvem que lhes fazia sombra. A esta columna

seguia todo o exercito, (que era de mais de seiscentas mil familias) de tal sorte, que quando a columna fazia alto, e parava, todos paravão e fixavão as suas tendas no mesmo lugar; e quando a columna abalava, e se movia, tambem o exercito se punha em marcha, e ao mesmo passo, e compasso hião caminhando, ou fossem montes, ou valles, sem mudar, ou variar a derrota. E que figurava, ou significava tudo isto? S. Paulo: *Omnia in figura contingebant illis. (1. Cor. 10. 11.)* Tudo era figura naquelle tempo do que havia de ser neste nosso. O cativeiro do Egypto significava o peccado; a passagem do Mar Vermelho, a agua do Bautismo, que por virtude do sangue de Christo nos havia de pôr em graça; a terra de Promissão, a patria, e bemaventurança do Ceo, para onde todos caminhamos: e a columna de fogo, e nuvem, a Fé que vai diante, e nos guia. Como columna; porque ella he a columna, e firmeza da verdade: como de fogo; porque ella nos alumia: e como de nuvem; porque he luz juntamente clara, e escura, em quanto nos manda crer muitas cousas que não vemos. Agora pergunto: E se quando a columna se movia, e caminhava, parte do exercito se deixasse ficar nos arraiaes, chegarião estes á terra de Promissão? Claro está que de nenhum modo. Mais, e peior ainda. E se em lugar de seguir a columna, lhe voltassem as

costas, e tornassem para o Egypto, conseguirião o mesmo fim? Muito menos. Pois estes são os que não acompanhão a Fé com boas obras: e muito mais, e peior os que a contrarião com obras más. Em lugar de a Fé os levar á terra de Promissão, e ao Ceo, elles com a mesma Fé se acharão no inferno. Em quanto negarem a Fé só com as obras, e não com a palavra, não bastará esta culpa para que a Santa Inquisição da terra os condemne, e mande queimar na Ribeira; mas será não só bastante, senão certo, e infallivel, que por sentença do supremo Tribunal da Divina Justiça irão arder eternamente no fogo do inferno.

Isto he o que admiravel, e tremendamente infere Santiago. *Tu credis, quoniam unus est Deus: & dæmones credunt. (Jacob. 2. 19.)* Contentais-vos sómente com crer em Deos? Tambem os demonios crêm no mesmo Deos, e nem por isso deixão de ser demonios. Oh se Deos abrisse os olhos, como haviamos de vêr todo este mundo, as ruas, as casas, e as mesmas Igrejas cheas de demonios, os quaes não vêmos, assim como não vêmos os Anjos da Guarda que nos assistem. E em que differem os demonios de muitos homens? Só differem em que os demonios são invisiveis, e os máos homens são demonios que vêmos. Primeiramente quanto á Fé, o demonio não he Gentio, nem Turco, nem Herege,

nem Atheo. Crê no mesmo Deus verdadeiro em que nós cremos: *Et dæmones credunt.* E se a melhor Fé, e só verdadeira he a dos Christãos, o demonio tambem he Christão. Assim consta de muitos logares do Evangelho, em que os demonios confessão a Christo por Filho de Deos. Em que são logo peiores os demonios que os homens, em que são peiores que muitos Christãos? Por ventura nas obras? Ainda mal porque são tão semelhantes. O demonio com a sua fé he soberbo; e tu Christão com a tua não só és soberbo, mas a mesma soberba: o demonio sente mais os bens alheios, que as suas proprias penas; e tu a inveja mais te atormenta, e abrasa com as felicidades que vês em quem devias amar, que todos os males que padeces em ti mesmo; o demonio procura derrubar, e fazer cahir a quantos quer mal: e tu com o poder do teu officio, ou com a malignidade da tua informação, e do teu conselho, a quantos tens derrubado, e destruido? O demonio favorece os máos, e persegue os bons; e tu a quem persegues, e a quem favoreces, se os peiores, e os mais viciosos, porque servem, e ajudão os teus vicios, são os teus validos? O demonio he pai da mentira; e a tua adulação, o teu odio, e a tua ambição quando falla verdade? Os teus enganos, as tuas artes, as tuas machinas, os teus enredos, que demonio houve jámais que tão subtilmente os inventasse?

Quantos peccados commettes tu em que o demonio nunca peccou, nem póde? Elle não pecca nos excessos da gula, porque não come; nem no luxo, e monstruosidade das galas, porque não veste; nem nas intemperanças, e torpezas da sensualidade, porque he espirito; e tu escravo desse corpo vil a quantas baixezas destas abates a tua alma, que Deos te deo igual aos Anjos?

Mais. E não sou eu o que o digo, senão o mesmo Santiago na ultima clausula que nos resta por ponderar. *Dœmones credunt, & contremiscunt:* Os demonios crêm em Deos, e tremem delle; e tu Christão com a tua Fé crês em Deos, mas não tremes, nem temes. Grande lastima, e miseria he que até o demonio te possa servir de exemplo não só neste mundo, senão no mesmo inferno. Neste mundo, sendo maior o poder do demonio que o de todos os homens, nenhum demonio faz todo o mal que póde. A Job tirou a fazenda, matou os filhos, martyrizou a pessoa com tão exquisitos tormentos; mas nenhuma cousa fez sem licença de Deos. E quantas fazem, e commettem os Christãos não só sem licença, mas vedadas pelo mesmo Deos, estendendo os poderes que não tem, e executando o que não pódem? Vamos ao inferno. Alli atormentão os demonios os condemnados, mas a todos conforme o merecimento de cada hum, sem perdoar, nem estender o castigo,

não digo em huma faisca de fogo, mas nem em hum só átomo: e a justiça humana com Fé de Christão, a quantos culpados absolve, e a quantos innocentes condemna? Pois se os demonios neste, e no outro mundo tão observantes são das leis de Deos, porque crêm nelle, e tremem delle; nós que o crêmos com mellior Fé, porque não tememos, nem trememos de o offender? Apertemos bem este ponto. Crês, Christão, que has de morrer? Creio. Crês que no dia do Juizo, e antes daquelle dia te ha Deos de julgar na hora da morte? Creio. Crês que se fizeres boas obras, hás de ir ao Ceo, e gozar de Deos por toda a eternidade; e se as fizeres más, por toda a mesma eternidade, e sem fim has de arder no inferno? Creio. Pois se crês todas estas verdades, e os demonios crêm, e tremem, *credunt, & contremiscunt*; tu porque não temes, e tremes de offender a Deos? Dá cá a razão: *Quare, quare?* . . . . . .

A razão verdadeira nenhum entendimento a póde dar, porque a não ha. A falsa, e apparente, por mais que nós nos queiramos enganar, todos a vemos, e experimentamos. O que crê a Fé, he o futuro, o que leva após si a vida, he o presente: e póde mais comnosco o pouco, e breve presente, que o muito, e eterno futuro; porque o presente consideramo-lo ao perto, e o futuro ao longe. As estrellas do Firmamento todas são muito maiores que a Lua, e com

tudo a Lua parece-nos maior, e faz em nós continuos, e maiores effeitos, porque as Estrellas estão longe, e a Lua perto. Assim nos acontece com as cousas do outro, e deste mundo. As do outro mundo, que são as que crêmos por Fé, representamo-las ao longe: as deste, porque as póde conseguir a vida, parece-nos que estão perto, e no erro destas medidas se enleia, e nos perde o nosso engano. Mas dado que a falsa apprehensão deste longe, e deste perto fôra verdadeira, ainda a nossa conta séria muito errada; porque o certo, posto que ao longe, sempre está mais perto que o duvidoso. O duvidoso ás mais vezes falta; o certo, ainda que tarda, sempre chega; e assim como todas as cousas da Fé são certas, assim todas as da sua vida são duvidosas.

Para mim não quero mais que esta razão. Os que se não satisfizerem della, oução outra mais clara, e mais sensivel. As cousas da outra vida estão tão longe de nós, quão longe está a morte: as cousas desta vida estão tão perto de nós, quão perto nós estamos de as alcançar: nós corremos após ellas, a morte corre após de nós: e quantas vezes nos alcança primeiro a morte, do que nós as alcancemos? Chegado a este ponto, e reconhecendo com os olhos os lugares desta Real Capella, naquelle (que depois dos Altares he o mais sagrado) com horror do que hei de pronunciar, não vejo depois de tão breve

ausencia o que alli costumava vêr. Vião-se alli dous Soes: hum levantado ao Zenith, outro pouco distante do Oriente; hum coroado de raios, outro a quem tinha destinado a natureza, e promettia a esperança a mesma Corôa. E quem havia de imaginar que este chegasse primeiro ao fim, e se escondesse no Occaso? Cuidavamos que o nosso grande David, tão cusado, tão valente, e tão venturoso contra o Gigante, depois de pendurar a victoriosa espada no Templo da Paz, e ferrolhar as portas de Jano, entregasse o sceptro laureado ao que já naquella idade era Salomão. Mas que he delle? Elle subio aonde o levava a vida que sempre concordou com a Fé; e nós ficámos chorando em perpétua saudade o engano de medirmos os seus annos com os nossos desejos, e os espaços da sua vida com os da nossa esperança. Se retratassemos em um quadro a figura deste enigma, veriamos, que em differentes perspectivas os escuros fazião os longes, e os claros os pertos. Mas se chegassemos a tocar com a mão a mesma pintura, achariamos que toda aquella diversidade, que fingem as côres, não he mais que huma illusão da vista, e hum sonho dos olhos abertos, e que tanto o remontado dos longes, como o vizinho dos pertos tudo tem a mesma distancia. Aquelle nescio do Evangelho: *Stulte:* por isso era nescio; porque quando a sua falsa esperança lhe promettia tantos annos, quantos erão os

bens, com que o tinha enganado a fortuna: *Multa bona in annos plurimos; (Luc. 12. 19.)* nem os bens havião de ser seus, senão alheos, nem os annos havião de ser annos, ou dias, ou hum só dia, senão os brevissimos instantes da mesma noite, em que isto imaginava: *Hac nocte animam tuam repetunt à te. (Ibid. 20.)* Assim empresta as vidas o Senhor dellas até o preciso, e occulto termo da sua Providencia: para que acabemos de nos desenganar quão erradas são as contas dos que sommão os futuros pelos presentes: e que só são sezudos, e sábios os que não medem a vida com a esperança, mas tratão só de a concordar com a Fé, em que consiste a eterna.

SERMÃO

NA

DEGOLLAÇÃO DE S. JOÃO BAPTISTA

Em Odivelas, anno de 1653.

Misit Herodes, ac tenuit Joannem, & vinxit eum in carcere propter Herodiadem uxorem Philippi fratris sui, quia duxerat eum.... & decollavit eum in carcere. Marc. 6.

§ I.

Uso foi dos antigos Hebreos, (de quem o tomárão os Gentios mais sábios, Gregos, e Romanos, e sem perigo da Fé, antes com louvor dos costumes o deverão imitar os Christãos.) Uso foi, digo, nos famosos convites, não só saborearam as mesas com pratos regalados, e exquisitos, mas tambem com problemas discretos, e proveitosos. Lembravão-se aquelles homens que erão racionaes, e parecia-lhes cousa indigna de huma natureza tão nobre, que fi-

cassem em jejum as potencias da alma, quando tanto se estudava, e despendia em dar pasto, e delicias aos sentidos do corpo. Entre outros exemplos deste célebre costume (muito antes de Salomão compôr para elle as suas Parabolas) temos o das vodas de Samsão, o qual com nome de problema propoz na mesa aos convidados o enigma da sua victoria, dizendo: *Proponam vobis problema. (Judic. 14. 12.)* O mesmo digo eu, e farei hoje. Temos á mesa El-Rei Herodes com os Grandes da sua Côrte; e assim como Herodias tomou por sua conta pôr nella o mais exquisito prato; eu quero que corra pela minha propôr o mais proveitoso problema. O prato foi a cabeça do Baptista: o problema não será indigno de que o mesmo Baptista o prégasse: *Ave Maria.*

§. II.

Nesta grande tragedia do maior dos nascidos fazem o primeiro, e segundo papel dous homens, que tambem nascêrão grandes: hum Herodes, outro Filippe: hum Rei, outro seu irmão: hum sem honra, outro sem consciencia: hum casado, mas sem mulher; outro com mulher, mas não casado. E de toda esta violencia, de todo este escandalo, de todo este vituperio de hum, e outro, não fôrão duas mulheres a causa, senão huma só, e a mesma, a infame

Herodias. A tanto se atreve hum amor poderoso, a tanto se delibera huma ambição impotente. Era Herodias no mesmo tempo mulher de Filippe propria, e de Herodes alhea; ambos por ella infelices, ambos por ella affrontados, ambos por ella em diverso modo perdidos. Nesta historia se funda o meu problema, como o de Samsão na sua, e será este: Quaes mulheres são mais perniciosas aos homens, se as proprias, ou as alheas? Se as proprias, como Herodias era de Filippe; ou as alheas, como a mesma Herodias era, ou não era de Herodes? Já sabeis que quem disputa problemas, não tem obrigação de os resolver. E porque cada hum deve seguir a parte que mais lhe contentar, todos devem attenção a ambas.

Mas antes que entrémos na disputa, vejamos brevemente primeiro quão problematica he a materia. Propõe-se em outro convite, que refere Esdras, aquella famosa questão, qual era a cousa mais poderosa do mundo. E huns Filosofos disserão que a mulher; outros que o vinho. Não me detenho nas razões de cada hum; mas só reparo na discrepancia dos extremos, e na concordia dos votos. Em que simbolizão o vinho, e a mulher, para se attribuir a ambos o maior poder? Simbolizão, disserão os mesmos Filosofos, em que o vinho, e a mulher, ambos rendem o dominio de tal sorte aos homens, que

lhes tirão o juizo. Adão, o primeiro pai do genero humano, e Noé, o segundo, ambos perdêrão o juizo: e quem lho tirou? Ao primeiro a mulher, ao segundo o vinho. E assim como o vinho para tirar o juizo a hum homem, não importa que seja da sua vinha, ou da vinha do outro; assim tambem a mulher: tanto lhe póde tirar o juizo a alhea, como a propria. Dêmos a Adão outro companheiro. Perdeo Adão o juizo, perdeo o mundo: e por quem? Por amor de Eva. Perdeo David o juizo, e perdeo o Reino: e por quem? Por amor de Bethsabee. Bethsabee era mulher alhea, Eva era mulher propria. Mas que importou que huma fosse propria, e outra alhea, se ambas perdêrão a ambos?

O Espirito Santo, que não póde errar, diz que as mulheres fazem apostatar da Fé, e idolatria aos sábios: *Mulieres apostatare faciunt sapientes. (Eccles. 19. 2.)* Não diz aos homens, senão aos sábios, que são aquelles homens, que até sobre as Estrellas tem dominio. Dictou este Oraculo o Espirito Santo por boca de Salomão, e no mesmo Salomão, que foi o mais sábio de todos os homens, se vio provado. As mulheres Gentias lhe depravárão o juizo de tal sorte, que o famoso edificador do Templo de Jerusalem, não só adorou os seus Idolos, mas tambem lhes edificou templos. E porque chegou a cahir em tal cegueira hum tal homem? Porque antes de adorar

os Idolos, adorava os Idolatras. Primeiro fôrão elles Idolos de Salomão, do que Salomão adorasse os seus Idolos. E huma vez que as mulheres são Idolos, tanto monta que sejão proprias, como alheas. Que importa que o Idolo seja, ou não seja meu, se eu o adoro? Rachel, quando ainda era Gentia, furtou os Idolos de seu pai Labão: e qual dos dous era mais idolatra? Os Idolos, que adorava Labão, erão seus; os que adorava Rachel erão roubados: mas tão idolatra era Rachel adorando os Idolatras alheos, como Labão os proprios. Daquelles Idolos diz David, que tinhão olhos, e não vião, ouvidos, e não ouvião, boca, e não fallavão. Vêde se será o mesmo nos Idolos que fallão, que vêm, e que ouvem? Tanto importa que sejão proprios, ou alheos, para vos fazerem apostatar.

Finalmente o mesmo homem que nos deo exemplo com o seu problema, sem o dividirmos em dous sugeitos, e sem o declararmos por metaforas, he a maior prova do nosso. Teve Samsão duas mulheres, huma propria, outra alhea; porque huma era legitima, e a outra não. A alhea se chamava Dalila, a propria não tem nome na Escritura. E que lhe succedeo com ambas? Tão alhea foi do seu amor a alhea, como a propria; e tão propria para os enganos a propria, como a alhea. Ambas o enganárão, ambas lhe fôrão infieis, ambas ingratas, ambas traidoras, am-

das cruéis, ambas inimigas. A propria o rendeo com lagrimas, e caricias a que lhe descobrisse o segredo do seu enigma, e o revelou a seus competidores, e tomou por marido a um delles. A alhea comprada por dinheiro lhe roubou com as mesmas artes as chaves do thesouro de seus cabellos, os quaes cortados, e enfraquecido Samsão o entregou nas mãos dos Filisthêos. Estes fôrão os favos, que tirou da boca daquelles dous Leões o sábio, e valente moço, o qual agora podia trocar o seu problema com o nosso, e perguntar com maior razão, quaes mulheres são mais perniciosas ao homem, se as proprias, ou os alheas. Mas já he tempo que entremos na tea da disputa, e discorramos por huma, e outra parte os fundamentos tão verdadeiros, como fortes, com que ambas se combatem, ou se defendem.

§ III.

Começando pelas mulheres alheas, qual era Herodias em respeito de Herodes; a razão, a experiencia, as leis de todas as Nações, ainda barbaras, os escandalos particulares, e públicos, a ruina das casas, a infamia das pessoas, as mortes violentas na paz, o sangue correndo a rios nas guerras, a destruição de Cidades, a assolação de Reinos inteiros; em fim a voz, e consenso do genero humano, con-

timado por todas as idades do mundo, tudo isto he hum testemunho universal, e de maior autoridade, que a de todos os Escritores, (tambem concordes na mésma opinião) o qual affirma, defende, e sem contradicção pronuncia que as mulheres mais perniciosas aos homens são as alheas. As proprias são companheiras no matrimonio, as alheas são complices no adulterio: e sendo o adulterio peccado, e o matrimonio Sacramento, mais parece sacrilegio, que aggravo, a comparação pôr si só entre humas, e outras; quanto mais o pôr em questão, e em dúvida, quaes sejão mais damnosas ao homem. O matrimonio foi instituido por Deos no estado da innocencia; o adulterio foi machinado pelo demonio depois da natureza corrupta: o matrimonio ainda antes de ser Sacramento sempre foi licito, honesto, e santo; o adulterio sempre illicito, sempre injusto, sempre abominavel: e sendo qualquer peccado o maior mal de todos os males, e este por sua malicia tão grave, que Job professor sómente da Lei da Natureza, lhe chamou a maxima das maldades: *Quæ est iniquitas maxima; (Job. 31: 28.)* quando as mulheres alheas não forão occasião, e causa aos homens de outro mal, mais que o peccado; só por esto, que sempre he inseparavel do adulterio, se lhes devia em grão superlativo, e sobre toda a comparação o nome de perniciosas.

Para serem perniciosas, e causadoras de gravissimos males as mulheres alheas, não basta serem mulheres; (como indiscretamente dizem muitos sem o respeito, e reverencia devida ao sexo de que todos nascemos) mas o que eu digo he, que basta serem alheas. Alhea era aquella mulher, que David tomou occultamente a Urias, abusando do poder Real: exemplo em que tem mais imitadores, que no de suas virtudes. Mandou Deos ao Profeta Nathan que lhe fosse estranhar de sua parte hum tão grande, e nelle tão novo excesso: e que fez o Profeta? Para que o Rei em terceira pessoa reconhecesse melhor a fealdade do seu peccado, representou-lhe primeiro na parabola, ou accusação de hum poderoso, o qual tomára a hum pobre huma só ovelha, que tinha, para com ella agasalhar hum peregrino, que se viera hospedar em sua casa. O poderoso era David; o pobre, Urias; a ovelha, sua mulher Bethsabee; e o peregrino, o máo appetite, que casualmente, e fóra do que David costumava, se lhe introduzio no coração, e elle o recebeo, como não devêra. Mas se o peccado era de adulterio, porque o representou o Profeta em parabola, e figura de furto? Porque o furto, e o adulterio ambos tem o mesmo objecto, que he o alheo. He pensamento de S. Ambrosio em differente caso, mas muito proprio do presente. Chama o Santo Doutor elegantemente á cubiça luxuria de dinheiro:

Æris libido: e proseguindo na mesma metafora, diz que os furtos são adulterios da cubiça: *Æris libido sic igne suo pascit animum, ut hoc solo à luxuria distet, quòd hæc formarum adultera sit, avaritia terrarum.* Assim como o torpe póde ser torpe, sem ser adultero, assim o cubiçoso póde ser cubiçoso, sem ser ladrão: mas quando chega a ser ladrão, logo juntamente he adultero: e porque? Porque assim o furto, como o adulterio tem por objecto o alheo: o adulterio, a mulher alhea; o furto, a fazenda alhea: e assim como o tomar a mulher alhea he adulterio da torpeza; assim o tomar a fazenda alhea, he o adulterio da cubiça.

Vêde agora se se infere bem, que ainda que a mulher alhea não fôra mulher, só por ser alhea, seria causa de grandes males ao homem. E para que o mesmo caso que nos dê a semelhança de hum, e outro adulterio, nos dê tambem a prova de hum, e outro effeito, ponhamos em parallelo ao mesmo Rei David com ElRei Achab, e veremos as calamidades, e desventuras a que ambos se condemnárão, hum, porque tomou o alheo, outro, porque tomou a alhea. Tomou Achab a vinha de Naboth; e que se seguio desta violencia (para que não percamos o decóro ao nome Real com lhe chamar furto)? Lá disse São Paulo, que hum pequeno fermento corrompe toda a massa: *Modicum fermentum totam massam*

corrumpit; (1. Cor. 5. 6.) e taes são os effeitos do alheo, ainda que a massa com que se ajunta, ou mistura seja huma Monarquia inteira. Que comparação tinha a vinha de Naboth com o Reino de Achab? Mas era alhea, posto que tão pequena. E como se Naboth com as vides da sua vinha lhe puzera o fogo, assim ardeo em hum momento a casa de Achab, a Corôa, o Reino, a vida sua, e de sua mulher, a honra, a fama, o estado, a successão, e até os ossos de ambos. E se ísto faz o alheo em materia de tão pouco preço, que faria na mais preciosa, na mais prezada, na mais estimada de todas, e que o homem não distingue de si mesmo, qual he a mulher? Diga-o Bethsabee: (para que voltemos os olhos á outra parte do parallelo) diga-o Bethsabee, que foi a Elena de Israel; e chore-o a Casa de David, que foi a Troya daquella Elena.

De Troya fingirão os Poetas, que fôra fundada pelos Deoses: *Cœlitum egregius labor. (Senec. in Troa.)* Mas depois que nella entrou Eletia, roubada a seu marido Menelão por Páris filho d'ElRei Priamo, não lhe valeo a divindade de seus fundadores, para que não ardesse, deixando sepultada em suas cinzas a flor de toda a Asia, e Europa, consumida no sitio de dez annos. Tão perniciosa he aos homens, e tão fatal póde ser aos mesmos Reinos huma mulher alhea. A Casa de David he certo que foi fundada

pelo verdadeiro Deos, e com os mais altos, e sólidos fundamentos de quantas houvé, nem haverá no mundo, como aquella, de cuja prosapia havia de nascer feito Homem o Filho do mesmo Deos: mas tanto que nella entrou huma mulher tomada a seu marido, posto que não publica, senão occultamente: este fogo occulto foi o que a abrazou, e destruio, como notou S. Chrysostomo: *Nisi peccatorum scintillas occultasset, domus non conflagraret.* Que desgraças, que infortunios não succedêrão a David, e aquelle grande Heróe, entre todos os da fama famosissimo, depois deste erro tão lamentavel, e tão chorado por elle? Mas nem os rios de lagrimas, que continuamente corrião dos mesmos olhos, com que vira a Bethsabee, bastárão a apagar o incendio, que com ella se ateou á sua casa, sendo a justiça do mesmo Deos, que a fundára, a que a hum homem tão amigo, e tão do seu coração, castigou tão severamente.

Quatro erão as columnas principaes sobre que se sustentava a Casa Real de David: Salomão, Adonias, Amon, Absalão: e excepto o primeiro, (que sómente se conservou na promessa, e juramento de Deos) todos os outros acabárão desastrada, e tragicamente; porque Salomão matou a Adonias, Absalão matou a Amon, e contra o preceito do mesmo David, Joab matou a Absalão. Deixo o primeiro filho, que lhe nasceo de Bethsabee morto por sentença

Divina antes de ter nome. Nem falto na desgraça de Thamar viva para perpétua dôr do pai, e epitafio immortal de sua deshonra. Affrontou-a seu proprio irmão Amon com maior crueldade, que se a matára: mas não parárão aqui as mortes violentas, e lastimosas na Casa de David; porque em quanto durasse no mundo a sua descendencia, sempre a espada da Divina justiça se veria tinta no seu sangue em castigo, e pena posthuma daquelle peccado. He cousa que de nenhum modo se pudéra crêr, se assim o não dissera a mesma sentença: *Quamobrem non recedet gladius de domo tua usque in sempiternum. (2. Reg. 12. 10.)* Ah Rei Profeta, que se assim como vieis outros futuros, antevirêis os estragos, que com aquella mulher, como nuvem prenhe de raios, trazieis á vossa casa, e sobre vossa pessoa, antes quererieis perder os olhos, que pô-los nella!

Era David Rei ungido por Deos; mas onde está a Corôa? Lá a leva tyrannicamente usurpada, e posta sobre a cabeça o impio, e rebelde Absalão, acclamado com trombetas, e seguido de todo o Reino. Era o valente de Israel, que matava Leões, e Gigantes, e vencia exercitos de Filistheos; e agora vai fugindo pelos montes, de hum moço mais conhecido das damas pelos cabellos, que dos soldados pela espada. Era o venerado, applaudido, e adorado das gentes; e agora apedrejado de Semei,

ouve os opprobrios, as injúrias, as calúmnias, e as maldições de huma lingua tão vil, e infame, como o mesmo que se atraxia a dizê-las. Era o mais rico Monarca de quantos dentro, e fóra de Palestina, accumulárão thesouros; e agora pobre, desterrado, faminto, vive das migalhas de Berzellai. Sobre tudo era aquelle Santo varão, cuja alma por suas virtudes era lavada em Deos: *In Domino laudabitur anima mea; (Psalm. 33. 3.)* e agora pelo seu peccado he Deos blasfemado nelle; *Quoniam blasphemare fecisti inimicos Domini (2. Reg. 12. 14.)* Ha ainda mais desgraças? Ha ainda mais affrontas? Ha ainda mais çastigos sobre David? Ainda. E os que, na opinião dos homens, são os mais affrontosos. *Ecce ego suscitabo super te malum de domo tua, & tollam uxores tuas, & dabo proximo tuo, & dormiet cum uxoribus tuis in oculis solis hujus: tu enim fecisti absconditè, ego autem faciam verbum istud in conspectu omnis Israel. (Ibid. 11. 12.)* Se ouvidas, David, (diz Deos) que com todos estes castigos tens purgado a tua culpa, enganas-te. Nem a morte dos filhos, nem a usurpação da Corôa, nem a perda do Reino, nem o desterro, nem a pobreza, nem a miseria, nem as injúrias, e infamias com que te vês não só perseguido, mas abominado de teus vassallos, são bastante satisfação ao teu peccado: *Ecce ego suscitabo super te malum:* ainda te

resta por padecer outro mal maior que todos esses males, que he a pena de Talião: *Dabo uxores tuas proximo tuo.* Assim como tu tomaste a mulher alhea, assim permittirei que tomem outros as tuas, e não com a mesma, senão com muito maior affronta: *Tu enim feceti abscondite, ego autem faciam in oculis solis hujus in conspectu omnis Israel.* Porque tu tomaste a mulher alhea secreta, e escondidamente, as tuas ser-te-hão tomadas, e profanadas á vista de todo o mundo, e nos olhos do mesmo Sol.

§ IV.

Verdadeiramente, que se não pudérão pintar com côres de maior horror os damnos, e calamidades, de que são causa aos homens, aos Reinos, e ao mundo as mulheres alheas, ou huma só mulher alhea, que he mais. Mas ainda não está ponderada a maior circunstancia do caso. Não diz o relatorio da sentença de Deos, notificada pelo Profeta, que foi condemnado David a todos estes castigos, porque tomou a mulher alhea, senão porque tendo sido alhea, a fez sua, casando-se com ella. Assim o pronuncia expressamente o Texto: *Uxorem illius accepisti in uxorem tibi, (2. Reg. 12. 9.)* e assim o torna a repetir outra vez com a mesma expressão: *Et tuleris uxorem Uriæ Hetthæi, ut esset mihi uxor.*

(Ibid. 10.) E assim o tinha já advertido na historia, e narração do caso. *Misit David, & introduxit eam in domum suam, & facta est ei uxor: & displicuit verbum hoc coram Domino. (2. Reg. 11. 27.)* Onde se deve notar, que este matrimonio, posto que nas leis Christãs seria illicito, e invalido; nas leis Hebreas porém não tinha prohibição alguma: e por isso o mesmo David depois de reconciliado com Deos teve sempre aquella mulher por legitima, e a tratou como tal. Pois se Bethsabee, quando David a tomou a Urias, sendo elle vivo, era alhea, e depois da sua morte, quando se casou com ella já era propria; porque se fulminão todos os castigos contra David, não tanto pelo adulterio, quanto pelo casamento? E não tanto por tomar a mulher alhea, quanto pelo fazer sua? Theodoreto fundado nos textos, que allegamos, diz, que delles se colhe que mais sentio Deos o matrimonio de David com Bethsabee, do que o adulterio: *Tacite significat oratio, quòd Deus magis succensuit ob matrimonium, quàm ob prius commissum adulterium.* E do mesmo parecer he Procopio, a Glossa, e outros graves Autores; com que mais se acrescenta a dúvida, ou admiração de extraordinarios castigos.

Mas antes que dêmos a razão deste caso, ponhamos á vista delle outro por ventura mais admiravel. Entra Abrahão no Egypto tendo primeiro concertado

com Sara, que se nomea, não por mulher, senão por irmãa sua. Chega a fama de sua fermosura a ElRei Faraó, e a fim de se casar com ella (como era lidito, e usado naquelles tempos) manda que lha levem ao Paço, e que a Abrahão como irmão seu se fação grandes mercês. Executou-se assim com aquella diligencia, com que os appetites dos Reis costumão ser obedecidos; mas o castigo do Céo ainda foi mais apressado, porque no mesmo ponto, sem offensa da honestidade de Sara, veio o açoute de Deos sobre Faraó, sobre todos seus vassallos: *Flagellavit autem Dominus Pharaonem plagis maximis, & domum ejus propter Saraï uxorem Abrahæ.* (Genes. 12. 17.) As pragas, ou calamidades de que constou o açoute, que a Escritura chama maximas, forão estas; cahio de repente o mesmo Faraó mais morto, que enfermo; com acerbissimas dôres, que sem poder aquietar, nem de dia, nem de noite, o atormentavão mortalmente. Começárão a tumultuar, e rebellar-se-lhe os vassallos: ateou-se peste em todo o Reino: esterilizárão-se não só os campos, mas com prodigio inaudito, até os animaes, e homens, cessando totalmente em huns, e outros a geração, e uso della: e tudo isto só porque Faraó teve intento de se casar com uma mulher alhea. Mas se Sara dizia que era irmãa de Abrahão, e Abrahão que era irmão de Sara, e Faraó o suppunha assim, ignorando totalmente

que fosse sua mulher; sobre que cahia este açoute do Ceo com tantos, e tão extraordinarios castigos, e não por outra causa, senão por ser Sara mulher de Abrahão: *Propter Sarai uxorem Abraham? (Ibid.)*

Aqui vereis em hum, e outro caso, não só quão perniciosas são aos homens sobre toda a imaginação as mulheres alheas, mas quão pouco basta para serem criminadas diante de Deos por alheas, ainda que o não pareção. Bethsabee, ainda que casada com David, tinha sido mulher de Urias: Sara, ainda que reputada por irmãa, era mulher de Abrahão: e posto que David se casára com Bethsabee, e Faraó se queria casar com Sara, ambos legitimamente, nem a David o livrou dos castigos o matrimonio, nem a Faraó o escusou a ignorancia; a hum, porque a mulher verdadeiramente era alhea; a outro; só porque o tinha sido. Sara, ainda que fosse irmãa de Abrahão, podia ser casada, e mulher de outro; e Faraó foi culpado em não fazer naquelle caso o exame devido. Bethsabee, ainda que já era livre pela morte do marido, tinha sido alhea no tempo do adulterio: e David foi culpado em continuar o amor de quem lhe fôra occasião do peccado. E estas circunstancias, e considerações, que no juizo dos homens parecem leves, e veniaes; no de Deos são tão graves, e tão pesadas como mostrárão os açoutes, com que as castigou.

Oh quantos Reis, e quantos Reinos se arruinão, quantos exercitos, e quantas armadas se perdem, quantas fomes, quantas pestes, e quantos infortunios, e calamidades geraes se padecem, não pelas causas imaginadas que vãmente discorrem os Politicos, mas pelas injúrias, que commettem os maiores, ou contra o proprio, ou contra o alheo matrimonio, não sendo necessario que as mulheres sejão de outrem, mas bastando que não sejão proprias! Por amor de Dina se perdeo o Principe Sichem, e todo o seu Estado: por amor de Judith se perdeo o General de Nabuchodonosor, e a potencia formidavel dos seus exercitos. E porque? Não porque em Dina, ou Judith se violasse a fé devida ao thalamo conjugal; porque Dina era donzella, e Judith viuva; mas bastou que não fossem mulheres proprias, para que desarmadas de todo o outro poder fossem ambas a occasião, e cada huma só causa de tamanhos estragos.

O intento de Nabuchodonosor, era sujeitar todo o mundo a seu imperio, e o poder, que ajuntou, e expedio para esta vastissima empreza, era tão superior a todas as forças do mesmo mundo, que não houve Cidade tão forte, nem Reino tão poderoso, nem Nação tão bellicosa, que se atrevesse a o resistir, sujeitando-se tudo sem guerra, nem batalha, ou de perto só com a vista, ou de longe só com a fama

de tão insuperavel potencia. Sahe porém Judith de Bethulia, e não violentada, ou tomada por força, mas solicitada por amor, e por rogos, ella só, e com a espada do mesmo General Holofernes lhe cortou a cabeça; ella só, e com hum só golpe, degollou todo o seu exercito, desarmou todo o seu poder, aniquilou todas as suas victorias, emmudeceo toda a sua fama, e a converteo em desprezo, confusão, e affronta de toda a Monarchia de Nabuchodonosor.

Não era tão poderoso como Nabucho o Principe Sichem, mas de maior titulo, que Holofernes, com soberania de estado. Vivia nas suas terras, e á sua sombra como peregrino, e estrangeiro Jacob pai de Dina: pedio-lha por mulher Sichem, tendo-lhe feito primeiro um daquelles aggravos que costuma desculpar o amor, e sarar o matrimonio: offereceo-lhe por dote quanto pedisse; veio em condições tão asperas, e difficultosas, como o mudar de Religião, e circuncidar-se primeiro, não só elle, mas todos seus vassallos. E que se seguio daqui? Hum engano verdadeiramente injusto, mas hum castigo, se merecido, atroz, e hum exemplo por todas as suas circunstancias temeroso, e horrendo. No mesmo tempo em que todos voluntariamente se tinhão ferido, e no dia em que as dôres da circuncisão são mais insupportaveis, como nota o Texto, dous irmãos de Dina, Simeão, e Levi, moços, que nenhum delles che-

gava a vinte e dous annos, entrão armados pela Cidade, matão ao Principe, e a seu pai, e a todos os Sichimitas miseravelmente presos, e sem se poderem defender por causa das feridas, e força das dôres, levão cativos todas suas mulheres, e filhos, assolão a Cidade, despojão as casas, devastão os campos. Este foi o desestrado, e lastimoso fim daquelle Principe, e de todo o seu Estado, e vassallos, não tanto por socegar da sua paixão, quanto por se apressar na mesma cegueira. Que mais podia desejar Jacob, que casar sua filha com o Principe da terra em que vivia? Mas porque Sichem, como poderoso, não quiz esperar pela benção do matrimonio, encorreo tão miseravelmente a maldição, que leva comsigo toda a mulher, que não he propria. Com esta maldição quero dar fim á primeira parte do problema, é para que todos acabem de conhecer quão grande maldição he, e de todos os modos a temão, sobre os dous casos de huma só mulher, acrescento outro de muitas.

Desejou ElRei dos Moabitas Balac amaldiçoar os arraiaes, e exercitos do Povo de Deos, (os quaes ordinariamente se perdem, e tem infelices successos, porque vão carregados de maldições) e o meio, que para isso tomou, foi rogar por seus Embaixadores ao profeta Balaão (profeta, e feiticeiro juntamente) que os quizesse amaldiçoar. As instrucções destes

Embaixadores hião acompanhadas de outras de ouro, e prata, que tambem são boa parte da maldição. Mas como Deos huma, e outra, e tres vezes provocado com os sacrificios do máo Profeta lhe não permittisse amaldiçoar o seu Povo; elle que tinha os olhos postos na propina, se desculpou com o Rei de o não poder servir, como desejára, porém que em lugar da maldição, que lhe pedia, lhe daria hum conselho tão effectivo, como ella. Tambem não he cousa nova haver conselhos, que sejão maldições, e tão vendidos, e comprados, como se forão Oraculos de Profetas. Qual foi pois o conselho de Balaão? Foi que o Rei não sahisse em campanha com exercito de homens armados, e ordenados, senão com tropas de mulheres mandadas á desfilada; porque tanto que estas chegassem a se avistar com os Capitães, e soldados do exercito de Israel, logo elles se lhes renderião sem dávida debaixo das condições, que quizessem. E commettido este grave peccado, (diz Balaão) o mesmo Deos que agora me não consentio que eu amaldiçoasse o seu Povo, fará nelle tal estrago, que vós, ó Balac, vos deis por mui satisfeito, e não lhe desejeis maior maldição. Este foi o conselho do máo profeta, e se aconselhou como máo, tambem como profeta adivinhou o successo. Sahem as Madianitas em demanda dos arraiaes de Israel, chegão primeiro á vista, e depois á falla, e não com outros feitiços,

que lhes désse Balaão, senão com os da sua presença, de tal maneira prendêrão, e sujeitárão os Capitães, e soldados Israelitas, que se Deos não acudira com prompto, e exemplarissimo castigo, o exercito, a jornada, a terra de Promissão, e tudo se perdêra. Fôrão degollados naquelle dia vinte e quatro mil, que a tantos tinha já corrupto a peste das Moabitas. Fazia horror a immensa mortandade, e corria o sangue a rios: não se guardou respeito á dignidade, nem foro á qualidade, nem excepção á pessoa: e só houve de differença, que os que a Escritura chama Principes, os mandou Deos enforcar em forcas altas com os rostos voltados ao Sol, para que fossem mais conhecidos, e a sua infamia mais pública. Foi boa maldição esta? Pois esta he a que nos particulares arruina as casas, e no commum as Respublicas. Para que os Principes, e os que o não são, se acautelem, e temão: para que ninguem possa duvidar, e fique assentado por conclusão, que as mulheres mais perniciosas aos homens são as alheas.

§ V.

Entrando na segunda parte do nosso problema á vista da maldição com que acabei a primeira, lembra-me que quando se promulgou a lei na terra de Promissão, foi com tal ceremonia, que as maldições,

que na mesma lei se fulminão contra os quebrantadores della, se publicárão desde o monte Hebal, o qual por isso se chamou o monte das maldições; e do mesmo modo ás bençãos, e felicidades, que se promettem aos que a guardarem, se publicárão desde o monte Garizim, ao qual, pela mesma causa, chamárão o monte das bençãos. Supposto pois que segundo o merecimento dos autos nenhuma injuria faremos ás mulheres alheas em lhes chamarmos o monte das maldições; parece que ás proprias, e legitimas lhes he devido o nome de monte das bençãos, pois estas acompanhão sempre o Sacramento do matrimonio, e sabemos que em sua primeira instituição, ainda antes de ser Sacramento, o abendiçoou Deos, lançando sua benção a Adão, e Eva: *Masculum, & feminam creavit eos, benedixitque illis Deus. (Genes. 1. 27.)* Mas porque Eva respondeo tão mal ás obrigações do seu estado, que em lugar de ajudar o marido á conservação do morgado, que ambos recebêrão em dote, não só o destruio, e perdeo a elle; mas com elle a todos nós, como herdeiros, que haviamos de ser seus, posto que ainda não eramos. Todos os trabalhos, e calamidades que padecemos na vida; toda a corrupção, e miserias a que estamos sujeitos na morte; todos os males, penas, e tormentos, que depois da morte nos aguardão, ou em tempo, ou em toda a eternidade, tiverão seu

homem. *Tu es arboris illius resignatrix:* Tu és a que abriste a porta á morte, que naquella arvore estava encerrada, e occulta: *Tu és divinæ legis prima desertrix:* Tu ês a primeira que desprezaste, e quebraste a Lei Divina. *Tu es, quæ eum suasisti, quem diabolus aggredi non valuit:* Tu és, a que te atreveste a persuadir o homem, a quem o demonio não foi ousado a acommetter por si mesmo. *Tu, imaginem Dei, hominem tam facile elisisti:* Tu a que tão facilmente não só apagaste, mas deformaste, e afeaste a imagem soberana, que Deos nelle tinha impressa. *Propter tuum meritum, id est, mortem, etiam Filius Dei mori habuit: & adorniari tibi in mente est supra pelliceas tuas tunicas?* Finalmente pelo teu merecimento, isto he, pela morte merecida por ti, houve de morrer o Filho de Deos: e tu com este triste, e formidavel espelho diante dos olhos, não te pejas, nem envergonhas de buscar, e inventar novas, e preciosas galas, com que ornar indecentissimamente as pelles, ou sambenito da penitencia, de que elle te vestio? Tudo isto, que só na primeira Eva se podia verificar, applica Tertulliano ás de seu tempo, posto que menos vans, que as do nosso, não duvidando chamar a cada huma, não outra, senão a mesma antiga Eva; nem resuscitada, senão a mesma, que em cada huma dellas ainda vive, e necessariamente viverá sempre: *Vivat & creatus necesse est.*

§ VI.

Huma das mais notaveis cousas da Escritura he a vida da mulher de Job. Tinha Deos concedido ao diabo, que naquella grande casa pudesse fazer, ou desfazer contra elle tudo o que seu odio, sua astucia, e maldade julgasse conveniente para o vencer, excepta sómente a vida do mesmo Job: *Verumtamen animam illius serva. (Job. 2. 6.)* Começou pois o demonio matando, e degollando tudo quanto vivia na mesma familia: os bois, que erão quinhentas juntas, e as jumentas outras tantas, pelos Sabeos: os camelos, que erão tres mil, pelos Chaldeos, divididos em tres esquadras: as ovelhas, que erão sete mil, por raios cahidos do Ceo: mortos juntamente todos os pastores, e criados, que guardavão estes grandes rebanhos, excepto sómente hum, que levasse as tristes novas, até que chegou o ultimo dizendo, que juntos todos os sete filhos, e tres filhas do mesmo Job, convidados á mesa do seu Primogenito, batidos os quatro cantos da casa por hum fortissimo pé de vento, e cahindo sobre todos, juntamente ficárão mortos, e sepultados nas suas ruinas. Mas o que he mais digno de nota em tão commum, e universal estrago, he, que entre tantas mortes ficasse com tudo viva a Senhora da casa, a mãi dos filhos, e a

mulher do pai? Que morrão todos os gados, tantos, e de todo o genero: que morrão os criados, e guardas destas riquezas naturaes, que erão os thesouros daquella idade, grande golpe foi a ira, e astucia do demonio; mas todo contra a grandeza da casa, e opulencia da numerosa familia; porém que morrendo todos os filhos, e filhas, até o mesmo Primogenito, que era o que de mais perto, e mais interiormente tocava á pessoa do mesmo Job, o demonio com tudo lhe reservasse viva a mulher, cuja vida não estava exceptuada por Deos, não podendo ser para alivio, e consolação do marido, qual seria a causa desta singular indulgencia na impiedade de tão cruel, e empenhado inimigo? São Basilio, S. Chrysostomo, os dous Gregorios, e todos os Santos Padres, communmente dizem por huma parte, que a fortaleza e constancia de Job era huma columna, hum muro, e huma torre de diamante; e que assim como o demonio se não atreveo a acommetter a Adão por si mesmo, senão pela primeira Eva; assim agora entendeo que para derrubar aquella torre, para arrazar aquelle muro, e para dobrar, e torcer aquella columna de diamante, (que seria mais que desfazê-la em pó) não poderia por si mesmo: e por essa razão deixára viva a Job a sua segunda Eva, para que por meio della perseguido o quebrantasse, ou persuadido o rendesse, que são os

dous modos, huns duro, outro brando, com que o demonio (diz o grande Gregorio) forte, e suavemente costuma conseguir o que intenta: *Diabolus duobus modis impugnat, tribulatione, ut frangat, persuasione, ut mollias: (Gregor. lib. 3. c. 6.)* e como Job pelo pacto, que tinha feito com seus olhos: *Pepigi fœdus cum oculis meis, ut ne cogitarem quidem de virgine, (Job. 31. 1.)* estava já livre, e superior a todos os combates das mulheres alheas, ou não suas; só lhe ficava este da propria, que como lhe chama Chrysostomo, he a lança mais forte do demonio, e o tiro mais certo de todas as suas armas. Mas vejamos, o que fez, e o que disse.

Estava Job coberto de chagas, ou de huma só chaga, que desde os pés até a cabeça o cobria, e atormentava; não em sua casa, ou na cama, mas no desemparo, e miseria quasi incrivel, a que o demonio o tinha reduzido, de hum muladar público, ajudando a correr com huma telha o pestifero, e hediondo humor, que das feridas manava; quando chega a propria mulher, e em lugar das lagrimas, e das lastimas com que se devia compadecer de hum homem, e tal homem, quando não fôra seu marido, e Rei, tendo-o conhecido em tão differente estado; quaes fôrão as palavras que lhe disse? *Adhuc tu permanes in simplicitate tua? Benedic Deo & morere. (Job. 2. 9.)* He primor, ou cortezia sagrada

da lingua Hebrea, não se atrevendo a pronunciar maldições de Deos, em logar da palavra *maledicere*, amaldiçoar, dizer totalmente a contraria, *benedicere*. He possivel pois, (diz a infame, e crueliſſima mulher conservada viva pelo demonio, que dentro nella fallava) he possivel, que ainda posto em tal lugar, que não tem nome a lingua para o pronunciar decentemente, nesse equleo de dôr, de affronta, de miseria, de desemparo, a que nunca reduzio a fortuna o mais vil escravo do mundo; he possivel que ainda ahi te não desenganas? Esta he a gratificação da tua innocencia, este o prémio, das que tu chamavas boas obras? Pois se tu com ellas offendeste a Deos, e elle assim tas paga; porque não acabas já de as conhecer? porque não acabas de as amaldiçoar, e ao mesmo Deos offendido? E porque não acabas de acabar a triste, e miseravel vida, entregando o corpo neste mesmo sepulcro hediondo aos bichos; e a alma sacrilega, e obstinada sepultando-a no inferno? Este he o sentido, como discorre com todos os Padres Olympiodoro, daquellas breves palavras; e esta a segunda Eva, tanto mais injuriosa a seu marido, do que a primeira a Adão, como dizia Tertulliano. Mas ainda nos Textos sagrados temos outra comparação mais horrivel de huma mulher, não alhea, mas propria; e de hum homem não menos Santo, e grato a Deos que Job.

§ VII.

Ouvindo Tobias, que era cégo, a voz de hum animalinho balando, pouco usada na pobreza, e abstinencia de sua casa, advertio como pio, e justo que acaso não fosse furtado: *Videte ne furtivus sit. (Tob. 2. 21.)* E esta só palavra exasperou, e ferio tanto o coração de Anna sua mulher, que irada não só contra Tobias, mas impia, e injuriosa contra o mesmo Deos, respondeo desta sorte, diz o Texto, ao marido: *Manifestè vana facta est spes tua, & eleemosinæ tuæ modò apparuerunt. (Tob. 2. 22.)* Agora sim, que já apparecêrão manifestamente quaes são as vossas esmolas, e obras de piedade, e o que mais he, a vossa esperança em Deos. Oh ira de mulher, quão facilmente concebes o fogo! Oh lingua de mulher, quão facilmente abrazas a terra, e mais o Ceo! Em duas palavras condemnou Anna todas as virtudes de Tobias, e todos os attributos de Deos. De Tobias as esmolas, as sepulturas dos defuntos, e a todas as obras de misericordia, em que deixando o necessario á propria vida, acodia não só aos proximos vivos, mas tambem aos mortos. Em Deos, arguindo de falsa a esperança do marido, condemnou a justiça, a providencia, e o prémio dos Santos. E como Tobias o era, e o maior daquelles tempos,

sentio tanto a injúria, que sua mulher fazia a Deos, e ficou tão envergonhado, e corrido de ter huma mulher, que debaixo de verdadeira fé assim affrontava as virtudes humanas, e Divinas, que levantando as mãos ao Ceo, porque os olhos não podia, pedio a Deos humilde, e instantemente lhe tirasse a vida: *Et nunc, Domine, secundùm voluntatem tuam fac mecum, & præcipe in pace recipi spiritum meum: expedit enim mihi magis mori, quàm vivere. (Tob. 3. 6.)*

Esta foi a resposta de Tobias, da qual dá a razão o Texto, não menos admiravel. Refere toda a causa que Tobias teve para fazer a Deos huma petição tão extraordinaria, como a de lhe pedir a morte, e diz que o intento da parte de Deos foi: *Ut posteris daretur exemplum patientiæ ejus, sicut & Sancti Job. (Tob. 2. 12.)* Para que os vindouros tivessem outro exemplo de paciencia em Tobias, assim como os passados o havião tido no Santo Job. Mas Job perdeo a riqueza dos gados de todo o genero, em que era mais rico, e opulento que todos os Orientaes. Job perdeo os filhos, e filhas mortos, e sepultados de hum só golpe no mesmo dia. Job, sendo Rei, perdeo a Corôa, a obediencia dos vassallos, e o uso dos proprios membros com tão excessivas dôres, sem familia, sem casa, sem cama, no ultimo desemparo, na immundicia, nos ascos, e na summa affronta de

hum muladar público. E se nenhum destes trabalhos padeceo Tobias, como foi a sua tentação, e a sua paciencia semelhante, e de igual exemplo á de Job? Porque o fino da tentação de ambos, e o que mais vivamente lhes penetrou os corações, foi a crueldade, e impiedade de huma, e outra mulher propria; não só desumanas contra seus maridos, mas atrevidas, e blasfemas contra o mesmo Deos. Não diga logo Tertulliano, nem cuide alguem que disse muito em chamar Evas a todas as que descendêrão daquella primeira; porque ainda que foi a causa original de tantos trabalhos, e miserias em seus filhos, foi tão fiel, e demasiadamente amiga de seu marido, que não podendo comer huma maçã sem lhe dar ametade, ella sem querer o perdeo, e elle querendo se perdeo a si mesmo, por não entristecer, como diz S. Ambrosio, nem se mostrar menos grato ás suas delicias: *Ne delicias suas contristaret.*

§ VIII.

Mas já he tempo de darmos a razão, por que as mulheres proprias sejão, ou possão ser mais infaustas, como diz Seneca, e mais perniciosas ao homem, que as alheas. Notavel foi a novidade com que Deos desde o principio, ou deo, ou negou as mulheres aos homens. A Adão deo huma só mu-

lher: *Masculum, & fœminam creavit eos. (Genes. 1. 27.)* A Abrahão, Isaac, e Jacob concedeo depois, como já tinha permittido a Lamech, que tivessem muitas mulheres: Jacob teve quatro, e duas dellas irmãs: David teve mais de vinte: Salomão seu filho só Rainhas, e essas com pompa, e estado Real, sessenta: e finalmente a todos os Hebreos permittio Moysés o libello de repudio; para que deixando huma pudessem tomar outra: permissão que Christo emendou, restituindo o matrimonio á sua antiga singularidade, e pureza, como fôra instituido por Deos em Adão, e Eva. Deste ultimo estado, que he hoje o sômente licito na Lei Christãa, inferirão os Apostolos, que supposto elle, melhor era não casar: *Si ita est causa hominis cum uxore, non expedit nubere. (Matth. 19. 10.)* Respondeo Christo approvando o sentimento dos Discipulos, que nem todos o entendião assim: *Non omnes capiunt verbum istud, sed quibus est. (Ibid. 11.)* Palavras que se todos se conformassem com ellas, se acabaria brevemente o mundo; mas não he elle tal, que mereça tão honrado, e santo fim. Sendo o matrimonio antigamente só contrato, o mesmo Christo o fez Sacramento, para lhe aliviar o peso, e as pensões com a força, e virtude da sua graça. Mas ainda assim sendo hoje a mulher huma só, e por isso livre o homem dos inconvenientes de muitas: qual he, ou

será a razão, ou razões, por que do vinculo do matrimonio fórme tantos laços a natureza ao homem, e lhe seja tão difficultoso no matrimonio o guardar a devida fé a huma mulher, e propria? A familiaridade domestica, o trato continuo, o dominio commum de todos os bens, e o serem como duas almas em hum só corpo, como o mesmo Deos lhes disse: *Erunt duo carne una;* parece hum concurso de causas, que todas conformemente influem união, paz, e contentamento: mas de todas, e de cada huma dellas nasce a mesma difficuldade. O trato domestico, e commum de todos os dias descobre pouco, e pouco os defeitos, que causão o desagrado. O ser a mulher a mesma sem a variedade que remediava o repudio, he a occasião do fastio. Enfastiavão-se os Hebreos do Manná, posto que continha todos os sabores; porque sempre vião o mesmo: *Nihil aliud respiciunt oculi nostri, nisi Man. (Num. 11. 6.)* A união que ao principio do matrimonio erão cadeas de ouro, continuadas as faz o tempo de ferro. Com os annos as mesmas cousas deixão de ser as mesmas: porque a mocidade se faz velhice, a fermosura fealdade, a saude doenças, e achaques e de toda a vida, que na obrigação de se tolerarem, soffrerem até a morte, são hum cativeiro inseparavel que só nella tem o fim.

Todas estas cousas juntas, e cada huma per si

em hum coração humano, que he de bronze, fazem nelle por huma certa força natural, e quasi sem querer a vontade, os mesmos effeitos, que no bronze a continuação do tempo. E não ha dúvida, que de todas estas causas divididas, ou juntas, se compõe aquella fortissima, com que a mulher mais como propria, que como mulher, he tão perigosa, e perniciosa ao homem: mas sobre todas a principal, e por si só poderosa a fazer toda a differença do nosso problema, he ser a mulher propria licita, e a alhea vedada. O ser Herodias mulher alhea, e vedada por Deos, e por isso illicita, era o que o Baptista prégava: *Non licet, non licet tibi: (Marc. 6. 8.)* e como se em lugar destas palavras lhe afearem o adulterio, o confirmassem no motivo cégo, e impio do appetite, obedecendo em muitas cousas ao que ouvia, e ensinava o Prégador, nesta só com a mesma amoestação de que era illicita, se endurecia, e obstinava mais. Entre Eva, e Adão em tão poucos dias, ou horas, quantas se conservárão no Paraiso, nenhuma destas causas, que dependem da continuação, e do tempo, teve lugar: mas bastou a prohibição do fruto vedado, sendo hum só, e por vedado illicito, para que fosse mais insoffrivel a satisfação, e contentamento daquelle felicissimo estado, que a licita concessão, e faculdade de comerem de todas as outras arvores, sendo a multidão, e a variedade dos gos-

tos dellas quasi infinita. Tal he a fome, que não póde soportar o appetite em hum só gosto illicito, e vedado; e tal o fastio, que não póde evitar a variedade, posto que infinita, de todos os concedidos, e licitos. Isto he o que na mesa de Herodes desde hum prato está prégando a grandes brados a cabeça, e lingua muda do Baptista, promettendo a Filippe, posto que neste mundo offendido, e affrontado, a felicidade da salvação, com que no venturoso roubo se vio livre da mulher propria; e segurando a Herodes, no infelicissimo logro da alhea, a certeza que hoje está experimentando dos tormentos eternos, na differença sómente de ser a mesma mulher, ou licita por propria, ou illicita por alhea.

SERMÃO

DA

QUARTA DOMINGA DA QUARESMA

Na Matriz da Cidade de S. Luiz do Maranhão, anno de 1657.

Ut autem impleti sunt, collegerunt, & impleverunt duodecim cophinos fragmentorum. Joann. 6.

§ I.

Bem me podeis ouvir hoje desassustadamente, porque vos hei de prégar muito á vontade. E justo he que entre tantos discursos tristes, mettamos tambem algum menos funesto, para desenfastiar a Quaresma. Queixa-se de mim o corpo, que todos os Domingos passados préguei sómente da alma. Deos assim como creou as almas, tambem creou os corpos, antes os corpos primeiro; pois porque se não tratará tambem do corpo alguma vez? Sou contente.

SERMÃO

DA

QUARTA DOMINGA DA QUARESMA

Na Matriz da Cidade de S. Luiz do Maranhão, anno de 1657.

Ut autem impleti sunt, collegerunt, & impleverunt duodecim cophinos fragmentorum. Joann. 6.

§ I.

Bem me podeis ouvir hoje desassustadamente, porque vos hei de prégar muito á vontade. E justo he que entre tantos discursos tristes, mettamos tambem algum menos funesto, para desenfastiar a Quaresma. Queixa-se de mim o corpo, que todos os Domingos passados préguei sómente da alma. Deos assim como creou as almas, tambem creou os corpos, antes os corpos primeiro; pois porque se não tratará tambem do corpo alguma vez? Sou contente.

nosso sustento; porque todas as outras cousas, cada huma trabalha em si: e Deos, ainda que sem trabalho, obra em todas.

De maneira, senhores, que a occupação do Ceo, e da terra, e de todo este mundo, a maior pensão, o maior cuidado, e o maior trabalho dos homens, he buscar o pão para a boca. Pois isto, por que todos trabalhão, hei de ensinar hoje o modo, com que se possa alcançar sem trabalho. Todos os homens querem ter pão, e muito pão: dous alvitres lhes trago hoje para isso; hum para terem pão, outro para terem muito. Esta será a materia do Sermão. Como he toda do corpo, parecerá a alguem, que não he necessario pedir graça para elle; antes he o contrario; nenhumas materias tem mais necessidade de graça, que aquellas que tem mais de corpo. Peçamo-la ao Espirito Santo por intercessão da Senhora. *Ave Maria.*

§ II.

Propõe-nos hoje a Igreja aquelle famoso milagre, tão famoso, como sabido, em que com cinco pães, e dous peixes em hum deserto deo Christo de comer a cinco mil homens, afóra mulheres, e meninos, e sobejárão doze alcofas de pão. Duas cousas fez Christo neste milagre, deo pão, e deo muito:

deo pão, porque todos comêrão, e sobejou: *Mandavenerunt, & saturati sunt:* (Matth. 14. 20.) e deo muito, porque a todos sobejou: *Et tulerunt duodecim cophinos fragmentorum.* Estas duas cousas, que Christo fez naquelle milagre, são as que vos prometti sem milagre: alvitre para ter pão: alvitre para ter muito. Vamos ao primeiro.

Mas que alvitre vos parece que será este? Que meio vos parece, que se póde dar, para hum homem em toda a sua vida ter o pão certo, sem nunca lhe haver de faltar? Será por ventura ajuntar mais? trabalhar mais? lavrar mais? negociar mais? desvelar mais? poupar mais? mentir mais? adular mais? Alguns cuidão, que estes são os meios de ter pão; mas enganão-se. Sabeis qual he o meio seguro de ter pão, sem nunca haver de faltar? He seguir a Christo. Assim lhe aconteceo a estes cinco mil homens; porque seguião a Christo, tivérão pão no deserto. Se cinco mil homens com molheres, e filhos, entrassem de repente em huma grande Cidade, não haveria promptamente, que lhes dar a comer; quanto mais em hum deserto? Em hum deserto porém se achavão estes homens, sem casa, sem venda, e sem dinheiro para comprar o mantimento, ainda que o houvesse, e sobre tudo com fome de tres dias; mas porque seguião a Christo, tiverão que comer todos, sem lhes faltar nada. Senhores meus, que tão des-

velados andais todos, e tão esfaimados por ter de comer, e por deixar de comer a vossos filhos; segui, e servi a Christo, e eu vos seguro de sua parte, que nem a vós, nem a eles lhes faltará pão.

Ora porque este ponto, em que estamos, assim como he muito para desejar, e para aceitar, não he facil de persuadir; eu vo-lo quero mostrar evidente por todos os meios, com que se pode huma cousa fazer certa. A Escritura sagrada divide-se em livros Historiaes, Sapienciaes, Psalmos, Profetas, Evangelhos, Epistolas Canonicas. Com textos de todas estas Escrituras hei de provar primeiramente o que digo, logo com figuras do Testamento Velho, depois com exemplos, ultimamente com a experiencia. Dai-me attenção.

§ III.

Começando pelos livros Historiaes, no Capitulo vinte e seis do Levitico diz Deos: *Si in præceptis meis ambulaveritis, & mandata mea custodieritis, dabo vobis pluvias temporibus suis, & terra gignet germen suum, & pomis arborum replebuntur: & metetis panem vestrum in saturitate, comedetisque vustissima veterum, & vetera novis supervenientibus, projicietis.* (*Levit. 26. 3. 4. 5. 10.*) Se guardardes a minha lei, e os meus preceitos, dar-vos-hei a chuva a seu tempo: e os frutos de todo genero serão tan-

tes, que quando colherdes os dinheiros, para os recolher lançareis fóra dos celleiros, e das adegas os vinhos. *Quòd si non audieritis me, nec feceritis omnia mandata mea: dabo vobis eduum disperdant vermium, & terram vestram consumèrum ineasulum habet vester, non proferet terra germen, nec arbores pomi prohibunt.* (*Ibid. 14. 19. 20.*) Pelo contrario, se me não ouvirdes, nem guardardes meus Mandamentos, a Ceo será para vós deserto, e a terra de bronze: arar-la-heis, e trabalhareis debalde; porque as sementeiras não nascerão, e as arvores não darão fruto. Isto mesmo repete Deos no livro do Deuteronomio, e em outros muitos lugares das Historias e Sapienciaes: *Non affliget Dominus fame animam justi.* (*Prov. 10. 3.*) Não afflingirá Deos com fome a alma do justo. Parece que havia de dizer: Não affligirá o Senhor com fome o corpo do justo; mas não diz senão a alma; porque a fome, e a pobreza affligem o corpo, e mais a alma ao corpo com a falta do comer, e á alma com o cuidado donde ha de vir. E Deos tem tanto cuidado, e providencia com os que o servem, que não só os sustenta com tal abundancia, que lhes livra o corpo da fome, mas com tal certeza, que lhes livra a alma do cuidado.

Nos Psalmos diz assim: Psalmo Oriata e tres: *Timete Dominum, omnes Sancti ejus, quoniam non est inopia timentibus eum. Divites eguerunt, &* esto

rierunt: inquirentes autem Dominum non minuentur omni bono. (Psalm. 33. 10.) Temei a Deos todos, os que o servis; porque os que o temem, elle os livrará da pobreza. Os ricos empobrecerão, e padecerão fome; porém os que servem, e temem a Deos, e o buscão, não sentirão falta de bem algum. No Psalmo trinta e seis: *Spera in Domino, & fac benignitatem, & pascéris divitiis suis. (Psalm. 36. 3.)* Esperai em Deos, e fazei boas obras, e elle vos sustentará com suas riquezas. E dá a razão no Psalmo trinta e dous: *Ecce oculi Domini super metuentes eum, & in his, qui sperant in misericordia ejus, ut eruat à morte animas eorum, & alat eos infame: (Psalm. 32. 18. 19.)* Porque os seus olhos estão postos sobre os que o temem, para os livrarem da morte, e os sustentarem no tempo da fome.

Nos Profetas, Isaias, primeiro: *Si volueritis, & audieritis me, bona terræ comedetis: quòd si nolueritis, & me ad iracundiam provocaveritis, gladius devorabit vos. (Isai. 1. 19. 20.)* Se quizerdes servir-me, comereis os bens da terra; e se não quizerdes, e me provocardes a ira, a minha espada vos comerá a vós. Notai o *comedetis*, e o *devorabit*: se me servirdes, comereis: se não me servirdes, sereis comidos. Quantos ha, que não tem que comer, e se andão comendo? Pelo Profeta Oseas: *Seminate vobis in justitia, & metite in ore misericordiæ: (Oseas*

10. 12.) Semeai boas obras, e colhereis misericordias. E quantas? Quantas vós pedirdes pela boca, que isso quer dizer, *in ore misericordiæ*. Vamos nos Evangelhos:

São Matthêos: *Quærite primum Regnum Dei, & justitiam ejus: & hæc omnia adjicientur vobis: (Matth. 6. 33.)* Buscai primeiro o Reino de Deos, e tudo, o que vos for necessario, vos buscará a vós. *Beati, qui esuriunt, & sitiunt justitiam; quoniam ipsi saturabuntur. (Matth. 5. 6.)* Bemaventurados, os que tem fome, e sede da justiça, isto he da virtude, que faz justos; porque essa fome, e sede se lhes converterá em fartura. Quão errados vão os que pela a ter, andão esfaimados após as riquezas? Tende vós fome, e sêde do serviço de Deos, e elle vos sustentará abundantemente. *Fiat voluntas tua: panem nostrum da nobis hodie. (Matth. 6. 10. 11.)* Façamos nós a vontade de Deos, e elle nos não faltará com o pão de cada dia; porque a disposição para ter o *panem nostrum*, he o *fiat voluntas tua*.

Finalmente nas Epistolas Canonicas. São Paulo ad Romanos, Capitulo oitavo: *Accepistis spiritum adoptionis filiorum: si autem filii, & hæredes. (Ad Rom. 8. 15. 17.)* Os que servem a Deos, e estão em graça, são seus filhos adoptivos; se são seus filhos, logo são seus herdeiros. Vêde agora se aos herdeiros de Deos todo poderoso, lhes póde faltar alguma cousa. O meo

para o Ceo, e vêreis como vos chovem os bens de Deos, e vos não falta nada. E se estiverdes em lugar, ou em estado, que não possais buscar de comer: o mesmo comer vos buscará a vós, como buscava aos filhos de Israel todos os dias. Mas vós quereis estar no Egypto do peccado, que vos tem cativo, e cativa ha tanto tempo; querois caminhar para o inferno a vélas tendidas, e no cabo que vos faça Deos a matalotagem? Isso não póde ser: dar volta á vida, deixar o caminho do inferno, e tomar o do Ceo, e vêreis como vos não falta cousa alguma: *Dominus regit me, & nihil mihi deerit. (Psalm. 22. 1.)*

Segunda figura. Quiz Isaac dar a benção a Esaú seu Primogenito, e disse-lhe que fosse primeiro caçar, e que lhe trouxesse alguma cousa. Em quanto Esaú foi ao monte, veio Jacob, e fingindo ser Esaú, como Isaac era cégo, furtou-lhe a benção. Abendiçoou pois Isaac a Jacob, e disse desta maneira: *Det tibi Deus de rore cœli, & de pinguedine terræ. (Genes. 27. 28.)* Dê-te Deos das influencias do Ceo, e da abundancia da terra. Levada assim a benção, veio Esaú com a caça, e conhecendo o engano, pedio ao pai que ao menos lhe désse outra benção; ao que respondeo o velho, que outra benção já lha não podia dar, mas para o consolar o abendiçoou tambem com estas palavras: *In pinguedine terræ, & in rore cæ-*

li, erit benedictio tua. (*Ibid.* 39, 40). A vossa benção será da abundancia da terra, e das influencias do Ceo. Notavel caso! As mesmas palavras, que Isaac disse a Jacob, disse tambem a Esaú. A Jacob disse: *De rore cœli, & de pinguedine terræ;* a Esaú disse: *De pinguedine terræ, & de rore cœli.* Pois em Jacob fôrão benção, como em Esaú o não fôrão, antes maldição? Ora notai: Ainda que as palavras fôrão as mesmas, a ordem dellas foi trocada. Na benção de Jacob poz no primeiro lugar os bens do Ceo, e no segundo os da terra: *De rore cœli, & de pinguedine terræ;* na benção de Esau poz primeiro os bens da terra, e depois os do Ceo: *De pinguedine terræ, & de rore cœli.* E eis-aqui em que esteve ser benção a de Jacob, e não ser benção a de Esaú. Os mesmos bens dados por Deos, ou não dados por Deos, são benção, ou maldição.

Senhores meus, todos havemos mister os bens da terra, e mais os do Ceo; os da terra para esta vida, e os do Ceo para a outra; e ainda que esta vida he primeiro que a outra, o buscar os bens dellas ha de ser ás avessas. Os bens da outra hão se de buscar no primeiro lugar, e os desta no segundo; porque nisso consiste termos benção, ou termos maldição. Quem busca primeiro os bens do Ceo, e depois os da terra, tem benção; porque logra os da terra, e mais os do Ceo: quem busca primeiro os

da terra, e depois os do Ceo, tem maldições, porque nem logra os do Ceo, nem os da terra. Eu não vos digo que não busqueis os bens da terra; que isto he os deixar, e desprezar, he cegueira, que Deos dá só a quem he servido: não vos digo que os não busqueis; só vos digo que os busqueis por caminho, em que seguramente os possais achar, que he buscado em primeiro lugar o Ceo, e servindo a Deos. Servi a Deos, e estai seguros que he impossivel faltar o necessario. E senão, vamos aos exemplos.

§. V.

Quem parece que tinha menos fundamento para ter, que Abrahão, a quem Deos mandou sahir de sua Patria, e viver desterrado della? e como tanto, porque tratou de servir a Deos, e particularmente, porque teve tanta Fé, e obediencia, que chegou a lhe sacrificar seu filho, veio a ser tão rico, e poderoso, que sendo necessario soccorrer a seu sobrinho Loth, levou só de sua casa trezentos e dezoito criados. Jacob desemparado, e fugitivo de casa de seu pai, e com tudo, porque servio a Deos, e particularmente, porque foi tão dado á oração, e contemplação, que chegava a andar a Obrar com os Anjos, veio a ter tanta fazenda, como elle mesmo disse, que sahindo da Patria só com seu bordão:

In baculo meo transivi Jordanem, (Genes. 32. 10.) depois se recolheo a ella com a familia de gente, e gados dividida em duas esquadras: *Et nunc cum duabus turmis regnediar.* (*Ibid.*) Joseph vendido para o Egypto, foi escravo, com tudo, porque foi tão casto, que resistio aos requerimentos, e attractivos de sua madrasta, veio a ter tanto poder, que não só sustentou a seus irmãos, e a todos os de casa de seu pai, senão a todo o Egypto, e a todo o mundo. David da menor familia, e da menor idade que se imaginão, como elle mesmo confessava; e com tudo, porque foi grande perdoador de injurias, e cheio de tanta opulencia, que os thesouros, de que testou, não se contárão por mil cruzados, nem por contos, senão por milhões. Eis-aqui o que faz Deos a estes, e a esse veelo não faz a vós, não he porque Deos não seja o mesmo, que era, mas porque vós não sois quaes elles forão. Seja o soldado como foi David, seja o lavrador como foi Jacob, seja o destemido como foi Abrahão, seja o abesanpa[illegible] perseguido como foi Joseph, e eu vos prometto, que delles não falte Deos com muitos bens. Mas vejamos em huma e outra prova, e vamos á experiencia.

[illegible] em necessidades, [illegible] de [illegible] ou de [illegible] não são; ou [illegible] que [illegible] prover [illegible] a Sua

[illegible] Deus [illegible] [illegible] Deus [illegible] [illegible] [illegible]

§ VI.

A experiencia verdadeiramente parece que é tenho contra mim. Porque não ha duvida que vêmos muitas pessoas virtuosas, que pádecem grandes necessidades: logo não he verdade que o caminho de ter pão he servir a Deos. Primeiramente eu direi de crer mais do testemunho de David, que ao vosso. Ouvi o que diz David: *Junior fui, etenim senui, & non vidi justum derelictum, nec semen ejus quærens panem.* (*Psalm. 36: 25.*) Eu fui moço, e tambem fui velho, e nunca vi hum justo desemparado, e a sua familia sem pão para a bôca. Se vós tiverseis os olhos tão alumiados como David, póde ser que disserêis o mesmo. A's vezes os que nós cuidamos que são justos, não são justos: ás vezes os que nós cuidamos que servem verdadeiramente a Deos, não o servem verdadeiramente; e por isso lhes falta Deos com os bens. Serem os homens huma cousa, e parecerem outra, he facil; faltar a palavra de Deos, he impossivel. Em resolução: todos aquelles, que parecem bons, e padecem necessidades, he huma de duas: ou he que o não são; ou he que quer Deos provar se o são.

Faz hum criado d'ElRei huma petição a Sua Magestade, e diz desta maneira: Diz Fulano, que elle

he criado da Casa de Vossa Magestade; porque ha tanto tempo, que serve, e não se lhe paga sua moradia. Pede a Vossa Magestade seja servido de lha mandar pagar com effeito, e receberá mercê. Nem póde El-Rei pelo seu mordomo Mór. Prove o foro, e deferir-se-lhe-ha. O mesmo passa no nosso caso. Serve hum homem, ou huma mulher a Deos; vê-se em necessidade: recorre áquelle Senhor, allega-lhe com suas palavras, e com suas promessas, e pede-lhe que a soccorra; e com tudo vemos que o não soccorre Deos logo, e que padece. Que he isto? He que o mandou Deos provar os seus, e está fazendo as suas provanças; e como tiver provado, logo se lhe deferirá com grande abundancia. Christãos, e Christãs da minha alma: se servis a Deos, e sentis fálta do necessario, tende mão, que vos provia Deos: *Expecta Dominum, viriliter age*, diz o mesmo David, *& confortetur cor tuum, & sustine Dominum. (Psalm. 26. 14.)* He estylo este da casa de Deos. Vêde-o nos mesmos exemplos. Abrahão rico por servir a Deos; mas provado primeiro com o desterro: Joseph rico por servir a Deos; mas provado primeiro com o cativeiro; David rico por servir a Deos; mas provado primeiro com as perseguições: Jacob rico por servir a Deos; mas provado primeiro com os trabalhos. E aos do Evangelho lhes succedeo o mesmo. Não lhes deo Christo

que a vinha se ajuntou ao Reino, perdeu o Reino, e mais a vinha. Fez a vinha o que fazia o vinho; vomitou a Achab, e com ella tudo o mais.

Conta Tito Livio de hum Principe dos Piezenigos chamado Cures, que querendo-lhe tomar suas terras Suatislao Principe dos Ruthenos, elle o houve às mãos em huma emboscada, e mandando-lhe tirar a cabeça, fez da sua caveira huma taça encastoada em ouro, por onde bebia, com esta letra: *Quærendo aliena, propria amisit:* Buscando o alheio, perdeo o proprio. Oh que boa lembrança para a mesa dos Principes, e dos que o não são! Se em todas as mesas se bebêra por esta taça, não se comêra em tantas o pão alheio; e se no Brasil déramos em desenterrar caveiras, em quantas pudéramos escrever a mesma letra! Cuja he esta caveira? He de Fulano. Viveo rico, e morreo pobre: tostou de muitos mil cruzados, e seus filhos pedem esmola. Pois que foi isto? que ar mão deo por esta fazenda? *Quærendo aliena, propria amisit:* Misturou a sua fazenda com a alhea, perdeo a alhea, e mais a sua. Fazenda acquirida com desserviço de Deos, e contra seus Mandamentos! Deos nos livre. O servi-lo he o verdadeiro caminho de a acquirir, e de a conservar.

Vamos ao segundo exemplo da primeira taboa. Diz Deos no terceiro Mandamento: Guardarás os Domingos, e as festas; e vós, porque aquelle dia

vos não fique sem grangear fazenda, não mandais á Missa os vossos escravos, antes mandais, ou quando menos permittis, que trabalhem. Pois sabei, e desenganai-vos, que tudo quanto se trabalha ao Domingo, he destruição de tudo que se acquire pela semana. Dir-vos-hei agora hum lugar, que ha muitos annos tenho notado para os homens do Brasil: *Quando fueritis in terra hostili, sabbatizabit, & requiescet in sabbatis solitudinis suæ, eò quod non sabbatizaverit in sabbatis vestris, quando habitabatis in ea. (Levit. 26. 34. 35.)* Se fizerdes trabalhar a terra aos dias Santos, eu a entregarei aos inimigos, e então guardará os dias Santos a terra. Perguntemos aos nossos vizinhos da Paraiba, e da Guayâna, quanto ha que se não cultivão as suas canas, e que hão moem os seus Engenhos. Pois que é isto? He que estão agora as terras, e os Engenhos guardando os dias Santos, que seus donos antigamente lhes não deixavão guardar: *Sabbatizabit, & requiescet.*

He peccado geral do Brasil deitar a moer ao dia Santo. Deos deo á terra hum dia na semana para descansar: vós não quizestes que descansasse, e louvasse a Deos hum dia; pois descansará agora toda a semana, e todo o mez, e todo o anno, e tantos annos. Senhores, porque cuidais que vos morrem as peças? porque cuidais que vos fogem, e

desapparecem? porque cuidais que se arruinão, e desfabricão, e estão feitos táperas tantos Engenhos? Eu vo-lo direi: Por descuido, e pouco zelo desta Capitania. Não mandais o vosso escravo ao Domingo á Igreja? pois que faz Deos? Já que vós não obedeceis ao meu preceito e não quereis que o vosso escravo venha hum dia na semana á Igreja, eu vo-lo matarei, e virá estar toda a semana no adro. Sabeis que fazem alli os vossos escravos? Estão para ouvirem as Missas que vós lhes não fizestes ouvir. Por cubiça de lavrar, e grangear mais, mandastes trabalhar o vosso escravo ao dia Santo: que faz Deos? Deixa-o fugir para o mato, e que nunca mais appareça: e agora anda folgando sete dias da semana, porque vós não quizestes que descansasse hum só. Por fazer as seis tarefas redondas, mandastes deitar a moer ao Domingo á tarde: e Deos que faz? Dispõe que tenhais taes perdas no mar, e na terra, que não possais sustentar a fabrica, e que não moais nem huma só tarefa. Sabeis que faz agora a tápera do Engenho? Está guardando os dias Santos, que seu dono lhe não deixou guardar.

Eis-aqui, senhores, como anda enganada a vossa cubiça. Cuida que póde avançar fazenda quebrando os Mandamentos de Deos, e he tanto pelo contrario, que não só se não acquire fazenda por este caminho, antes se perde a que estava acquirida. O ca-

minho certo, e seguro de ter fazenda, he fazer o que Deos manda; o caminho certo, e seguro de ter pão, he seguir a Christo, como experimentárão os do nosso Evangelho: *Manducaverunt, & saturati sunt.*

§ VII.

Temos dito o primeiro alvitre, que promettemos, que he como havemos de alcançar o pão: vamos agora ao segundo, como havemos de alcançar muito. Oh que ponto este para os cubiçosos, e para os avarentos! Se eu os consultasse a elles do remedio para acrescentar pão, para multiplicar fazenda: huns havião de dizer que negociar; e melhor que tudo, negociar para o Maranhão; porque o que em Portugal val dous, aqui se vende por vinte. Este meio será muito bom, quando no mundo não houver quatro cousas: quando em Zelanda não houver Pechilingues: quando em Argel não houver Turcos: quando na Agulha de marear não houver Suestes: e quando na costa do Maranhão não houver baxios. Mas em quanto ha estas quatro cousas, he muito arriscado modo de ganhar esse.

Outros dirão que he bom meio servir a ElRei em algum posto grande, ou muito junto a elle, ou muito afastado delle; que estes são os postos, em que os homens se aproveitão. Dizem que o Rei se ha de

tratar como o fogo; nem tão perto, que queime; nem tão longe, que não aquente. A's avessas ha de ser. Do Rei ou muito perto, ou muito longe. Se tendes posto muito perto ao Rei, tudo se vos sugeita, tudo vos vem ás mãos: e se tendes posto muito longe do Rei, tudo vós sugeitais, e em tudo vós metteis a mão. Este modo de acrescentar fazenda não ha dúvida que he muito prompto, e muito effectivo, e tambem me atrevêra eu a dizer que era bom, se neste mundo não houvera huma conta, e no outro mundo outra. Se no outro mundo não houvera inferno, e neste mundo não houvera justiça, era muito bom; mas nesta vida limoeiro, e na outra vida fogo eterno: nesta vida confiscado, e na outra vida queimado, não he bom modo de ganhar.

Outros dirão que para ter muito, o melhor remedio he tê-lo, guardar, poupar, não gastar, morrer de fome, e matar á fome; porque dizem que muito mais cresce a fazenda com poupar muito, que com ajuntar muito. Este meio eu confesso que he muito bom; mas bom para ajuntar fazenda para outros, e não para si, porque o que eu poupo, e o que não gasto, não he meu, hé daquelles a quem eu o hei de deixar, e depois o hão de gastar muito alegremente. E poupar, e morrer de fome, para que outros vivão, e alardeem, he huma avareza mui louca.

Pois que remedio para acrescentar a fazenda, util,

discreta, e muito seguramente? O remedio he muito facil: dar da que tiverdes por amor de Deos. De maneira que ambos os nossos pontos se vem a resumir a Deos. Quereis ter pão? Servi a Deos: quereis ter muito? Dai por amor de Deos. Pois o dar, o tirar de mim he caminho de acrescentar? antes parece caminho de diminuir. Se fôra dar por amor dos homens, ou por outro respeito sim, que era caminho de perder o que se dá; mas dar por amor de Deos, não ha mais certa negociação, não ha mais certo modo de ajuntar fazenda. Vêde-o no nosso Evangelho. *Unde ememus panes, ut manducent hi? (Joann. 6. 5.)* Perguntou o Senhor, onde acharião pão, para que comessem todos. Respondeo Santo André, que todos os pães, que havia, não passavão de cinco: *Est puer unus hîc, qui habet quinque panes; (Ibid. 9.)* e com estes, sendo só cinco, quiz Christo dar de comer a todos. Pois, Senhor, não vêdes que tendes doze Discipulos, que sustentar, e que os pães não são mais que cinco? Se tivesseis muito pão, então estavão bem essas liberalidades; mas sendo tão pouco? Antes por isso mesmo: se os Apostolos tiverão doze pães, então não era necessario mais; porém como não tinhão mais que cinco, era força buscar algum modo de os acrescentar: e não podia haver meio mais breve, nem mais certo, que dá-los aos pobres. E assim foi; que os Apostolos,

porque derão cinco pães, não só recebêrão doze pães, senão doze alcofas: *Duodecim cophinos.* Se os Apostolos fôrão de animo avarento, e acanhado, e quizerão comer os seus cinco pães, sahira menos de meio pão a cada hum; mas porque cada hum deo o seu pedaço de pão, ficou com huma alcofa cheia. Dizia o Sábio fallando de huma mulher sábia: *Manum suam aperuit inopi, & palmas suas extendit ad pauperem: (Prov. 31. 20.)* Abrio a mão, e estendeo as mãos. Mas porque, ou para que? Porque quando abris huma mão para dar por amor de Deos, he necessario abrir duas para receber: quando o que dais cabe n'uma mão, o que recebeis não cabe em duas. Assim lhes aconteceo hoje aos Apostolos. O pão, que derão (que era o que tocava a cada hum) cabia em tres dedos, e o que recolheo cada hum, não cabia em duas mãos; por isso foi necessario tomarem alcofas: *Duodecim cophinos.*

Tudo temos em hum caso do Testamento Velho. Acabado o diluvio, sahio Noé em terra com seus filhos, e todos os animaes: e lançou-lhes Deos a benção, dizendo: *Crescite, & multiplicamini super terram: (Genes. 8. 17.)* Crescei, e multiplicai sobre a terra. E que fez Noé? *Ædificavit altare Domino, & tollens de cunctis pecoribus, & volucribus mundis obtulit holocausta: (Ibid. 20.)* Levantou hum altar e começou a degollar de todos os animaes, de

que era feito fazer sacrificio, e queimou-os sobre elle. Parece que de repente se esqueceo aqui Noé do que Deos tinha dito, e mandado. Não tinha dito Deos que crescessem, e multiplicassem sobre a terra todos os animaes? pois como os degolla Noé, e queima, e sacrifica sobre o altar? Olhai: Noé não matou as rezes para as comer, matou-as para as offerecer, e sacrificar a Deos; e para as cousas crescerem, multiplicarem, o meio mais certo, e mais seguro he dá-las a Deos.

E de que modo as daremos a Deos? Bemdita seja sua infinita Magestade, e bondade, pois se servio ensinar-nos por sua propria boca, o que nem imaginar nos atreveriamos. *Quandiu fecistis uni ex his fratribus meis minimis, mihi fecistis. (Matth. 25. 40.)* Tudo o que dáis ao pobre, dai-lo a mim. Vêdes Christãos como podemos dar a Deos tudo; tudo o que damos ao pobre, damo-lo a Deos; e se quereis que as vossas cousas cresção, e se multipliquem, reparti-as com os pobres. Dous modos ha no mundo, com que as cousas crescem, e se multiplicão muito: hum natural, ou da arte, como na lavoura; outro industrial, como na mercancia. Na lavoura, semeais hum alqueire de pão, colheis quinze, colheis vinte, e se a terra he muito boa, colheis trinta. Na mercancia, empregastes cincoenta, ganhastes cento, ganhastes duzentos, e ás vezes mais. Tudo

isto tendes na esmola. Dar esmolas he semear, e he negociar, mas com grandes ventagens. Para semear não ha melhor terra, que as mãos do pobre; e para negociar não ha melhor correspondente, que Deos. Não são considerações minhas, tudo he Fé, e sagrada Escritura. Vamos ao negociar.

§ VIII.

Nos Proverbios Capitulo dezanove diz assim o Espirito Santo: *Fœneratur Deo qui miseretur pauperis. (Prov. 19. 17.)* Sabeis que cousa he dar esmola? Quem dá esmola ao pobre, dá a cambio a Deos. Cuida o outro que quando dá esmola, que a dá para a perder, e engana-se, porque a dá a cambio; e dar a cambio não he perder o que se dá, antes he acrescentá-lo. Quem dá a cambio, sempre tem o seu capital seguro, e sobre isso recebe as ganancias. Assim lhe acontece a quem dá esmola: segura tudo, o que deo, e sobre isso recebe as ganancias. Mas que ganancias? não como as dos homens; porque Deos paga muito melhor. Os homens, se lhes dais dinheiro a cambio, dão-vos quando muito a seis e quarto por cento: e Deos não dá a seis por cento, senão a cento por hum: *Centuplum accipiet, & vitam æternam; (Matth. 19. 29.)* no outro mundo a vida eterna, e neste, cento por hum.

Querei-lo vêr por experiencia? ora ouvi hum grão caso. S. João Esmoler mandou dar a hum homem pobre, e honrado quinze livras: derão os criados sómente cinco. Ao outro dia veio huma mulher com hum escrito de quinhentas livras. Estranhou o Santo o escrito: chamou o Thesoureiro, perguntou-lhe quanto déra. Disse que quinze livras; mas replicou o Santo: Não póde ser, que Deos paga cento por hum: e por quinze livras, havião de vir mil e quinhentas, e aqui não vem mais que quinhentas. Confessou então o criado a sua avareza. Ficárão todos admirados; mas muito mais quando ouvirão o que acrescentou a mulher: Eu, Senhor Bispo, tinha intenção de trazer mil e quinhentas livras, e assim o escrevi hontem neste papel; mas esta manhã não achei mais que quinhentas com grande admiração minha, porque não sabia a causa, e agora a sei. Dizei-me: Se no monte da Piedade de Roma, ou no banco de Veneza se déra a cento por hum, houvera quem alli não mettêra o seu dinheiro? Pois os pobres são os banqueiros de Deos. Dá-se naquelle banco a cento por hum; e sendo nós tão amigos de acrescentar, não mettemos todo o nosso cabedal naquelle banco. Pois crêde-me que o banco de Veneza póde quebrar, como está hoje menos seguro com a guerra do Turco; e o de Deos não ha de quebrar, nem quebrou nunca.

He boa mercancia a esmola? pois ainda he melhor lavoura. O Ecclesiastico no Capitulo onze: *Mitte panem tuum super transeuntes aquas: quia post tempora multa invenies illum.* (*Eccles. 11. 1.*) Semeai o vosso pão em terra regada com aguas, e eu vos prometto que, ainda que pareça perdido, o achareis depois. Que terra he esta regada com aguas, diz S. Basilio, senão as mãos dos pobres? Estão os pobres chorando a sua miseria, e regando as suas mãos, assim como a Magdalena regava os pés de Christo; pois nesta terra assim regada semeai o vosso pão, e vereis quão abundantemente o recolheis. O Hebreo diz: *Mitte panem tuum super faciem aquarum*: sobre a face das aguas; e eu digo: sobre a agua das faces. Está a viuva, a donzella honrada padecendo necessidade; póde chorar, porque padece; mas não póde pedir, porque he nobre: estão-lhe correndo as lagrimas pelas faces abaixo; pois, *Mitte panem tuum super faciem aquarum*, semeai alli a vossa esmola, semeai alli o vosso pão, e vereis quão bem vos rende a seara, porque não ha terra mais fertil. Semeai o vosso pão nesta terra, e vereis que vos rende mais de cento por hum. S. Paulino Bispo, antes de o ser foi casado: pedio-lhe esmola hum pobre: disse á mulher que lhe désse dois pães, que havia em casa; mas ella não deo mais que hum. Ao outro dia chegou huma barca de pão mandada ao

Santo, e juntamente nova que outra, que vinha com ella, se perdêra. Admirou-se não da que chegou, mas da que se perdêra: a mulher então confessou que não déra os dous pães, senão hum só. Pois esse, que déstes, nos trouxe a barca de pão, que chegou a salvamento; e o que deixaste de dar, metteo no fundo a que se perdeo. Quantas vezes perdeis muito pão, porque não dais hum pão? Nas outras terras colhe-se o trigo aos alqueires, aqui ás barcadas.

Pois Senhores, se tendes tão boa terra, em que semear, porque a deixais estar muitas vezes erma, e devoluta? S. Joachim, cujo dia celebramos hoje, repartia a sua fazenda em tres partes, e hunha era para os pobres. Com menos me contento. Aquelle semeador do Evangelho semeou em quatro partes, nas pedras, nas espinhas, no caminho, e na terra boa. Já que se semeá tanto nas espinhas que são os vicios; já que se semea tanto na rua, que he a vaidade; já que se semea tanto nas pedras, que he o que levão os ingratos; porque se não semeará a quarta parte na terra boa, que são as mãos dos pobres? porque se não semeará alguma parte dos bens nesta terra boa, que multiplica cento por hum: *Fecit fructum centuplum? (Luc. 8. 8.)*

§ IX.

Ora Senhores, o tempo, em que se faz esta lavoura, he este da Quaresma. Este he o tempo de semear. Não faltão pobres. Para que cuidais que se faz a Quaresma? Para duas cousas: para jejuar, e para dar esmola. O que agora direi he de S. Agostinho, de S. Ambrosio, e de todos os Doutores. Nos dias, que não são de jejum, comemos duas vezes: jantamos, e ceamos; nos dias, que são de jejum, comemos huma só vez: jantamos, e não ceamos. E para que? Para que dêmos aos pobres o que haviamos de cear, Jejuar, e guardar pão, não he abstinencia, he avareza. Pois assim como a avareza tira o merecimento ao jejum, a esmola lho acrescenta. Dêmos esmola, e todos; que todos a pódem dar. Os que tem muito dêm do muito; os que tem pouco, do pouco; e os, que não tem, que dar, tenhão paciencia de não ter, e desejo de poder dar por amor de Deos.

Bem sei que ha muita caridade nesta terra; mas não posso deixar de estranhar huma muito grande falta, que aqui ha. He possivel, que n'uma Cidade tão nobre, e cabeça de hum Estado, não haja hum Hospital, e que a Misericordia não sirva mais que de enterrar os mortos? Vêde o que ha de dizer

Christo no dia do Juizo: *Venite benedicti Patris mei, possidete paratum vobis Regnum: esurivi enim, & dedistis mihi manducare: sitivi, & dedistis mihi bibere: hospes eram, & collegistis me: infirmus, & visitastis me.* (*Matth. 25. 34. 35. 36.*) Notai primeiro, que fez menção do enterro dos mortos; porque a principal misericordia he com os corpos vivos: *Esurivi, & dedistis mihi manducare: sitivi, & dedistis mihi bibere.* Segundo: que fez menção da casa de Hospitalidade para os peregrinos, e enfermos: *Hospes eram, & collegistis me: infirmus, & visitastis me.* Terceiro: que não disse: forão enfermos os outros; senão, fui enfermo eu: não disse: forão peregrinos os outros; senão, fui peregrino eu, e hospedastes-me, e visitastes-me: *Hospes eram, infirmus: & collegistis me, & visitastis me.* Pois seria bem que viesse Christo a esta cidade com fome, com sede, despido, peregrino, enfermo; e não haver huma casa, onde o hospedar? Melhor fôra não haver na Misericordia Igreja, que não haver Hospital; porque a Imagem de Christo, que está na Igreja, he Imagem morta, que não padece: as imagens de Christo, que são os pobres, são imagens vivas, que padecem. Se não houver outro modo, converta-se a Igreja em Hospital, que Christo será mui contente disso. Fazei casa aos pobres, que Deos vos fará casa a vós: tirai de vossas casas, com que a fazer, que Deos

vos lançará sobre ellas huma benção, como a que hoje lançou sobre o pão dos Apostolos, com que tudo se acrescente, e se multiplique com grandes augmentos de bens temporaes, e da graça, penhor da Gloria: *Ad quam, &c.*

SERMÃO

DA

PRIMEIRA DOMINGA DA QUARESMA

Na Cidade de S. Luiz do Maranhão, anno de 1653.

Hæc omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me. Matth. 4.9.

§ I.

Oh que temeroso dia! Oh que venturoso dia! Estamos no dia das tentações do demonio, e no dia das victorias de Christo. Dia, em que o demonio se atreve a tentar em campo aberto ao mesmo Filho de Deos: *Si Filius Dei es;* (*Ibid. 6.*) oh que temeroso dia! Se até o mesmo Deos he tentado; que homem haverá, que não tema ser vencido? Dia, em que Christo com tres palavras venceo, e derrubou tres vezes ao demonio, oh que venturoso dia! A hum inimigo tres vezes vencido quem não

terá esperanças de o vencer? Tres fôrão as tentações, com que o demonio hoje acommetteo a Christo: na primeira offereceo: na segunda aconselhou: na terceira pedio. Na primeira offereceo: *Dic ut lapides isti panes fiant*: (*Ibid. 3.*) que fizesse das pedras pão: na segunda aconselhou: *Mitte te deorsum*: que se deitasse daquella torre abaixo: na terceira pedio: *Si cadens adoraveris me*: (*Ibid. 9.*) que cahido o adorasse. Vêde que offertas, vêde que conselhos, vêde que petições. Offerece pedras, aconselha precipicios, pede cahidas. E com isto ser assim, estas são as offertas, que nós aceitamos, estes os conselhos, que seguimos, estas as petições, que concedemos. De todas estas tentações do demonio, escolhi só huma para tratar; porque para vencer, e convencer tres tentações, he pouco tempo huma hora. E quantas vezes para ser vencido dellas basta hum instante! A que escolhi das tres, não foi a primeira, nem a segunda, senão a terceira, e ultima; porque ella he a maior, porque ella he a mais universal, ella he a mais poderosa, e ella he a mais propria desta terra, em que estamos. Não debalde a reservou o demonio para o ultimo encontro, como a lança, de que mais se fiava; mas hoje lha havemos de quebrar nos olhos. De maneira Christãos, que temos hoje a maior tentação; queira Deos, que tenhamos tambem a maior victoria. Bem sabeis que

victorias, e contra tentações, só as dá a graça Divina; peçamo-la ao Espirito Santo por intercessão da Senhora; e peço-vos que a peçais com grande affecto, porque nos ha de ser hoje mais necessaria, que nunca. *Ave Maria.*

Hæc omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me.

§ II.

Que offereça o demonio mundos, e que peça adorações! Oh quanto temos, que temer: oh quanto temos, que imitar nas tentações do demonio! Tem que temer, e muito que temer nas tentações do demonio, cousa he mui achada, e mui sabida: mas tem nas tentações do demonio que imitar? Sim, porque somos taes os homens por huma parte, e he tal a força da verdade por outra, que as mesmas tentações do demonio, que nos servem de ruina, nos podem servir de exemplo. Estai comigo.

Toma o demonio pela mão a Christo, leva-o a hum monte mais alto que essas nuvens, mostra-lhe dalli os Reinos, as Cidades, as Côrtes de todo o mundo, e suas grandezas, e diz-lhe desta maneira: *Hæc omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me*: Tudo isto te darei, se dobrando o joelho me adorares. Ha tal proposta? Vem cá demonio, sabes o que dizes, ou

o que fazes? He possivel que promette o demonio hum mundo por huma só adoração? He possivel que offerece o demonio hum mundo por hum só peccado? He possivel que não lhe parece muito ao demonio dar hum mundo só por huma alma? Não; porque a conhece, e só quem conhece as cousas, as sabe avaliar. Nós os homens, como nos governamos pelos sentidos corporaes, e a nossa alma he espiritual, não a conhecemos; e como não a conhecemos, não a estimamos, e por isso a damos tão barata. Porém o demonio, como he espirito, e a nossa alma tambem espirito, conhece muito bem o que ella he; e como a conhece, estima-a, e estima-a tanto, que do primeiro lanço offerece por huma alma o mundo todo; porque val mais huma alma, que todo o mundo. Vêde se as tentações do demonio, que nos servem de ruina, nos pódem servir de exemplo. Aprendamos sequer do demonio a avaliar, e a estimar nossas almas. Fique nos, Christãos, que val mais huma alma, que todo o mundo. E he tão manifesta verdade esta, que até o demonio, inimigo capital das almas, a não póde negar.

Mas já que o demonio nos dá doutrina, quero-lhe eu dar hum quinão. Vem cá demonio, outra vez. Tu sábio? tu astuto? tu tentador? vai-te dahi, que não sabes tentar. Se tu querias que Christo se ajoelhasse diante de ti, e soubéras negociar, tu o ten-

déras. Vás-lhe offerecer a Christo mundos? Oh que ignorancia! Se quando lhe davas hum mundo, lhe tiráras huma alma, logo o tinhas de joelhos a teus pés. Assim aconteceo. Quando Judas estava na Cea, já o diabo estava em Judas: *Cùm jam diabolus misisset in cor, ut traderet eum Judas.* (*Joann. 13. 2.*) Vendo Christo que o demonio lhe levava aquella alma, põe-se de joelhos aos pés de Judas, para lhos lavar, e para o converter. Tá, Senhor meu, reparai no que fazeis: não vêdes que o demonio está assentado no coração de Judas? não vêdes que em Judas está revestido o demonio, e vós mesmo o dissestes: *Unus ex vobis diabolus est? (Joann. 6. 71.)* Pois será bem que Christo esteja ajoelhado aos pés do demonio? Christo ajoelhado aos pés de Judas, assombro he, pasmo he; mas Christo ajoelhado, Christo de joelhos diante do diabo? Sim. Quando lhe offerecia o mundo, não o pôde conseguir: tanto que lhe quiz levar huma alma, logo o teve a seus pés Para que acabemos de entender os homens cégos, que val mais a alma de cada hum de nós, que todo hum mundo. As cousas estimão-se, e avalião-se pelo que custão. Que lhe custou a Christo huma alma, e que lhe custou o mundo? O mundo custou-lhe huma palavra: *Ipse dixit, & facta sunt; (Psalm. 148. 5.)* huma alma custou-lhe a vida, e o sangue todo. Pois se o mundo custa huma só pa-

avra de Deos, e a alma custa todo o sangue de Deos; julgai se val mais huma alma, que todo o mundo. Assim o julga Christo, e assim o não póde deixar de confessar o mesmo demonio. E só nós somos tão baixos estimadores de nossas almas, que lhas vendemos pelo preço, que vós sabeis.

Espantamo-nos que Judas vendesse a seu Mestre, e a sua alma por trinta dinheiros; e quantos ha, que andão rogando com ella ao demonio por menos de quinze! Os irmãos de Joseph erão onze, e vendêrão-no por vinte dinheiros; sahio-lhe por menos de dous dinheiros a cada hum. Oh se consideráramos bem os nadas, por que vendemos a nossa alma! Todas as vezes, que hum homem offende a Deos mortalmente, vende a sua alma; *Venumdatus est, ut faceret malum, (3. Reg. 21. 25.)* diz a Escritura fallando de Achab. Eu, Christãos, não quero agora, nem vos digo que não vendais a vossa alma, porque sei que a haveis de vender; só vos peço que, quando a venderdes, que a vendais a peso. Pesai primeiro o que he huma alma, pesai primeiro o que val, e o que custou; e depois eu vos dou licença que a vendais embora. Mas em que balanças se ha de pesar huma alma? Nas balanças do juizo humano não; porque são mui falsas: *Mendaces filii hominum in stateris. (Psalm. 61. 10.)* Pois em que balanças logo? Cuidarieis que vos havia de di-

zer que nas balanças de S. Miguel o Anjo, onde as almas se pesão; não quero tanto: digo que as peseis nas balanças do mesmo demonio, e eu me dou por contente. Tomai as balanças do demonio na mão: ponde de huma parte o mundo todo, e da outra huma alma, e achareis que pesa mais a vossa alma, que todo o mundo. *Hæc omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me*: Tudo isto te darei, se me deres a tua alma. Não lhe tirou com menos bala a Christo, que com o mundo inteiro. Mas já que vos dou licença para vender, ponhamos este contrato do demonio em prática, e vejamos se he bom o partido.

Supponhamos primeiramente que o demonio no seu offerecimento fallava verdade, e que podia, e havia de dar o mundo: supponhamos mais que Christo não fosse Deos, senão hum puro homem, e tão fraco, que pudesse, e houvesse de cahir na tentação. Pergunto: Se este homem recebesse o mundo todo, e ficasse senhor delle, e entregasse sua alma ao demonio, ficaria bom mercador? faria bom negocio? O mesmo Christo o disse noutra occasião: *Quid prodest homini, si mundum universum lucretur, animæ verò suæ detrimentum patiatur? (Matth. 16. 26.)* Que lhe aproveita ao homem ser senhor de todo o mundo, se tem a sua alma no cativeiro do demonio? Oh que divina consideração! Alexandre Magno, e Julio Cesar fôrão senhores do mundo; mas as suas

almas agora estão ardendo no inferno, e arderão por toda a eternidade. Quem me déra agora perguntar a Julio Cesar, e a Alexandre Magno, que lhes aproveitou haverem sido senhores do mundo, e se achárão que foi bom contrato dar a alma pelo acquirir. Alexandre, Julio, foi bom serdes senhores do mundo todo, e estardes agora, onde estais? Já que elles me não pódem responder, respondei-me vós. Pergunto: Tomáreis agora algum de vós ser Alexandre Magno? Tomáreis ser Julio Cesar? Deos nos livre. Como! se fôrão senhores de todo o mundo? He verdade, mas perdêrão as suas almas. Oh cegueira! E para Alexandre, para Julio Cesar, parece-vos máo dar a alma por todo o mundo; e para vós parece-vos bem dar a alma pelo que não he mundo, nem tem do mundo o nome? Sabeis de que nasce tudo isto? De falta de consideração; de não tomardes o peso á vossa alma. *Quid prodest homini?* Que aproveita ao homem lucrar todo o mundo, e perder a sua alma? *Aut quam dabit homo commutationem pro anima sua?* (*Ibid.*) Ou que cousa ha no mundo, pela qual se possa huma alma trocar?

Todas as cousas deste mundo tem outra, por que se possam trocar. O descanso pela fazenda, a fazenda pela vida, a vida pela houra, a honra pela alma; só a alma não tem por que se trocar. E

sendo que não ha no mundo cousa tão grande, por que se possa trocar a alma: não ha cousa no mundo tão pequena, e tão vil, por que a não troquemos, e a não demos. Ouvi huma verdade de Seneca, que por ser de hum Gentio, folgo de a repetir muitas vezes. *Nihil est homini se ipso vilius*: Não ha cousa para comnosco mais vil, que nós mesmos. Revolvei a vossa casa, buscai a cousa mais vil de toda ella, e achareis que he vossa propria alma. Provo. Se vos querem comprar a casa, o canaveal, o escravo, ou o cavallo, não lhe pondes hum preço muito levantado, e não o vendeis muito bem vendido? Pois se a vossa casa, e tudo o que nella tendes, o não quereis dar, senão pelo que val; a vossa alma, que val mais que o mundo todo; a vossa alma, que custou tanto como o Sangue de Jesu Christo, porque a haveis de vender tão vil, e tão baixamente? Que vos fez? que vos desmereceo a triste alma? não a tratareis se quer como o vosso escravo, e como o vosso cavallo? Se vos perguntão acaso, porque não vendeis a vossa fazenda por menos do que val, dizeis que a não quereis queimar. E quereis queimar a vossa alma? Ainda mal, porque a haveis de queimar, e porque ha de arder eternamente.

Ora Christãos, não seja assim: aprendamos ao menos do demonio a estimar nossa alma. Vejamos

o que o demonio hoje fez por huma alma alhea, para que nós corramos, e confundamos do pouco, que fazemos pelas proprias. Vai-se o demonio ao deserto, está-se nelle quarenta dias, e quarenta noites, como se fôra hum Anacoreta: e em todo este tempo esteve vigiando, e espreitando occasião; e tanto que a teve, não deixou pedra por mover para a conseguir. Vendo que não lhe succedia, parte para Jerusalem, e sendo tão inimigo de Deos, vai-se ao Templo para persuadir a Christo que se arrojasse do pinaculo: *Mitte te deorsum* (*Matth. 4. 6.*) Estuda livros, allega Escrituras, interpreta Psalmos: *Scriptum est enim, quia Angelis suis mandavit de te, & in manibus tollent te, ne forte offendas ad lapidem pedem tuum.* (*Ibid.*) Resistido tambem aqui, e vencido segunda vez o demonio, nem por isso desmaia: corre valles, atravessa montes, sóbe ao mais alto de todos; e só por vêr se podia fazer cahir a Christo, não repara em dar de huma só vez o mundo todo. E que o demonio faça tudo isto por huma alma alhea; e que façamos nós tão pouco pela propria! Que se ponha o demonio quarenta dias em hum deserto para me tentar; e que eu nos quarenta dias da Quaresma não tome hum quarto de hora de retiro para lhe saber resistir! Que vigie o demonio, e espreite todas as occasiões para me condemnar; e que deixe eu passar tantas de minha salvação; e

occasiões, que huma vez perdidas, não se pódem recuperar! Que vá o demonio ao Templo de Jerusalem distante tantas legoas, para me despenhar ao peccado; e que tendo eu a Igreja á porta, não me saiba ir metter em hum canto della, como o Publicano, para chorar meus peccados! Que o demonio para me persuadir estude, e allegue os livros sagrados; e que eu não abra hum só espiritual, para que Deos falle comigo, já que eu não sei fallar com elle! Que o demonio vencido a primeira, e segunda vez, insista, e não desmaie para me render; e que se comecei acaso alguma obra boa, á primeira difficuldade desista, e não tenha constancia, nem perseverança em nada! Que o demonio para me fazer cahir desça valles, e suba montes; e que eu não dê hum passo para me levantar, tendo dado tantos para me perder! Finalmente que o demonio para grangear a minha alma, não repare em dar no primeiro lanço o mundo todo; e que eu estime a minha alma tão pouco, que bastem os mais vis interesses do mundo para a entregar ao demonio! Oh miseria! Oh cegueira!

A que differente preço compra hoje o demonio as almas, do que offerecia por ellas antigamente! Já nesta nossa terra vos digo eu! Nenhuma feira tem o demonio no mundo, onde lhe sáião mais baratas. No nosso Evangelho offereceo todos os Reinos do

mundo por huma alma: no Maranhão não he necessario ao demonio tanta bolsa para comprar todas: não he necessario offerecer mundos: não he necessario offerecer Reinos: não he necessario offerecer Cidades, nem Villas, nem Aldeas. Basta acenar o diabo com hum tujupár de pindóba, e dous Tapuyas; e logo está adorado com ambos os joelhos: *Si cadens adoraveris me.* Oh que feira tão barata! Negro por alma; e mais negra ella, que elle! Esse negro será teu escravo esses poucos dias que viver; e a tua alma será minha escrava por toda a eternidade, em quanto Deos for Deos. Este he o contrato, que o demonio faz comvosco; e não só lho aceitais, senão que lhe dais o vósso dinheiro em cima.

§ III.

Senhóres meus, somos entrados á força do Evangelho na mais grave, e mais util materia, que tem este Estado. Materia, em que vai, ou a salvação d'alma, ou o remedio da vida; vêde se he grave, e se he util. He a mais grave, he a mais importante, he a mais intricada, e sendo a mais util, he a menos gostosa. Por esta ultima razão de menos gostosa, tinha eu determinado de nunca vos fallar nella; e por isso tambem de não subir ao Pulpito. Subir ao Pulpito para dar desgosto, não he de meu

animo, e muito menos a pessoas, a quem eu desejo todos os gostos, e todos os bens. Por outra parte subir ao Pulpito, e não dizer a verdade, he contra o officio, contra a obrigação, e contra a consciencia; principalmente em mim, que tenho dito tantas verdades, e com tanta liberdade, e a tão grandes ouvidos. Por esta causa resolvi trocar hum serviço de Deos por outro: e ir-me doutrinar os Indios por essas Aldeas.

Estando nesta resolução até quinta feira, houve pessoas, a que não pude perder o respeito, que me obrigárão a que quizesse prégar na Cidade esta Quaresma. Prometti-o huma vez, e arrependi-me muitas; porque me tornei a vêr na mesma perplexidade. He verdade que no juizo dos que tivessem juizo, sempre a minha boa intenção parece que estava segura. Pergunto-vos: Qual he melhor amigo: aquelle, que vos avisa do perigo, ou aquelle, que por vos não dar pena, vos deixa perecer nelle? Qual Medico he mais Christão: aquelle, que vos avisa a morte, ou aquelle, que por vos não magoar, vos deixa morrer sem Sacramentos? Todas estas razões tinha por mim, mas não acabava de me deliberar. Fui á sexta feira pela manhãa dizer Missa por esta tenção, para que Deos me alumiasse, e me inspirasse o que fosse mais gloria sua; e ao lêr da Epistola me disse Deos, o que queria que

fizesse, com as mesmas palavras della. São de Isaias no Capitulo cincoenta e oito.

Clama, ne cesses: quasi tuba exalta vocem tuam, & annuntia populo meo scelera eorum. (Isai. 58. 1.) Brada, ó Prégador, e não cesses: levanta a tua voz como trombeta, desengana a meu povo, annuncia-lhe seus peccados, e dize-lhe o estado, em que estão. Já o pregão do Rei se lançou com tambores: agora diz Deos, que se lance o seu com trombetas: *Quasi tuba exalta vocem tuam.* Não vos assombre, senhores, o pregão, que como he pregão de Deos, eu vos prometto que seja mais brando, e mais benigno, que o do Rei. E senão, vêde as palavras, que se seguem: *Me etenim de die in diem quærunt, & scire vias meas volunt: quasi gens, quæ justitiam fecerit, & judicium Dei sui non dereliquerit.* (*Ibid.* 2.) E sabes porque quero que desenganes este meu povo, e porque quero que lhe declares seus peccados? Porque são huns homens, diz Deos, que me buscão todos os dias, e fazem muitas cousas em meu serviço, e sendo que tem gravissimos peccados de injustiças, vivem tão dessassustados, como se estiverão em minha graça: *Quasi gens, quæ justitiam fecerit.* Pois, Senhor, que desengano he o que hei de dar a esta gente, e que he o que lhe hei de annunciar da parte de Deos?

Vêde o que dizem as palavras do mesmo Texto:

Nonne hoc est magis jejunium, quod elegi? dissolve colligationes impietatis, & dimitte eos, qui confracti sunt, liberos. (*Ibid. 6.*) Sabeis Christãos, sabeis Nobreza, e Povo do Maranhão, qual he o jejum, que quer Deos de vós esta Quaresma? Que solteis as ataduras da injustiça, e que deixeis ir livres, os que tendes cativos, e opprimidos. Estes são os peccados do Maranhão: estes são os que Deos me manda que vos annuncie: *Annuntia populo meo scelera eorum.* Christãos, Deos me manda desenganar-vos, e eu vos desengano da parte de Deos. Todos estais em peccado mortal: todos viveis, e morreis em estado de condemnação, e todos vos ides direitos ao inferno. Já lá estão muitos, e vós tambem estareis cedo com elles, se não mudardes de vida.

Pois valha-me Deos! hum povo inteiro em peccado? hum povo inteiro ao inferno? Quem se admira disto, não sabe que cousa são cativeiros injustos. Descêrão os filhos de Israel ao Egypto, e depois da morte de Joseph, cativou-os ElRei Faraó, e servia-se delles como escravos. Quiz Deos dar liberdade a este miseravel povo, mandou lá Moysés, e não lhe deo mais escolta, que huma vara. Achou Deos que para pôr em liberdade cativos, bastava huma vara, ainda que fosse libertá-los de hum Rei tão tyranno como Faraó, e de huma gente tão barbara como a do Egypto. Não quiz Faraó dar liber-

dade aos cativos; começão a chover as pragas sobre elle. A terra se convertia em rans: o ar se convertia em mosquitos: os rios se convertião em sangue: as nuvens se convertião em raios, e em coriscos: todo o Egypto assombrado, e perecendo. Sabeis quem traz as pragas ás terras? Cativeiros *injustos*. Quem trouxe ao Maranhão a praga dos Hollandezes? Quem trouxe a praga das bexigas? Quem trouxe a fome, e a esterilidade? Estes cativeiros. Insistio, e apertou mais Moysés, para que Faraó largasse o povo; e que respondeo Faraó? Disse huma cousa, e fez outra. O que disse foi: *Nescio Dominum, & Israël non dimittam. (Exod. 5. 2.)* Não conheço a Deos: não hei de dar liberdade aos cativos. Ora isso me parece bem; acabemos já de nos declarar. Sabeis porque não dais liberdade aos escravos mal havidos? Porque não conheceis a Deos. Falta de Fé he causa de tudo. Se vós tivéreis verdadeira Fé, se vós crêreis verdadeiramente na *immortalidade* da alma, se vós crêreis que ha inferno para toda a eternidade: bem me rio eu que quizesseis ir lá pelo cativeiro de hum Tapuya. Com que confiança vos parece que disse hoje o diabo: *Si cadens adoraveris mè?* Com a confiança de lhe ter offerecido o mundo. Fez o demonio este discurso: Eu a este homem offereço-lhe tudo; se elle he cubiçoso, e avarento, ha de aceitar: se aceita, sem

dúvida me adora idolatrando; porque a cubiça, e avareza são a mesma idolatria. He sentença expressa de São Paulo: *Avaritiam, quæ est simulacrorum servitus.* (*Coloss. 3. 5.*) Tal foi a avareza de Faraó em querer reter, e não dar liberdade aos filhos de Israel cativos, confessando juntamente que não conhecia a Deos: *Nescio Dominum, Israel non dimittam.* Isto he o que disse.

O que fez foi, fugindo todos os Israelitas cativos, sahe o mesmo Rei Faraó com todo o poder de seu Reino para os tornar ao cativeiro; e que aconteceo? Abre-se o mar Vermelho, para que passassem os cativos a pé enxuto (que sabe Deos fazer milagres para libertar cativos). Não cuideis que merecêrão isto os Hebreos por suas virtudes; porque erão peiores que esses Tapuyas: dahi a poucos dias adorárão hum bezerro; e de todos, que erão seiscentos mil homens, só dous entrárão na terra de Promissão: mas he Deos tão favorecedor de liberdades, que o que desmerecião por máos, alcançavão por injustamente cativos. Passados á outra banda do mar Vermelho, entra Faraó pela mesma estrada, que ainda estava aberta, e o mar de huma, e outra parte como em muralhas, cahem sobre elle, e sobre o seu exercito as aguas, e afogárão a todos. O em que aqui reparo, he o modo com que conta isto Moysés no seu Cantico: *Operuit eos mare: submersi sunt quasi*

plumbum in aquis vehementibus. Extendisti manum tuam, & devoravit eos terra: (Exod. 15. 10. 12.) que cahio sobre elles, e os afogou o mar, e os comeo, e engolio a terra. Pois se os afogou o mar, como os tragou a terra? Tudo foi: aquelles homens, como nós tinhão corpo, e alma: os corpos afogou-os a agua, porque ficárão no fundo do mar: as almas tragou-as a terra; porque descêrão ao profundo do inferno. Todos ao inferno, sem ficar nenhum; porque onde todos persegnem, e tódos cativão, todos se condemnão. Não está bom o exemplo? Vá agora a razão.

Todo o homem, que deve serviço, ou liberdade alhea, e podendo-a restituir, não restitue, he certo que se condemna: todos, ou quasi todos os homens do Maranhão devem serviços, e liberdades alheas: e podendo restituir, não restituem: logo todos, *ou* quasi todos se condemnão. Dir-me-heis que ainda que isto fosse assim, que elles não o cuidavão, *nem* o sabião; e que a sua boa fé os salvaria. Nego tal; sim cuidavão, e sim sabião, como tambem vós o cuidais, e o sabeis; e se o não cuidavão, nem o sabião, devêrão cuidá-lo, e sabê-lo. A huns condemna-os a certeza, a outros a dúvida, a outros a ignorancia. Aos que tem certeza, condemna-os o não restituirem: aos que tem dúvida, condemna-os o não examinarem: aos que tem ignorancia, con-

demna-os o não saberem, quando tinhão obrigação de saber. Ah se agora se abrirão essas sepulturas, e apparecêra aqui algum dos que morrêrão neste infelice estado, como he certo que ao fogo das suas lavaredas havieis de ler claramente esta verdade! Mas sabeis, porque Deos não permitte que vos appareça? He pelo que Abrahão disse ao rico Avarento, quando lhe pedia que mandasse Lazaro a este mundo: *Habent Moysen, & Prophetas: (Luc. 16. 29.)* não he necessario que vá de cá do inferno quem lhe appareça, e lhe diga a verdade: lá tem a Moysés, e a lei: lá tem os Profetas, e Doutores. Meus irmãos, se ha quem duvide disto, ahi estão as leis, ahi estão os Letrados, perguntem-lho. Tres Religiões tendes neste estado, onde ha tantos sugeitos de tantas virtudes, e tantas letras, perguntai, examinai, informai-vos. Mas não he necessario ir ás Religiões, ide a Turquia, ide ao inferno; porque não póde haver Turco tão Turco na Turquia, nem demonio tão endemoninhado no inferno, que diga, que hum homem livre póde ser cativo. Ha algum de vós só com o lume natural, que o negue? Pois em que duvidais?

§ IV.

Vejo que me dizeis: Bem estava isso, se nós tiveramos outro remedio; e com o mesmo Evangelho

nos queremos defender. Qual foi mais apertada tentação, a primeira, ou a terceira? Nós entendemos que a primeira; porque na primeira estava Christo com fome de quarenta dias, e offereceo-lhe o demonio pão; na terceira offereceo-lhe Reinos, e Monarquias: e hum homem póde viver sem Reinos, *e sem* Imperios, mas sem pão para a boca, não póde viver: e neste aperto vivemos nós. Este povo, esta Republica, este Estado não se póde sustentar sem Indios. Quem nos ha de ir buscar hum pote de agua, ou hum feixe de lenha? Quem nos ha de fazer duas covas de mandioca? hão de ir nossas *mu*lheres? hão de ir nossos filhos? Primeiramente não são estes os apertos, em que vos hei de pôr, como logo vereis; mas quando a necessidade, e a consciencia obriguem a tanto, digo que sim, e tórno a dizer que sim: que vós, que vossas mulheres, *que* vossos filhos, e que todos nós nos sustentassemos dos nossos braços; porque melhor he sustentar *do* suor proprio, que do sangue alheo. Ah fazendas do Maranhão, que se esses mantos, e essas capas *se* torcêrão, havião de lançar sangue! A Samaritana hia com hum cantaro buscar água á fonte, e foi tão Santa como sabêmos. Jezabel era mulher d'ElRei Achab, Rainha de Israel, e foi comida de cães, e sepultada nô inferno, porque tomou a Nabot huma vinha, que não lhe chegou a tomar a liberdade. Pergunto: Qual

he o melhor, levar o cantaro á fonte, e ir ao Ceo como a Samaritana; ou ser senhora, servida, e Rainha, e ir ao inferno como Jezabel? Melhor era que nós Adão, e tinha offendido a Deos com menos peccados: e devia ao trabalho de suas mãos o bocado de pão, que mettia na boca. Filho de Deos era Christo, e ganhava com hum instrumento mecanico, o com que sustentava a vida, que depois havia de dar por nós. Faz isto por nós o mesmo Deos, e nós desprezar-nos-hemos de fazer outro tanto por guardar a sua lei?

Direis que os vossos chamados escravos são os vossos pés, e mãos; e tambem podereis dizer que os amais muito, porque os criastes como filhos, e porque vos crião os vossos. Assim he; mas já Christo respondeo a esta republica: *Si oculus tuus scandalizat te, erue eum: & si manus, vel pes tuus scandalizat te, amputa illum.* (*Matth. 5. 29. Marc. 9. 42. 44.*) Não quer dizer Christo que arranquemos os olhos, nem que cortemos os pés, e as mãos; mas quer dizer que se nos servir de escandalo aquillo, que amarmos como os nossos olhos, e aquillo, que havemos mister como os pés, e as mãos, que o lancemos de nós, ainda que nos dóa, como se o cortáramos. Quem ha que não ame muito o seu braço, e a sua mão; mas se nella lhe saltárão herpes, permitte que lha cortem, por conservar a vida. O Mer-

cador, ou Passageiro, que vem da India, ou do Japão, muito estima as drogas, que tanto lhe custarão lá; mas se a vida periga, vai tudo ao mar, para que ella se salve. O mesmo digo no nosso caso. Se para segurar a consciencia, e para salvar a alma, for necessario perder tudo, e ficar como hum *Job*: perca-se tudo.

Mas bom animo, senhores meus, que não he necessario chegar a tanto, nem a muito menos. Estudei o ponto com toda a diligencia, e com todo o affecto, e seguindo as opiniões mais largas, e mais favoraveis, venho a reduzir as cousas a estado, *que* entendo que com muita pouca perda temporal, se pódem segurar as consciencias de todos os moradores deste Estado, e com muito grandes interesses se pódem melhorar suas conveniencias para o futuro. Dai-me attenção.

Todos os Indios deste Estado, ou são os que vos servem como escravos; ou os que morão nas Aldeas d'ElRei como livres; ou os que vivem no sertão em sua natural, e ainda maior liberdade: os quaes *por* esses rios se vão comprar, ou resgatar, (como dizem) dando o piedoso nome de resgate a huma venda tão forçada, e violenta, que talvez se faz com *a pistola* nos peitos. Quanto a aquelles, que vos servem, todos nesta terra são herdados, havidos, e possuidos de má fé; segundo a qual não farão pouco (ainda

que o farão facilmente) em vos perdoar todo o serviço passado. Com tudo, se depois de lhes ser manifesta esta condição de sua liberdade, por serem criados em vossa casa, e com vossos filhos, ao menos os mais domesticos, espontanea, e voluntariamente vos quizerem servir, e ficar nella; ninguem, em quanto elles tiverem esta vontade, os poderá apartar de vosso serviço. E que se fará de alguns delles, que não quizerem continuar nesta sujeição? Estes serão obrigados a ir viver nas Aldeas d'El-Rei, onde tambem vos servirão na fórma, que logo *veremos*. Ao sertão se poderão fazer todos os annos entradas, em que verdadeiramente se resgatem os que estiverem (como se diz) em cordas, para ser comidos: e se lhes commutará esta crueldade em perpétuo cativeiro. Assim serão tambem cativos todos, os que sem violencia forem vendidos como escravos de seus inimigos, tomados em justa guerra; da qual serão Juizes o Governador de todo o Estado, o Ouvidor geral, o Vigario do Maranhão, ou Pará, e os Prelados das quatro Religiões, Carmelitas, Franciscanos, Mercenarios, e da Companhia de Jesu. Todos, os que deste juizo sahirem qualificados por verdadeiramente cativos, se repartirão aos moradores pelo mesmo preço, por que forão comprados. E os que não constar que a guerra, em que forão tomados, foi justa, que se fará delles? Todos

serão aldeados em novas povoações, ou divididos pelas Aldeas, que hoje ha; donde repartidos com os demais Indios dellas pelos moradores, os servirão em seis mezes do anno alternadamente de dous em dous, ficando os outros seis mezes para tratarem de suas lavouras, e familias. De sorte que nesta fórma todos os Indios deste Estado servirão aos Portuguezes: ou como propria, e inteiramente cativos, que são os de corda, os de guerra justa, e os que livre, e voluntariamente quizerem servir como dissemos dos primeiros: ou como meios cativos, que são todos os das antigas, e novas Aldeas, que pelo bem, e conservação do Estado me consta, que sendo livres, se sujeitárão a nos servir, e ajudar a metade do tempo de sua vida. Só resta saber qual será o preço destes, que chamamos meios cativos, ou meios livres, com que se lhes pagará o trabalho do seu serviço. He materia, de que se rirá qualquer outra Nação do mundo, e só nesta terra se não admira. O dinheiro desta terra he pano de algodão; e o preço ordinario por que servem os Indios, e servirão cada mez, são duas varas deste pano, que valem dous tostões. Donde se segue, que por menos de sete réis de cobre servirá hum Indio cada dia. Cousa, que he indigna de se dizer, e muito mais indigna, de que por não pagar tão leve preço, haja homens de entendimento, e de Christan-

dade, que queirão condemnar suas almas, e ir ao inferno.

§ V.

Póde haver cousa mais moderada? Póde haver cousa mais posta em razão, que esta? Quem se não contentar, e não satisfizer disto, huma de duas, ou não he Christão, ou não tem entendimento. E senão apertemos o ponto, e pesemos os bens, e os males desta proposta.

O mal he hum só, que será haverem alguns particulares de perder alguns Indios, que eu vos prometto, que sejão mui poucos. Mas aos que nisto repararem pergunto: Morrêrão-vos já alguns Indios? Fugirão-vos já alguns Indios? Muitos. Pois o que faz a morte, porque o não fará a razão? O que faz o successo da fortuna, porque o não fará o escrupulo da consciencia? Se vierão as bexigas, e vo-los levárão todos, que havieis de fazer? Havieis de ter paciencia. Pois não he melhor perdê-los por serviço de Deos, que perdê-los por castigo de Deos? Isto não tem resposta.

Vamos aos bens, que são quatro, os mais consideraveis. O primeiro he ficardes com as consciencias seguras. Vêde que grande bem este. Tirar-se-ha este povo do estado de peccado mortal: vivereis como Christãos, confessar-vos-heis como Christãos,

morrereis como Christãos, testareis de vossos bens como Christãos; em fim ireis ao Ceo, não ireis ao inferno, ao menos certamente, que he triste cousa.

O segundo bem he, que tirareis de vossas casas esta maldição. Não ha maior maldição n'uma casa, nem n'uma familia, que servir-se com suor, e *com* sangue injusto. Tudo vai para traz: nenhuma cousa se logra: tudo leva o diabo. O pão, que assim se grangea, he como o que hoje offereceo o diabo a Christo; pão de pedras, que quando se não atravessa na garganta, não se póde digerir. Vêde-o nesses, que tirão muito pão do Maranhão; vêde *se o* digerio algum, ou se se lhe logrou algum? Houve quem se lhe atravessou na garganta, que *nem* confessar-se póde.

O terceiro bem he, que por este meio haverá muitos resgates, com que se tirarão muitos Indios; que doutra maneira, não os haverá. Não dizeis vós que este Estado não se póde sustentar sem Indios? Pois se os sertões se fecharem, se os resgates se prohibirem totalmente, mortos estes poucos Indios que ha, que remedio tendes? Importa logo haver resgates, e só por este meio se poderão conceder.

Quarto, e ultimo bem; que feita huma proposta nesta fórma, será digna de ir ás mãos de Sua Magestade, e de que Sua Magestade a approve, e a

confirme. Quem pede o illicito, e o injusto, merece que lhe neguem o licito, e o justo; e quem requere com consciencia, com justiça, e com razão, merece que lha fação. Vós sabeis a proposta, que aqui fazieis? Era huma proposta, que nem os vassallos a podião fazer em consciencia: nem os Ministros a podião consultar em consciencia: nem o Rei a podia conceder em consciencia. E ainda que por impossivel ElRei tal permitisse, ou dissimulasse: de que nos servia isso, ou que nos importava? Se ElRei permittir que eu jure falso, deixará o juramento de *ser peccado*? Se ElRei permittir que eu furte, deixará o furto de ser peccado? O mesmo passa nos Indios. ElRei poderá mandar que os cativos sejão livres; mas que os livres sejão cativos, não chega já sua jurdição. Se tal proposta fosse ao Reino, as pedras da rua se havião de levantar contra os homens do Maranhão. Mas se a proposta for licita, se for justa, se for Christãa, as mesmas pedras se porão de vossa parte, e quererá Deos que não sejão necessarias pedras, nem pedreiras. Todos assinaremos, todos informaremos, todos ajudaremos, todos requereremos, todos encommendaremos a Deos, que elle he o Autor do bem, e não póde deixar de favorecer intentos tanto de seu serviço. E tenho dito.

§ VI.

Ora Christãos, e senhores da minha alma, se nestas verdades, e desenganos, que acabo de vos dizer; se nesta minha breve proposta consiste todo o *vosso* bem, e toda a vossa esperança espiritual, e temporal; se só por este caminho vos podeis segurar nas consciencias; se por este caminho vos podeis salvar, e livrar vossas almas do inferno; se o que se perde, ainda temporalmente, he tão pouco, e póde ser que não seja nada; e as conveniencias, *e bens*, que dahi se esperão, são tão consideraveis, e tão grandes: que homem haverá tão máo *Christão*, que homem haverá tão mal entendido, que homem haverá tão esquecido de Deos, tão cégo, tão desleal, tão inimigo de si mesmo, que se não contente de huma cousa tão justa, e tão util, que a não queira, que a não approve, que a não abrace? Por reverencia de Jesu Christo, Christãos, e por aquelle amor, com que aquelle Senhor hoje permittio ser *tentado*, para nos ensinar a ser vencedores das tentações; que mettamos hoje o demonio debaixo dos pés, e que vençamos animosamente esta cruel tentação, que a tantos nesta terra tem levado ao inferno, e nos vai levando tambem a nós. Dêmos esta victoria a Christo, dêmos esta gloria a Deos, dêmos este triunfo

ao Ceo, dêmos este pezar ao inferno, dêmos este remedio á terra, em que vivemos, dêmos esta honra á Nação Portugueza, dêmos este exemplo á Christandade, dêmos esta fama ao mundo.

Saiba o mundo, saibão os Hereges, e os Gentios, que não se enganou Deos, quando fez aos Portuguezes Conquistadores, e Prégadores de seu Santo nome. Saiba o mundo que ainda ha verdade, que ainda ha temor de Deos, que ainda ha alma, que ainda ha consciencia, e que não he o interesse tão absoluto, e tão universal senhor de tudo, como se cuida. Saiba o mundo que ainda ha quem por amor de Deos, e da sua salvação, metta debaixo dos pés interesses. Quanto mais, senhores, que isto não he perder interesses, he multiplicá-los, he acrescentá-los, he semeá-los, he dá-los á usura. Dizei-me, Christãos, se tendes Fé: Os bens deste mundo, quem he, que os dá; quem he, que os reparte? Dizeis-me, que Deos. Pois pergunto: Qual será melhor diligencia para mover Deos a que vos dê muitos bens, servi-lo, ou offendê-lo? Obedêcer, e guardar a sua lei, ou quebrar todas as leis? Ora tenhamos Fé, e tenhamos uso de razão.

Deos para vos sustentar, e para vos fazer ricos, não depende de que tenhais hum Tapuya mais, ou menos. Não vos póde Deos dar maior novidade com dez enxadas, que todas as vossas diligencias com

trinta? Não he melhor ter dous escravos, que vos vivão vinte annos, que ter quatro, que vos morrão no segundo? Não rendem mais dez caixas de assucar, que cheguem a salvamento a Lisboa, que quarenta levadas a Argel, ou Zelanda? Pois se Deos he o Senhor das novidades da terra, se Deos he *o Senhor* dos folegos dos escraves, se Deos he o Senhor dos ventos, dos mares, dos cossarios, e das navegações; se todo o bem, ou mal está fechado na mão de Deos; se Deos tem tantos modos, e tão faceis de vos enriquecer, ou de vos destruir: que loucura, e que cegueira he cuidar que podeis ter bem *algum*, nem vós, nem vossos filhos, que seja contra o serviço de Deos? Faça-se o serviço de Deos, acuda-se á alma, e á consciencia, e logo os interesses temporaes estarão seguros: *Quærite primùm Regnum Dei & justitiam ejus, & hæc omnia adjicientur vobis. (Matth. 6. 33.)* Mas quando não fôra, nem se segurárão por esta via nossos interesses, faça-se o serviço de Deos, acuda-se á consciencia, acuda-se á alma, e corte-se por onde se cortar, ainda que *seja* pelo sangue, e pela vida.

Dizei-me, Christãos: Se vos vireis em poder de hum tyranno, que vos quizesse tirar a vida pela Fé de Christo; que havieis de fazer? Dar a vida, e mil vidas. Pois o mesmo he dar a vida pela Fé de Deos, que dar a vida pelo serviço de Deos. Não ha mais

cruel tyranno, que a pobreza, e a necessidade; e padecer ás mãos deste tyranno por não offender a Deos, tambem he ser Martyr, diz S. Agostinho. Nada disto ha de ser necessario, como já vos tenho dito; mas quem he Christão verdadeiro, ha de estar com este animo e com esta resolução.

Senhor Jesu, este he o animo, e esta a resolução, com que estão de hoje por diante estes vossos tão fieis Catholicos. Ninguem ha aqui, que queira outro interesse mais, que servir-vos: ninguem ha, que queira outra conveniencia mais, que amar-vos: ninguem ha, que tenha outra ambição mais, que de estar eternamente obediente, e rendido a vossos pés. A vossos pés está a fazenda, a vossos pés estão os interesses, a vossos pés estão os escravos, a vossos pés estão os filhos, a vossos pés está o sangue, a vossos pés está a vida; para que corteis por ella, e por elles, para que façais de tudo, e de todos o que for mais confórme a vossa Santa Lei. Não he assim, Christãos? Assim he; assim o digo; assim o digo, e prometto a Deos em nome de todos. Victoria pois por parte de Christo, victoria, victoria contra a maior tentação do demonio. Morra o demonio, morrão suas tentações, morra o peccado, morra o inferno, morra a ambição, morra o interesse; e viva só o serviço de Deos, viva a Fé, viva a Christandade, viva a consciencia, viva a alma, viva a Lei de Deos, e o que

ella ordenar, viva Deos, e vivamos todos: nesta vida com muita abundancia de bens, principalmente os da graça; e na outra por toda a eternidade os da Gloria, *Ad quam nos, etc.*

FIM

INDICE

PAG

Sermão da primeira Sexta Feira da Quaresma, em Lisboa, na Capella Real. Anno de 1649..... 3

Sermão da Quinta Dominga da Quaresma, em Lisboa, na Capella Real. Anno de 1655..... 55

Sermão na Degollação de S. João Baptista, em Odivelas. Anno de 1653..... 103

Sermão da Quarta Dominga da Quaresma, na Matriz da Cidade de S. Luiz do Maranhão. Anno de 1657..... 141

Sermão da Primeira Dominga da Quaresma, na Cidade de S. Luiz do Maranhão. Anno de 1653..... 175

14 DAY USE
RETURN TO DESK FROM WHICH BORROWE
LOAN DEPT.
RENEWALS ONLY—TEL. NO. 642-3405
This book is due on the last date stamped below, or
on the date to which renewed.
Renewed books are subject to immediate recall.

MAR 25 1969 24
RECEIVED
4 05 5 AM
LOAN DEPT.
NOV 30 1972 48
REC'D LD NOV 16 '72 -1 PM 28

